

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de pós-graduação em Filosofia

Rafael Spontan da Silva Carvalho

**PIRRO DE ÉLIS: DISCUSSÃO SOBRE TESTEMUNHOS E DISPUTA ENTRE  
INTERPRETAÇÕES**

Belo Horizonte

2021

Rafael Spontan da Silva Carvalho

**PIRRO DE ÉLIS: DISCUSSÃO SOBRE TESTEMUNHOS E DISPUTA ENTRE  
INTERPRETAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
graduação em Filosofia como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre em Filosofia

Orientadora: Maria Cecília de Miranda  
Nogueira Coelho

Belo Horizonte

2021

100 C331p 2021	<p>Carvalho, Rafael Spontan da Silva.</p> <p>Pirro de Élis [manuscrito]: discussão sobre testemunhos e disputa entre interpretações / Rafael Spontan da Silva Carvalho. - 2021.</p> <p>141 f.</p> <p>Orientadora: Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1.Filosofia – Teses. 2. Pirro, de Élis. 3.Filosofia antiga - Teses. 4.Ceticismo – Teses. I.Coelho, Maria Cecília de Miranda N. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III .Título.</p>
----------------------	--

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**PIRRO DE ÉLIS: DISCUSSÃO SOBRE TESTEMUNHOS E DISPUTA ENTRE INTERPRETAÇÕES**

**RAFAEL SPONTAN DA SILVA CARVALHO**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em FILOSOFIA, área de concentração FILOSOFIA, linha de pesquisa Filosofia Antiga e Medieval.

Aprovada em 06 de dezembro de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Profa. Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho - Orientadora (UFMG)

Prof. Renato Matoso (PUC/RJ)

Prof. José Raimundo Maia Neto (UFMG)

Belo Horizonte, 06 de dezembro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Jose Raimundo Maia Neto, Membro de comissão**, em 07/12/2021, às 16:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Renato Matoso Ribeiro Gomes Brandão, Usuário Externo**, em 08/12/2021, às 17:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cecilia de Miranda Nogueira Coelho, Professora do Magistério Superior**, em 09/12/2021, às 11:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1081477** e o código CRC **CCC29D68**.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à Professora Maria Cecília, pela amizade, orientação, liberdade e confiança.

Agradeço à banca examinadora formada pelos Professores José Raimundo Maia Neto e Renato Matoso, e suplentes, Miriam Peixoto e Olimar Flores Junior.

Agradeço ao professor Fernando Rey Puente, à professorora Miriam Peixoto e à professora Jaqueline Ramos pela amizade e pelas conversas maravilhosas.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG, por ter me proporcionado excelentes condições de estudo; sobretudo, agradeço à secretaria, nas pessoas de André, Marina e Amanda, pelo trabalho sempre diligente.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela provisão financeira. Que a fundação possa continuar a fomentar a pós-graduação no país.

Agradeço aos meus pais, Samuel e Maria Izabel, e à minha companheira, Alana, por tudo absolutamente.

Agradeço aos meus amigos, por todo incentivo e descontração sempre necessários.

## RESUMO

Há uma discussão muito ativa concernente a que interpretação seria a mais adequada para a filosofia de Pirro de Élis, filósofo enigmático que, desde a antiguidade, é creditado como o primeiro a assumir o tipo de postura filosófica a que se remetem os escritos da tradição do ceticismo pirrônico antigo. Habitualmente, a tradição pirrônica é tomada mais ou menos como uma unidade. Isso desde seu início, com Pirro, até a sua fase mais tardia, quinhentos anos posterior. Os escritos mais íntegros e em maior quantidade são os que remetem a essa fase tardia. Então, porque a tradição pirrônica é tomada mais ou menos como uma unidade, a perspectiva filosófica que Pirro teria mantido é habitualmente interpretada como uma versão incipiente do que se vê nos escritos da tradição tardia. Mas existem outras interpretações para Pirro além dessa. Essas outras assumem que a filosofia de Pirro difere decisivamente da tradição tardia. Seja aquela mais habitual, sejam essas menos, quiasquer das interpretações têm por matéria as aparições de Pirro na literatura antiga, isto é, os testemunhos sobre Pirro. Esses testemunhos são quase sempre muito breves, muitas vezes anedóticos; no geral, tratam de sua filosofia de modo pouco substancial. Desses testemunhos, acreditamos que um se destaca: trata-se do sumário da filosofia de Pirro contido na refutação contra pirronismo escrita pelo peripatético Arístocles de Messina. Acreditamos que a interpretação do testemunho de Arístocles determina a interpretação geral sobre a filosofia de Pirro. Nesta nossa dissertação, então, procuraremos destacar, primeiro, a prioridade desse importante testemunho em relação aos demais, sobretudo em relação àqueles que se encontram entre os escritos da fase tardia do ceticismo pirrônico. Depois, apresentaremos as interpretações sobre a filosofia de Pirro; elas são quatro: a epistemológica, a ética, a orientalista e a metafísica. Por último, discutiremos como essas interpretações operam no importante testemunho de Arístocles. Como conclusão, acreditamos que, dentre as interpretações, a menos apropriada para descrever a filosofia de Pirro é a epistemológica.

**Palavras-chave:** Pirro de Élis, ceticismo antigo, tradição pirrônica, Arístocles de Messina.

## ABSTRACT

There is a prolific discussion concerning which interpretation would be most adequate to the philosophy of Pyrrho of Elis, the enigmatic philosopher that is credited as the first to assume the type of philosophical posture to which refer the writings of the tradition of ancient pyrrhonist skepticism. Since its beginnings with Pyrrho to its most late phase the pyrrhonist tradition is commonly taken as a unity. And the writings that are in most quantity and are most complete are those of that most late phase of the pyrrhonist tradition. So because the tradition is taken as a unity the philosophical perspective that Pyrrho would have sustained is commonly interpreted as a very early and incipient version of what is seen in the writings of the late phase. But there are other interpretations besides this one. These other interpretations put forward that Pyrrho's philosophy actually differs from the late tradition deceptively. All of these interpretations, that most common or those less, are based on the presence of Pyrrho in ancient literature, that is, the old testimonies regarding Pyrrho. These testimonies are almost always very brief, often of an anecdotal nature; generally, they expose very little of his philosophy. But of these testimonies we believe there is one that distinguishes itself from the others: it is the summary of Pyrrho's philosophy that sits in the refutation against pyrrhonism written by the peripatetic Aristocles of Messene. We believe the interpretation of Aristocles' testimony determines the whole interpretation of Pyrrho's philosophy. So it will be our task here to establish first the priority of this important testimony in relation to the others, most of all in relation to those that come from the writings of the late tradition. Then we will present the interpretations of Pyrrho's philosophy. They are four: the epistemologic interpretation, the ethic, the orientalist and the metaphysic. Finally, we will discuss how these interpretations work on Aristocles' testimony. And in conclusion we believe the that less fitting interpretation to describe Pyrrho's philosophy is the epistemologic.

**Keywords:** Pyrrho, ancient skepticism, pyrrhonist tradition, Aristocles of Messene

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 A RELEVÂNCIA E AS DIFICULDADES DO MATERIAL EM SEXTO EMPÍRICO E DIÓGENES LAÉRCIO.....</b>	<b>16</b>
2. 1 Escassez de referências a Pirro de Élis nos escritos de Sexto Empírico .....	16
2. 2 A Representação de Pirro de Élis em Diógenes Laércio .....	25
2. 3 Conclusão.....	41
<b>3 PANORAMA DOS TESTEMUNHOS SOBRE PIRRO DE ÉLIS E PRIORIDADE DA TESTEMUNHO DE ARÍSTOCLES .....</b>	<b>44</b>
3. 1 Testemunhos antigos.....	45
3. 2 Testemunhos intermediários.....	51
3. 3 Testemunhos tardios.....	62
3. 4 Conclusão.....	70
<b>4 DETALHES SOBRE ARÍSTOCLES, SEU TESTUMNHO E APRESENTAÇÃO DAS QUATRO PRINCIPAIS INTERPRETAÇÕES SOBRE PIRRO.....</b>	<b>74</b>
4. 1 Detalhes sobre Arístocles, seus escritos e sua situação no texto de Eusébio.....	74
4. 2 As quatro principais interpretações .....	85
4. 2. 1 A interpretação epistemológica.....	86
4. 2. 2 A interpretação ética.....	90
4. 2. 3 A interpretação orientalista .....	94
4. 2. 4 A interpretação metafísica.....	99
<b>5 OPERAÇÕES INTERPRETATIVAS NO TESTEMUNHO DE ARÍSTOCLES.....</b>	<b>102</b>
<b>5. 1 Comentário à passagem de Arístocles.....</b>	<b>102</b>
5. 1. 1 Primeiro parágrafo e escopo da passagem .....	103
5. 1. 2 A posição filosófica atribuída a Pirro e a estrutura em que se dispõe o sumário que provém de Tímon .....	104
5. 1. 3 A primeira das questões de Tímon.....	107
5. 1. 3. 1 A tese de Pirro .....	108
5. 1. 3. 2 Três adjetivos para caracterizar as coisas em suas naturezas .....	112
5. 1. 3. 3 As duas leituras e a crucial questão sobre uma emenda no texto original... 113	
5. 1. 4 A segunda das questões de Tímon.....	119
5. 1. 4. 1 Mais três adjetivos: primeira recomendação de atitude para assumir diante da natureza das coisas.....	120

5. 1. 4. 2 Segunda recomendação: o “não mais” .....	121
5. 1. 5 A terceira das questões de Tímon .....	126
5. 1. 6 Enesidemo e o prazer .....	128
<b>5.2 Conclusão.....</b>	<b>128</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>133</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>136</b>

## ANDVENTÊNCIAS E ABREVIACÕES

Atentamos para às diretrizes da *Associação Brasileira de Normas Técnicas* (ABNT). Mas, no que toca à citação e referência de autores antigos, seguimos o método consagrado no meio dos Estudos Clássicos; isto é, citamos os autores a partir da numeração presente na edição de referência do texto em língua antiga, e não a partir das traduções e edições recentes.

Porque muitas vezes tratamos apenas de breves menções a Pirro de Élis entre diversos autores antigos, nas referências a esses autores, provemos os seus nomes e os nomes de suas obras completos sem abreviações. Quanto à paginação e numerações, nós utilizamos as que constam nas edições de referência dos textos em língua antiga dispostos na bibliografia, na parte final do trabalho.

Porque estes seguintes são os autores e obras aos quais fazemos referência mais repetidamente, fazemos uso das seguintes abreviações:

Sexto Empírico = Sext.

Adversus Mathematicus = *M.*

Hipotiposes Pirrônicas = *P.*

Diógenes Laércio = D. L.

Eusébio de Cesaréia = Euséb.

Praeparatio Euangelica = *Praep., euang.*

Arístocles de Messina = Arístocl. apud Euséb. *Praep., euang.*

Diels-Kranz = DK.

Fazemos amplo uso de colchetes nas notas de rodapé. Todos os textos e termos, em língua original, isto é, em grego, latim e em língua estrangeira moderna, dos textos que citamos traduzidos estão sempre nas notas de rodapé e sempre entre colchetes.

Todas as traduções são de nossa autoria e responsabilidade – salvo nos casos em que há indicação expressa do contrário.

## 1 INTRODUÇÃO

O objeto deste nosso estudo é Pirro de Élis, filósofo enigmático creditado como o primeiro a assumir o tipo de postura filosófica a que se referem os escritos da tradição do ceticismo pirrônico antigo. Embora lhe seja atribuído o começo dessa tradição, chegando ela a adotar para si o nome de Pirro, isto é, “pirrônica”, não está de modo algum claro que perspectiva de filosofia seria aquela que o próprio Pirro teria sustentado. Existe na verdade uma discussão bastante vivaz sobre que interpretação melhor representaria a sua perspectiva filosófica. Mais especificamente, a nossa dissertação tratará dessa discussão.

Muito da literatura recente – desde o fim do século XIX – sobre Pirro e pirronismo concebe a tradição pirrônica como dividida em três fases: uma primeiríssima fase, mais antiga, iniciada pelo próprio Pirro no fim século IV a. C e continuada pelos seus discípulos no início século III a. C, sobretudo Tímon de Flíus, seu discípulo mais célebre; uma fase intermediária, remetente à metade do século I a. C, em que Enesidemo de Knossos aparece como o principal expoente pirrônico; e por fim, uma última fase, no fim do século II e início do século III, em que aparece o médico cético Sexto Empírico, talvez o pirrônico de maior influência no geral<sup>1</sup>. É comum entre esses autores recentes a interpretação de que os escritos antigos da tradição pirrônica contêm uma perspectiva filosófica que, embora passe por transformações significativas, permanece fundamentalmente a mesma ao longo de suas fases. Dado que a tradição pirrônica é comumente concebida como permanecendo fundamentalmente a mesma ao longo de suas fases, e dado que Pirro é creditado, desde a antiguidade e pelos próprios autores pirrônicos, como o primeiro a assumir a conduta do pirronismo, então também a perspectiva de filosofia que ele teria sustentado é habitualmente interpretada como uma versão incipiente daquela representada pelos abundantes escritos da tradição em sua fase mais tardia.

Pode ser chamada de interpretação epistemológica<sup>2</sup> essa mais habitual, mencionada acima, que toma a filosofia de Pirro como uma forma incipiente do ceticismo pirrônico tardio.

---

<sup>1</sup> Exemplo representativo dessa divisão tripartida é a muito influente obra de Victor Brochard, *Os cétricos gregos* (BROCHARD, 2009). Nela o ceticismo é dividido entre: prático (o mais antigo), dialético (o intermediário) e empírico (o mais tardio). Embora sejam influentes sua divisão e sua obra no geral, a interpretação que Brochard formula para a filosofia de Pirro não está entre as mais habituais.

<sup>2</sup> São proponentes da interpretação epistemológica: ZELLER, 1892, 521-527; DAL PRA, 1975, p. 62-64, 80-82; STOPPER, 1983, p. 265-275; ANNAS e BARNES, 1985, p. 11; ANNAS, 1993, p. 203-205; BRENNAN, 1998; THORSRUD, 2009, p. 17-35; SVAVARSON, 2004, 2010; CASTAGNOLI, 2002, 2014 p. 497-505. GREEN, 2017.

Um tema frequente nos escritos tardios do ceticismo pirrônico, de fato estruturante de seu empreendimento filosófico, é certa ênfase sobre limites epistêmicos, em que o resultado é de caráter ético; esse referido como tranquilidade ou imperturbabilidade. Isto é, parte-se de considerações epistêmicas para um resultado ético. Essa interpretação mais comum, a epistemológica, então, propõe que, assim como no pirronismo tardio, também a perspectiva filosófica de Pirro seria estruturada por preocupações epistemológicas, e que seu fim seria de caráter ético. Mais recentemente, no entanto, além dessa interpretação epistemológica, sugerem-se mais outras três<sup>3</sup>. Há uma que pode ser chamada de interpretação ética<sup>4</sup>, segundo a qual a filosofia de Pirro teria como objeto, sobretudo e já de partida, aquele elemento ético, desprezando quaisquer preocupações epistêmicas; estaria voltada, antes de tudo, para o cultivo de uma vida livre de perturbações e ansiedades, isto é, voltada para aquela tranquilidade ou imperturbabilidade, independentemente do elemento epistemológico. Além dessas, há uma outra interpretação, que pode ser chamada de interpretação orientalista<sup>5</sup>, segundo a qual a filosofia de Pirro seria um tipo de transposição para a cultura grega, uma refiguração grega, das formas doutrinárias que ele teria assimilado dos intelectuais-religiosos ascetas, sobretudo budistas, com os quais é dito que teria travado contato na Índia quando acompanhou o exército de Alexandre, o grande. E há mais uma última interpretação, que pode ser chamada de interpretação metafísica<sup>6</sup>, segundo a qual Pirro teria sustentado a tese totalizante de que a realidade é intrinsecamente – isto é, essencialmente – indiferenciada e indeterminada e que, por esse motivo, quaisquer considerações epistêmicas ou éticas estariam, antes, condicionadas pelo reconhecimento dessa indiferenciação e indeterminação.

Ainda que diversas – e dificilmente conciliáveis entre si –, as propostas interpretativas descritas acima partilham uma limitação comum: sabidamente, o material antigo sobre Pirro e tradição pirrônica se encontra em estado bastante desigual; ao passo que os escritos importantes para a tradição pirrônica na sua forma mais tardia são em grande quantidade e quase sempre integrais, o mesmo não acontece com o pirronismo em época mais recuada, sobretudo em sua

---

<sup>3</sup> Na verdade, desde o final do século XIX, é possível dividir oito interpretações para a filosofia de Pirro. O trabalho em que essas interpretações são divididas e sumarizadas é REALE, 1981, p. 243-336. Reale categoriza as oito propostas interpretativas em: a interpretação epistemológica-fenomenística; a prático-ética; a orientalista; a metafísica; a dialético-hegeliana; a científica; a literária; a anti-metafísica niilista. Mais recentemente, quatro entre essas propostas interpretativas foram as que se tornaram as mais relevantes, que são as que chamaremos de: epistemológica, ética, orientalista e metafísica.

<sup>4</sup> São proponentes da interpretação ética: BROCHARD, 2009, p. 74-82; BRUNSCHWIG, 1994a, 1999, p. 241-251; WARREN, 2002, p. 86-93; GAZZINELLI, 2009, p. 104-112; BICCA, 2014, p. 4.

<sup>5</sup> São proponentes da interpretação orientalista: FLINTOFF, 1980; KUZMINSKI, 2008; BECKWITH, 2015.

<sup>6</sup> São proponentes da interpretação metafísica: REALE, 1981, p. 304-336; FERRARI, 1981, p. 364; CAIZZI, 1981a, p. 144 et seq, 165, 168, 171, 218-234; SEDLEY, 1983, p. 14; LONG e SEDLEY, 1987, v. 1, p. 16 et seq; BETT, 1994; 2000; CHIESARA, 2001, p. 94, 108 et seq.

primeiríssima fase, aquela que compreende propriamente Pirro e seus discípulos. Do material antigo remetente a essa primeira fase restam alguns poucos relatos breves e indiretos – isto é, indiretos porque provenientes de outros autores, muitas vezes tardios, mas atribuídos aos indivíduos pertencentes à primeira fase. E além desses relatos indiretos, fragmentos de obras perdidas, frequentemente em quantidade muitíssimo limitadora. Assim, surge o seguinte problema: se se assume uma unidade para o pirronismo ao longo dos séculos, permitindo então que sua fase mais inicial seja tomada fundamentalmente como uma versão incipiente daquilo que se vê na fase tardia – que, como dissemos acima, é o que acontece habitualmente –, isso é feito a despeito da assimetria nos escritos antigos, portanto de modo não totalmente justificado.

A causa desse estado incompleto dos escritos antigos concernentes a Pirro e pirronismo muito provavelmente está relacionada ao modo como se deu a transmissão de conteúdo no âmbito do primeiríssimo pirronismo, sua fase mais inicial. Pirro, como Sócrates, pertence à categoria dos filósofos que não deixaram nada em escrito<sup>7</sup>. Ao menos nada de caráter filosófico. O único escrito atribuído a Pirro é um poema<sup>8</sup>, há muito perdido, que ele teria escrito em honra de Alexandre, o Grande, de cujas campanhas até a Índia e de volta é dito que ele participou<sup>9</sup>. A transmissão da filosofia de Pirro ficou na verdade a cargo de seu principal discípulo, Tímon de Flíus, filósofo e autor prolífico, célebre no mundo antigo por motivo dos seus dotes literários. Muito dificilmente se diria que o pupilado sob Pirro não foi um acontecimento decisivo na vida de Tímon: no que resta de suas obras, Pirro aparece de modo muitíssimo proeminente, de fato como uma figura filosófica sobrehumana<sup>10</sup>; além do que, desde a antiguidade, é Tímon aquele tomado como o verdadeiro intérprete e divulgador da filosofia do mestre<sup>11</sup>. Assim, porque ele não escreveu nada, tratar da filosofia de Pirro seria tratar do material que produziu aquele cujo encargo foi o de pô-la em escrito, isto é, Tímon. Inoportunamente, entretanto, tampouco se sabe muito sobre Tímon: suas obras foram todas perdidas, restando delas somente fragmentos, que são aqueles remetentes ao material mais antigo, mencionados acima.

Existem outras menções a Pirro e referências à sua filosofia espalhadas pela antiguidade e além, alcançando o medievo. É a partir do conjunto de todos esses materiais – isto é, dos fragmentos de Tímon junto com essas outras menções e referências à filosofia de Pirro – que se tem procurado remontar a perspectiva de filosofia que ele teria sustentado. Esses materiais

<sup>7</sup> Aristocl., apud Euséb., *Praep., euang.*, XIV, XVIII, 2; D. L., I, 16; IX, 102.

<sup>8</sup> Sext., *M.*, I, 282; Plutarco, *De Alexandri magni fortuna aut virtute*, 331 E.

<sup>9</sup> D. L., IX, 61.

<sup>10</sup> Cf. D. L., IX, 64; Sext., *M.*, XI, 1; *M.*, I, 305-306.

<sup>11</sup> Sext., *M.*, I, 53; Aristocl., apud Euséb., *Praep., euang.*, XIV, XVIII, 2.

são os testemunhos sobre Pirro. Precisamente, é com essa categoria metodológica, a dos testemunhos<sup>12</sup>, que trabalharemos ao longo da dissertação. Como testemunhos nós tomamos os que foram estabelecidos por Fernanda Decleva Caizzi em seu *Pirrone testimonianze*<sup>13</sup>, importante edição de testemunhos referentes a Pirro compilados e comentados, livro fundamental para qualquer estudo que compartilhe desse nosso objeto, e do qual faremos uso frequente ao longo da nossa dissertação. Caizzi estabelece esses testemunhos de acordo com os seguintes critérios: em todos os casos, os testemunhos são os excertos em que a fonte se refere ao próprio Pirro expressamente, mencionando seu nome; no que diz respeito a Tímon e aos fragmentos de seus escritos, caso não haja menção direta ao nome de Pirro, os testemunhos são os fragmentos em que esteja de algum modo indicado, no contexto das obras em que se situam os fragmentos, que esses se referem a Pirro. As determinações metodológicas traçadas por Caizzi têm por mérito reduzir o escopo da pesquisa ao que, na literatura antiga, refere-se estritamente e expressamente a Pirro, assim mitigando os elementos especulativos que naturalmente decorrem do estado da literatura, que, como dissemos, é fragmentada e assimetricamente distribuída<sup>14</sup>.

Sobretudo, ao se estabelecerem essas delimitações, isto é, na forma de testemunhos, torna-se possível abordar aquele problema nos estudos sobre Pirro e primeiro pirronismo, que mencionamos acima: aquela ideia de que o pirronismo consistiria numa perspectiva filosófica fundamentalmente unitária, mas que é formulada a despeito da situação assimétrica em que os escritos se encontram. Os escritos mais robustos na tradição pirrônica são as obras de Sexto Empírico e as biografias de Pirro e Tímon no nono livro das *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* de Diógenes Laércio, ambos representativos da sua fase tardia. Se se pressupõe uma unidade para a tradição pirrônica a partir dos textos tardios, então, o que acontece é que a perspectiva filosófica de Pirro passa a ser representada como permanecendo desde início a mesma que a que é vista nos escritos tardios, os de Sexto Empírico e Diógenes Laércio. Isto é, a filosofia de Pirro passa a ser representada retroativamente como algo semelhante ao que se vê nos escritos tardios. Entretanto, dita mais uma vez, a questão é que, se se considera o estado assimétrico em que se encontram os escritos referentes à tradição, e se se considera a fragmentação dos escritos que descrevem a sua fase mais antiga, isto é, remetente ao próprio Pirro e a seus discípulos, então uma pressuposição de unidade para a tradição pirrônica simplesmente não é justificada.

---

<sup>12</sup> [Testimonia].

<sup>13</sup> CAIZZI, F. *Pirrone Testimonianze*. Nápoles: Bibliopolis. 1981a.

<sup>14</sup> CAIZZI, 1981a, p. 11-13. Cf. CAIZZI, 1981b, p. 95-107.

Ora, em vista do estado desigual em que se encontram os escritos referentes ao pirronismo, uma outra questão apresenta: quais escritos, então, permitiriam uma investigação sobre que perspectiva filosófica seria a de Pirro propriamente? Isto é, quais seriam os escritos que habilitariam uma chave interpretativa para a filosofia do próprio Pirro, não obstante aquele estado desigual entre os escritos iniciais e os tardios referentes à tradição pirrônica, e independentemente da influência que exercem os escritos da fase mais tardia? A resposta mais direta para essa questão seria: novamente, os escritos do seu principal discípulo e intérprete, Tímon de Flíus, seriam aqueles que habilitariam uma interpretação da filosofia de Pirro. Mas como dissemos, o que resta dos escritos de Tímon se encontra em estado muitíssimo fragmentado, tornando impossível uma reconstrução da filosofia de Pirro a partir deles somente. Existe uma alternativa, no entanto. Trata-se do testemunho do peripatético Arístocles de Messina, pertencente ao século I a. C e início do século I. Arístocles escreveu uma refutação contra o pirronismo, que teria sido perdida se não tivesse sido citada integralmente pelo bispo Eusébio de Cesaréia, no décimo quarto livro da sua *Preparação para o evangelho*, escrita no século IV. O testemunho de que se fala, esse do peripatético Arístocles, consiste em uma passagem em que ele dispõe um breve sumário da filosofia de Pirro, da maneira que a descreve seu discípulo, Tímon; Arístocles dispõe o sumário com o fim de refutá-lo logo em seguida. Dentre os estudos sobre Pirro, no geral, é comum que o testemunho de Arístocles ocupe uma posição proeminente. E, de fato, há uma bibliografia recente que tem por objeto as interpretações para a referida passagem e que servirá de matéria para grande parte da presente dissertação. Não é de modo algum inédito, no entanto, que a importância do testemunho de Arístocles seja minimizada em proveito de uma perspectiva mais totalizante, em que são preferidos os escritos mais tardios<sup>15</sup>.

Diante desses elementos todos, a nossa hipótese se organiza da seguinte forma, portanto. Primeiro, acreditamos que o testemunho de Arístocles – isto é, a passagem que contém um breve sumário da filosofia de Pirro e Tímon – ocupa o primeiro lugar na ordem de prioridade dos escritos relevantes para um estudo propriamente sobre Pirro, sendo a interpretação desse testemunho aquilo que condiciona a interpretação do restante do material sobre Pirro. Assim, num primeiro momento, pretendemos assegurar a prioridade do testemunho de Arístocles na ordem de relevância dos testemunhos sobre Pirro e primeiro pirronismo. Depois, assegurada essa prioridade, trataremos das propostas interpretativas para a filosofia de Pirro. O nosso propósito, nesse segundo momento, será examinar quais daquelas propostas interpretativas – a

---

<sup>15</sup> Para um exemplo recente, cf. GREEN, 2017. p. 337 et seq.

epistemológica, a ética, a orientalista e a metafísica –, a partir dos testemunhos sobre Pirro e tendo por testemunho prioritário o de Arístocles, melhor descreve o tipo de filosofia que o próprio Pirro teria sustentado, isto é, de modo mais independente em relação à influência que a tradição posterior exerceria sobre a forma como a filosofia de Pirro é interpretada. Acreditamos que, dentre as propostas interpretativas, a que menos dá conta, isto é, a menos oportuna para apresentar uma visão coesa para a filosofia de Pirro, é a interpretação epistemológica, a mais comum, mais habitual entre os manuais de filosofia, que toma a filosofia de Pirro como uma versão incipiente do que é descrito nos escritos da tradição do ceticismo pirrônico tardio. Acreditamos, na verdade, que as diferenças filosóficas entre a fase mais inicial e a mais final no pirronismo são irreconciliáveis.

No texto da dissertação, isso se converterá numa divisão em quatro capítulos. O primeiro capítulo tratará dos escritos tardios do pirronismo, isto é, os escritos de Sexto Empírico e as biografias de Pirro e Tímon escritas por Diógenes Laércio. Avaliaremos a medida em que esses escritos são oportunos para um estudo cujo fim é Pirro e primeiro pirronismo propriamente. Primeiro falaremos sobre como é muitíssimo rara a aparição de Pirro nos escritos de Sexto Empírico, isto é, da situação de escassez de testemunhos sobre Pirro nesses escritos, o que é curioso porque esses são seguramente os mais representativos da tradição do ceticismo pirrônico, a tradição que se remete justamente a Pirro. Depois, falaremos sobre as biografias de Pirro e Tímon em Diógenes Laércio, texto riquíssimo e certamente o mais importante para a tradição do ceticismo pirrônico depois dos escritos de Sexto Empírico. Finalmente, disporemos uma conclusão, em que retomamos o percurso traçado no capítulo e apresentamos nossos resultados.

No segundo capítulo, faremos uma avaliação das demais menções a Pirro e referências a sua filosofia, isto é, uma avaliação dos demais testemunhos sobre Pirro. Essa avaliação será estruturada na forma de um panorama cronológico. Dividiremos as ocorrências de testemunhos sobre Pirro em três períodos: testemunhos mais antigos, intermediários e tardios. Não avaliaremos todos os testemunhos, exaustivamente; trataremos da maioria deles e dos mais notáveis para o nosso propósito no capítulo, que será o de justificar a prioridade do testemunho de Arístocles. Ao avaliar esses testemunhos em suas diversas fases, pretendemos mostrar certa transformação no modo como Pirro e sua filosofia são descritos a partir do advento de Enesídemos de Knossos na cena do pirronismo, no período intermediário dos testemunhos. Ver-se-á que essa transformação terá parte na justificação da tomada do testemunho de Arístocles como o prioritário e mais propício para um estudo sobre Pirro e primeiro pirronismo. Como conclusão, apresentaremos alguns critérios para testemunhos; critérios esses que aparecem

propostos na literatura recente sobre Pirro. Justificaremos o estabelecimento do testemunho de Aristocles como o prioritário também a partir desses critérios.

No terceiro capítulo, uma vez estabelecida a prioridade do testemunho de Aristocles, apresentaremos alguns detalhes sobre o próprio Aristocles, sobre o estado de sua obra, o *Sobre a filosofia*, e sobre como ela se situa na *Preparação para o evangelho* de Eusébio de Cesareia, em que estão preservadas algumas de suas partes. Apresentaremos também os detalhes da passagem que contém o breve sumário da filosofia de Pirro e Tímon, em que apontaremos mais outros motivos favoráveis para assumir o testemunho de Aristocles como o mais apropriado para um estudo sobre Pirro propriamente. No restante do capítulo, apresentaremos os detalhes sobre as alternativas interpretativas para a filosofia de Pirro propostas pela literatura recente. Isto é, apresentaremos os detalhes sobre aquelas quatro interpretações que figuram com mais proeminência: a interpretação epistemológica, a interpretação ética, a interpretação orientalista e a interpretação metafísica. Como dissemos acima, é comum que o testemunho de Aristocles ocupe um lugar de grande importância nos estudos sobre Pirro, e isso serve precisamente para as propostas interpretativas, que geralmente assumem essa importância; mas, além do de Aristocles, apresentaremos os outros testemunhos, mais subsidiários, dos quais os proponentes dessas formas interpretativas fazem uso em suas interpretações da filosofia de Pirro, e comentaremos sobre o tipo de autoridade que esses outros testemunhos conferem a essas interpretações.

Por fim, no último capítulo, terminando o trabalho, uma vez que estabelecemos a prioridade do testemunho de Aristocles, e uma vez que apresentamos as propostas interpretativas para a filosofia de Pirro, faremos, então, um comentário minucioso especificamente sobre o importante testemunho de Aristocles. Nesse nosso comentário, pretendemos descrever as partes que compõem esse testemunho, isto é, que compõem a passagem em que está um breve sumário da filosofia de Pirro e Tímon. Mostraremos como cada uma das propostas interpretativas opera nas partes da passagem; sobretudo, discorreremos sobre como as propostas interpretativas convergem e como divergem. Como conclusão, faremos um resumo do nosso comentário, em que retomamos os pontos de interesse no nosso comentário e apresentamos as nossas considerações finais. Ao fim do trabalho, parecerá ao leitor, porque esta foi a conclusão a que chegamos, que, dentre as interpretações, a epistemológica, a mais tradicional, é a que representa a perspectiva filosófica do próprio Pirro de maneira mais embaraçada, portanto menos apropriada.

## 2 A RELEVÂNCIA E AS DIFICULDADES DO MATERIAL EM SEXTO EMPÍRICO E DIÓGENES LAÉRCIO

Os escritos mais robustos restantes da tradição pirrônica são os que remetem ao médico cético Sexto Empírico e às *Vidas de Pirro e Tímon* do biógrafo Diógenes Laércio. Diante do muito justificado peso que esses escritos exercem nos estudos sobre a tradição do ceticismo pirrônico, isto é, a fase tardia do pirronismo, e dado que, desde a antiguidade, Pirro é creditado como o iniciador dessa tradição, habitualmente se assume que esses textos tardios são importantes para que se formule uma interpretação para a filosofia que o próprio Pirro teria sustentado. No que segue, então, nós trataremos das possibilidades que esses textos tardios trazem para um estudo sobre a filosofia do próprio Pirro.

### 2. 1 Escassez de referências a Pirro de Élis nos escritos de Sexto Empírico

Se alguém pretendesse iniciar um estudo sobre a filosofia de Pirro de Élis, o filósofo cujo nome dá origem precisamente ao adjetivo que serve para designar a forma do ceticismo antigo chamado “pirrônico”, talvez esse alguém imaginasse que um bom lugar para começar esse estudo seria entre os escritos do médico e autor pirrônico do fim do século II e início do III<sup>16</sup>, Sexto Empírico, notadamente os mais representativos da tradição do ceticismo pirrônico

---

<sup>16</sup> As datas, os detalhes e os lugares referentes à vida de Sexto Empírico são quase inexistentes. Sexto simplesmente não escreve sobre si mesmo. Ele não se refere a nenhum contemporâneo nem a um lugar de origem nem a experiências pessoais. O nome de Sexto é latino [Sextus Empiricus]; traduz-se em algo como “Sexto, o Empírico”, a alcunha indicando que ele era médico e que pertencia à seita médica dos Empíricos; dado corroborado por Diógenes Laércio, em D. L. IX, 115, que o caracteriza como um Empírico. Sexto menciona alguns escritos de sua autoria em que são discutidos mais especificamente temas referentes à medicina: em *M*, VII, 202, ele menciona uns *Comentários médicos* [Ἰατρικοί ὑπομνήματα]; em *M*, I, 61, uns *Comentários empíricos* [Ἐμπιρικοί ὑπομνήματα]; as duas menções possivelmente indicam uma mesma obra, infelizmente perdida. O médico Galeno de Pérgamo – sempre instruído sobre seitas médicas, escritor de obra muitíssimo volumosa, certamente um conhecedor da seita empírica, e conhecedor da filosofia do ceticismo, de fato uma fonte antiga de importância maior – estranhamente nunca menciona Sexto. Galeno viveu o século II, ele nasceu em 129 e morreu no início do século III, provavelmente por volta de 210. Há um escrito forjado, falsamente atribuído a Galeno (um Pseudo-Galeno, portanto), que trata da seita dos Empíricos; nesse Pseudo-Galeno, Sexto é mencionado como um Empírico de destaque. O próprio Galeno escreve que, numa livreria em Roma, ele ouviu sobre um livro que lhe fora forjadamente atribuído. Possivelmente, em ambos os casos, trata-se de um mesmo livro. O episódio de que fala Galeno dá-se no final do século II. Se se trata de um mesmo livro, então essa, algo no final do século II, seria uma data para Sexto. E o motivo pelo qual Sexto não é mencionado por Galeno é que Galeno, que viveu por quase cem anos, talvez fosse muito mais velho do que o primeiro; por conta disso, talvez Galeno nunca tivesse ouvido falar de Sexto. Além disso, há as *Refutações de todas as heresias* do polemista cristão Hipólito de Roma, escritas antes do ano 235; nessas *Refutações*, partes de escritos de Sexto são copiadas por Hipólito (embora sem atribuição de autoria), assinalando, portanto, uma segunda outra data para Sexto. Para uma discussão sobre as datas, lugares e outros elementos biográficos referentes a Sextus, cf. HOUSE, 1980; ANNAS e BARNES, 2000, p. xi-xiii.

antigo e fonte mais importante de sua transmissão. Entretanto, apesar de sua importância para a tradição do ceticismo pirrônico, um estudo sobre Pirro que partisse dos escritos de Sexto Empírico certamente apresentaria resultados modestíssimos. Isso porque, em seus escritos, Sexto – escritor prolífico, que, além do pirronismo, é muito bem instruído em filosofia no geral – parece bem pouco interessado em falar sobre que tipo de perspectiva filosófica o próprio Pirro teria assumido. Nos muitos escritos de Sexto, as referências a Pirro não apenas são bastante escassas, mas, quando elas existem, quase nunca seus conteúdos têm por objeto temas em filosofia.

Os escritos restantes de Sexto se dividem em três obras. Uma é as *Hipotiposes Pirrônicas*, em três livros. O primeiro livro é um importante levantamento introdutório ao ceticismo pirrônico; os outros dois livros são coleções de argumentos refutativos, dirigidos contra temas típicos em filosofia helenística, sobretudo do sistema estoico, organizados de acordo com a divisão sistemática da filosofia também típica do período helenístico e do estoicismo, isto é, esses dois últimos livros são divididos tematicamente entre lógica, física e ética. Outra obra é o *Contra os que se ocupam com as disciplinas*<sup>17</sup>, em seis livros; é composta por refutações, mas dessa vez dirigida às disciplinas antigas para especializações técnicas: isto é, são subdivididas em *Contra os gramáticos*, *Contra os retóricos*, *Contra os geômetras*, *Contra os aritméticos*, *Contra os astrólogos* e *Contra os músicos*. A última obra é o *Contra os Dogmáticos*<sup>18</sup>, também organizada de acordo com a divisão dos sistemas de filosofia helenística; subdivide-se em *Contra os lógicos*, em dois livros, *Contra os físicos*, também em dois livros, e *Contra os éticos*, em um livro: essa última obra trata de muitos dos temas de que tratam os dois últimos livros das *Hipotiposes*, mas é bem mais extensa.

Vê-se, portanto, que Sexto está entre os autores antigos cujo legado gozou de ótima sorte: não só há obras de Sexto inteiras como a coleção restantes dos escritos dele no geral é

---

<sup>17</sup> Obra difusamente referida pela sua denominação latina, *Adversus Mathematicos* I-VI, e pela abreviação dessa denominação, *M.*, portanto *M.*, I-VI. Essa é a abreviação que utilizamos na presente dissertação.

<sup>18</sup> Na verdade, os cinco livros que compõem essa obra, *Contra os dogmáticos*, foram editados pela tradição manuscrita como continuação aos seis livros que compõem o *Adversus Mathematicos*, portanto, como *Adversus Mathematicos* VII-XI. Por esse motivo, são também difusamente referidos pela mesma denominação, assim como pela abreviação *M.*, VII-XI. Muito possivelmente, no entanto, esses cinco livros, *M.*, VII-XI não fazem parte da série que compõe o *Adversus Mathematicos*, mas consistem, em vez, no restante de outra obra, maior, em dez livros, infelizmente perdida, referida por Sexto como *Capítulos Céticos* [Σκεπτικὰ ὑπομνήματα]. Cf. SEXTO EMPIRÍCO. *Against the Logicians*. Tradução de Richard Bett. Nova Iorque: Cambridge University Press. 2006. p. xi e xii. Uma vez que esses cinco livros restantes (*M.*, VII-XI) tratam, de modo mais amplo, dos mesmos temas que os segundo e terceiro livro das *Hipotiposes Pirrônicas*, isto é, os temas da lógica no segundo livro (*P.*, II) e física e ética no terceiro livro (*P.*, III), especula-se que os cinco livros perdidos dos *Capítulos Céticos* compreenderiam os assuntos de que trata o primeiro livro das *Hipotiposes*, isto é, que consiste em uma introdução geral ao ceticismo pirrônico. Então, seria até mesmo possível que Sexto tivesse escrito mais amplamente sobre Pirro em alguma parte desses cinco livros, mas o fato é que é impossível saber, hoje esses livros estão perdidos.

bem volumosa. Não obstante, nessa extensa coleção, o nome de Pirro curiosamente ocorre muito raramente: em todos os quatorze livros, Pirro é mencionado somente treze vezes<sup>19</sup>. Todas as menções concentram-se em dois livros. Duas estão no livro I das *Hipotiposes Pirrônicas*<sup>20</sup>, livro central para a apreensão do programa do ceticismo pirrônico, que serve como uma introdução ao que Sexto chama de “conduta cética”<sup>21</sup>, isto é, a própria filosofia do ceticismo. E as restantes estão em *Contra os gramáticos*<sup>22</sup>, o primeiro dos livros da coleção *Contra os que se ocupam com as disciplinas*. Em todos os casos, as menções são breves, não passam de duas ou três linhas, e a maioria delas é mais de natureza anedótica.

Dentre essas poucas menções, somente uma se destaca. Essa é a que se destaca porque, de todas as menções, ela é a menos anedótica, portanto um sentido mais filosófico. Essa menção está no livro I das Hipotiposes. No contexto de sua aparição, Sexto aponta os motivos para as denominações que tradicionalmente descrevem a conduta cética<sup>23</sup> – que é aquilo para o que esse livro I é algo como uma introdução. Segundo Sexto, a conduta cética possui muitas denominações: ela é chamada de zetética pelo seu caráter investigativo; efética pelo seu caráter suspensivo; e aporética porque é dada a produzir aporias, que dão ensejo a novas investigações<sup>24</sup>. Mas além dessas denominações, lê-se – e esta é a ocorrência destacada a que nos referimos – que a conduta cética é chamada de “pirrônica” porque “Pirro parece tê-la alcançado de modo mais corporal e mais manifesto do que os seus predecessores”<sup>25</sup>. Eis a menção filosoficamente mais destacada que Sexto faz a Pirro. Ela é curiosa. Diante do uso de um adjetivo que remete a Pirro – “pirrônica” – para caracterizar a muito prezada conduta cética, precisamente no livro cujo nome também remete a Pirro, as *Hipotiposes Pirrônicas*, e que serve como uma introdução a essa conduta, seria esperado que a escolha de Sexto para caracterizá-la assim, como “pirrônica”, fosse motivada por algo mais significativo do que uma simples

<sup>19</sup> Sext., *P.*, I, 7; 234; *M.*, I, 1, 2, 5, 53, 272 (duas vezes), 281, 305-306 (quatro vezes).

<sup>20</sup> Uma está em Sext., *P.*, I, 7, que citaremos logo abaixo. A outra está em *P.*, I, 234, em que Pirro é mencionado indiretamente, num verso irônico atribuído a Aríston de Chios. O verso é citado amplamente: aparece em D. L. IV, 33; também em Numénio de Apamea apud Euséb., *Praep.*, *evang.*, XIV, 5, 13; falaremos sobre esse verso mais adiante, no próximo capítulo.

<sup>21</sup> Cf. Sext., *P.*, I, 4, 7 [ἡ σκεπτική ἀγωγή].

<sup>22</sup> São as seguintes. Duas servem para formar a expressão “os que seguem Pirro”: Sext., *M.*, I, 1, 5. [οἱ ἀπὸ τοῦ Πύρρωνος]. Em Sext., *M.*, I, 2, Nausífanos de Teos, de quem Epicuro teria sido aluno, é identificado como discípulo de Pirro; em *M.*, I, 53, Tímon de Flíus é identificado como o “interprete de Pirro” [ὁ προφήτης τῶν Πύρρωνος λόγων]; *M.*, I, 272 (em que o nome de Pirro é mencionado duas vezes) e 281 falam sobre o prazer que Pirro sentia ao ler Homero; *M.*, I, 282 fala sobre um poema que ele teria escrito para Alexandre, o Grande, e pelo que ele teria recebido dez mil peças de ouro, soma é relatada também em Plutarco, *De Alexandri magni fortuna aut virtute*, 331 E; *M.*, I, 305-306 (o nome de Pirro é mencionado quatro vezes), compreende uma citação das *Imagens* [Ἰνδαλμοί], obra de Tímon em que Pirro é comparado ao deus solar.

<sup>23</sup> Sext., *P.*, I, 7 [ἡ σκεπτική ἀγωγή].

<sup>24</sup> Cf. Aulo Géllio, *Noites Áticas*, XI, 5; D. L. IX, 69-70.

<sup>25</sup> Sext., *P.*, I, 7 [Πυρρώνειος ἀπὸ τοῦ φαίνεσθαι ἡμῖν τὸν Πύρρωνα σωματικώτερον καὶ ἐπιφανέστερον τῶν πρὸ αὐτοῦ προσεληλυθέναι τῇ σκέψει].

comparação. Ora, é isso que a menção a Pirro parece descrever: Sexto não mais do que compara Pirro aos filósofos o procederam. Então, essa, a única menção filosoficamente relevante que Sexto faz a Pirro – dentre as já bastante escassas, todas muito breves e quase todas de caráter anedótico –, uma que é trazida como a justificção para a denominação do investimento filosófico cético, objeto do zelo de Sexto, não passa ela mesma de uma simples comparação: a impressão que se toma é a de que Sexto não apenas não está interessado no que Pirro pensa sobre filosofia, mas pretende antes estabelecer certo distanciamento em relação a ele.

De fato, é possível distinguir alguns motivos para um distanciamento como esse<sup>26</sup>. Eles são três e derivam todos das preocupações de Sexto quanto à consistência do pirronismo que ele propõe difundir. Essas preocupações dizem respeito ao seguinte. O pirronismo de Sexto não reconhece nenhuma asserção sobre como as coisas são verdadeiramente, isto é, asserções sobre existência real, sobre suas naturezas, não reconhece asserções sobre verdade ou falsidade enquanto correspondentes a uma realidade objetiva das coisas<sup>27</sup>. O pirronismo de Sexto reconhece somente asserções que se propõem como relato das aparências das coisas, do fenômeno. O modo como as coisas aparecem não poderia ser posto em questão, dado que as aparências não são conhecimento, portanto não poderiam ser tomadas como verdadeiras ou falsas em realidade<sup>28</sup>. Em razão disso, o pirronismo de Sexto não poderia propor a si mesmo como uma doutrina no sentido habitual de doutrina – cuja ambição é asserir sobre como as coisas são –, e de fato não o faz; tampouco, esse pirronismo poderia reconhecer quaisquer doutrinas, também não reconhece a autoridade de qualquer proponente de doutrina<sup>29</sup>. Eis os elementos que Sexto pretende preservar incontestes: o pirronismo não asserir; se asserir, lida no máximo com aparências, o fenômeno, nunca com essência, natureza, verdade ou falsidade; o pirronismo não é uma doutrina no sentido habitual; nem reconhece doutrinas; e nem reconhece a autoridade de proponente de doutrina.

Então, a começar pelo primeiro motivo aquele distanciamento, é de se notar que, ao fazer referências a Pirro só de forma passageira, anedótica, Sexto se torna blindado contra um tipo de objeção que é bem expressa por certo Teodósio<sup>30</sup> e relatada por Diógenes Laércio:

Em seus *Sumários Céticos*, Teodósio afirma que não se deve chamar o ceticismo de “pirroneano”. Ora, se o movimento do pensamento dos outros é inapreensível, então não conheceremos a disposição de Pirro; não a conhecendo, não podemos nos chamar “pirroneanos”. Ademais, [Teodósio

<sup>26</sup> Sobre o que segue no texto principal, cf. CAIZZI, 1981b, p. 125-127.

<sup>27</sup> Sext., *P.*, I, 13-15;

<sup>28</sup> Sext., *P.*, I, 19-22.

<sup>29</sup> Sext., *P.*, I, 17; cf. p. 21.

<sup>30</sup> Esse Teodósio é possivelmente o de Trípoli, pouco conhecido médico empírico da primeira metade do século II. Sobre a identidade desse Teodósio, cf. CAIZZI, 1981a, p. 201.

afirma] Pirro não foi o primeiro a descobrir o ceticismo e não possuir dogma. É chamado de “pirroneano”, entretanto, aquele cuja forma de vida é igual à dele.<sup>31</sup>

Parece haver certa relação entre essa objeção de Teodósio e os adjetivos comparativos de superioridade – os que se traduzem em “de modo mais corporal e mais manifesto”<sup>32</sup> – que Sexto atribui a Pirro como a razão para a conduta cética ser chamada “pirrônica” naquela menção mais filosoficamente relevante, destacada acima. Os adjetivos parecem operar justamente como uma resposta a esse tipo de objeção. Eles reiteram o tipo de pirronismo que Sexto pretende descrever. Isto é, eles enfatizam precisamente o caráter de aparência, fenomênico, da comparação entre Pirro e os outros filósofos<sup>33</sup>: corporal e manifesto refere-se a como Pirro se mostrou em comparação com seus predecessores. Depois, a caracterização obtida pelo uso desses adjetivos se harmoniza com o programa cético de que tratam precisamente os passos iniciais do livro I das *Hipotiposes*. Nesses passos iniciais, Sexto estabelece que o ceticismo pirrônico não é uma “seita”<sup>34</sup> se se entende seita num sentido forte, isto é, como um conjunto de doutrinas.

Se se entende “seita” como a conduta na qual se segue uma lógica que é de acordo com as aparências – essa lógica indicando como é imaginar a vida corretamente, em que “corretamente” não é compreendido somente em relação à virtude, mas de um modo mais solto, estendendo-se para possibilitar a suspensão de juízo –, [então] dizemos que possuímos uma doutrina. Pois seguimos uma lógica em acordo com as aparências, que nos mostra a vida voltada para as leis e costumes locais, e para as maneiras e afecções familiares<sup>35</sup>

A noção de que o ceticismo – a conduta cética – é chamado de “pirrônico” porque “Pirro parece tê-la alcançado de modo mais corporal e mais manifesto do que os seus predecessores”, ao mesmo tempo em que responde à objeção do tipo formulado por Teodósio, reitera o descarte de doutrina de que fala Sexto. Por último, a mesma noção parece operar muito bem como uma

<sup>31</sup> D. L. IX, 70 [Θεοδόσιος δ' ἐν τοῖς Σκεπτικοῖς κεφαλαίοις οὐ φησι δεῖν Πυρρώνειον καλεῖσθαι τὴν σκεπτικὴν: εἰ γὰρ τὸ καθ' ἕτερον κίνημα τῆς διανοίας ἀληπτόν ἐστιν, οὐκ εἰσόμεθα τὴν Πύρρωνος διάθεσιν: μὴ εἰδότες δὲ οὐδὲ Πυρρώνειοι καλοῖμεθ' ἅν. πρὸς τῷ μηδὲ πρῶτον εὐρηκέναι τὴν σκεπτικὴν Πύρρωνα μὴδ' ἔχειν τι δόγμα. λέγοιτο δ' ἅν τις Πυρρώνειος ὁμότροπος].

<sup>32</sup> Sext., *P.*, I, 7 [σώματικώτερον καὶ ἐπιφανέστερον].

<sup>33</sup> Cf. CAIZZI, 1981b, 126; BARNES, p. 4284 et seq.

<sup>34</sup> Sext., *P.*, I, 16. [αἵρεσις], literalmente o termo significa “escolha”. É sabido que os cétricos pirrônicos descrevem a conduta pirrônica como uma que busca a equipolênica, isto é, a igual força entre argumentos, à qual segue a suspensão de juízo, cf. Sext., *P.*, I, 8. Portanto, ao que parece os cétricos não fazem “escolha”, em vez, eles suspendem o juízo, assim dificilmente eles seriam uma seita. Cf. D. L. I, 20.

<sup>35</sup> Sext., *P.*, I, 17 [εἰ δὲ τις αἵρεσιν εἶναι φάσκει τὴν λόγῳ τινὶ κατὰ τὸ φαινόμενον ἀκολουθοῦσαν ἀγωγὴν, ἐκείνου τοῦ λόγου ὡς ἐστὶν ὀρθῶς δοκεῖν ζῆν ὑποδεικνύντος (τοῦ ὀρθῶς μὴ μόνον κατ' ἀρετὴν λαμβανομένου ἀλλ' ἀφελέστερον) καὶ ἐπὶ τὸ ἐπέχειν δύνασθαι διατείνοντος, αἵρεσιν φαμεν ἔχειν· ἀκολουθοῦμεν γὰρ τινὶ λόγῳ κατὰ τὸ φαινόμενον ὑποδεικνύντι ἡμῖν τὸ φαινόμενον ὑποδεικνύντι ἡμῖν τὸ ζῆν πρὸς τὰ πάτρια ἔθη καὶ τοὺς νόμους καὶ τὰς ἀγωγὰς καὶ τὰ οἰκεῖα πάθη].

rejeição da ideia de que o ceticismo, isto é, o pirronismo de Sexto, é uma seita no sentido forte, convencional: ora, as seitas convencionais de filosofia remetem a sua origem à figura de um fundador, então, porque o ceticismo que Sexto propõe não é uma seita sob o sentido convencional, como ele mesmo escreve, ele não poderia remeter a Pirro a fundação do ceticismo, o ceticismo não poderia ter nem fundação nem fundador, e é por esse motivo nela ele é meramente comparado aos seus predecessores: Pirro é apenas aquele que melhor manifestou o ceticismo até então.

Agora, deve-se observar que Sexto de fato concede certa autoridade à Pirro: esse ainda se destaca decisivamente em relação aos seus predecessores. Mas essa autoridade não poderia advir de um comprometimento com qualquer doutrina: para que o seu pirronismo se mantenha consistente, Sexto deve remeter a autoridade de Pirro ao modo como ele agiu, se portou corporalmente, se manifestou, pela aparição, mas não por nenhuma doutrina. A ênfase está na noção de que se trata de uma manifestação, uma aparição; “seguimos uma lógica em acordo com a aparência”<sup>36</sup>, escreve Sexto. O que se vê realçado, então, é algo como uma prioridade fenomenológica: Pirro foi o primeiro a manifestar a disposição mais própria para representar a conduta cética, portanto a disposição mais simbólica para o ceticismo. E, na medida em que Pirro é um símbolo, Sexto parece querer invocá-lo de modo a não contrariar o ceticismo que pretende estabelecer nesse livro I das *Hipotiposes*: um ceticismo que segue as aparências; que não tem dogma; que não é uma seita; que não tem um fundador, mas somente uma figura que serve de símbolo.

O segundo motivo para o distanciamento em relação a Pirro pode ser inferido da relação que ele estabelece com outras figuras de destaque na tradição pirrônica. De fato, essa tendência em Sexto de aludir às figuras do ceticismo de modo bastante passageiro não acontece somente no que concerne a Pirro. No geral, em sua extensa obra restante, Sexto só muito raramente menciona nomes de autores pirrônicos. Comparadas às menções que Diógenes Laércio faz nas *Vidas de Pirro e Tímon*<sup>37</sup>, as menções de Sexto são praticamente irrelevantes. Representativo disso é, novamente, o importante livro I das *Hipotiposes Pirrônicas*, que, como dissemos, é um tipo de introdução ao ceticismo pirrônico de Sexto, mas no qual, surpreendentemente, os nomes pirrônicos mencionados são bastante raros e suas menções são sempre breves: são mencionados somente Pirro, Tímon, Enesidemo de Knossos e possivelmente Menodoto da

---

<sup>36</sup> Ibid.

<sup>37</sup> D. L., IX, 61-116.

Nicomédia<sup>38</sup>. Isso se torna mais curioso se se considera o tipo de empreendimento a que se dedicam os escritos de Sexto. Muitas vezes o empreendimento consiste em dispor longas séries de contra-argumentos, dirigidas a uma variedade de posições filosóficas não-céticas, com o propósito de contrabalancear argumentos céticos e não-céticos, de modo a fazer com que a força de um e de outro, o peso persuasivo que eles carregam, torne-se igual, equivalendo-os e, nesse sentido, tornando-os nulos. Agora, o que é interessante é que, embora tais contra-argumentos sejam claramente construídos a partir de fórmulas céticas – e embora Sexto disponha de diversos deles, assemelhando-se a um compilador –, eles quase nunca são atribuídos a quaisquer nomes situados na tradição cética. O que difere bastante do tratamento recebido pelas posições filosóficas não-céticas contra as quais as séries de contra-argumentos são dirigidas. Frequentemente, em Sexto, essas posições não-céticas, com grande zelo, são descritas e referenciadas aos respectivos nomes dos seus formuladores. Isso é de tal maneira expressivo que Sexto sabidamente está dentre as fontes mais importantes não só para o pirronismo, mas para filosofia antiga em geral.

Exceção significativa a essa tendência, em Sexto, de não atribuir os contra-argumentos ou os conteúdos sobre os quais ele escreve a figuras pertencentes à tradição do pirronismo é o caso do pirrônico Enesidemo de Knossos<sup>39</sup>. A esse ele atribui expressamente, no livro I das *Hipotiposes*, a autoria dos oito modos contra os aitiologistas – isto é, oito fórmulas argumentativas contra as teorias da causação<sup>40</sup>. Ainda nesse caso, a atribuição é feita de modo pouco enfático: é algo mencionado uma vez, em poucas palavras e nunca mais. Mas, sobretudo, curiosíssimo é o caso dos modos para a suspensão do juízo. De grande importância para o empreendimento pirrônico, os modos consistem num tipo de bateria de fórmulas argumentativas dirigidas contra quaisquer posições filosóficas com o propósito é produzir a suspensão de juízo, elemento dentre os mais estimados na conduta cética. A conduta cética é definida como:

“a capacidade de contrapor, de todas as maneiras possíveis, aquilo que se mostra àquilo que é pensado, de modo que, dada a equipolência entre coisas e discursos contrapostos, alcancemos a primeiro a suspensão de juízo e em seguida a tranquilidade”<sup>41</sup>

<sup>38</sup> Sext., *P.*, I, 222. Essa menção a Menodoto, inclusive, é uma emenda, cujo fim é fazer sentido de uma corrupção no manuscrito. Cf. CAIZZI, 1992, p. 186 et seq; POLITO, 2014. p. 160-163.

<sup>39</sup> Falaremos sobre Enesidemo de modo mais detalhado abaixo, no capítulo 2.

<sup>40</sup> Sext., *P.*, I, 180.

<sup>41</sup> Sext., *P.*, I, 8 [“Ἔστι δὲ ἡ σκεπτικὴ δύναμις ἀντιθετικὴ φαινομένων τε καὶ νοουμένων καθ’ οἰονδήποτε τρόπον, ἀφ’ ἧ ἐρχόμεθα διὰ τὴν ἐν τοῖς ἀντικειμένοις πράγμασι καὶ λόγοις ἰσοσθένειαν τὸ μὲν πρῶτον εἰς ἐποχὴν, τὸ δὲ μετὰ τοῦτο εἰς ἀταραξίαν].

São três, então, os passos da conduta cética: a equipolência, a igual força entre argumentos, representado, inclusive, por aquele empreendimento sextiano de contrabalancear argumentos céticos e não-céticos, descrito acima; da equipolência advém a suspensão do juízo, disposição produzida pelo esgotamento das possibilidades de escolha de um ou outro dos argumentos e contra-argumentos, das partes equipolentes; por último, da suspensão do juízo advém a tranquilidade, o fim cético. A suspensão do juízo, então, etapa imediatamente precedente ao fim cético, a tranquilidade, é a mais intimamente vinculada a esse fim. Não seria de todo impreciso, na verdade, se se dissesse que a suspensão do juízo é o que torna a conduta cética o que ela é. Portanto, porque a suspensão de juízo é assim importante, dificilmente não seriam importantes, para o empreendimento filosófico cético, os modos para a suspensão de juízo. Agora, no importante livro I das *Hipotiposes*, único livro da obra restante de Sexto em que estes são descritos, os modos para suspensão do juízo são atribuídos a certas denominações genéricas: dez modos provêm dos “céticos mais antigos”<sup>42</sup> e cinco modos provêm dos “céticos mais novos”<sup>43</sup>. Mas – e aqui está a parte curiosa – os dez modos que, no livro I das *Hipotiposes*, são referidos a esses céticos mais antigos são atribuídos, na verdade, de autoria do pirrônico Enesidemo de Knossos; são atribuídos a ele, ainda de modo passageiro, em outra das obras de Sexto, o *Contra os Lógicos*<sup>44</sup>. Já os cinco modos, referidos aos céticos mais novos, são da autoria de certo Agrippa, importante pirrônico do qual não se sabe mais nada além disso e do nome. Mas a atribuição dos cinco modos a Agrippa não acontece em lugar nenhum nos escritos de Sexto. Ela se dá somente em Diógenes Laércio<sup>45</sup>. O próprio Agrippa nunca sequer é mencionado por Sexto. Quer dizer, por que, então, Sexto credita os modos para a suspensão do juízo a denominações genéricas e não aos seus respectivos credores, Enesidemo e Agrippa? Possivelmente porque, mais uma vez, o ceticismo de Sexto não é uma seita, portando não possui dogma, isto é, doutrina, portanto talvez ele pretendesse afastar o ceticismo das figuras pirrônicas que pudessem se tomadas como autoridades propagadoras de algo como uma “doutrina cética”.

Por último, o terceiro motivo para essa escassez de conteúdo sobre Pirro nos escritos de Sexto, isso que parece ser um distanciamento estabelecido por Sexto em relação ao Pirro, pode muito bem ser que talvez Sexto não estivesse totalmente seguro de que a disposição de Pirro, emblemática para o ceticismo, adviesse de uma perspectiva filosófica que fosse cética nos termos do ceticismo pirrônico que ele mesmo, Sexto, difundia, isto é, uma disposição livre de doutrina,

<sup>42</sup> Sext., *P.*, I, 36 [τοῖς ἀρχαιοτέροις σκεπτικοῖς].

<sup>43</sup> Sext., *P.*, I, 164 [οἱ νεώτεροι σκεπτικοί].

<sup>44</sup> Sext., *M.*, VII, 345.

<sup>45</sup> D. L. IX, 88.

orientada para a suspensão de juízo. Sexto e Pirro estão separados um do outro por cinco e meio séculos aproximadamente. Seria muito bem possível, então, que as preocupações que moldaram a disposição de Pirro no século IV a. C. não fossem precisamente as mesmas que serviram de matéria para o ceticismo de Sexto no século III. Há um testemunho, o de certo Numênio, relatado em Diógenes Laércio, que poderia estar indicando precisamente essa diferença<sup>46</sup>: nesse testemunho lê-se que “somente Numênio diz que Pirro também dogmatizava”<sup>47</sup>.

Mais ainda, uma outra possível indicação dessa tendência dogmática, no primeiro pirronismo, é certa expressão hesitante com a qual Sexto, em *Contra os Éticos*<sup>48</sup>, introduz uma dupla de versos elegíacos que ele atribui à obra *Imagens* de Tímon de Flíus, o principal dentre os discípulos de Pirro, comparável a um propagandista das suas ideias<sup>49</sup>. Notadamente, esses versos estão dentre os testemunhos que melhor representam as complexidades da relação entre o primeiro pirronismo, o de Pirro e Tímon, e o pirronismo muito posterior, o ceticismo pirrônico de Sexto. Isso porque nesses versos o que se vê expresso é uma tese forte sobre a natureza do bem e do divino. Ora, decerto isso é algo pouquíssimo associável ao ceticismo de que fala Sexto, uma filosofia que, como dissemos, jamais é positiva ou negativa<sup>50</sup> – mas somente suspensiva.

Os versos a que nos referimos são estes:

Eu, pois, direi, como me é manifesto ser,  
palavra de verdade, possuindo uma correta medida,  
como a natureza do divino e do bem [é] eterna,  
a partir do que a vida de um homem se torna a mais igual”<sup>51</sup>.

O contexto em que os versos aparecem é o seguinte. Em *Contra os Éticos*, Sexto os invoca para conferir autoridade a dois procedimentos tipicamente céticos e recorrentes nos

<sup>46</sup> Cf. CAIZZI, 1981b, p.125-127.

<sup>47</sup> D. L., IX, 68. [μόνος δὲ Νομήνιος καὶ δογματῖσαι φησὶν αὐτόν]. O Numênio de que trata essa passagem é de identificação incerta. Ele é provavelmente o Numênio citado em D. L., IX, 102 como um pirrônico; num outro sentido, já foi sugerido que esse pudesse ser o filósofo do século II, situado no platonismo médio, Numênio de Apamea, cf. BROCHARD, 2009. p. 101. Mas isso foi rejeitado reiteradamente; sobre essa rejeição, cf. CAIZZI, 1981a, p. 204 et seq; BARNES 1992, p. 4260-4262.

<sup>48</sup> Sext., *M.*, XI, 20.

<sup>49</sup> Cf. D. L., IX, 109-116; Aristocles apud Euséb., *Praep., Euang.*, XIV, XVIII, 2; em Sext., *M.*, I, 53, Tímon é identificado como o “porta-voz de Pirro” [ὁ προφήτης τῶν Πύρρωνος λόγων].

<sup>50</sup> Cf. Sext., *P.*, I, 192.

<sup>51</sup> Tímon apud Sext., *M.*, XI, 20

[ἦ γὰρ ἐγὼν ἐρέω, ὥς μοι καταφαίνεται εἶναι,  
μῦθον ἀληθείης ὀρθὸν ἔχων κανόνα,  
ὥς ἢ τοῦ θείου τε φύσις καὶ τὰ γαθοῦ αἰεὶ,

ἐξ ὧν ἰσότατος γίνεται ἀνδρὶ βίος]. Há uma discussão bastante fértil sobre que interpretação os versos em questão deveriam receber, tendo em vista as contradições aparentemente insuperáveis entre o que se vê discutido nos escritos do ceticismo pirrônico tardio e o caráter assertivo, isto é, dogmático, que confere sentido ao conteúdo dos versos, isto é, a natureza do bem e do divino, certamente pouco habitual nas discussões em ceticismo. Cf. especialmente BURNYEAT, 19080; BETT, 1994b; SVAVARSSON, 2002.

pontos capitais de sua obra<sup>52</sup>. Um é o uso do verbo “ser” com o sentido de “aparecer”, isto é, de modo a expressar a situação aparente de uma coisa em questão. O outro, que vem como uma consequência desse anterior, é o de referir-se às coisas somente enquanto aparências, portanto não enquanto essências, isto é, a recusa em buscar determinar o que as coisas são em suas naturezas. Sexto, então, entende que naqueles versos Tímon expressa o tratamento cético dirigido às noções de bem e de divino: o que se apresenta como uma asserção sobre a natureza do bem e do divino seria, no entendimento de Sexto, uma declaração sobre a como o bem e o divino se mostram, isto é, suas aparências. No entanto, prestes a citar os versos de Tímon, Sexto os anuncia por meio de uma expressão que, reconhecidamente<sup>53</sup>, sugere certa hesitação ou incerteza: “ao que tudo indica, é o que Tímon parece estar mostrando nas *Imagens*”<sup>54</sup>, escreve Sexto. Isto é, não obstante a escolha de Sexto de citar os versos de Tímon, é possível que ele não estivesse totalmente seguro quanto à qualidade de ceticismo do procedimento expresso nos versos das *Imagens*. Essa seria, portanto, uma indicação para o modo hesitante com o qual Sexto aparentemente trata a figura de Pirro: Sexto, talvez com razão, encontrava incompatibilidade muito dificilmente superável entre o ceticismo sobre o qual ele escreve e o aspecto dogmático com o qual o primeiríssimo pirronismo, o pirronismo de Pirro e Tímon, teria aparecido para ele<sup>55</sup>.

## 2. 2 A Representação de Pirro de Élis em Diógenes Laércio

Os escritos de Sexto Empírico são, por uma boa margem, os mais representativos e estão no primeiro lugar em ordem de importância dentre o que nos restou da antiguidade sobre o ceticismo chamado pirrônico. Afora os escritos de Sexto, no entanto, ocupando um segundo lugar nessa ordem de importância e de representatividade estão as *Vida de Pirro e Tímon*<sup>56</sup>, ambas no livro IX de *As vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*<sup>57</sup> do autor antigo Diógenes

<sup>52</sup> Cf. Sext., *P.*, I, 13; 16-17; 19-24; 199.

<sup>53</sup> Cf. BURNYEAT, 1980, p. 88; CAZZI, 1981a, p. 256; BETT, 1994b, p. 315; SEXTO EMPÍRICO, *Against the ethicists*. Trad. e comentário de Richard Bett. Oxford: Clarendon Press. 1997. p. 60; WARREN, 2002. p. 97; SVAVARSSON, 2002. p. 255 et seq.

<sup>54</sup> Sext., *M.*, XI, 20. [ὁ Τίμων ἐν τοῖς ἰνδαλμοῖς ἔοικε δηλοῦν]. A tradução é nossa. Procuramos enfatizar a noção de ressalva que a expressão carrega, sobretudo no vocábulo [ἔοικε]. Sobre esse vocábulo, cf. LIDDEL; SCOTT; JONES; et al, 1996. p. 601.

<sup>55</sup> Na verdade, seria difícil concluir sobre se a obra de Tímon, *Imagens*, é de teor dogmático ou não. O que sobrou dela certamente parece dogmático. Mas dela restaram somente três ou, possivelmente, quatro fragmentos: D. L., IX, 64, Sext. *M.*, XI, 1 e *M.*, I, 305-306 formam um dos fragmentos; *M.*, XI, 20, citado acima, consiste em outro fragmento; D.L. IX, 105 é o último. Sext., *M.* XI, 140 é assumido por Diels como, possivelmente, um quarto. Sobre a obra *Imagens* e os fragmentos mencionados, cf. DIELS, 1901. p. 202-204; CAZZI, 1981a, p. 58-62, 107-111, 249-266; CLAYMAN, 2009, p. 58-74.

<sup>56</sup> D. L. IX, 61-116.

<sup>57</sup> A partir de agora, usaremos somente “*Vidas*” para nos referir a essa obra.

Laércio. Apesar da extensão pouco expressiva quando comparadas aos muitos escritos de Sexto, as *Vidas de Pirro e Tímon* expõem de modo bastante detalhado os mesmos temas de que trata Sexto, certamente caros à tradição do ceticismo pirrônico. De fato, não é raro que os estudos sobre pirronismo envolvam comparações entre os conteúdos dispostos nos escritos de um e de outro desses autores. Para os nossos propósitos, aqui, em nossa dissertação, isto é, referentes à questão sobre a perspectiva filosófica de Pirro de Élis propriamente, os dois autores diferem de modo crucial: enquanto em Sexto, como vimos, as referências a Pirro são muitíssimo escassas, nas *Vidas de Pirro e Tímon* elas são abundantes e nelas nos deparamos com um rico anedotário biográfico. Então, se se pretende tratar de Pirro de Élis, Diógenes Laércio e suas *Vidas de Pirro e Tímon* estão seguramente dentre os testemunhos mais frutíferos.

Cronologicamente, a distância que separa Diógenes Laércio e Pirro é ligeiramente maior do que a que separa Sexto. Ao que parece, Diógenes Laércio escreve na geração que sucede a Sexto, no século III<sup>58</sup>. De fato, o pirronismo que se vê descrito na *Vida de Pirro* é muito semelhante àquele dos escritos de Sexto, ambos são representativos da fase mais tardia da tradição pirrônica<sup>59</sup>. Um traço peculiar, mas comum entre Diógenes e Sexto, é que os seus

---

<sup>58</sup> A razão para isso é que, no fim da *Vida de Tímon*, há uma cadeia de sucessões do que Diógenes Laércio assume ser a série de líderes da escola cética. Essa sucessão vai de Tímon, passando por diversos nomes vinculados ao pirronismo, finalmente alcançando Saturninos Kythenas, pupilo de Sexto, seu sucessor imediato e o último componente na cadeia. Porque Saturninos é o último na sucessão, presume-se que Diógenes tenha sido contemporâneo a ele. E dado que Saturninos se encontra na geração que sucede a Sexto, acredita-se que Diógenes pertença à mesma geração. Por esse motivo, a datação para Diógenes Laércio é condicionada pela datação para Sexto. Cf. DIOGENES LAERTIUS. *Lives of Eminent Philosophers*. Trad. de R. D. Hicks. Cambridge. Harvard University Press. 1972. 2 v. v 1. p. xvi.

<sup>59</sup> O panorama do pirronismo em *Vida de Pirro* parece, à primeira vista, uma versão abreviada das exposições do mesmo pirronismo que se vê em Sexto. Mas apesar dessa semelhança e apesar de, efetivamente, o texto em Diógenes Laércio representar uma fase mais tardia do pirronismo, argumenta-se que a forma de pirronismo descrita em Diógenes Laércio não é precisamente a mesma que se vê em Sexto. Na versão em Diógenes, as colocações se sustentariam sobre uma forma de relativismo extremo, mais próxima do que se especula ser uma forma mais antiga de pirronismo. Essa forma antiga de ceticismo, relativista, seria mais próxima da que se vê no cético do século I a. C. Enesidemo de Knossos. Nenhuma das obras de Enesidemo sobreviveu, exceto por um epítome, composto por Fócio, patriarca de Constantinopla do século IX, dos seus *Argumentos dos Pirrônicos*. O conteúdo desse epítome admite uma interpretação em chave relativista. Sob essa chave relativista, as empreitadas de Enesidemo assumem a forma de negações da natureza subjacente de qualquer objeto em questão (cf. essas negações em D. L. IX, 90, 91, 95; 101; e em Fócio, *Bibliotheca*, 212, 169b-170a apud POLITO, 2014, p. 74). Sabidamente, esse tipo de conclusão é incompatível com o tipo de pirronismo predominante nos escritos de Sexto, que possui o caráter da suspensão de juízo e continuidade nas investigações (ver Sext., *P.*, I, 1-4). Uma exceção a essa conclusão suspensiva habitual em Sexto seria em *Contra os Éticos*, em que igualmente se argumenta no sentido de uma conclusão negativa sobre a existência do bem e do mal por natureza (cf. Sext., *M.*, XI, 68-95, especialmente 68-78), a partir do que propõe-se a anterioridade cronológica de *Contra os Éticos* em relação às *Hipotiposes Pirrônicas*, possivelmente indicando duas fases no pensamento de Sexto: uma jovem, representada por *Contra os Éticos*; e uma madura, representada pelas *Hipotiposes*. Para os argumentos sobre as formas de pirronismo em Enesidemo e Diógenes Laércio, que difeririam do pirronismo de Sexto, cf. SEXTO EMPÍRICO. *Against the Ethicists*. Tradução, introdução e notas de Richard Bett. Oxford: Clarendon Press. 1997. p. xxi; BETT, R. 2000. p. 209-211; BETT, 2015. p. 95 et seq. Para o argumento sobre a forma de pirronismo relativista extremo de Enesidemo, incompatível com Sexto, cf. WOODRUFF, 1988. p. 139-168. Cf. BARNES, 1992, p. 4253. Para uma crítica dessa interpretação sobre Enesidemo e defesa de uma interpretação contrária à desse relativismo extremo,

escritos parecem representar um universo filosófico cujo limite está no fim do período helenístico: os temas e autores sobre os quais eles escrevem quase sempre remetem ao ambiente filosófico celebrado em Atenas até a derradeira dispersão de suas escolas de filosofia. Isso é curioso porque, à época em que Sexto e Diógenes escrevem, no fim do século II e ao longo século III, esse ambiente já era bastante antigo. Essa Atenas, que serve como o grande centro irradiador de cultura intelectual no mundo antigo, atinge seu fim muitos séculos antes, por volta da primeira metade do século I a. C. Especialmente peculiar é o caso de Diógenes Laércio. Porque, apesar a *Vida de Platão* ser endereçada a alguém que Diógenes caracteriza como entusiasta do platonismo<sup>60</sup>, na obra toda das *Vidas*, não há tratamento algum dos temas que se veem discutidos nos posteriores comentários às obras de Platão, não obstante o renascimento do interesse e sempre crescente produção de comentários a partir do fim do período helenístico em diante<sup>61</sup>. E o mesmo pode ser dito sobre o platonismo médio e neoplatonismo, ambos já bastante consolidados entre na cultura filosófica do século II e ao longo do século III<sup>62</sup>, portanto contemporâneos a Sexto e seus escritos e a Diógenes e suas *Vidas*, mas igualmente desinteressante tanto para Diógenes quanto para Sexto. De fato, se uma história da filosofia fosse escrita somente a partir dos escritos desses dois autores, pareceria ao leitor que essa história tem seu fim no fim período helenístico, isto é, numa época que os antecede em trezentos anos mais ou menos<sup>63</sup>.

De certo modo, esse é o projeto de Diógenes Laércio na obra toda das *Vidas*, isto é, o de produzir um tipo de história da filosofia. E nessa história da filosofia, as vidas de Pirro e do seu discípulo, Tímon, assumem um posto notável numa parte curiosa: o livro IX. Diógenes Laércio organiza sua história da filosofia de acordo com uma estrutura que segue as sucessões

---

de modo a estabelecer a compatibilidade entre o ceticismo desse último e o de Sexto, cf. THORSRUD, 2009. p. 104-108; HANKINSON, 2010. p. 110-112; POLITO, 2014, p. 82-86.

<sup>60</sup> D. L. III, 47.

<sup>61</sup> Cf. TUOMINEN, 2014. p. 5-8.

<sup>62</sup> Cf. GATTI, 1996. p. 15 et seq.

<sup>63</sup> David Sedley (2003a. p. 34-39) sugere que isso não é uma particularidade desses dois autores, mas uma tendência geral da produção filosófica a partir do século I a. C. Ele identifica essa tendência igualmente em Filodemo de Gadara, Posidônio, Sêneca, Plutarco e Diógenes de Enoanda. Essa tendência estaria relacionada ao declínio de Atenas como o centro irradiador de cultura filosófica a partir do século I a. C, cujo motivo seriam as agressões, sobretudo o cerco que a cidade sofre pelo general romano Sula na ocasião das guerras mitridáticas, em 89-84 a. C. Nessa guerra, assumem poderes absolutos na cidade os escolarcas peripatético, Athenion, e epicurista, Aristion, que alinham a cidade aos interesses de Mitrídates, rei do Ponto, em guerra contra os romanos. Por causa da tensão entre a cidade e os romanos, as célebres escolas atenienses teriam entrado em fase de desmanche: enquanto algumas bibliotecas são tomadas por Sula; outras são movidas pelos membros das escolas, que se dispersam pelo mediterrâneo. Segundo Sedley, depois do cerco, desmanche das escolas de Atenas e dispersão dos seus membros rumo às outras cidades influentes no mundo antigo, a produção filosófica muda de caráter decisivamente: ela assume o sentido de um retorno à filosofia original de seus predecessores; isto é, ela se volta, para a interpretação e comentário das obras remetentes às épocas mais prolíficas filosoficamente em Atenas. Nos casos de Diógenes e Sexto, ainda segundo Sedley, esse retorno é para as escolas do período helenístico. Cf. também SEDLEY, 2003b. p. 24-31.

das escolas de filosofia<sup>64</sup>. Primeiro, há uma divisão principal que distingue dois grandes ramos de sucessões: as sucessões da escola de filosofia jônica – livros II a VII; e as sucessões da escola de filosofia italiana – livros VIII a X; a partir desses dois ramos maiores e ao longo dos livros que compõem as *Vidas*, defluem as sucessões de nomes de filósofos ilustres. O livro II começa com Anaximandro e a sucessão da filosofia jônica; depois passa para Sócrates, seus predecessores e o círculo de seus sucessores; o livro III trata de Platão; o IV, da academia e, assim, sucessivamente até o livro X, que trata de Epicuro, terminando a sucessão da filosofia italiana juntamente com a obra como um todo. Entretanto, excetuando-se a isso, está o livro IX, que não segue essa organização. Em vez, o livro IX tem um aspecto mais de miscelânea. Diógenes começa o livro com Heráclito e Xenófanes: dois filósofos aos quais ele atribui curiosamente a qualificação de “esporádicos”<sup>65</sup>. Com isso, ele parece indicar que esses dois filósofos estão fora dos dois ramos principais das sucessões das escolas filosóficas, a jônica e a italiana. A introdução desses dois filósofos, então, interrompe a ordem das sucessões. Isso é surpreendente, porque, nos passos iniciais da obra, isto é, os passos em que Diógenes antecipa a estrutura de sucessões em torno da qual a obra toda é organizada, Xenófanes já aparece situado na sucessão da escola italiana<sup>66</sup>. Nesse livro IX, as *Vidas* estão divididas em algo como: os esporádicos Heráclito e Xenófanes; depois os representantes do eleatismo (Parmênides, Melisso, Zenão); os do atomismo (Leucipo, Demócrito, Protágoras, Diógenes da Apolônia, Anaxarco de Abdera); e, por fim, quase de modo culminante, situam-se Pirro e Tímon<sup>67</sup>, que

---

<sup>64</sup> D. L. I, 13-15.

<sup>65</sup> D. L. VIII, 91; IX, 20 [σποράδην].

<sup>66</sup> D. L. I, 15.

<sup>67</sup> Gabriele Giannantoni (1981, p. 21-24) sugere que o motivo para esse aspecto de miscelânea que assume o livro IX é que Diógenes Laércio teria rejeitado o terceiro ramo ou divisão maior a partir da qual comumente os autores antigos organizavam suas sucessões: o ramo dos eleatas. Desde o século III a. C., com Sotíon de Alexandria – comentador antigo, importante fonte de Diógenes, escritor de uma *Sucessão dos filósofos* [Διαδοχαὶ τῶν φιλοσόφων], primeira obra desse gênero das *Sucessões* [Διαδοχαὶ] de que se tem notícia –, mas sobretudo entre autores tardios, traçavam-se histórias da filosofia que se organizavam a partir dessas sucessões das escolas filosóficas. Segundo Giannantoni, comumente as sucessões partiam de três divisões principais: uma jônica, que se inicia com Tales de Mileto; uma italiana, que se inicia com Pitágoras; por fim, uma terceira, a eleática, que se inicia com Xenófanes. As duas primeiras teriam sido usadas por Diógenes Laércio, mas a terceira teria sido rejeitada. Giannantoni supõe que desde Sotíon se tentou organizar a história da filosofia avizinando eleatas, atomistas e céticos, não porque formavam propriamente uma sucessão, mas porque eles não se encaixavam facilmente nas sucessões já consolidadas. Com o tempo e por razões sistemáticas, o que era um mero avizinamento passaria a se constituir como uma sucessão propriamente entre autores tardios, isto é, uma em que se proporia que, de fato, eleatas, atomistas e céticos estabeleceriam uma relação de influência ou afinidade entre si. Para Giannantoni, Diógenes Laércio teria rejeitado essa terceira divisão das sucessões, que transcorre dos eleatas aos céticos; por isso, teria organizado o livro IX com os filósofos que ele chama de “esporádicos”. Num outro sentido, Richard Bett (2015, p. 76 et seq) sugere que essa organização peculiar do livro IX, junto com a escolha de Diógenes Laércio para o elenco de filósofos que compõe o livro, seria antes motivada pela temática do ceticismo: isto é, esse livro IX seria aquele que privilegiaria temas céticos. Isso porque, por um lado Xenófanes, Zenão de Eléia, Demócrito e Heráclito são listados como os predecessores dos céticos em D. L. IX, 72-3. Depois, Diógenes Laércio, em D. L. IX, 20, expressamente rejeita a afirmação de Sotíon de que Xenófanes “foi o primeiro a dizer que tudo é inapreensível” [πρῶτον αὐτὸν εἰπεῖν ἀκατάληπτ’ εἶναι τὰ πάντα]; ora, inapreensibilidade é um

parecem representar o ceticismo. As *Vidas de Pirro e Tímon* estão dentre as exposições mais generosas em toda a obra das *Vidas*; ricas em detalhes, elas ocupam quase a metade desse livro IX.

Tomadas como uma peça só, as *Vidas de Pirro e Tímon*<sup>68</sup> podem ser divididas da seguinte maneira. Primeiro, há uma seção biográfica sobre Pirro; depois, uma longa e detalhada seção sobre o pirronismo, representativa de sua fase tardia, composta do tipo de empreendimento que modernamente se convencionou chamar doxografia; por último, há uma seção biográfica que trata da vida e dos escritos de seu discípulo e porta-voz, Tímon de Flíus, e termina com algo que se proporia como uma linha de sucessão dos escolarcas do pirronismo<sup>69</sup>. Parece haver, por parte de Diógenes Laércio, na *Vida de Pirro*, a tendência para tornar Pirro e a tradição cética pirrônica posterior algo uniforme. Se se observa o modo como ele organiza a Vida de Pirro, dificilmente não se diria que esse é o caso: ele compila nomes diversos e desenvolvimentos filosóficos, na tradição pirrônica, que se dão ao longo de séculos, aparentemente pouco preocupado quanto à sua progressão, causando a impressão de que a tradição pirrônica sempre foi uma coisa só mais ou menos uniforme.

---

tema cético. E, embora Protágoras não seja mencionado entre os predecessores do ceticismo na *Vida de Pirro*, na *Vida de Protágoras*, em D. L. IX, 51, lê-se que o mesmo Protágoras foi o primeiro a sustentar que existem sempre duas posições conflitantes para qualquer questão, algo que o coloca na vizinhança do ceticismo. Além do que, as *Vidas de Pirro e Tímon* ocupam quase a metade desse livro IX, distintamente longas e detalhadas.

<sup>68</sup> Uma divisão para a estrutura das *Vidas de Pirro e Tímon* (D. L., IX, 61-116) se dá do seguinte modo:

61-68: Vida de Pirro, incluindo um breve relato sobre seu pensamento (61), e várias observações ilustrativas da relevância de seu pensamento para sua vida (62; 66; 68), junto com a menção do que (de acordo com Filo de Atenas) ele admirava (Demócrito e Homero). É o que chamamos aqui de seção biográfica.

68-69: Pupilos de Pirro (alguns dos quais já são mencionados nos parágrafos anteriores). É o início do que chamamos aqui de seção doxográfica.

69-70: Os vários títulos para os que professam alinhamento a Pirro; objeção de Teodósio à denominação “pirroniano”.

71-73: Precusores do pirronismo, segundo fontes não nomeadas.

74-76: Motes céticos e seus significados.

78-79: Caracterização geral do pirronismo, parcialmente feita a partir de Enesidemo.

79-88: Os dez modos.

88-89: Os cinco modos.

90-101: Tratamento pirrônico de certos conceitos-chave em filosofia (90: lista introdutória dos conceitos; 90-91: conceito de demonstração; 91-94: digressão contra os dogmáticos; 94-95: conceito de critério; 96-97: conceito de sinal; 99: movimento; 100: aprendizado; 101: geração; 101: bem e mal por natureza).

102: Possivelmente, uma nota sobre as fontes.

102-104: Acusação de dogmatismo e resposta cética.

107-108: A finalidade no ceticismo, incluindo a objeção de que o cético não possui meios para evitar a prática de ações terríveis, e a resposta cética a essa objeção. É fim do que chamamos de seção doxográfica.

109-115: Vida e escritos de Tímon.

115-116: Sucessão dos pirrônicos, incluindo o desacordo sobre se Tímon teve sucessores imediatos.

<sup>69</sup> Ainda que o próprio Diógenes, expressamente, em D. L., I, 20, reconheça que o pirronismo é uma escola somente num sentido qualificado, isto é, somente na medida em que segue o critério da aparência, o pirronismo não é uma escola no sentido comum, isto é, no sentido de que seus adeptos professam uma doutrina. Cf. Sext., *P.*, I, 17; cf. acima p. 20.

Agora, essa impressão de uniformidade entre Pirro e a tradição cética pirrônica posterior simplesmente não pode ser garantida, se se levam em conta os demais materiais indiretos que provêm de outros autores e que fazem referência à vida de Pirro ou a aspectos de sua perspectiva de filosofia, isto é, os demais testemunhos sobre Pirro. Ora, nesses demais testemunhos, Pirro aparece de modo muitíssimo variado. Um exemplo significativo disso nós já vimos na seção passada, nos versos das *Imagens* de Tímon, em que se afirma sobre o que seria a natureza do bom e do divino<sup>70</sup>, citados por Sexto em *Contra os éticos*, versos esses que muito dificilmente se adequam ao tipo de perspectiva filosófica de que tratam os escritos do próprio Sexto e ao que se vê na parte doxográfica na *Vidas de Pirro*, em que Diógenes Laércio dispõe uma descrição detalhada do ceticismo. No nosso próximo capítulo, veremos ainda muitos outros textos em que, no mesmo sentido, é difícil assumir uma uniformidade entre Pirro e a tradição pirrônica tardia. Então, para que possamos evitar essa tendência para a uniformidade, é importante que nos atenhamos à ilustração de Pirro que é obtida somente a partir da seção biográfica na *Vida de Pirro*<sup>71</sup>, uma vez que nessa seção biográfica, porque nela os detalhes biográficos sobre Pirro parecem estar dispostos isoladamente em relação à seção doxográfica em que o ceticismo posterior é descrito, Diógenes parece se distanciar da influência dos escritos da tradição posterior. Sobretudo, para montar essa seção biográfica, frequentemente Diógenes faz uso de relatos sobre Pirro que ele atribui a autores que foram ou seus discípulos diretos ou contemporâneos desses discípulos, o que confere uma maior antiguidade à autoridade do escrito.

Assim, quanto à seção biográfica da *Vida de Pirro*, de fato ela consiste na representação mais rica dentre toda a literatura antiga sobre o filósofo de Élis, motivo pelo qual é tomada geralmente como o texto base para quaisquer representações que se façam dele. No entanto, apesar dos seus méritos, ela não se mostra sem problemas. Um dos aspectos marcantes nessa seção biográfica é que há momentos em que Diógenes recorre ao uso de fontes cujo conteúdo é mais laudatório e há momentos em que ele recorre a fontes cujo conteúdo é mais derrisório<sup>72</sup>. Naturalmente, isso faz o relato assumir um aspecto deveras conflitante: deparamos-nos com duas representações de Pirro em que uma delas quase desabilita a outra. No que segue, então, citaremos em partes a seção biográfica em Diógenes Laércio e, para cada parte, faremos alguns comentários sobre os elementos que as compõem. As partes que citaremos serão, sobretudo, aquelas que equivalem a testemunhos sobre Pirro, isto é, materiais indiretos que provêm de

---

<sup>70</sup> Cf. acima p. 22.

<sup>71</sup> D. L. IX, 61-68.

<sup>72</sup> Sobre as várias formas da narrativa biográfica na *Vida de Pirro*, cf. GAZZINELLI, 2009, p.125-145.

outros autores e que fazem referência à sua vida e a aspectos de sua perspectiva de filosofia, abundantes no escrito de Diógenes.

Assim, a peça incia:

Pirro de Élis era filho de Pleistarco, segundo narra Díocles. Como disse Apolodoro, nas *Crônicas*, primeiro foi pintor e escudou [as aulas] de Bríson, filho de Estilpo e, depois, de Anaxarco, de acordo com Alexandre, nas *Sucessões*. Tendo acompanhado o último por toda parte, se misturou com os gimnosofistas, na Índia, e com os magos<sup>73</sup>

Ela inicia pela filiação: é dito que Pirro era filho de Pleistarco. Depois, que ele nasceu<sup>74</sup> em Élis, cidade no Peloponeso. O Dioclés mencionado é o da Magnésia – viveu no séc. I a. C. –, escreveu um *Compêndio dos filósofos*<sup>75</sup>. Em Pausânias, na sua *Descrição da Grécia*<sup>76</sup>, escrita no século II, o nome do pai de Pirro aparece como Pistócrates, e o lugar do nascimento, Petra, uma povoação próxima a Élis<sup>77</sup>. Antes da filosofia, lê-se que Pirro fora pintor. O mencionado Apolodoro, muito provavelmente, é o de Atenas – que viveu no século II a. C., autor de *Crônicas*<sup>78</sup>. Que Pirro fora pintor lê-se também na refutação do pirronismo pelo peripatético Aristocles de Messina<sup>79</sup>, sobre a qual ainda falaremos muito ao longo da dissertação; também no verbete sobre Pirro no *Suidas*, a enciclopédia bizantina do século X<sup>80</sup>; e lê-se no passo seguinte no texto de Diógenes, em que Antígono de Caristo relata que ele era um pintor medíocre.

Quando deixou a pintura e seguiu para a filosofia, é dito que ele foi, primeiro, discípulo de um Bríson, filho de Estilpo. É difícil precisar quais filósofos são esses, referidos como Bríson e Estilpo. Na *Vida de Tímon*, Diógenes escreve que também Tímon teve como mestre um

<sup>73</sup> D. L., IX, 61 [Πύρρων Ἡλεῖος Πλειστάρχου μὲν ἦν υἱός, καθὰ καὶ Διοκλῆς ἱστορεῖ: ὃς φησι δ' Ἀπολλόδωρος ἐν Χρονικοῖς, πρότερον ἦν ζωγράφος, καὶ ἤκουσε Βρύσσωνος τοῦ Στίλπωνος, ὡς Ἀλέξανδρος ἐν Διαδοχαῖς, εἴτ' Ἀναξάρχου, ξυνακολουθῶν πανταχοῦ, ὡς καὶ τοῖς Γυμνοσοφισταῖς ἐν Ἰνδία συμμίξει καὶ τοῖς Μάγοις].

<sup>74</sup> Os dados para as datas de nascimento e falecimento de Pirro são estimativas: 365 e 275 a. C. Há uma datação no *Suida*, a extensa enciclopédia bizantina do século X. No verbete sobre Pirro, lê-se que ele viveu sob o reino de Felipe da Macedônia, na 111ª olimpíada, que corresponde aos anos 336-333 a. C. Mas Felipe morre em 336, sendo esses os primeiros anos do reinado de Alexandre. Ainda, Pirro acompanha Anaxarco de Abdera, de quem era discípulo, nas campanhas de Alexandre para o leste. Essas campanhas começam com a travessia dos Dardanellos em 334 e terminam com a morte de Alexandre em 323. Em Diógenes, lê-se que, antes de se ocupar com filosofia, Pirro era pintor (D. L., IX, 61), e que ele morreu aos noventa anos (D. L., IX, 62). Se se assume que ele tinha por volta de trinta anos na ocasião da partida com Anaxarco e Alexandre para a Ásia, então as datas de nascimento e morte são aproximadamente aquelas: 365-275 a. C. Sobre essas datas, cf. BROCHARD, 2009, p. 66; CAZZI, 1981a, p. 146-148.

<sup>75</sup> [Ἐπιδρομή τῶν φιλοσόφων].

<sup>76</sup> [Ἑλλάδος Περιήγησις].

<sup>77</sup> Pausânias, VI, 24, 5, Pistócrates lê-se [Πιστοκράτους].

<sup>78</sup> [Χρονικά].

<sup>79</sup> Arsitocl., apud Euseb. *Praep. euang.*, XIV, XVIII, 27.

<sup>80</sup> *Suidas sub verbo* Pirro apud CAZZI, 1981a, p. 29, 146.

Estilpo, em Mégara<sup>81</sup>, então o Bríson a quem Pirro se associou certamente não pode ser filho desse Estilpo. Houve um Estilpo muito famoso, em Mégara, do qual Pirro foi um contemporâneo mais jovem. Esse Estilpo foi mestre de um Bríson, o de Achaea, o que ainda torna pouco provável cronologicamente que seja esse o Bríson do qual Pirro teria sido o discípulo. Finalmente, há outro Bríson, filho de Erodoro, nascido em Heraclea, possivelmente um dos discípulos de Euclides de Mégara; esse Bríson é um candidato cronologicamente verossímil para ter sido mestre de Pirro<sup>82</sup>. Num outro sentido, é muito bem possível que a menção a esses nomes, Bríson e Estilpo, represente uma tentativa de forjar uma sucessão que estabeleça uma ligação entre Pirro e Sócrates via escola megárica<sup>83</sup>.

Seguidamente, Diógenes escreve que Pirro foi discípulo de Anaxarco de Abdera. Anaxarco também é objeto de uma das *Vidas*, uma que é imediatamente precedente à *Vida de Pirro*, no livro IX, provavelmente porque Diógenes o toma como o último na sucessão dos filósofos atomistas; na *Vida de Anaxarco*, lê-se que ele estudou sob Diógenes de Smyrna, esse sob Metrodoro de Chios e esse sob Demócrito<sup>84</sup>; Anaxarco é um nativo de Abdera, assim como Demócrito; Cícero o chama de democriteano<sup>85</sup>. Em Arriano, na sua biografia de Alexandre, o Grande, Anaxarco aparece gozando de certa proximidade com rei<sup>86</sup>; o mesmo se vê também em Plutarco<sup>87</sup>. Em Diógenes, lê-se que Pirro e Anaxarco viajaram até a Índia; provavelmente, como componentes da comitiva de intelectuais e artistas que acompanhou o exército de Alexandre. Na Índia, lê-se que Pirro se misturou aos sábios nus e aos magos<sup>88</sup>. Esse é um dos passos que justifica a interpretação orientalista para a filosofia de Pirro, sobre a qual comentaremos mais ao final da nossa dissertação.

No que segue do passo citado, Diógenes traz o relato de certo Ascânio de Abdera, segundo o qual, porque Pirro se misturou com os indianos e magos, ele passou a filosofar da maneira mais nobre, introduzindo as noções da não-apreensibilidade das coisas e da suspensão de juízo, ambas importantes para a história do pirronismo:

A partir do que, [Pirro] pareceu filosofar da maneira mais nobre, introduzindo, como diz Ascânio de Adera, a não-apreensibilidade das coisas e a suspensão de juízo: pois dizia que nada é nem belo, nem vergonhoso, nem justo, nem

---

<sup>81</sup> D. L. IX, 109.

<sup>82</sup> Cf. BROCHARD, 2009, p. 66.

<sup>83</sup> GIANNANTONI, 1981, p. 21 et seq; CAIZZI, 1981a, p. 148.

<sup>84</sup> D. L., IX, 58. Cf. também as sucessões dos atomistas em Clemente de Alexandria, *Stromateis*, I, 64; Euséb., *Praep., euang.*, XIV, XVII, 10.

<sup>85</sup> Cícero, *De natura. deorum*. III, XXXIII-IV, 82.

<sup>86</sup> Arriano, *Anabasis de Alexandre*, IV, 9, 11.

<sup>87</sup> Plutarco, *De Alexandri magni fortuna aut virtute*, I, 9, 331e.

<sup>88</sup> O contato entre a expedição de Alexandre e os sábios nus [γυμνοσοφισταί] é relatado amplamente; para exemplos significativos, cf. Arriano, *Anabasis*, VII, 3; Plutarco, *Alexandre*, LXV; Estrabo, *Geographica*. XV, I, 61-68.

injusto; igualmente, sobre todas as coisas, afirmava que nada é em verdade e que todos agem por costume e por norma, porque cada coisa não mais é isto do que aquilo<sup>89</sup>

O Ascânio de que fala Diógenes é desconhecido. Senão por essa menção, Ascânio de Abdera não aparece em nenhum outro lugar na literatura antiga<sup>90</sup>. Depois, tanto o relato sobre a introdução da não-apreensibilidade e da suspensão de juízo quanto a declaração atribuída a Pirro são ambos notáveis. A não-apreensibilidade<sup>91</sup>, sob o sentido que ela toma no contexto do ceticismo, isto é, um sentido epistemológico, é algo posterior a Pirro, o que compreenderia um anacronismo no relato de Ascânio<sup>92</sup>. A não-apreensibilidade, ao que parece, torna-se objeto de discussão em filosofia somente a partir dos argumentos do acadêmico Arcesilau de Pítane contra a noção de representação apreensiva<sup>93</sup>, que é central na epistemologia promovida pelo estoico Zenão de Cítio. A suspensão de juízo, noção que remete igualmente à mesma disputa, aparece como uma consequência da não-apreensibilidade<sup>94</sup>. Ambos, Arcesilau e Zenão, pertencem à geração que sucede Pirro.

<sup>89</sup> D. L. IX, 61 [ὄθεν γενναϊότατα δοκεῖ φιλοσοφῆσαι, τὸ τῆς ἀκαταληψίας καὶ ἐποχῆς εἶδος εἰσαγαγόν, ὡς Ἀσκάνιος ὁ Ἀβδηρίτης φησὶν: οὐδὲν γὰρ ἔφασκεν οὔτε καλὸν οὔτ' αἰσχρὸν οὔτε δίκαιον οὔτ' ἄδικον: καὶ ὁμοίως ἐπὶ πάντων μηδὲν εἶναι τῇ ἀληθείᾳ, νόμῳ δὲ καὶ ἔθει πάντα τοὺς ἀνθρώπους πράττειν: οὐ γὰρ μᾶλλον τότε ἢ τότε εἶναι ἕκαστον].

<sup>90</sup> Já foi sugerido que se emendasse Ascânio [Ἀσκάνιος] em Hecateu [Ἡκαταῖος]: Hecateu de Abdera aparece em D. L., 69 como um dos discípulos de Pirro; é dito também que ele escreveu sobre a filosofia dos egípcios (D. L., I, 10). Mas geralmente a emenda é rejeitada; é mais provável que Ascânio seja um doxógrafo posterior sob o motivo de que as noções atribuídas a Pirro, a de não-apreensibilidade [ἀκαταληψία] e a de suspensão de juízo [ἐποχή], são ambas posteriores, tornam-se comuns no vocabulário do ceticismo somente a partir de Arcesilau de Pítane, escolarca fundador da academia cética e possível limite cronológico após o qual Ascânio estaria situado; cf. CAIZZU, 1981a, p. 136; 1981b, p. 116.

<sup>91</sup> [ἀκαταληψία].

<sup>92</sup> Cf. CAIZZU, 1981a, p. 136; 1981b, p. 116; SVAVARSON, 2010, p. 39. Tanto Caizzi quanto Svavarson supõem que se trata de um anacronismo. Mas Caizzi levanta a possibilidade de que essas noções seriam atribuídas a Pirro só indiretamente: Ascânio pretenderia fazer de Pirro a origem indireta dessas noções, isto é, na medida em que a filosofia desse pode ser considerada o início daquilo que essas noções se transformariam posteriormente, nesse sentido remetendo a Pirro o impulso originário do ceticismo, sobretudo em oposição aos acadêmicos, que atribuiriam a origem do ceticismo a Arcesilau. Cf. D. L. IX, 20, em que é visto algo que parece um anacronismo também em relação à noção de não-apreensibilidade: Diogenes escreve: “Enganado, Soción diz que ele [Xenófanes] foi o primeiro a dizer tudo é não-apreensível” [φησὶ δὲ Σωτίων πρῶτον αὐτὸν εἰπεῖν ἀκατάληπτ' εἶναι τὰ πάντα, πλανώμενος].

<sup>93</sup> [φαντασία καταληπτική].

<sup>94</sup> Essa disputa é a seguinte. Para Zenão, formar uma crença ou opinião consiste em assentir à representação [φαντασία] de um objeto. No entanto, ele propôs que, enquanto algumas representações seriam comuns, outras seriam especiais, seriam “apreensivas” [καταληπτικά], isto é, representações cuo assentimento é perfeitamente justificado, de forma que assentir a elas constitui a “apreensão” de seus objetos. As representações apreensivas seriam aquelas que são produzidas somente pelo que é de fato, pelo que é o caso, representações que são estampadas e impressas no entendimento em acordo com o que é, de tal modo que a estampa não poderia vir do que não é (cf. D. L., VII, 46; Sext., *M.*, VII, 248). Zenão propôs que só as representações apreensivas merecem assentimento, isto é, ele propôs que é irracional, injustificado, assentir a uma representação que não seja apreensiva, quer dizer, tal assentimento produziria uma opinião ou crença falsa. Portanto, para Zenão, a representação apreensiva é realmente o que inaugura o conhecimento, condicionando sua possibilidade. Mas, no outro sentido, quanto à contra-argumentação de Arcesilau, essa recai, não sem motivo, precisamente sobre essa noção de representação apreensiva, preciosa para Zenão. A contra argumentação de Arcesilau se dá da seguinte maneira:

Sobretudo, é notável que a declaração atribuída a Pirro por Ascânio – a de que “que nada é em verdade, e que todos agem por costume e por norma, porque cada coisa não mais é isto do que aquilo” – não estabelece uma relação de consequência a partir da noção de suspensão de juízo, mas uma de tensão. E esse é o caso se se entende a suspensão de juízo tanto nos termos da academia de Arcesilau como nos do pirronismo de Sexto. A suspensão de juízo é motivada pela igualdade de pesos entre argumentos contrapostos. Nesse sentido, suspender o juízo sobre se algo é deste ou daquele modo consiste em nem afirmar nem negar sobre se esse algo é deste ou daquele modo, dada a igualdade de pesos entre as razões para qualquer afirmação ou negação. Ora, se se repara bem, não é isso, quer dizer, não é a suspensão de juízo, o que se vê naquela declaração atribuída a Pirro: essa declaração consiste, em vez, numa negação forte. Segundo essa negação, nada é em verdade e cada coisa não é mais isto do que aquilo. O que a declaração atribuída a Pirro parece expressar, então, é que as qualidades mencionadas – beleza, justiça – não existem em realidade, mas só por convenção, isto é, não existem além do arbítrio de um grupo ou outro. Ora, se por um lado, a declaração nega que as coisas sejam em verdade – isto é, em realidade – e, por outro, ela nega que haja qualidades nas coisas – quer dizer, não há nem em “isto” nem em “aquilo” –, então o que ela produz não é a suspensão de juízo sobre como as coisas são, mas o contrário: ela produz um juízo, a saber, um juízo sobre o que as coisas não são. Dito de outro modo, trata-se de um juízo segundo o qual não há caracteres definidores nas coisas porque, além do arbítrio dos grupos de pessoas, não existem elementos que as definam em realidade.

Depois, sob a autoridade “dos que concordam com Antígono de Caristo”<sup>95</sup>, Diógenes prossegue:

De acordo com os que concordam com Antígono de Caristo, na vida [Pirro] era um seguidor disso [de que nada é em verdade e que todos agem por costume e por norma, porque cada coisa não mais é isto do que aquilo]. Não se desviava de nada, nem se protegia de nada, nem de carruagem, nem de cães, nem barrancos. Estava a salvo do perigo graças aos que o conheciam e o seguiam. De acordo com Enesidemo, por outro lado, ele filosofava de acordo

---

(1) Zenão supõe que existem representações verdadeiras e que (2) uma representação falsa não pode ser apreensível; no entanto, (3) se uma representação verdadeira é potencialmente indiscernível de uma falsa, então ela não deve ser apreensível (ver Cícero., *Academica.*, II, 40-42, 83); ora, (4) qualquer representação verdadeira é potencialmente indiscernível de uma falsa, por esse motivo (5) não há representações apreensíveis; se elas não existem e (6) é irracional, injustificado, assentir a uma representação que não seja apreensível, então (7) é irracional assentir a quaisquer representações. E é aqui que entra a suspensão do juízo, noção caríssima a todos os ceticismos: isto é, dada a interdição da representação apreensível, os estoicos, nesse sentido, são forçados a concluir que racional, em vez, é suspender o juízo universalmente (cf. Cícero, *Academica.*, II; 66-67, 78; I, 45-46; cf. Sext., *M.*, VII, 155-157). Cf. CICERO. *On academic scepticism*. Introd., trad., e notas de Charles Brittain. Cambridge: Hackett Publishing. 2006. p. xix-xxiii.

<sup>95</sup> D., L., 62. [οἱ περὶ τὸν Καρῶστιον Ἀντίγονον]. Expressão curiosa, ela é comum quando é usada para significar um filósofo ou seus seguidores e partidários, mas é rara quando usada para se referir ao círculo de um biógrafo e escultor, como é o caso de Antígono; cf. CAZZI, 1981a, p. 150 et seq.

com o argumento da suspensão de juízo e que certamente não agia de modo imprevisto. Viveu até quase noventa anos de idade<sup>96</sup>

Expressamente, essa anedota tem o propósito de ilustrar aquela declaração atribuída a Pirro por Ascânio: isto é, se nada é em verdade e cada coisa não é mais isto do que aquilo, então Pirro não precisaria preocupar-se nem com carruagens, nem cães nem barrancos nem nada. Em seguida Enesidemo é citado aparentemente de modo a contrabalançar isso. Possivelmente, o escopo de Diógenes nesse momento é o de indicar a disputa que se dá nas fontes dele concernente à acusação de que o ceticismo torna a vida impraticável. Acusação que aparecerá mais à frente na *Vida de Pirro*, ao fim da seção doxográfica<sup>97</sup>. O que se vê nessa seção biográfica, então, parece algo como um confronto entre detratores e defensores da postura filosófica de Pirro. A expressão curiosa “os que concordam com Antígono de Caristo” serviria, nesse sentido, para representar aqueles que, partidários de Antígono de Caristo, mantêm a opinião de que a postura filosófica de Pirro torna a vida praticamente impossível, ao passo que Enesidemo, que é um pirrônico, serviria para representar a posição de quem mantém o contrário<sup>98</sup>.

Provém de Antígono de Caristo ainda outras anedotas semelhantes a essa. Aparentemente, ele é a fonte arquetipo para as anedotas desse tipo. Antígono foi um contemporâneo de Tímon, mas mais jovem. Nos passos seguintes da *Vida de Pirro*, Diogenes escreve:

Antígono de Caristo conta o seguinte, no seu *Sobre Pirro*. Ele [Pirro], no início, era pintor, desconhecido e pobre. Restam alguns dos seus [de Pirro] medíocres portadores de torcha [pintados] no ginásio em Élis. Afastava-se e isolava-se, escarsamente aparecendo para os familiares. Fazia isso porque que escutou algum indiano reprovar Anaxarco, [dizendo] que esse não poderia ensinar outro a ser bom, enquanto atendesse à corte do rei. [Pirro] Estava sempre no mesmo estado de espírito, de modo que se alguém se afastasse no meio de uma fala dele, ele terminaria a fala para si próprio, embora fosse agitado na juventude. Muitas vezes, diz Antígono, ele [Pirro] se afasta de casa, sem falar com ninguém, e vagueava com quem quisesse. E quando Anaxarco caiu num pântano, ele seguiu sem ajudá-lo; enquanto alguns censuram, o próprio Anaxarco o elogiou pela indiferença e frieza<sup>99</sup>

<sup>96</sup> D., L., 62 [Ἀκόλουθος δ' ἦν καὶ τῷ βίῳ, μηδὲν ἐκτρεπόμενος μηδὲ φυλαττόμενος, ἅπαντα ὑφιστάμενος, ἀμάξας, εἰ τύχοι, καὶ κρημνοὺς καὶ κύνας καὶ ὄλως μηδὲν ταῖς αἰσθήσεσιν ἐπιτρέπων. σώζεσθαι μέντοι, καθά φασι οἱ περὶ τὸν Καρύστιον Ἀντίγονον, ὑπὸ τῶν γνωρίμων παρακολουθοῦντων. Αἰνεσίδημος δὲ φησι φιλοσοφεῖν μὲν αὐτὸν κατὰ τὸν τῆς ἐποχῆς λόγον, μὴ μέντοι γ' ἀπροοράτως ἕκαστα πράττειν. ὁ δὲ πρὸς τὰ ἐννήκοντα ἔτη κατεβίω].

<sup>97</sup> D., L., 104.

<sup>98</sup> CAIZZI, loc. cit.

<sup>99</sup> D., L., 62, 63 [Ἀντίγονος δὲ φησι ὁ Καρύστιος ἐν τῷ Περὶ Πύρρωνος τάδε περὶ αὐτοῦ, ὅτι τὴν ἀρχὴν ἄδοξός τ' ἦν καὶ πένης καὶ ζωγράφος. σώζεσθαι τ' αὐτοῦ ἐν Ἡλίδι ἐν τῷ γυμνασίῳ λαμπαδιστὰς μετρίως ἔχοντας. ἐκπατεῖν τ' αὐτὸν καὶ ἐρημάζειν, σπανίως ποτ' ἐπιφαινόμενον τοῖς οἴκοι. τοῦτο δὲ ποιεῖν ἀκούσαντα Ἴνδου τινος ὀνειδίζοντος Ἀναξάρχῳ ὡς οὐκ ἂν ἕτερόν τινα διδάξαι οὕτως ἀγαθόν, αὐτὸς αὐτὰς βασιλικὰς θεραπεύων. αἰεὶ τ' εἶναι ἐν τῷ αὐτῷ καταστήματι, ὥστ' εἰ καὶ τις αὐτὸν καταλίποι μεταξὺ λέγοντα, αὐτῷ διαπεραίνειν τὸν λόγον,

Mais à frente:

Tendo se encolerizado com alguém por causa da sua irmã, que se chamava Filista, disse ao que o repreendeu que não daria prova de indiferença em se tratando de uma mulher. E quando se assustou, tendo sido perseguido por um cão, disse ao que o acusava que era difícil se despir do humano: contra as coisas, primeiro se luta com ações, se possível, mas se não o for, então com o discurso<sup>100</sup>

Essa anedota Diógenes não remete a Antígono expressamente. Mas ela aparece também na refutação de Aristocles contra o pirronismo, em que é atribuída a Antígono<sup>101</sup>. Mais à frente, na *Vida de Tímon*, Diógenes escreve que Antígono produziu biografias sobre Pirro e sobre Tímon<sup>102</sup>. Agora, o que se observa sobre as anedotas que provêm de Antígono é que elas sempre contêm algum elemento derrisório, aparentemente compostas a partir de certa hostilidade. Nelas, as atitudes vinculadas à disposição filosófica de Pirro são representadas jocosamente como insustentáveis na prática, como uma ameaça à existência de quem as assume<sup>103</sup>. Antígo de Caristo viveu no século III a. C, trabalhou com bronze e foi escritor. Ele não foi um contemporâneo do próprio Pirro, mas foi contemporâneo a Tímon e dos demais discípulos de Pirro, embora mais jovem. Ele é uma fonte a que Diógenes Laércio recorre amplamente<sup>104</sup>. Não obstante, Antígono é uma fonte sobre a qual é preciso ter cautela: quando ele é citado, o conteúdo da citação quase sempre tem por objeto detalhes biográficos, em que o tom é quase

---

καίτοι κεκινημένον τε ὄντα ἐν νεότητι. πολλάκις, φησί, καὶ ἀπεδήμει, μηδενὶ προειπών, καὶ συνερρέμβετο οἷστισιν ἤθελεν. καὶ ποτ' Ἀναξάρχου εἰς τέλμα ἐμπροσθέντος, παρήλθεν οὐ βοηθήσας: τινῶν δὲ αἰτιωμένων, αὐτὸς Ἀνάξαρχος ἐπῆναι τὸ ἀδιάφορον καὶ ἄστοργον αὐτοῦ].

<sup>100</sup> D. L., 66 [λέγεται δὲ καὶ δέλφακα λούειν αὐτὸς ὑπ' ἀδιαφορίας. καὶ χολήσας τι ὑπὲρ τῆς ἀδελφῆς, Φιλίστα δ' ἐκαλεῖτο, πρὸς τὸν ἐπιλαβόμενον εἶπεῖν ὡς οὐκ ἐν γυναίῳ ἢ ἐπίδειξις τῆς ἀδιαφορίας, καὶ κυνός ποτ' ἐπενεχθέντος διασοβηθέντα εἶπεῖν πρὸς τὸν αἰτιασάμενον, ὡς χαλεπὸν εἶη ὀλοσχερῶς ἐκδῶναι τὸν ἄνθρωπον: διαγωνίζεσθαι δ' ὡς οἷόν τε πρῶτον μὲν τοῖς ἔργοις πρὸς τὰ πράγματα, εἰ δὲ μή, τῷ γε λόγῳ].

<sup>101</sup> Aristoccl., apud Euséb., *Praep., euang.*, XIV, XVIII, 26.

<sup>102</sup> D. L., 62, 111; Aristoccl. apud Euseb. *Praep. euang.* XIV, XVIII, 26.

<sup>103</sup> Para Bett (2000, p. 8 et seq), seguido por Gazzinelli (2009, p. 62 et seq), Antígono é uma fonte hostil, pouco inclinado para a discussão sobre os conteúdos filosóficos que propõem os objetos de seus escritos. É mais interessado detrações e fofoca. Igualmente, Annas e Barnes (1993, p. 11) tomam os relatos de Antígono como meras caricaturas, descartando-os totalmente. Contrariamente, Caizzi (1981a, p. 166; 1981b, p.115) supõe que o material provido por Antígono não é fruto somente de uma tradição hostil, mas contém o pretexto para diversos posicionamentos de relevo filosófico, que parece sublinhar um valor pedagógico que revestiria os eventos da existência e, no geral, condição humana, em seus escritos sobre filósofos. Num sentido semelhante, Castagnoli (2014, p. 504) sugere que o material que provêm de Antígono indicaria uma atitude de Pirro que é propositalmente temerária, que teria como propósito confrontar diretamente os críticos de sua filosofia. Reale (1981, p. 289 et seq) também aceita o testemunho de Antígono como de algum modo fidedigno. Igualmente, para Warren (2002, p. 110 et seq) os testemunhos de Antígono, na verdade, não são críticas a Pirro, mas plenas descrições do seu comportamento. Já para Momigliano (1993, p. 81, 118), ainda que Antígono manifestasse interesse em escrever biografia filosófica, a sua escrita é amadora; ele estaria mais interessado no lugar que os filósofos ocupam na sociedade, atraído pelo que equivaleria no mundo grego antigo ao que identificamos como a “intelligentsia” em voga; Momigliano também supõe que o estilo de Antígono deriva do de Aristoxeno. Long (1978, p. 69) o toma mais como um compilador de outras fontes, menos como um biógrafo.

<sup>104</sup> Cf. D. L., II, 136; 143; III, 66; IV, 17, 22; V, 67; VII, 12; IX, 62, 63, 110, 111, 112.

sempre difamatório; além do que, no geral, ele parece pouco interessado nas doutrinas dos filósofos propriamente. É possível que o gênero de biografia sob o qual Antígono escreve remeta a Aristoxeno, o músico, um dos pupilos de Aristóteles, em que a detração do filósofo biografado aparece com o mesmo relevo que as informações genuínas concernentes à atividade filosófica e doutrina<sup>105</sup>. Antígono é também autor de uma *Coleção de observações incríveis*<sup>106</sup>, que pertence ao gênero por vezes chamado de “paradoxografia”, isto é, o relato de acontecimentos incríveis<sup>107</sup>. Então, não seria impossível que a literatura que provém de Antígono fosse igualmente pouco interessada nos aspectos filosóficos de seus objetos, podendo muito bem ser inclinada mais para a ficção, possivelmente uma ficção cujo propósito fosse parodiar os filósofos dos quais ela trata.

Num outro sentido, contrariando as anedotas de Antígono, de teor jocoso, há outra vertente de anedotas em Diógenes. Nessa, o conteúdo apresentado assume um caráter notadamente laudatório: Pirro aparece como um indivíduo formidável precisamente por causa de sua postura filosoficamente intrépida. Está nessa vertente uma anedota sobre uma concessão de cidadania ateniense a Pirro: “os atenienses, segundo conta Dioclés, o honraram com a cidadania pelo motivo de ele ter matado Cotys, tirano na Trácia”<sup>108</sup>. Mas isso é seguramente um engano: Cotys foi morto em 360 a. C. não por Pirro, mas por Píton de Ánιος, que foi discípulo de Platão aparentemente<sup>109</sup>.

Ainda nessa vertente laudatória, sob a autoridade de Eratóstenes de Cirene e seu *Sobre riqueza e pobreza*, Diógenes relata episódios em que Pirro apresenta uma atitude de indiferença, aparentemente realizando trabalhos penosos e com resignação submetido a situações que estão abaixo de sua estatura social:

Ele [Pirro] viveu piedosamente com a sua irmã, uma parteira, como conta Eratóstenes em *Sobre riqueza e pobreza*; [conta também] que levava ele [Pirro] mesmo galinhas e, se fosse o caso, leitões ao mercado, e que limpava a casa com [a atitude da] indiferença. Diz-se que lavou um porco por causa de sua indiferença<sup>110</sup>

Eratóstenes é uma fonte anterior a Antígono. Ele passou vinte anos em Atenas e pertenceu à geração de Tímon, que, da maturidade ao final da vida também morou em Atenas,

<sup>105</sup> MOMIGLIANO, 1993, p. 81.

<sup>106</sup> [Ἰτόριων παράδξων συναγωγή].

<sup>107</sup> BETT, 2000, p. 8.

<sup>108</sup> D. L., 66 [Ἀθηναῖοι δὲ καὶ πολιτεία αὐτὸν ἐτίμησαν, καθά φησι Διοκλῆς, ἐπὶ τῷ Κότυν τὸν Θρᾶκα διαχρήσασθαι].

<sup>109</sup> Cf. Plutarco, *Adversus Colotem*, 1126; *De se ipsum citra invidiam laudando*, 542E-F.

<sup>110</sup> D. L., IX, 66 [εὐσεβῶς δὲ καὶ τῇ ἀδελφῇ συνεβίω μαία οὔσῃ, καθά φησιν Ἐρατοσθένης ἐν τῷ Περὶ πλούτου καὶ πενίας, ὅτε καὶ αὐτὸς φέρων εἰς τὴν ἀγορὰν ἐπίπρασκεν ὄρνιθια, εἰ τύχοι, καὶ χοιρίδια, καὶ τὰ ἐπὶ τῆς οἰκίας ἐκάθειρεν ἀδιαφόρως. λέγεται δὲ καὶ δέλφακα λούειν αὐτὸς ὑπ’ ἀδιαφορίας].

o que torna plausível um contato entre essas duas partes. Eratóstenes foi discípulo do estoico heterodoxo de tendência cínica, Ariston de Quios – sobre o qual falaremos um pouco mais no próximo capítulo –, em cuja filosofia a noção de indiferença assumia um papel de destaque. Possivelmente, esse é o motivo pelo qual, nessas anedotas que provêm de Eratóstenes é realçada em Pirro a atitude da indiferença<sup>111</sup>.

No mesmo sentido laudatório, agora sob a autoridade de Nausífanos de Téos, Diógenes escreve:

Em inquirições, ninguém o menosprezava, pois falava extensivamente e a propósito das perguntas. Por esse motivo, quando era jovem, Nausífanos fora enamorado por ele. Nausífanos costumava dizer que é preciso assumir a disposição de Pirro, mas seguir os próprios argumentos. Frequentemente dizia que também Epicuro era admirado com o modo de vida de Pirro, querendo aprender sobre ele. Dizia ainda que Pirro fora tão estimado pelos seus concidadãos em Élis que eles o fizeram sumo sacerdote e que, por causa dele, foi votada a isenção de taxaço para todos os filósofos residentes<sup>112</sup>.

Em Sexto, Nausífanos também aparece como discípulo de Pirro e mestre de Epicuro<sup>113</sup>. Aparece da mesma maneira em Eusébio, bispo de Cesareia do século IV<sup>114</sup>. Mais à frente em Diógenes, na *Vida de Epicuro*, Nausífanos também aparece como o mestre de Epicuro<sup>115</sup>. Nas *Stromateis*, do autor cristão do século II Clemente de Alexandria, lê-se que Nausífanos propunha um fim filosófico, algo que se traduz em “não consternação”<sup>116</sup>, que ele declarou ser o mesmo que o “destemor”<sup>117</sup> que propunha Demócrito<sup>118</sup> e que operaria como algo semelhante a um fim. Na citação acima, vê-se que Nausífanos recomenda que se assuma a disposição de Pirro. De fato, o fim filosófico no pirronismo aparece com o mesmo nome que o fim filosófico no epicurismo, isto é, a “tranquilidade”<sup>119</sup>. Como dissemos acima, Anaxarco de Abdera, mestre de Pirro, provavelmente aderiu a uma forma de democritismo. E Diógenes escreve que, segundo Fílon de Atenas, um dos discípulos de Pirro, esse último apreciava sobretudo Demócrito<sup>120</sup>. Esses elementos parecem indicar, então, uma afinidade conceitual entre democritismo, primeiro

<sup>111</sup> CAIZZI, 1981a, p. 164 et seq.

<sup>112</sup> D. L. IX, 64 [ἐν τε ταῖς ζητήσεσιν ὑπ’ οὐδενὸς κατεφρονεῖτο διὰ τὸ <καὶ δι>εξοδικῶς λέγειν καὶ πρὸς ἐρώτησιν: ὄθεν καὶ Ναυσιφάνην ἤδη νεανίσκον ὄντα θηραθῆναι. ἔφασκε γοῦν γίνεσθαι δεῖν τῆς μὲν διαθέσεως τῆς Πυρρωνείου, τῶν δὲ λόγων τῶν ἑαυτοῦ. ἔλεγέ τε πολλακίς καὶ Ἐπικούρου θαυμάζοντα τὴν Πύρρωνος ἀναστροφὴν συνεχῆς αὐτοῦ πυνθάνεσθαι περὶ αὐτοῦ. οὕτω δ’ αὐτὸν ὑπὸ τῆς πατρίδος τιμηθῆναι ὥστε καὶ ἀρχιερέα καταστήσαι αὐτὸν καὶ δι’ ἐκεῖνον πᾶσι τοῖς φιλοσόφοις ἀτέλειαν ψηφίσασθαι].

<sup>113</sup> Sext., *M.*, I, 2-4.

<sup>114</sup> Euséb., *Praep., euang.*, XIV, XX, 14.

<sup>115</sup> D. L., X, 13-14.

<sup>116</sup> [ἀκαταπληξία].

<sup>117</sup> [ἀθαμβία].

<sup>118</sup> Clemente de Alexandria, *Stromateis*, II, 130.

<sup>119</sup> [ἀταραξία]; Cf. Aristocl., apud Euséb., *Praep., euang.*, XIV, XVIII, 4; D. L., IX, 68, 107; Sext., *P.*, I, 8.

<sup>120</sup> D. L., IX, 67.

pirronismo e epicurismo no que concerne à ética. Agora, quanto a outro aspecto da citação de acima, no próprio texto da *Vida de Pirro*, Diógenes não faz referência diretamente a Nausífanos como a fonte da informação sobre o prestígio de Pirro entre os cidadãos de Élis. Mas a construção da frase é em discurso indireto, dependente do verbo que começa o período precedente. E nesse período precedente, Nausífanos é o sujeito<sup>121</sup>. Uma indicação do prestígio de Pirro é vista também em Pausânias, que relata sobre uma estátua de Pirro no pórtico de um templo próximo à praça central em Élis<sup>122</sup>.

Ainda laudatório, agora sob a autoridade de Posidônio de Apamea, Diógenes relata que:

Enquanto os tripulantes de uma embarcação se assustavam por causa de uma tempestade de inverno, ele, calmo, de modo a alegrar seus espíritos, apontou para um porquinho comendo tranquilamente no convés e disse ser necessário ao sábio alcançar aquela tranquilidade<sup>123</sup>

Posidônio foi escolarca estoico em Rodas; viveu entre o fim do século II a. C e início do século I a. C; foi um polímata; escreveu prolificamente, no entanto suas obras restam somente em fragmentos, nenhuma resta inteira; aparentemente, o relato trazido por Diógenes representa a empreitada de Posidônio no gênero história<sup>124</sup>. No relato de Posidônio, Pirro aparece recomendando o fim filosófico mencionado acima, o da “tranquilidade”. Esse mesmo fim da tranquilidade aparecerá novamente mais à frente, na seção doxográfica<sup>125</sup>. E esse mesmo relato de Posidônio – sobre Pirro numa embarcação numa tempestade – aparece também em Plutarco<sup>126</sup>, mas em vez de tranquilidade, a atitude elevada no porquinho, que seria a atitude recomendada por Pirro, aparece como a “impassibilidade”<sup>127</sup>.

Também de teor laudatório, mas sem a indicação da fonte, Diógenes escreve que “[Pirro] nem sequer moveu o cenho quando lhe aplicaram um remédio antisséptico sobre um corte e lhe cauterizaram a ferida”<sup>128</sup>, o que certamente aponta para uma atitude de formidável impassibilidade diante das dores e do medo produzidos pela situação pavorosa que devia ser a cirurgia antiga. É um relato que se harmoniza bem com os outros, cujos objetos são a indiferença e a tranquilidade de Pirro.

<sup>121</sup> Cf. VOGT; SCARFFENBERGER, 2015, p. 54.

<sup>122</sup> Pausânias, VI, 24, 5.

<sup>123</sup> D. L. 68 [τὸν γὰρ συμπλέοντων αὐτῷ ἐσκυθρωπακόντων ὑπὸ χειμῶνος, αὐτὸς γαλήνης ὢν ἀνέρωσε τὴν ψυχὴν, δείξας ἐν τῷ πλοίῳ χοιρίδιον ἐσθίον καὶ εἰπὼν ὡς χρὴ τὸν σοφὸν ἐν τοιαύτῃ καθεστάναι ἀταραξίᾳ].

<sup>124</sup> Os fragmentos de concernentes a Posidônio foram divididos por Kidd (KIDD, I. Posidonius the translation of the fragments. Cambridge Cambridge University Press. 1999); o fragmento equivalente ao testemunho sobre Pirro foi catalogado como pertencente a uma peça de historiografia.

<sup>125</sup> D. L., IX, 107.

<sup>126</sup> Plutarco, *De profectibus in virtute*, 82e-f.

<sup>127</sup> [ἀπάθεια].

<sup>128</sup> D. L. IX, 67 [Φασὶ δὲ καὶ σηπτικῶν φαρμάκων καὶ τομῶν καὶ καύσεων ἐπὶ τινος ἔλκους αὐτῷ προσενεχθέντων, ἀλλὰ μὴδὲ τὰς ὀφρῦς συναγαγεῖν].

Por fim, entre os testemunhos dessa vertente laudatória em Diógenes Laércio, estão sobretudo os versos de Tímon de Flíus. Tímon foi o mais importante dos discípulos de Pirro e provavelmente a fonte arquetipo para o que se escreveu sobre a sua perspectiva de filosofia<sup>129</sup>. Disporemos mais detalhes sobre Tímon e seus escritos mais à frente, no próximo capítulo. Os versos são atribuídos às três obras de Tímon das quais restaram fragmentos. Possivelmente isso é porque essas foram as suas obras mais influentes. Elas são o *Pítion*; os *Silloi* ou *Sátiras*; e as *Imagens*, sobre a qual mencionamos acima, no fim da seção sobre Sexto. No texto, Diógenes indica que ele se refere a versos contidos nessas três obras. Mas, de fato, há versos somente das duas últimas. Ao que parece, no texto há uma lacuna que suprime os versos que proviriam do *Pítion*<sup>130</sup>. Os versos citados por Diógenes Laércio são estes. Os dos *Silloi* são:

Ó velho, ó Pirro, como e onde encontraste despoja  
Da serventia das opiniões e saberes vazios dos sofistas?  
Como te desataste das persuasões e da amarra de toda artimanha?  
Nada intentaste tu inquirir sobre quais ventos  
Possuem a Hélada, de onde e para quem cada um sopra<sup>131</sup>.

E os das *Imagens* são:

Isso, ó Pirro, o meu coração deseja escutar  
Como tu, apenas homem, te conduzes fácil e tranquilo,  
Único, conduzes os homens, como o deus<sup>132</sup>.

Eles são citados para ilustrar um traço da disposição filosófica de Pirro, o do “distanciamento da vida pública”<sup>133</sup>, que segundo Diógenes foi objeto de imitação de alguns dos seus admiradores. O distanciamento da vida pública parece ter sido adotado em alguma medida pelo próprio Tímon. Diógenes escreve que “[Tímon] quando incomodado pelos barulhos de criadas e cães, não escrevia mais nada, buscando com zelo isolar-se”<sup>134</sup>, e sob a autoridade de Antígono de Caristo, escreve também que Tímon era “um amante de jardins e uma pessoa do tipo que costuma cuidar da própria vida”<sup>135</sup>.

<sup>129</sup> LONG, 1978 p. 70.

<sup>130</sup> CAIZZI, 1981, p. 249.

<sup>131</sup> Tímon apud D. L., 65 [Ἦ γέρον, ὃ Πύρρων, πῶς ἢ πόθεν ἔκδυσιν εὗρες/ λατρείης δοξῶν [τε] κενεοφροσύνης τε σοφιστῶν./ καὶ πάσης ἀπάτης πειθοῦς τ' ἀπελύσαιο δεσμά;/ οὐδ' ἔμελέν σοι ταῦτα μεταλλῆσαι, τίνες αὔραι/ Ἑλλάδ' ἔχουσι, πόθεν τε καὶ εἰς ὅ, τι κύρει ἕκαστα.]

<sup>132</sup> Idem. [τοῦτο μοι, ὃ Πύρρων, ἰμείρεται ἦτορ ἀκοῦσαι/πῶς ποτ' ἀνήρ ἔτ' ἄγεις ῥᾶστα μεθ' ἡσυχίης,/ μόνος δ' ἀνθρώποισι θεοῦ τρόπον ἡγεμονεύεις].

<sup>133</sup> D. L. IX, 65. [ἀπραγμοσύνη]. O significado geral do termo é o de “não ocupação” (na vida política ou em qualquer outro setor de atividade).

<sup>134</sup> D. L., IX, 113 [θορυβοῦμένός θ' ὑπὸ τῶν θερααινῶν καὶ κυνῶν ἐποίει μηδέν, σπουδάζων περὶ τὸ ἡρεμάζειν].

<sup>135</sup> D. L. IX, 112 [φιλόκηπος ἦν σφόδρα καὶ ἰδιοπράγμων].

## 2. 3 Conclusão

A figura de Pirro é invocada muitíssimo raramente nos textos de Sexto. Diante do uso do nome de Pirro para representar a tradição da qual fazem parte os escritos de Sexto, essa raridade torna-se algo peculiar. Ora, não seria um exagero pensar que Sexto pretende estabelecer certa distância em relação a Pirro. Mas qual poderia ser o motivo para isso? Bem, essa distância pode muito bem ser motivada pela objeção de que o ceticismo é autorefutativo. Com efeito, o ceticismo que se vê construído nas *Hipotiposes* se define precisamente em contraposição às escolas ou seitas filosóficas, sobretudo em contraposição à noção de doutrina filosófica. O ceticismo de Sexto não só não se compromete com quaisquer doutrinas, como não se compromete com colocações positivas ou negativas no geral. Naturalmente, então, o cético cairá em contradição se se propõe como seguidor de qualquer figura que represente uma doutrina filosófica. De fato, nos escritos de Sexto a invocação ao nome de Pirro não é sem sentido: ela serve infundir em seus escritos certa autoridade. Essa autoridade, no entanto, está no exemplo disposto por Pirro, não na doutrina. Isto é, para Sexto a autoridade de Pirro em assuntos filosóficos parece emanar de sua disposição, que melhor incorpora e manifesta a disposição do cético. Pirro é para Sexto, sobretudo, um modelo da disposição cética.

Com efeito, esse distanciamento, nos escritos de Sexto, em relação às figuras do ceticismo não se resume somente à figura de Pirro. Esse parece ser o caso também de outras figuras de grande importância na tradição pirrônica. Exemplo disso é Enesidemos de Knossos, figura de grande importância para o desenvolvimento da forma de pirronismo da qual Sexto é um herdeiro e expositor, conhecido pelos seus oito modos contra as teorias da causação, sobretudo pelos seus dez modos para a suspensão de juízo, mas raramente é mencionado por Sexto. É o caso também do misterioso Agripa, que nunca nem mesmo é mencionado por Sexto, mas que não obstante é figura de grande importância para o ceticismo, ao qual são atribuídos os cinco modos para a suspensão de juízo.

É bem possível que o pirronismo que Sexto levanta nas *Hipotiposes* procurasse manter somente a representatividade da figura de Pirro, mas dispensasse os pormenores de sua visão de filosofia. Isso é talvez ilustrado pelo que parece um embaraço demonstrado por Sexto ao anunciar duas duplas de versos, excertos de as *Imagens*, obra de Tímon. Embaraço esse que é perfeitamente justificável diante do conteúdo desses versos. Dificilmente seria possível interpretá-los de modo a dispensar o teor de dogmatismo que eles apresentam. Ora, entre Pirro e Sexto, a diferença é de cinco séculos mais ou menos. É razoável pensar, então, que o ceticismo do primeiro não é exatamente como o do segundo. E o embaraço Sexto pode muito bem indicar

que ele não estaria totalmente seguro quanto aos procedimentos filosóficos empenhados no primeiríssimo pirronismo. De todo modo, a importância dos escritos de Sexto é certamente de primeira ordem para a tradição do pirronismo. E, de fato, Pirro exerce certo poder dentro dessa tradição: isto é, o mesmo poder que um emblema ou símbolo exercem. Ele representa uma atitude modelo para aquele que esteja inserido no pirronismo: eis o motivo para o uso invocativo da figura de Pirro. Então, o impulso para lançá-lo como símbolo de modo algum deve ser minimizado. Mas, no que diz respeito à nossa tarefa, aqui, de empreender um estudo sobre Pirro de Élis e seu pensamento sobre temas em filosofia, a resolução é a de que os escritos de Sexto estão seguramente entre os menos autorizados. Se os escritos de Sexto são de grande relevância para a tradição pirrônica e para a acepção de pirronismo que ele descreve nesses escritos, o mesmo não pode ser dito sobre a relevância desses escritos para um estudo sobre Pirro propriamente.

Quanto às *Vidas* de Diógenes Laércio, decerto elas são imprescindíveis. Isso serve para a filosofia em geral. Mas, especialmente, as *Vidas* são imprescindíveis para os estudos sobre Pirro. Nelas, a história da filosofia parece organizada de modo a reservar um lugar de certa deferência a Pirro, Tímon e ao ceticismo pirrônico: esse lugar é o livro IX das *Vidas*, livro em que estão situados os filósofos que Diógenes caracteriza como “esporádicos”. Nele, uma generosa metade é dedicada ao bloco que compreende as *Vidas de Pirro e Tímon*. Esse bloco pode ser dividido da seguinte maneira: uma seção biográfica sobre Pirro; uma longa seção doxográfica sobre o ceticismo pirrônico tardio; por fim, uma seção biográfica sobre a vida e os escritos de Tímon, o principal discípulo de Pirro. É nesse material que se encontra uma rica representação de Pirro restante: precisamente, na primeira parte, a parte mais biográfica da *Vida de Pirro*. De fato, dada sua riqueza em anedotas e referência a diversas fontes, esse é um texto de suma importância e praticamente o fundamento para quaisquer representações modernas que se façam para Pirro de Élis.

Essa importante seção biográfica da *Vida de Pirro*, no entanto, não é livre de dificuldades. Há o relato sobre a introdução das noções de inapreensibilidade e suspensão de juízo: aparentemente anacrônico. Há também o caso da tensão entre a noção de suspensão de juízo e a declaração atribuída a Pirro segundo a qual nada é em verdade e as coisas não são mais isto do que aquilo. A suspensão de juízo – sob a acepção que ela toma tanto em Sexto quanto no ceticismo acadêmico – e a referida declaração não estabelecem uma relação de compatibilidade. Ora, a declaração produz um juízo, o de que as qualidades nas coisas são só convencionais, isto é, elas não são em verdade. Portanto, o que a declaração produz não é a suspensão do juízo.

Depois, no decorrer dessa seção biográfica, a representação de Pirro parece dar-se sob a forma de duas vertentes de anedotas. De um lado, está uma vertente derrisória, que emana principalmente de Antígono de Caristo: nessas, as respostas filosóficas de Pirro extraídas das anedotas fazem dele um excêntrico risível, cuja prática ameaça a própria existência. Do outro lado, está uma vertente laudatória em que, contrariamente, ele é representado como um tipo muito austero de sábio, cujas práticas cativaram a admiração dos seus discípulos contemporâneos, dos seus concidadãos em Élis e a dos seus seguidores na posterioridade. O que é apresentado nessa seção biográfica, então, aparece como algo, já de partida, de caráter conflituoso: o Pirro representado no escrito de Diógenes exibe uma postura que é impraticável em um momento, mas digna da admiração de muitos em outro momento.

Além disso, o procedimento de Diógenes parece envolver a tendência de uniformizar o ceticismo pirrônico em uma só tradição. Essa tendência pode muito bem advir da interpretação de pirronismo a que, tendo feito o levantamento de fontes, o próprio Diógenes aderiu para escrever a seção sobre Pirro. Com efeito, a forma de pirronismo a que ele é familiar e da qual trata na seção doxográfica da *Vida de Pirro* é a do ceticismo pirronismo tardio, muito próxima da que se vê em Sexto. A consequência disso é que, em Diógenes Laércio, Pirro e pirronismo são uniformizados sob com a sua forma tardia de pirronismo. Assim, diante do que apresentamos acima, a *Vida de Pirro* de Diógenes Laércio, apesar de muito rica e, de fato, imprescindível para quaisquer representações que se façam de Pirro de Élis, é uma fonte que deve tomada com cautela. Efetivamente, ela não deve ser tomada como a fonte uma fonte prioritária, mas uma subsidiária.

### 3 PANORAMA DOS TESTEMUNHOS SOBRE PIRRO DE ÉLIS E PRIORIDADE DA TESTEMUNHO DE ARÍSTOCLES

Vimos que, se tomadas enquanto matéria para uma discussão sobre Pirro de Élis, as fontes imprescindíveis para o pirronismo tardio, Sexto Empírico e Diógenes Laércio, apresentam obstáculos expressivos. Sexto Empírico peca pela escassez: ele quase nunca menciona Pirro; é reticente, no geral, ao falar sobre figuras que se situam no pirronismo; pretende se certificar de que não contribui para a noção de que o pirronismo é uma escola; e, no fim, parece inseguro quanto ao tipo de ceticismo com o qual Pirro e Tímon procediam. Diógenes Laércio, de certo modo, peca pela abundância: ele produz uma peça rica, repleta de fontes e anedotas, mas isso é feito a partir de uma tendência de tomar o pirronismo como uma só tradição, uniformizando-o sob as lentes do pirronismo tardio; além do que, sua representação de Pirro apresenta um caráter conflitante, porque ele faz uso de fontes concordantes e discordantes de sua filosofia.

Dadas as limitações que se veem nos materiais provenientes desses dois autores, a pergunta que se apresenta é: quais seriam, então, os testemunhos mais adequados para um estudo sobre Pirro de Élis? Certamente, existem outros testemunhos antigos que se referem a Pirro, no entanto o que se vê transmitido neles encontra-se em situação bastante escassa e fragmentada<sup>136</sup>. O que se recolhe desses testemunhos possui menos o aspecto de uma unidade contínua do que o de uma sequência incompleta de retratos: alguns consistem somente em menções passageiras; outros são de conteúdo mais anedótico; outros são verbetes. Sobretudo, se não bastasse o estado fragmentário, esses testemunhos muitas vezes se mostram também em conflito uns com os outros. De todo modo, apesar as lacunas, os testemunhos ainda se apresentam como aquilo a partir do que se torna possível reparar na maneira como a figura de Pirro foi recebida entre os numerosos autores que fazem menção a ele ao longo do tempo.

Esses testemunhos estão espalhados aqui e ali em escritos que cobrem um período de mais ou menos mil e quinhentos anos. Eles vão desde os fragmentos das obras de Tímon, que remontam ao século III a. C., até algumas muito posteriores e muito passageiras menções a Pirro em escritos de autores medievais. No que segue, propomos dividir um panorama dos

---

<sup>136</sup> Os testemunhos a que nos referimos, como dito na introdução, foram compilados – no total, são divididos 96 testemunhos em mais de cinquenta autores – e comentados minuciosamente em CAZZI, 1981. Para uma tabela das fontes antigas sobre Pirro baseada nessa compilação de Caizzi, cf. GAZZINELLI, 2009, p. 154-159.

testemunhos sobre Pirro de forma cronológica: a divisão se dará entre os testemunhos atribuídos a figuras que se situam cronologicamente num período mais antigo; num período intermediário; e num período tardio. Ao dispormos o nosso panorama, apontaremos para o que parece ser uma importante mudança que a representação de Pirro sofre nos testemunhos a partir do período intermediário. Por fim no capítulo, e a título de conclusão, levantaremos alguns critérios aos quais submeteremos os testemunhos. A partir desses critérios, tornar-se-á possível traçar um tipo de ordem de importância para os testemunhos, de modo a estabelecer quais dos testemunhos têm prioridade em relação aos demais: a nossa finalidade será a de apontar os testemunhos cuja interpretação condiciona a interpretação dos demais.

### 3. 1 Testemunhos antigos

Quanto ao panorama em divisão cronológica, os testemunhos mais antigos são aqueles que advêm do primeiríssimo pirronismo – isto é, os testemunhos cuja origem remete aos discípulos de Pirro. Além desses, entre os testemunhos mais antigos, estão aqueles que advêm de autores contemporâneos aos discípulos de Pirro, todos situados entre os séculos III e II a. C.

Entre esses testemunhos mais antigos, sobretudo, destacam-se alguns dos fragmentos dos escritos de Tímon de Flíus, principal discípulo de Pirro. Apesar do estado muitíssimo fragmentado do que nos restou de seus escritos, Tímon está, sem dúvida, entre as fontes mais importantes. Dentre os discípulos de Pirro, ele é caracterizado expressamente como aquele que foi seu “intérprete”<sup>137</sup>. Sua atividade não se restringiu só à interpretação da filosofia do mestre: ele foi igualmente seu grande divulgador. Ainda, o material que provém de Tímon é especialmente de interesse porque o que restou de seus escritos está em linguagem poética. Então, dado que quem cita versos dificilmente o faz sem reconhecer a perícia envolvida em sua confecção, isso torna mais provável que a citação em verso seja fiel ao escrito original<sup>138</sup>. Apesar de restar somente material em forma poética, é dito que Tímon escreveu prolificamente e em quase todos os gêneros. Dentre as suas composições, estão épicos, tragédias, dramas satíricos, trinta comédias, sessenta tragédias, além de outros trabalhos, alcançando duas miríades em número de versos<sup>139</sup>.

A despeito da vultosa produção de Tímon, são conhecidos somente de um ou outro detalhe e somente sobre três das suas obras. A primeira dessas, o *Pítion*, possivelmente era em

<sup>137</sup> Sext., *M.*, I, 53. [ὁ προφήτης τῶν Πύρρωνος λόγων]. Para o significado de προφήτης, ver. também *M.*, I, 279, em que o termo é usado para se referir ao intérprete de poetas.

<sup>138</sup> CAIZZI, 1981b, p. 109.

<sup>139</sup> D. L., IX, 110-111.

forma de um diálogo, possivelmente um relato sobre um diálogo. Segundo Diógenes Laércio, o *Pítton* apresentava extensivamente sobre a disposição, isto é, o modo de vida filosófico, incorporada por Pirro<sup>140</sup>. Nele, o enquadramento da cena do diálogo representa um encontro entre Tímon e Pirro – talvez sob o tema do primeiro encontro entre mestre e discípulo – que teria se dado por acaso, ao lado do templo de Anfiáraos, na ocasião de uma ida de Tímon ao santuário em Delfos<sup>141</sup>. Talvez, o diálogo se chamasse Pítton porque esse seria o nome do sujeito para o qual Tímon relata o diálogo<sup>142</sup>. Do *Pítton* não há nenhum fragmento restante, mas um dos testemunhos sobre Pirro, a muito comentada passagem de Arístocles de Messina<sup>143</sup> – sobre a qual trataremos mais à frente e com a qual trabalharemos extensamente na presente dissertação – possivelmente consiste em sua síntese.

A segunda dessas obras, as *Imagens*, é composta em dísticos elegíacos, versos que se alternam em hexâmetros e pentâmetros. Ela restou em estado muitíssimo escasso e fragmentado, o que torna difícil precisar sobre o que tratava seu conteúdo. Mas se se consideram os seus fragmentos, ao menos uma coisa se destaca: dificilmente seria possível conciliá-los ao que se vê no ceticismo pirrônico tardio de Sexto e Diógenes Laércio. Das *Imagens* restaram três fragmentos. Um tem como objeto a tranquilidade de Pirro:

Isso, ó Pirro, o meu coração deseja escutar  
como tu, apenas homem, te conduzes fácil e tranquilo  
sempre despreocupado e imóvel, para essas coisas,  
a não se virar para os rodopios do saber de doces dizeres,  
único, conduzes os homens, como o deus  
que revolve em torno de toda a terra de prados  
a mostrar o ciclo bem torneado da esfera em chamas<sup>144</sup>.

Outro desses fragmentos já foi mencionado acima, no capítulo anterior<sup>145</sup>: é aquele citado por Sexto em *Contra os Éticos* e tem como objeto a natureza do bem e do divino. E o último é uma afirmação sobre a força das aparências: “mas a aparência vigora sobre todas as coisas, aonde quer que se vá”<sup>146</sup>.

<sup>140</sup> D. L. IX, 67 [ὁ Τίμων δὲ διασαφεῖ τὴν διάθεσιν αὐτοῦ ἐν οἷς πρὸς Πύθωνα διέξεισιν].

<sup>141</sup> Arístocl. apud Euséb. *Praep. euang.*, XIV, XVIII, 14.

<sup>142</sup> CAIZZI, 1981a, p. 216.

<sup>143</sup> Arístocl. apud Euséb. *Praep. euang.*, XIV, XVIII, 1-4.

<sup>144</sup> O fragmento está partido entre estes três escritos: D. L., IX, 65; Sext., *M.*, I, 305, XI, 1.

[τοῦτο μοι, ὦ Πύρρων, ἰμείρεται ἦτορ ἀκοῦσαι  
πῶς ποτ' ἀνήρ ἔτ' ἄγεις ῥᾶστα μεθ' ἡσυχίης  
αἰεὶ ἀφροντίστως καὶ ἀκινήτως κατὰ ταῦτά  
μὴ προσέχων δίνους ἡδυλόγου σοφίης,  
μοῦνος δ' ἀνθρώποισι θεοῦ τρόπον ἡγεμονεύεις,  
ὅς περὶ πᾶσαν ἐλῶν γαῖαν ἀναστρέφεται  
δεικνὺς εὐτόρνου σφαίρης πυρκαυτοῖα κύκλον].

<sup>145</sup> Cf. acima p. 22.

<sup>146</sup> Tímon apud D. L., IX, 105; Sext., *M.*, VII, 30 [ἀλλὰ τὸ φαινόμενον πάντῃ σθένει, οὗπερ ἂν ἔλθῃ].

A terceira, os *Silloi*, a julgar pelo número de fragmentos restantes, que são muitos, e pela diversidade de autores que a citam, foi a mais influente e popular dentre as obras de Tímon; foi, inclusive, objeto de comentários, embora não restantes<sup>147</sup>. Foi composta em hexâmetros; seu conteúdo consistindo quase sempre em sátiras e insultos dirigidos aos filósofos e suas doutrinas; em que esses filósofos são tanto os contemporâneos a Tímon quanto os precedentes. Não há sátiras a Pirro certamente: muito pelo contrário, seu pensamento e atitude são enfaticamente exaltados<sup>148</sup>. O título da obra está no plural, isto é, indicando que se trata de um plural de insultos e sátiras; talvez se traduzisse mais ou menos em “versos de olhos cerrados”<sup>149</sup>; talvez “versos de olhar de soslaio”<sup>150</sup>; talvez derivasse de “Sileno”, figura folclórica associada ao vinho e ao deus Dionísio<sup>151</sup>. Diógenes Laércio faz extenso uso dos *Silloi*: dos 66 fragmentos restantes, a maior parte aparece citada nas *Vidas*<sup>152</sup>. A estrutura dos *Sillói* é, inclusive, descrita por Diógenes Laércio<sup>153</sup>: a obra é composta de três partes, a primeira parte é um monólogo em que Tímon inquirere Xenófanes de Cólofon sobre os filósofos; a segunda e a terceira partes são diálogos em que o mesmo inquirido é representado; a segunda trata dos filósofos mais novos em relação a Tímon e a terceira trata dos mais antigos. A maior parte dos fragmentos que compunham os *Silloi* consiste, como dissemos, em ataques, paródias e sátiras dirigidas aos filósofos e a suas doutrinas, mas à exceção destes: Xenófanes, Parmênides, Melisso e Demócrito, descritos de modo parcialmente vindicativo; e à exceção do próprio mestre, Pirro, como dissemos acima. Independentemente do caráter hostil e da preferência pelo mestre, o que se testemunha nesses fragmentos, junto com a reconhecida perícia no estilo helenístico de produção literária, é uma sólida demonstração do treinamento em filosofia, atestado pela sutileza com a qual os ataques às doutrinas dos filósofos são investidos<sup>154</sup>.

<sup>147</sup> Em Diógenes Laércio (D. L., IX, 109), lê-se que Apolônides de Nicea escreveu um comentário aos *Silloi*, que é dedicado ao imperador Tibério. Em Atheneus, VIII, 336d, lê-se que o peripatético Sotíon de Alexandria também escreveu um comentário aos *Silloi*.

<sup>148</sup> Isto é, se se considera que o fragmento 48 (Diels) pertence aos *Sillói*, como habitualmente se faz. Cf. DIELS, p. 196; CLAYMAN, 2009, p. 113.

<sup>149</sup> LONG, 1978, p. 77.

<sup>150</sup> CLAYMAN, 2009, p. 76.

<sup>151</sup> Ibid.

<sup>152</sup> D. L., I, 34; II, 6, 19, 55, 66, 107, 126; III, 7; IV, 33, 42, 67; V, 11; VI, 18; VII, 15, 16, 161, 170; VIII, 67; IX, 6; 22, 25, 40, 52, 65, 69, 112; X, 2.

<sup>153</sup> D. L., IX, 111.

<sup>154</sup> Long (1978, p. 82) enfatiza o talento de Tímon em filosofia, sem o qual a satiriza dos filósofos nos *Silloi* não surtiria efeito: no poema, os filósofos são ridicularizados pelas doutrinas e traços mais habituais pelos quais eles são conhecidos até hoje – Empédocles e os seus quatro elementos, Anaxágoras e seu *Nous*, Sócrates e sua ironia; são ridicularizados também a partir de sugestões menos habituais e mais esotéricas, como a de que Platão teria comprado o *Timeu* de uns pitagóricos. Clayman (2009, p. 75-114) sugere que esse deboche dos filósofos serviria para reforçar a demonstração de proeminência filosófica de Pirro, que o poema todo teria como propósito afirmar.

De volta à nossa divisão cronológica dos testemunhos, e ainda entre os testemunhos mais antigos, estão os que são atribuídos aos outros discípulos e frequentadores de Pirro, que constam todos em Diógenes Laércio, tal como o de Nausífanos de Teos, mencionado no capítulo anterior<sup>155</sup>. No mesmo sentido, há Fílon de Atenas, também um dos discípulos de Pirro, cujo testemunho é o de que os escritos prediletos do mestre eram, sobretudo, os de Demócrito e os de Homero<sup>156</sup>. Sobre Fílon, Tímon escreve os seguintes versos: “quando não estuda sozinho, longe das pessoas, fala consigo mesmo/ Fílon, que não se importa com a fama das disputas”<sup>157</sup>. Essa descrição do comportamento de Fílon é facilmente relacionável ao distanciamento da vida pública atribuído a Pirro<sup>158</sup>. Entre os discípulos de Pirro, há por último Hecateu de Abdera. Mas desse não restou nenhum testemunho sobre o mestre<sup>159</sup>. Ao que parece, nenhum desses discípulos de Pirro foi filósofo profissional, embora exercem atividades diversas de tipo literário ou, de todo modo, intelectual<sup>160</sup>.

Em seguida, dos outros autores que se inserem ainda no campo dos testemunhos mais antigos estão alguns contemporâneos dos discípulos de Pirro, como é o caso do biógrafo Antígono de Caristo, que produziu biografias sobre Pirro e Tímon, fonte frequentemente referida por Diógenes Laércio nas *Vidas de Pirro e Tímon* e a quem também Aristocles de Messina faz referência em sua muito comentada refutação do pirronismo<sup>161</sup>. Testemunho antigo também é do polímata Eratóstene de Cirene, também uma das fontes de Diógenes Laércio e mencionado acima no capítulo anterior<sup>162</sup>.

Ainda entre os contemporâneos dos discípulos de Pirro está o testemunho atribuído ao estoico de tendência cínica Aríston de Quios<sup>163</sup>, de quem Eratóstenes foi discípulo, filósofo que

<sup>155</sup> Sobre Nausífanos, cf acima p. 38-39.

<sup>156</sup> D. L. IX, 67.

<sup>157</sup> D. L. IX, 69. [ἢ τὸν ἀπ’ ἀνθρώπων αὐτόσχολον αὐτολαλητῆν/ οὐκ ἐμπαζόμενον δόξης ἐρίδων τε Φίλωνα].

<sup>158</sup> Cf. D. L., IX, 65, sobre ao distanciamento de Pirro da vida pública [ἀπραγμοσύνη]. E o comportamento de Tímon em D. L. IX, 112, que é descrito como alguém do tipo que “cuida da própria vida” [ἰδιοπράγμων].

<sup>159</sup> Hecateu é mencionado como discípulo de Pirro em Diógenes Laércio (D. L., IX, 69). Segundo Plutarco (*De Iside et Osiride*, 9) e, novamente, segundo Diógenes Laércio (D. L., I, 10), ele escreveu sobre a filosofia dos egípcios; cf. BROCHARD, 2009, p. 91.

<sup>160</sup> Cf. CAZZI, 1981a, p. 198.

<sup>161</sup> D. L., IX, 62, 64, 110, 111; Aristocl. apud Euseb. *Praep. euang.*, XIV, XVIII, 26, falaremos muito mais sobre Aristocles no que segue.

<sup>162</sup> D. L., IX, 66. Sobre Eratóstenes, cf. acima p. 37-38.

<sup>163</sup> Aríston viveu em Atenas (floresceu por volta do ano 250 a. C.) e foi um dos membros do círculo de discípulos de Zenão de Cítio, o fundador do estoicismo. Um aspecto de destaque em Aríston é que ele passa a rejeitar as partes da lógica e da física do sistema que o mestre pretendeu desenvolver, virando-se somente para a ética e procurando aproximá-la das suas origens no cinismo. Discordava do mestre quanto à concepção de virtude: enquanto Zenão parecia reconhecer certa pluralidade na virtude, Aríston mantinha que ela é estritamente unitária. Sobretudo, Aríston passa a rejeitar a distinção, proposta por Zenão, entre os indiferentes preferíveis e os não-preferíveis [τὰ προηγμένα e τὰ ἀποπροηγμένα], sustentando que há somente virtude e vício, e que o fim [τέλος] é somente a virtude e a consequente indiferença [ἀδιαφορία] em relação às coisas indiferentes; cf. Cícero,

adquiriu certa influência<sup>164</sup> na Atenas do século III a. C. e contemporâneo de Tímon. O testemunho de Aríston é um verso somente, bastante curioso. Consiste numa curiosa paródia do verso homérico que descreve a Quimera, o monstro mitológico: “na frente é leão, na cauda é serpente, ao meio é cabra”<sup>165</sup>. No verso de Aríston, em vez da Quimera, a descrição tem como objeto o escolarca acadêmico Arcesilau de Pítane: “na frente é Platão, na cauda é Pirro, ao meio é Diodoro”<sup>166</sup>. Uma interpretação possível para o verso de Aríston é a seguinte. Debochadamente, ele estaria levantando a acusação, carregada de ironia, de que Arcesilau, embora aderisse publicamente à academia, seria antes um tipo de plagiador de Pirro em filosofia e um plagiador de Diodoro Cronos<sup>167</sup> em dialética. Isto é, Arcesilau esconderia atrás de si na verdade a influência que sofrera de Pirro, decisiva para sua apuração filosófica, ao mesmo tempo em que se serviria da dialética de Diodoro como instrumento para ocultar tal cilada. Assim, Arcesilau, que é conhecido como o escolarca que empreendeu grandes mudanças na academia platônica, orientando-a para o ceticismo e justificando essa orientação ao identificá-la com um tipo de retorno ao procedimento puramente negativo que se vê nas raízes socráticas da filosofia platônica<sup>168</sup>, na verdade manteria uma predileção secreta por Pirro, sua verdadeira fonte de inspiração filosófica, embora preservasse o pedigree socrático-platônico do qual era herdeiro, encerrando tudo com uma abordagem dialética inspirada na que Diodoro Cronos operava. Agora, embora plausível, seria difícil concluir sobre essa interpretação para Arcesilau a partir desse verso de somente seis palavras<sup>169</sup>. Mais fácil é assumir que o testemunho de

---

*Academica*, II, 42, 130; *De finibus*, III, 15, 50; IV, 17, 47; IV, 24, 68; IV, 25, 69; V, 25 73; *Sext., M.*, XI, 64-67; *D. L.* VII, 160; cf. também POTER, 1996. p. 156-159; SCHOFIELD, 2003 p. 247 et seq.

<sup>164</sup> Em *D. L.*, VII, 161, lê-se que Aríston ensinava no Cinosarges, ginásio associado aos cínicos, e que possuía um círculo de discípulos; em Atheneu (VII, 281), lê-se que o mencionando Eratóstenes foi um dos seus discípulos, escrevendo uma obra, *Aríston* [Ἀρίστων], sobre ele, na qual relata que, no fim da vida, o mestre degenera, passando a ceder aos prazeres.

<sup>165</sup> Homero, *Il.*, VI, 181 [πρόσθε λέων, ὄπιθεν δὲ δράκων, μέσση δὲ χίμαιρα].

<sup>166</sup> *D. L.*, IV, 33. [πρόσθε Πλάτων, ὄπιθεν Πύρρων, μέσσης Διόδωρος]. O verso aparece outras duas vezes: em *Sext., P.*, I, 234, e em Numênio de Apamea apud Eusébio, *Praep., evang.*, XIV, V, 13. Nas duas primeiras ocorrências, isto é, tanto em Diógenes Laércio quanto em Numênio apud Eusébio, a citação ao verso de Aríston é seguida imediatamente pela citação de dois versos de Tímon: “tendo o peso de Menedemo sob o peito, ele irá ou para Pirro, que é todo carne, ou para Diodoro” [τῆ γὰρ ἔχων Μενεδήμου ὑπὸ στέρνοισι μόλιβδον/ θεύσεται ἢ Πύρρωνα τὸ πᾶν κρέας ἢ Διόδωρον]. No contexto dessas citações, está indicado que o objeto é Arcesilau; os versos fazem parte dos *Silloi*.

<sup>167</sup> Diodoro Cronos (ou Diodoro, o “Velho Caturra”) foi um dialético influente (floresceu por volta do ano 315 a. C. e morreu por volta do ano 285 a. C.), conhecido pelas suas investidas em lógica proposicional e pelo desenvolvimento de jogos lógicos, dentre os quais o famoso *sorites* [σωρίτης] ou argumento do monte. Ele viveu em Atenas e em Alenxandria, na corte de Ptolomeu I Soter. Teve muitos discípulos, dentre os quais Zenão de Cítio, fundador da escola estoica. Cf. SEDLEY, 1977. p. 74-120.

<sup>168</sup> Cf. Cícero, *De Oratore*, III, 67; *Acad.* II, 15; Plutarco *Adversus Colotes*, 1121f-1122a.

<sup>169</sup> O médio-platônico do século II, Numênio de Apamea, escreve que Arcesilau era um acadêmico só nominalmente, porque era amante do seu predecessor, o escolarca acadêmico Crantor, mas que, efetivamente, era um pirroneano, tendo derivado a sua filosofia, na verdade, da de Pirro (apud Eusébio *Praep. euang.*, XIV, VI, 4-6). Nesse escrito, entretanto, Numênio se coloca enfaticamente beligerante em relação a Arcesilau e à orientação cética a que esse submetera a academia, o que torna muito provável que o relato dele não passe de uma injúria.

Ariston parece ao menos apontar para uma tensão entre a filosofia de Pirro e a de Arcesilau no contexto das disputas filosóficas dessa geração a que pertencem Tímon, Aristo e Arcesilau, isto é, a geração que sucede a Pirro.

Finalmente, entre os testemunhos mais antigos, está uma anedota atribuída a Hegesandro de Delfos, autor do século II a. C., preservada no *Banquete dos eruditos* de Ateneu, na qual Pirro é representado de modo enfaticamente austero:

conta o autor [Hegesandro] que Pirro de Élis, tendo um amigo o recebido luxuosamente, disse para ele: ‘no futuro, caso seja recebido assim, não virei à sua casa, para que nem eu o veja desperdiçando vulgarmente sem necessidade nem tu tenhas de se apertar em misérias, pois o melhor para nós é antes a companhia um do outro do que esta abundância, da qual, aliás, a maior parte será consumido pelos servos’<sup>170</sup>

Fora o verso de Aríston de Quios, o que se percebe tanto nessa anedota de Hegesandro quanto nos outros testemunhos que se situam seguramente na categoria dos testemunhos mais antigos é que eles são atravessados por um tema em comum: neles, aparecem somente descrições do modo de vida de Pirro, sua disposição e atitude. Alguns desses testemunhos descrevem-no como um indivíduo de disposição formidável, indiferente diante da realização de trabalho servil ou impassível diante da dor excruciante da cirurgia antiga ou tranquilo defronte da morte por naufrágio ou ainda habitando piamente com a irmã parteira; Tímon o compara a um deus precisamente ao descrever sua atitude tranquila; ele é descrito como um modelo a ser imitado, seus discípulos assumem comportamento semelhante ao dele. Nos relatos difamatórios do tipo traçado por Antígono de Caristo, objeto também é sua disposição: ou ele não consegue sustentar sustenta-la ou ela o transforma num trapalhão grosseiro sem a noção do perigo. De todo modo, o que se observa é que, quando caracterizada entre esses testemunhos antigos, a filosofia de Pirro teve enfatizado o caráter impressionante da sua disposição – positivamente ou negativamente.

---

Declava Caizzi (1981, p. 187, 190-193), embora aponte para o impulso polêmico de Numênio, está inclinada a tomar aquele testemunho de Aríston como a indicação de alguma influência exercida por Pirro, mas ocultada por Arcesilau. No mesmo sentido, Sedley (1983, p. 16) argumenta que a guinada filosófica de Arcesilau em direção ao ceticismo teria sido inspirada, em grande parte, por Pirro, mas que, dados os motivos institucionais que a posição dele na academia acarretava, teria preferido tratar essa influência com discrição. Já Long e Sedley (1987, p. 446) defendem que, apesar de provavelmente ser um admirador tanto de Pirro quanto de Diodoro, não seria preciso assumir os dois como influências decisivas, porque o que se vê no platonismo já explicaria perfeitamente a proposta filosófica pretendida por Arcesilau. Brunschwig (1999, p. 250.) acredita que não teria havido influência, sendo a polêmica que Tímon dirige contra Arcesilau um modo de realçar a originalidade do ceticismo de Pirro em relação ao de Arcesilau.

<sup>170</sup> Hegesandro apud Atheneu, X, 419 d-e apud CAIZZI, 1981, p. 36 [Πύρρων δ' ὁ Ἡλεῖος τῶν γνωρίμων τινὸς αὐτὸν ὑποδεξαμένου πολυτελῶς μὲν, φορτικῶς δέ, ὡς ὁ αὐτὸς ἱστορεῖ, ‘εἰς τὸ λοιπὸν,’ εἶπεν, ‘οὐχ ἤξω πρὸς σέ, ἐν οὕτως [p. 400] ὑποδέχη, ἵνα μήτε ἐγὼ σὲ ἀηδῶς ὀρῶ καταδαπανώμενον οὐκ ἀναγκαίως μήτε σὺ θλιβόμενος κακοπαθῆς. μᾶλλον γὰρ ἡμᾶς τῇ μεθ' ἐαυτῶν συνουσίᾳ προσήκόν ἐστιν εὐαρεστεῖν ἢ τῷ πλήθει τῶν παρατιθεμένων, ὧν οἱ διακονοῦντες τὰ πλεῖστα δαπανῶσιν’].

### 3. 2 Testemunhos intermediários

Agora, mais adiante, passando para os testemunhos intermediários na nossa divisão cronológica, estão os que remetem ao fim do período helenístico, entre o século I a. C., e o século I. Pertence a esse período o polímata e escolarca estoico em Rodas, Posidônio de Apamea, uma de suas principais autoridades em filosofia, que escreveu amplamente e sobre quase todos os campos do saber, e cujo testemunho sobre Pirro está também na seção biográfica em Diógenes Laércio, e foi mencionado acima<sup>171</sup>.

Também entre os testemunhos intermediários, há os de Enesidemo de Knossos<sup>172</sup>, no século I a. C. São somente dois, mais uma vez em Diógenes Laércio ambos: um está na seção biográfica da *Vida de Pirro* e foi mencionado acima<sup>173</sup>; o outro está mais adiante, no final da seção doxográfica. Nesse último, ao tratar da filosofia do pirronismo tardio, Diógenes Laércio escreve que:

Enesidemo, no primeiro livro dos seus *Argumentos dos Pirrônicos*, afirma que Pirro nada determinava dogmaticamente, por conta dos argumentos opostos, mas seguia as aparências. Ele afirma o mesmo em *Contra a sabedoria* e em *Da Investigação*<sup>174</sup>.

Certamente Enesidemo é um pirrônico de importância maior para a tradição do pirronismo. Discutivelmente, duas manifestações dessa importância são: uma, ele é um dos poucos pirrônicos mencionados por Sexto Empírico; a outra é que na seção doxográfica em Diógenes Laércio, ele é mencionado mais vezes do que qualquer outro pirrônico<sup>175</sup>. O motivo

<sup>171</sup> D. L., IX, 68; cf. acima p. 39.

<sup>172</sup> As datas para Enesidemo são conjecturais. Elas são baseadas no seguinte. Nenhuma das obras de Enesidemo sobreviveu. O que restou está em Fócio, o patriarca de Constantinopla do século IX, em sua obra *Bibliotheca*, que é um catálogo contendo os epítomes de diversos livros que ele leu. Fócio escreve um epítome dos oito livros dos *Argumentos dos Pirrônicos* [Πυρρωνίων Λόγοι], que foi possivelmente a mais substancial obra de Enesidemo e certamente obra em que o seu pirronismo é descrito. Nesse epítome, Fócio escreve que Enesidemo dedica os *Argumentos* a Lucius Tubero, que é caracterizado como “certo membro conjunto da seita da academia” [ἐξ Ἀκαδημίας τινὶ συναϊρεσιώτῃ] (Fócio, *Bibliotheca*, 212 169b 32-5 apud POLITO, 2014, p. 41) e político romano de ancestrais ilustres. Cícero menciona esse Lucius Tubero, descreve-o como um intelectual e amigo estimado, que servira como *legatus* sob o comando do seu irmão, Quinto Cícero, na Ásia (Cícero, *Pro Ligario*, 21; *Ad Quintus fr.*, 1. 1. 10 apud CAZZI 1992, p. 180). Esse posto de *legatus* exercido por Tubero se deu na década de 60 do século I a. C, antes do mesmo ter tomado o partido dos pompeianos nos eventos da guerra civil romana entre 49 e 45 a. C. A partir disso, estima-se, então, que a data de composição dos *Argumentos dos Pirrônicos* e, portanto, a data para o florescimento da atividade filosófica de Enesidemo seja algo entre o fim da década de 60 e fim da década de 50 a. C. Cf. CAZZI, 1992, p. 176-185; POLITO, 2014, p. 41-48; 51-54.

<sup>173</sup> D. L., IX, 62. Cf. acima p. 35.

<sup>174</sup> D. L., IX, 106 [Αἰνεσίδημος ἐν τῷ πρώτῳ τῶν Πυρρωνείων λόγων οὐδέν φησιν ὀρίζειν τὸν Πύρρωνα δογματικῶς διὰ τὴν ἀντιλογίαν, τοῖς δὲ φαινομένοις ἀκολουθεῖν. ταῦτὰ δὲ λέγει κἀν τῷ Κατὰ σοφίας κἀν τῷ Περὶ ζητήσεως].

<sup>175</sup> Na seção doxográfica da *Vida de Pirro*, Diógenes Laércio menciona Enesidemo cinco vezes: em D. L. IX, 78, duas vezes em 106 e duas em 108; enquanto Tímon ele menciona três vezes: em D. L., IX, 76, 105, 107. Sobre a menção de Enesidemo em Sexto, cf. acima p. 21.

para a importância de Enesidemo está no mérito dele em empreender um renascimento do pirronismo. Ao que parece, o primeiro momento do pirronismo tem seu fim com Tímon e demais discípulos de Pirro. À altura desse período intermediário, o primeiro pirronismo – o de Pirro e seus discípulos – era uma forma de filosofia já antiga, há muito abandonada. Permaneceria assim, inerte, até a metade do século I a. C., quando Enesidemo o resgata, estabelecendo uma nova tradição e nova filosofia do pirronismo<sup>176</sup>. É nesse momento que, pela primeira vez, essa nova tradição do pirronismo aparece definindo a si mesma em contrariedade ao que é descrito como filosofia dogmática, isto é, que propõe doutrina sistematizada. Expressamente, os dogmáticos contra os quais o pirronismo de Enesidemo se define são estoicos e acadêmicos<sup>177</sup>; mas a despeito da oposição em relação à academia, muito

<sup>176</sup> Há uma discrepância entre as evidências que dizem respeito à continuidade do pirronismo depois da geração de discípulos de Pirro. O peripatético do fim do século I a. C. e início do século I, Aristócles de Messina escreve que depois de Tímon “ninguém prestou atenção a eles [o pirronismo], como se absolutamente nem tivesse existido, até que ontem e no dia anterior, na Alexandria egípcia, um Enesidemo qual quer encabeçou a retomada dessa baboseira [Μηδενὸς δ’ ἐπιστραφέντος αὐτῶν, ὡς εἰ μηδὲ ἐγένοντο τὸ παράπαν, ἐχθὲς καὶ πρόην ἐν Ἀλεξανδρείᾳ τῇ κατ’ Αἴγυπτον Αἰνησιδήμῳ τις ἀναζωπυρεῖν ἤρξατο τὸν ὕθλον τοῦτον]” (Aristocl. *apud* Euséb. *Praep. euang.* XIV, XVIII, 29). Em contrariedade com isso, está o relato em Diógenes Laércio, que, ao dispor sua lista de sucessões dos “escolarcas” do ceticismo pirrônico (D. L., IX, 115-116), escreve, por um lado, que segundo Menodoto da Nicomédia – cético pirrônico e médico da seita empírica –, Tímon não teve nenhum discípulos que continuassem os ensinamentos de Pirro, o que interrompe a sucessão do pirronismo, restando sua retomada para certo Ptolomeu de Cirene, possivelmente um médico da seita empírica igualmente; mas, por outro lado, segundo Hipóboto e Sotíon – o primeiro escreveu um *Sobre as escolas filosóficas* e o segundo uma *Sucessão dos filósofos*; viveram no fim do século III e no século II a. C. respectivamente –, Tímon teve, sim, três discípulos e que esses discípulos tiveram seus próprios discípulos sem que a continuidade da sucessão fosse interrompida. Quase unânimemente, na verdade, o relato de Aristócles é levado em consideração em detrimento do da lista de sucessão em Diógenes na literatura recente. Mais provável é que o pirronismo de Pirro tenha acabado com a primeira geração dos seus discípulos e seguidores; sendo Enesidemo seu verdadeiro restaurador e cuja restauração alcançará as suas formas mais derradeiras nos escritos de Sexto e Diógenes Laércio. O motivo disso é que, primeiro, Aristócles é muito mais próximo cronologicamente a Enesidemo, portanto mais apto a descrever o estado do pirronismo à época de Enesidemo. Depois, para Menodoto, um médico empírico, é interessante atribuir a outros médicos, tais quais os mencionados como antecessores de Enesidemo, Ptolomeu de Cirene e Heráclides, a retomada do pirronismo, uma vez que, desse modo, retroativamente a seita empírica seria creditada pela retomada do pirronismo, de modo a galvanizar a proximidade entre as duas tradições. É mais provável que a sucessão em Diógenes Laércio tenha sido forjada posteriormente por algum círculo de céticos médicos empíricos. Além disso, e não menos importante, Cícero – próximo de Enesidemo cronologicamente e muito bem instruído em filosofia grega – relata ele mesmo que a filosofia de Pirro há muito tempo fora abandonada (Cícero, *De finibus*, II, 11, 35) e que há muito tempo os pirroneanos se enfraqueceram e se extinguíram (Cícero, *De oratore*, III, 17, 62). Sobre essa retomada do pirronismo empreendida por Enesidemo, cf. CAZZI, 1992, p. 178 et seq; POLITO, 2014, p. 4, 5, 56, 57. Ainda, essa linha de sucessão em Diógenes Laércio é reconhecidamente confusa: na sucessão, são poucos nomes para preencher um período que é grande demais; cf. acima p. 29. Depois, Diógenes, sob a autoridade de Sotíon e Hipóboto, não caracteriza os que ele menciona como sucessores de Tímon, nessa linha de sucessão, nem como pirrônicos nem como seguidores de Pirro – nem de nenhuma outra forma que remeta a Pirro ou ao pirronismo. O termo utilizado é o genérico “διάδοχος” [sucessor]: termo que remete ao tipo de literatura produzida por Sotíon de Alexandria, isto é, as “Διάδοχαί”, gênero de obra que trata das sucessões dos filósofos e cujo propósito é estabelecer a procedência ou pedigree dos filósofos. Sobretudo, é importante ter em mente que tais linhas de sucessão, ao que parece, são tecidas tanto nos casos em que há, de fato, a transmissão de doutrina entre as partes que a compõem quanto nos casos em que, contrariamente, não há a transmissão de doutrina, mas somente uma percepção de afinidade doutrinária entre as partes que a compõem; sobre isso, cf. MANSFELD, 1999, p. 24.

<sup>177</sup> Em Fócio, lê-se que o escopo do primeiro livro dos *Argumentos dos Pirrônicos* é o de justamente estabelecer as distinções entre o pirronismo proposto por Enesidemo e a posição filosófica da Academia. A essa altura, o estado da filosofia da academia é bem representado pela querela entre Fílon de Larissa e Antíoco de Áscalon no

provavelmente Enesidemo e seu novo pirronismo são, em grande medida, tributários da filosofia acadêmica<sup>178</sup>. O pirronismo de Enesidemo não se propõe como uma inovação, mas na verdade como uma continuação da posição que fora sustentada por Pirro, cuja figura é reivindicada passando a servir então tanto como a de um fundador quanto a de emblema. Aquelas formas derradeiras de pirronismo, nas quais a empreitada filosófica parte tipicamente de uma exaustão das capacidades epistêmicas buscando atingir um fim de caráter ético descritas nos copiosos trabalhos de Sexto Empírico e na *Vida de Pirro* em Diógenes Laércio, são as continuações dessa reaproximação com a figura de Pirro e renascimento do pirronismo empreendido por Enesidemo.

Sobretudo, a partir de Enesidemo e à medida que esse renascimento do pirronismo passa a se consolidar, vê-se que as representações de Pirro nos testemunhos começam a assumir gradualmente os atributos mais associáveis decerto à essa nova forma de pirronismo. Tal reformulação da figura de Pirro se torna aparente já em um dos testemunhos que se localizam nesse período intermediário, posterior a Enesidemo duas ou três gerações somente. Trata-se do testemunho que provém do estoico Ário Dídimos – filósofo cortesão de Cesar Augusto no fim do século I a. C e início do século I –, preservado na *Antologia* de João Estobeu no século V, em que lê-se:

---

início do século I a. C.: o primeiro havia assumido um ceticismo mitigado em que se admite a possibilidade de conhecimento, embora não admitisse a noção estoica de representação apreensiva; o segundo submetia a posição acadêmica a uma infusão de doutrina estoica propriamente. Fócio escreve que, segundo Enesidemo, “Aqueles que seguem a Academia, sobretudo a Academia atual, por vezes assumem doutrina estoica e, se é para falar a verdade, parecem estoicos lutando contra estoicos. Eles dogmatizam acerca de muitas coisas. Introduzem tolice e virtude; postulam bem e mal, verdade e falsidade, persuasivo e não persuasivo, existente e não existente, seguramente determinando muitas coisas; eles diferem somente quanto à representação apreensiva [οἱ δ’ ἀπὸ τῆς Ἀκαδημίας, φησί, μάλιστα τῆς νῦν, καὶ Στωικαῖς συμφέρονται ἐνίοτε δόξαις, καὶ εἰ χρὴ τάληθές εἰπεῖν, Στωικοὶ μαχόμενοι Στωικοῖς. δεύτερον περὶ πολλῶν δογματίζουσιν. ἀρετὴν τε γὰρ καὶ ἀφροσύνην εἰσάγουσιν, καὶ ἀγαθὸν καὶ κακὸν ὑποτίθενται, καὶ ἀλήθειαν καὶ ψεῦδος, καὶ δὴ καὶ πιθανὸν καὶ ἀπιθανὸν καὶ ὄν καὶ μὴ ὄν, ἄλλα τε πολλὰ βεβαίως ὀρίζουσι, διαμφισβητεῖν δὲ φασὶ περὶ μόνης τῆς καταληθτικῆς φαντασίας]” (Fócio, *Bibl.*, 212, 170a14-22 apud POLITO, 2014, p. 74, 113). Acredita-se que essa avaliação negativa da posição filosófica da academia, junto com o adjetivo usado para caracterizar Lúcio Tubero, “membro conjunto” [συναϊρεσιώτης], sugeriria que Enesidemo, conjuntamente com Tubero, fora um membro da academia, mas que a teria rejeitado, tornando-se um dissidente e montando seu próprio círculo de intelectuais, o pirronismo renascido, em resposta a essa posição filosófica acadêmica. Num outro sentido, nós preferimos a interpretação proposta por Caizzi (1992, p. 182-184) e reforçada por Polito (2014, p. 43-44), segundo a qual, apesar da influência decisiva da filosofia da academia sobre Enesidemo, esse adjetivo “membro conjunto” [συναϊρεσιώτης] pertence ao vocabulário bizantino de Fócio, expressa, na verdade, uma hostilidade em relação à academia e é usado no texto para se referir somente a Lúcio Tubero, não a Enesidemo. A conclusão disso é a de que Enesidemo nunca fez parte da academia, não obstante sua bagagem filosófica notadamente acadêmica.

<sup>178</sup> Se se tomam o sumário do projeto filosófico acadêmico em Cícero (*Academica*, II, 3, 8) e o projeto pirrônico no epítome de Fócio do livro I dos *Argumentos dos Pirrônicos* de Enesidemo (Fócio, *Bibl.*, 212, 169b18-31 apud POLITO, 2014, p. 62 et seq), dois elementos se interseccionam: primeiro, a noção de que não há apreensão das coisas, portanto não há conhecimento; depois, o acadêmico de Cícero e o pirrônico de Enesidemo partem da não apreensão, enquanto que os outros filósofos creem possuir a apreensão das coisas e o consequente conhecimento. Cf. POLITO, 2014, p. 63 et seq.

A filosofia é, pois, a caça e o anseio pela verdade; alguns dos que filosofaram diziam tê-la encontrado, tais como Epicuro ou os estoicos. Mas outros continuam ainda a investigar, estando ela junto aos deuses, e não sendo a sabedoria uma coisa humana; Sócrates e Pirro afirmavam isso<sup>179</sup>

Aqui, parece haver uma transformação sutil. Essa representação de Pirro como alguém que continua a “investigar” a verdade é típica do modo como o pirrônico tardio, aquele descrito por Sexto Empírico, caracteriza a si mesmo<sup>180</sup>. Agora, o que se deve reparar é que essa representação não coincide com o traço mais típico da representação de Pirro que se vê entre os testemunhos do período antigo. Isto é, nos testemunhos do período mais antigo é típico depara-se com descrições do comportamento e disposição de Pirro – a atitude de indiferença; a impassibilidade; a tranquilidade. Ora, é justo, então, supor que dificilmente Ário Dídimo concebesse Pirro como alguém que continua a “investigar” sem que essa concepção fosse mediada pela forma que o pirronismo assume depois de sua retomada por Enesidemo. Essa mudança na representação de Pirro é indicada pela escolha do termo que se traduz em “investigar”<sup>181</sup>. Precisamente, é desse termo que se deriva o adjetivo que compõe um dos nomes pelos quais os pirrônicos tardios denominam a si mesmos, isto é, o adjetivo “zetéticos”, que significa “investigadores”<sup>182</sup>. Em Sexto, lê-se: “A conduta cética é chamada de zetética por conta de sua atividade de inquirição e investigação”<sup>183</sup>; em Diógenes, lê-se: “eram chamados de pirrônicos, por conta de seu mestre; também [eram chamados] de aporéticos, céticos, eféticos e zetéticos [...]. Zetéticos por investigarem a verdade de tudo”<sup>184</sup>. Dificilmente Ário Dídimo não teria sofrido a influência do pirronismo que estava então se difundido, isto é, o pirronismo proposto por Enesidemo.

Algo semelhante é visto em outro dos testemunhos sobre Pirro, situado nesse período intermediário, e próximo cronologicamente<sup>185</sup> a Ário Dídimo – portanto posterior a Enesidemo

<sup>179</sup> Ário Dídimo apud Estobeu, *Antologia*, II, 1, 17, apud CAZZI, 1981, p. 69 [ἡ μὲν γὰρ φιλοσοφία θήρα τῆς ἀληθείας ἐστὶ καὶ ὄρεξις. τῶν δὲ φιλοσοφούντων ἔνιοι εὖρειν φασὶ τὸ θηήραμα, ὡς Ἐπίκουρος καὶ οἱ Στωικοί· οἱ δὲ ἀκμὴν ἔτι ζητεῖν ὡς πρὸς θεοῖς ὄν, καὶ τῆς σοφίας οὐκ ἀνθρωπίνου χρήματος ὄντος· οὕτως ἔλεγε Σωκράτης καὶ Πύρρων].

<sup>180</sup> Cf. Sext., *P.*, I, 1.

<sup>181</sup> [ζητεῖν].

<sup>182</sup> Cf. POLITO, 2014, p. 9 et seq, 58, que supõe que não é mera coincidência o uso do termo “investigar” [ζητεῖν] na passagem de Ário Dídimo. Ele supõe que está pensando em Pirro a partir da filosofia de Enesidemo. É de “investigar” [ζητεῖν] que deriva o adjetivo usado como um dos nomes para se referir aos membros da tradição pirrônica tardia, isto é, “investigadores” ou “zetéticos” [ζητητικοί].

<sup>183</sup> Sext., *P.*, I, 7 [Ἡ σκεπτικὴ τοῖνον ἀγωγή καλεῖται μὲν καὶ ζητητικὴ ἀπὸ ἐνεργείας τῆς κατὰ τὸ ζητεῖν καὶ σκέπτεσθαι].

<sup>184</sup> D. L., IX 69-70 [οὗτοι πάντες Πυρρώνειοι μὲν ἀπὸ τοῦ διδασκάλου, ἀπορητικοὶ δὲ καὶ σκεπτικοὶ καὶ ἔτι ἐφεκτικοὶ καὶ ζητητικοὶ [...]. ζητητικοὶ μὲν οὖν ἀπὸ τοῦ πάντοτε ζητεῖν τὴν ἀλήθειαν].

<sup>185</sup> A datação para o *Comentário* é difícil. Ele parece estar no fim do século I a. C. ou início do século I; é certamente posterior a Enesidemo e ao seu pirronismo refundado. Para essa datação, cf. MATOSO, 2019, p. 2-3.

em duas ou três gerações somente. Trata-se do *Comentário anônimo ao Teeteto de Platão*. Nele, lê-se:

Quando Teeteto, interrogado sobre o que seria o conhecimento, usou a expressão ‘como me aparece agora’, Sócrates entendeu que Teeteto não exitava em dizer aquilo que lhe parecia; isso [o que lhe parecia] ele [Teeteto] considerava ser conhecimento. Pois ele [Teeteto] não usava a expressão no sentido pirrônico, em que não se dogmatiza nada determinadamente e se fala sobre o que é aparente. Porque, de acordo com o homem [Pirro], a razão não é o critério, nem o é a impressão verdadeira nem a persuasiva nem a apreensiva nem nenhuma outra, mas [critério é] aquilo que lhe é aparente no momento. Se algo é tal ou não tal, ele não diz. [Isso] não se revela para ele, porque ele pensa serem de igual força os argumentos contrários, o que nivela as representações, não restando em nenhuma dessas rerepresentações a diferença entre verdadeiro e falso, persuasivo e não persuasivo, evidente e obscuro, apreensiva e não apreensiva, sendo todas elas iguais. E [igualmente] isso ele não dogmatiza; [ele] age de acordo com a representação que sempre se apresenta, não [porque é tomada] como a verdadeira, mas porque assim lhe parece no momento<sup>186</sup>

Nesse testemunho veem-se atribuídos a Pirro os mesmos elementos também atribuídos a ele no segundo dos testemunhos de Enesidemo em Diógenes Laércio, citado acima – em que lê-se “Enesidemo, no primeiro livro dos seus *Argumentos dos pirrônicos*, afirma que Pirro nada determinava dogmaticamente, por conta dos argumentos opostos, mas seguia as aparências”<sup>187</sup>. Ora, veem-se repetidos tanto a recusa em determinar as coisas dogmaticamente quanto a contrariedade entre argumentos de igual força quanto a adoção da aparência como o critério. Desses elementos listados, somente a noção de “aparência” remeter-se-ia, possivelmente, ao conteúdo típico dos testemunhos mais antigos – essa noção se remeria a um único testemunho, que consiste em um dos versos de Tímon sobre a força das aparências em que se lê: “mas a aparência vigora sobre tudo, aonde quer que se vá”<sup>188</sup>. Os outros elementos citados – a noção de que não se determina nada dogmaticamente; e a de contrariedade entre argumentos de igual força –, por outro lado, simplesmente não estão em nenhum dos testemunhos mais antigos. Além do que, de fato, quanto aos versos de Tímon que nos restaram, em nenhum deles nem

<sup>186</sup> Anônimo, *Comentário ao Teeteto de Platão*, col. 60, 48 apud CAZZI, 1981, p. 73 [ἐπει ὁ / Θεαίτητος ἐπερωτηθεὶς περὶ ἐπιστήμης, / τί ἐστίν, εἶπεν 'Καὶ / ὡς γε νυνὶ φαίνεται', / ἀποδέχεται Σωκράτης, ὅτι οὐκ ὀκνεῖ λέγειν, ὃ φαίνεται αὐτῶν καὶ νομίζει εἶναι τὴν ἐπιστήμην. / οὐ γὰρ ἐκεῖνο φησὶν / τὸ Πυρρώνειον, ὅτι / οὐδὲν καθοριστικῶς / ἄν τ[ι]ς δογματίζοι, / ἀλλὰ φησὶν φαίνεσθαι αὐτῶν. κατὰ γὰρ τὸν / ἄνδρα οὔτε ὁ λόγος / κριτήριον οὔτε ἀληθείας φαντασία οὔτε / πιθανὴ οὔτε καταληπτικὴ οὔτε ἄλλο / τι τ[οιοῦ]τον, ἀλλ' ὅτι / νῦν αὐτῶν φαίνε[τ]αι. εἰ δὲ τοιοῦτόν ἐστιν / ἢ οὐκ ἐστίν, οὐκ ἀποφαίνεται διὰ τὸ οἴεσθαι ἰσοκρατεῖς εἶναι τοὺς εἰς τὰ ἐναντία λόγους καὶ ἐξωμολίξειν τὰς φαντασίας καὶ μηδεμίαν ἐν / αὐταῖς ἀπολείπειν / διαφορὰν κατὰ τὸ ἀληθὲς ἢ ψεῦδος, πίθανον ἢ ἀπίθανον, / ἐναργὲς ἢ ἀμυδρόν, / καταληπτόν ἢ ἀκατάληπτον, ἀλλὰ πάσας εἶναι ὁμοίας, οὐδὲ τοῦτο δογματίζοντος, ὡς ἔπειτα τὸ διεξάγειν κατὰ / τὴν αἰεὶ προσπίπτουσαν φαντασίαν, οὐχ ὡς ἀληθῆ, ἀλλ' ὅτι / νῦν αὐτῶν φαίνε[τ]αι].

<sup>187</sup> D. L., IX, 106.

<sup>188</sup> Tímon apud D. L., IX, 105; Sext., *M.*, VII, 30 [ἀλλὰ τὸ φαινόμενον πάντῃ σθένει, οὔπερ ἄν ἔλθῃ].

sequer se veem o verbo “determinar”<sup>189</sup> ou o verbo “dogmatizar”<sup>190</sup>, que aparecem ambos repetidos nesses testemunhos intermediários acima.

É interessante, no mesmo sentido, reparar no que escreve Fócio, patriarca de Constantinopla do século IX, no seu epítome dos oito livros dos *Argumentos dos pirrônicos* de Enesidemo, em que ele descreve o que continha na obra de Enesidemo e que é o único relato restante desse conteúdo. A seguir, está uma passagem do epítome do primeiro livro: ora, precisamente, uma passagem referente à obra e ao livro que são ambos mencionados no testemunho atribuído a Enesidemo em Diógenes Laércio. Escreve Fócio:

De fato, eles [os pirrônicos, de acordo com Enesidemo] não afirmavam que há o verdadeiro ou o falso, persuasivo ou não persuasivo, existente ou não existente. Mas que a mesma coisa, pode-se dizer, é não mais verdade do que falsidade, persuasiva do que não persuasiva, existente do que não existente; ou, por vezes, [a mesma coisa] é de um tipo, por vezes de outro; ou de um tipo para uma pessoa, mas de outro tipo para outra pessoa. No geral, o pirrônico nada determina<sup>191</sup>

Aqui, embora esteja ausente a noção de aparência como critério, vê-se que diversos elementos daquele *Comentário anônimo ao Teeteto* e da passagem do epítome de Fócio acima se interseccionam: notadamente, ambos falam de uma falta de diferença entre verdadeiro e falso, persuasivo e não persuasivo; e ambos indicam que o pirrônico nada determina. Dificilmente, portanto, os dois textos não estariam descrevendo a mesma perspectiva de filosofia.

Então, recapitulando, segundo Diógenes Laércio, Enesidemo atribui a Pirro certa perspectiva filosófica no primeiro livro dos *Argumentos dos pirrônicos*; perspectiva essa cujos elementos se veem atribuídos a Pirro também no *Comentário anônimo ao Teeteto* numa passagem que dificilmente não trataria da mesma perspectiva filosófica que se vê no epítome, precisamente, do primeiro livro dos *Argumentos dos pirrônicos*, obra que expõe a reformulação do pirronismo proposto por Enesidemo. O *Comentário anônimo* atribui a Pirro a mesma perspectiva de filosofia que Enesidemo atribui a Pirro no testemunho em Diógenes Laércio, isto é, a mesma perspectiva que se vê no epítome dos *Argumentos dos pirrônicos*, escrito por Fócio. Ora, mais uma vez, vê-se que estamos diante daquela transformação no modo como Pirro é representado a partir desses testemunhos intermediários: isto é, esses textos do período

<sup>189</sup> [ὀρίζειν].

<sup>190</sup> [δογματίζειν].

<sup>191</sup> Fócio, *Bibliotheca.*, 212, 170a apud POLITO, 2014, p. 74 [καὶ μὴν [εἴρηκεν] οὐδ' ἀληθινὸν οὐδὲ ψεῦδος, οὐδὲ πιθανὸν οὐδ' ἀπίθανον, οὐδ' ὄν οὐδὲ μὴ ὄν, ἀλλὰ τό αὐτὸ ὡς εἰπεῖν οὐ μᾶλλον ἀληθὲς ἢ ψεῦδος, ἢ πιθανὸν ἢ ἀπίθανον, ἢ ὄν ἢ οὐκ ὄν, ἢ τότε μὲν τοῖον τότε δὲ τοῖον, ἢ ᾧ μὲν τοιονδὶ ᾧ δὲ καὶ οὐ τοιονδὶ.. καθόλου γὰρ οὐδὲν ὁ Πυρρώνιος ὀρίζει].

intermediário nos mostram com a representação de Pirro passa a assumir os traços do pirronismo renovado típicos das obras de Enesidemo.

Agora, num outro sentido, apesar da influência de Enesidemo sobre a representação de Pirro e sobre a concepção de pirronismo nos escritos que o sucedem, há um caso curioso que, não obstante, pertence também a esse período intermediário. Trata-se dos testemunhos que estão nos escritos de Cícero, o célebre estadista e filósofo romano. Existem diversas menções a Pirro, portanto testemunhos, espalhados entre os escritos filosóficos de Cícero<sup>192</sup>. De fato, está em Cícero a primeira ocorrência do adjetivo que serve para se referir aos seguidores de Pirro, isto é, o adjetivo “pirroneanos”<sup>193</sup>. Entretanto, nos escritos de Cícero, curiosamente, a representação de Pirro assume somente um aspecto: ele a de um severo moralista. Em termos cronológicos, Cícero e Enesidemo são contemporâneos quase emparelhados. Existe, inclusive, um elemento que interliga um ao outro: Enesidemo dedica aquela obra mencionada acima, seus *Argumentos dos pirrônicos*, a certo Lúcio Tubero, um político romano de família ilustre, que é mencionado nos escritos de Cícero, retratado como um amigo estimado<sup>194</sup>. Agora, quanto ao próprio Enesidemo, Cícero não o menciona em momento algum em nenhum dos seus escritos. Cícero não menciona nem Enesidemo nem Tímon, principal difusor da filosofia de Pirro, embora mencione esse diversas vezes. Na verdade – e este é outro aspecto curioso dos testemunhos de Cícero – se se tomam as menções de Cícero sobre Pirro e pirronismo, a única conclusão possível é a de que essa seria uma forma de filosofia que há muito teria acabado, seria uma filosofia esquecida. De fato, isso é o que se vê expressamente nos escritos de Cícero: tal como quando ele escreve “Pirro, Aríston e Hérilos há muito foram abandonados”<sup>195</sup>; ou “Aríston, Pirro e Hérilos há muito tempo foram rejeitados”<sup>196</sup>; ou “[...] se proclamaram socráticos: os erétrios, os herilianos, os megáricos e os pirroneanos. Mas graças às suas argumentações, já há muito tempo se enfraqueceram e se extinguiram”<sup>197</sup>.

Todos os numerosos testemunhos sobre Pirro nos escritos de Cícero seguem um padrão semelhante ao que se vê repetido nesses citados acima: Cícero nunca menciona Pirro sem

<sup>192</sup> Cícero, *Academica* II, 42, 130; *De finibus*, II, 11, 35; II, 13, 43; III, 3, 11, IV, 16, 43; IV, 18, 49; IV, 22, 60; V, 8, 23; *De officiis*, I, 6; *De Oratore*, III, 17, 62; *Tusculanae disputationes*, II, 6, 15; V, 30, 85. Cf. CAZZI, 1981, p. 64-69.

<sup>193</sup> Trata-se da ocorrência de “*pyrrhoneorum*” em *De Oratore*, III, 17, 62. Cf. CAZZI, 1981b, p. 122; GAZZINELLI, 2009, p. 80.

<sup>194</sup> Lúcio Tubero é mencionado em Cícero, *Pro Ligario*, 21; *Ad Quintus fr.*, 1. 1. 10, cf. CAZZI 1992, p. 180.

<sup>195</sup> Cícero, *De finibus*, II, 11, 35 [Nam Pyrrho, Aristo, Erillus iam diu abiecti]. [Apesar de provermos a citação em língua latina, as nossas traduções não são diretas nos casos das citações em língua latina; isto é, são traduções de traduções modernas citadas na nossa bibliografia].

<sup>196</sup> Cícero, *De officiis*, I, 6 [...] Aristonis, Pyrrhonis, Erilli iam pridem explosa sententia est;].

<sup>197</sup> Cícero, *De Oratore*, III, 17, 62 [...] sese omnes fere Socraticos esse dicebant, Eretrorum, Erilliorum, Megaricorum, Pyrrhoneorum. sede a horum ui et disputationibus sunt iam diu fracta et extincta].

mencionar o estoico Aríston de Quios, de quem falamos acima<sup>198</sup>, ou o estoico Hérilos de Cartago<sup>199</sup> ou os dois. É como se, para Cícero, não houvesse diferença significativa entre a posição de Pirro e a posição desses dois estoicos. Ele distingue entre as perspectivas de Pirro e Aríston, na verdade, somente uma vez em seus escritos. Nessa vez, discute-se a relação que se deve estabelecer com a classe de coisas que o estoico Zenão de Cítio chamou de “indiferentes”<sup>200</sup>, isto é, coisas que não contribuem para a felicidade, mas para as quais se reserva algum peso prático, tais como saúde, riqueza, beleza etc. Segundo Cícero, enquanto Aríston reserva a atitude da indiferença<sup>201</sup> em relação a essa categoria zenoniana das coisas indiferentes, Pirro vai mais além: ele nem mesmo as sente, isto é, reserva a elas a atitude da impassibilidade<sup>202</sup>. Escreve Cícero:

Aríston, que foi discípulo de Zenão, pôs em prática aquilo que esse somente teorizou: que nada senão a virtude é um bem e nada senão o contrário da virtude é um mal. Ele rejeitou totalmente as diferenças nas coisas intermediárias, que queria Zenão. Para Aríston, o sumo bem consistia em não ser atraído nem em um sentido nem em outro para tal classe de coisas [a dos inintermediários ou indiferentes]: o que ele chamava de “indiferença”. Já Pirro afirmava que essas coisas o sábio nem mesmo sente: o que ele chamava de “impassibilidade”<sup>203</sup>

Agora, de fato, nos escritos de Cícero, diversos aspectos da posição filosófica de Aríston são descritos isoladamente<sup>204</sup>. Mas o mesmo não acontece com Pirro, que é mencionado somente junto a Aríston e Hérilos, nunca isoladamente, e nenhum detalhe de sua perspectiva filosófica é discutido; de todas as menções de Cícero a Pirro, a citação acima é a mais informativa.

É sugerido um motivo para a maneira como Pirro aparece nos escritos de Cícero: possivelmente, o que Cícero conhecia sobre Pirro deveria advir de alguma fonte que, ao mesmo tempo em que agrupa Pirro junto a Aríston e a Hérilos, todos numa mesma categoria, não é ela

<sup>198</sup> Cf. acima p. 49-51.

<sup>199</sup> Hérilos de Cartago (possivelmente da Calcedônia, em vez de Cartago) foi um dos discípulos de Zenão de Cítio; semelhante ao colega, Aríston de Quios, é dito que escreveu críticas ao mestre. Cf. D. L., VII, 165.

<sup>200</sup> [Προηγμένον]

<sup>201</sup> [ἀδιαφορία].

<sup>202</sup> [ἀπάθεια]; Cf. Plutarco, *De profectibus in virtute*, 82e-f.

<sup>203</sup> Cícero, *Academica*, II, 42 130 [Aristonem, qui cum Zenonis fuisset auditor, re probavit e aquae ille uerbis, nihil esse bonum nisi uirtutem nec malum nisi quod uirtuti esset contrarium; in mediis ea momenta, quae Zeno uoluit, nulla esse censuit. Huic summum bonum est in his rebus neutram in partem moueri, quae ἀδιαφορία ab ipso dicitur. Pyrrho autem ea ne sentire quidem sapientem, quae ἀπάθεια nominatur].

<sup>204</sup> Cícero menciona Aríston sem mencionar Pirro em *De finibus*, III, 15, 50; IV, 15, 40; IV, 17, 47; IV, 24, 68; IV, 25, 69; V, 25 73. Em *Academica*, II, 39, 123, Cícero menciona Aríston quanto ao tema da rejeição do estudo da física. Em *De natura deorum*, I, 37, menciona-o quanto ao tema da negação da possibilidade de compreender a forma dos deuses ou se esses são seres vivos; na mesma obra, em III, 77, menciona-o quanto ao tema da nocividade dos filósofos para seus ouvintes quando esses ouvintes interpretam mal os dizeres dos filósofos.

mesma informativa quanto às diferenças entre a posição dele e as dos dois estoicos<sup>205</sup>. Algo que corresponde bem a essa descrição é o que, em *De finibus*, aparece como uma classificação que divide as perspectivas de filosofia quanto ao que elas assumem ser o sumo bem e que Cícero atribui ao escolarca acadêmico Carnéades de Cirene: o que ele chama de *Carneadea divisio*<sup>206</sup>. Carnéades pretendeu argumentar contra todas as perspectivas éticas, então ele dividiu uma classificação cujo propósito seria o de elencar tanto as perspectivas mantidas por filósofos, passados e presentes, quanto todas as perspectivas possíveis. A premissa conceitual sobre a qual a classificação de Carneades se funda é a seguinte: a expertise da prudência, assim como toda expertise, deve ter algo além de si mesma como objeto, como, por exemplo, a medicina, que é a expertise da saúde, ou a náutica, que é a expertise de operar navios; assim, porque o propósito da prudência é habilitar a melhor vida humana possível, aquilo para o que ela se dirige deve ser algo fundamentalmente apropriado à natureza humana, com a consequência de que é criado o impulso natural em direção a essa coisa. Três coisas são listadas como apropriadas à natureza humana: o prazer, a emancipação quanto à dor e, por último, as “coisas primárias em relação à natureza”<sup>207</sup>. Portanto, o sumo bem pode ser definido ou como a obtenção dessas coisas ou como o estado em que se busca obter essas coisas.

Todavia – e esta é a parte que mais nos interessa –, a *Carneadea divisio* menciona também as perspectivas que não se enquadram na classificação. Isto é, as perspectivas que não aceitam a premissa conceitual sobre a qual a classificação de Carneades se funda, a saber, a de que a expertise que leva ao sumo bem deve partir da identificação do objeto para o qual a natureza humana se dirige. As perspectivas que não se enquadram nessa classificação de Carneades são, segundo Cícero, expressamente, as “teorias de Pirro, Aríston e Hérilos, descreditadas e abandonadas”<sup>208</sup>. De acordo com a classificação, esses três filósofos são os que tomam como absolutamente indiferentes todas as coisas que não possuem elementos de virtude<sup>209</sup>, de modo que, além da própria prudência – que é a expertise em que se busca o que é o mais apropriado à natureza humana e que, nesse sentido, contém a virtude –, para estes três, Pirro, Aríston e Hérilos, nenhuma outra coisa possui valor sob a perspectiva da natureza

<sup>205</sup> CAIZZI, 1981, p. 268-270; LONG e SEDLEY, 1987, v. 2, p. 12; BETT, 2000, p. 103-105.

<sup>206</sup> Sobre a *Carneadea divisio*, cf. Cícero, *De finibus*, V, 6, 16. Carnéades foi o quarto escolarca da academia depois de Arcesilau. Assim como esse seu ilustre predecessor, Carnéades foi o dialético mais proficiente de sua época e desenvolveu a sua filosofia em continuação com as posições da não-apreensão e da suspensão de juízo. Carnéades não deixou nada em escrito. Supõe-se que a fonte de Cícero para a *Carneadea divisio* seja Clitômaco de Cartago, discípulo e escolarca sucessor de Carnéades, e escritor das posições do mestre, mas isso é totalmente especulativo; cf. CAIZZI, 1981a, p. 269.

<sup>207</sup> Cícero, *De finibus*, V, 6, 18 [prima secundum naturam].

<sup>208</sup> Cícero, *De finibus*, V, 6, 23 [Iam explosae eiectaeque sententiae Pyrrhonis, Aristonis, Erilli].

<sup>209</sup> Ibidem.

humana. Esse, então, parece ser o motivo pelo qual Pirro é sempre posto no mesmo grupo em que estão Aríston e Hérilos nos escritos de Cícero: isto é, o que Cícero sabe sobre a filosofia de Pirro, a partir de sua fonte, a classificação de Carnéades – a *Carneadea divisio* –, parece ser somente aquilo que se intersecciona com as perspectivas dos estoicos heterodoxos Aríston e Hérilos. Ora, se esse é o caso, então a fonte de Cícero, o material originário em que se encontrava a classificação de Carnéades, talvez fosse uma que, dada a parcialidade de seu escopo, apresentava limitações severas quanto às descrições que fazia da perspectiva filosófica de Pirro, o que faz de Cícero também uma fonte limitada quanto à filosofia de Pirro, naturalmente.

Por último dentre os testemunhos do período intermediário, está o importante testemunho de Aristocles de Messina<sup>210</sup>, peripatético que viveu entre o final do século I a. C. e o início do século I d. C, portanto posterior a Enesidemo cerca de duas gerações<sup>211</sup>. Comparado com o de Cícero, o testemunho de Aristocles difere significativamente. Cícero apresenta Pirro de modo limitado, sob um só aspecto, sempre junto a Aríston e Hérilo e sem mencionar nenhum outro nome associável ao pirronismo. Aristocles, por outro lado, apresenta Pirro na forma de sumário em que são abordados vários aspectos de sua filosofia; menciona Tímon e duas de suas obras, o *Python* e os *Sillói*, no que discute sobre aspectos da primeira e cita diretamente versos da segunda; menciona Enesidemo e uma de suas obras, os seus *Esboços*<sup>212</sup>; e menciona algumas das anedotas derrisórias de Antígono de Caristo sobre Pirro.

Os testemunhos de Aristocles estão todos na sua refutação do pirronismo, pertencente a obra sua mais extensa, o *Sobre a Filosofia*<sup>213</sup>, composta em dez livros, mas que se perdeu quase completamente. Do escrito de Aristocles sobraram alguns excertos de extensão considerável, que são todos citados ao pé da letra<sup>214</sup> por Eusébio, o bispo de Cesaréia do século III e início do século IV, em sua *Preparação para o evangelho*, obra cujo propósito é o de demonstrar a excelência do cristianismo diante das religiões e filosofias pagãs. Na *Preparação*, Eusébio usa as refutações de autores pagãos contra outros pagãos com o fim de mostrar um desacordo insuperável que há entre esses autores pagãos, de maneira a enfatizar a unidade que há entre os autores da tradição judaico-cristã. E é com esse fim que Eusébio usa os escritos de Aristocles. Um dos excertos de Aristocles citado por Eusébio consiste em uma polêmica dirigida a Pirro,

<sup>210</sup> Aristocl. *apud* Euséb. *Praep. euang.* XIV, XVIII, 1-30.

<sup>211</sup> Tratamos da datação de Aristocles de modo mais detalhado mais à frente, no próximo capítulo.

<sup>212</sup> Cf. D. L., IX, 78, em que o título completo da obra aparece como *Esboços para as coisas pirrônicas* [Ἰσοτόπωσις εἰς τὰ Πυρρώνεια].

<sup>213</sup> [Περὶ Φιλοσοφίας]

<sup>214</sup> Aristocl. *apud* Euséb., XIV, XVII, 10, [ὡδε πη πρὸς λέξιν ἔχοντος]; Aristocl. *apud* Euséb., XI, II, 6, [λέγων πρὸς ῥῆμα].

Tímon e o pirronismo como um todo, que toma a forma de uma refutação contra o pirronismo. Nos passos iniciais dessa, Arístocles dispõe primeiro uma breve introdução, em que o projeto da refutação é justificado, em seguida ele dispõe um sumário da filosofia de Pirro a partir do que escreveu seu discípulo, Tímon, sumário esse que servirá como objeto da refutação.

A passagem de Arístocles, em que estão dispostos a introdução e o sumário da filosofia de Pirro e Tímon, é a seguinte:

Necessariamente, tem de se investigar, antes de tudo, acerca do nosso próprio conhecimento: pois se, por natureza, nada conhecemos, então já não nos é preciso investigar acerca de outras coisas. Entre os antigos, havia alguns que propunham esse discurso também; contra os quais Aristóteles argumentou. Pirro de Élis foi um forte defensor desse discurso, mas ele próprio não nos deixou nada em escrito. Por outro lado, seu discípulo, Tímon de Flíus, diz que aquele que pretende ser feliz deve observar três questões: primeiro, como são as coisas por natureza; segundo, de que modo devemos nos dispor diante delas; finalmente, qual é o resultado àqueles que assim se dispõem. Ele [Tímon] diz que Pirro revela que as coisas são igualmente indiferenciadas, instáveis e indeterminadas; por esse motivo, nem as nossas sensações nem as nossas opiniões dizem o verdadeiro ou o falso. Portanto, não se deve confiar nelas, mas ser sem opiniões, sem inclinações e sem oscilação, acerca de cada coisa dizendo que não mais é do que não é; ou [não mais] tanto é e não é; ou [não mais] nem é e nem não é. O resultado àqueles que assim se dispõem Tímon diz ser, primeiro, a mudez, depois a imperturbabilidade; Enesidemo diz ser o prazer.<sup>215</sup>

Alguns elementos apontam para a confiabilidade do testemunho de Arístocles. Trata-se do seguinte. Além da refutação que Arístocles dirige contra Pirro e pirronismo, há outros excertos do seu *Sobre a filosofia*, todos preservados na *Preparação* de Eusébio, e que têm como objeto outros filósofos e suas filosofias. Em Eusébio há excertos do livro VII do *Sobre a Filosofia*, em que Arístocles trata de Platão, de Aristóteles e dos estoicos; e há excertos do livro VIII, em que Arístocles trata dos eleatas, dos cirenaicos, de Metrodoro de Quios junto com Protágoras, e dos epicuristas – Pirro e pirronismo também estão nesse livro VII. Se se comparam os excertos em que Arístocles descreve essas doutrinas contra os escritos originais

<sup>215</sup> Aristoccl., apud Euséb., *Praep. euang.*, XIV, XVIII, 1-4 [Ἀναγκαίως δ' ἔχει πρὸ παντὸς διασκέψασθαι περὶ τῆς ἡμῶν αὐτῶν γνώσεως· εἰ γὰρ αὐ μὴδὲν πεφύκαμεν γνωρίζειν, οὐδὲν ἔτι δεῖ περὶ τῶν ἄλλων σκοπεῖν. ἐγένοντο μὲν οὖν καὶ τῶν πάλαι τινὲς οἱ ἀφέντες τήνδε τὴν φωνήν, οἷς ἀντίρρηκεν Ἀριστοτέλης. ἴσχυσε μὲν τοιαῦτα λέγων καὶ Πύρρων ὁ Ἡλείος· ἀλλ' αὐτὸς μὲν οὐδὲν ἐν γραφῇ καταλέλοιπεν, ὁ δὲ γε μαθητὴς αὐτοῦ Τίμων φησὶ δεῖν τὸν μέλλοντα εὐδαιμονήσειν εἰς τρία ταῦτα βλέπειν· πρῶτον μὲν, ὅποια πέφυκε τὰ πράγματα· δεύτερον δὲ, τίνα χρὴ τρόπον ἡμᾶς πρὸς αὐτὰ διακειῖσθαι· τελευταῖον δέ, τί περίεσται τοῖς οὕτως ἔχουσι. τὰ μὲν οὖν πράγματά φησιν αὐτὸν ἀποφαίνειν ἐπιτήσης ἀδιάφορα καὶ ἀστάθμητα καὶ ἀνεπίκριτα, διὰ τοῦτο μῆτε τὰς αἰσθήσεις ἡμῶν μῆτε τὰς δόξας ἀληθεύειν ἢ ψεύδεσθαι. διὰ τοῦτο οὐ μὴδὲ πιστεύειν αὐταῖς δεῖν, ἀλλ' ἀδοξάστους καὶ ἀκλινεῖς καὶ ἀκραδάντους εἶναι, περὶ ἐνὸς ἐκάστου λέγοντας ὅτι οὐ μᾶλλον ἔστιν ἢ οὐκ ἔστι ἢ καὶ ἔστι καὶ οὐκ ἔστι ἢ οὔτε ἔστιν οὔτε οὐκ ἔστιν. τοῖς μέντοι γε διακειμένοις οὕτω περιέσθαι Τίμων φησὶ πρῶτον μὲν ἀφασίαν, ἔπειτα δ' ἀταραξίαν, Αἰνῆσιδεμος δ' ἠδονήν]. Apresentamos no texto principal uma dentre algumas das traduções possíveis para a passagem; a nossa tradução leva em conta escolhas interpretativas das quais trataremos ao longo do nosso último capítulo.

dos autores dessas doutrinas ou contra outros escritos em que essas doutrinas são discutidas, vê-se que os excertos de Arístocles consistem em boas descrições, certamente condizentes com as doutrinas desses outros autores<sup>216</sup>.

Sobretudo, no que concerne àquela remodelação da figura de Pirro, que se dá sob a influência do pirronismo empreendido por Enesidemo, observa-se o seguinte no caso do testemunho de Arístocles. Apesar da menção a Enesidemo e a uma de suas obras, vê-se claramente que Enesidemo aparece somente ao final, somente como um aditivo. Isto é, Arístocles não se dirige ao pirronismo de Enesidemo diretamente, mas indiretamente, na medida em que ele pretende tratar do pirronismo como um todo. Vê-se que a polêmica de Arístocles é dirigida especialmente contra Pirro, cuja perspectiva e disposição filosófica são aquelas representadas nos escritos de Tímon: Arístocles dirige as hostilidades contra o que ele acredita serem as principais figuras no pirronismo, Pirro e Tímon, que, nessa capacidade, são os alicerces a partir do que o pirronismo como um todo é erigido, portanto alvos interessantíssimos. É somente nesse sentido que esse ataque inclui a menção a Enesidemo e suas obras. A importante consequência disso é que a seção textual que trata do pirronismo de Pirro e Tímon – o testemunho de Arístocles propriamente – não parece sofrer a influência do pirronismo retomado por Enesidemo. A perspectiva atribuída a Pirro e disposta em sumário, o objeto da refutação, é aquela referente ao primeiríssimo pirronismo, isto é, aquela que está nos escritos de Tímon, porque, novamente, é essa a perspectiva que serve melhor aos interesses refutativos de Arístocles.

### 3.3 Testemunhos tardios

De volta à divisão cronológica, por fim estão os testemunhos do período tardio. Esses correspondem aos testemunhos remetentes ao período pós-helenístico em diante – a partir da segunda metade do século I até o período medieval.

É nesse período que se situam Sexto e Diógenes, cujos escritos são os mais representativos da tradição do ceticismo pirrônico tardio. Ambos são exemplos notáveis de fontes tardias também para Pirro sabidamente. Mas como vimos no capítulo anterior, apesar seus méritos, os testemunhos que se veem nesses autores possuem suas limitações. Essas limitações, ao que parece, não acontecem por coincidência. O que temos mostrado no presente capítulo é que parece haver uma relação entre o modo como Pirro é representado nesses autores

---

<sup>216</sup> BETT, 2000, p. 16; CHIESARA, 2001, p. xxiv; POLITO, 2014, p. 33. No próximo capítulo, disporemos mais detalhes sobre a precisão com que Arístocles descreve as filosofias sobre as quais ele trata.

tardios e a transformação pela qual passa a figura de Pirro a partir da retomada do pirronismo empreendida por Enesidemo: precisamente, a representação tardia de Pirro parece ser o produto dessa transformação, isto é, a figura de Pirro, à essa altura em que escrevem Sexto Empírico e Diógenes Laércio, já há muito tempo tivera a sua imagem reconstruída em função de representar a forma de pirronismo que é proposta por Enesidemo no já distante século I a. C.

No que concerne a essa transformação, o seguinte dado é significativo. Somente nesse último período da nossa divisão cronológica, portanto num momento tardio, é que o vocábulo “cético”<sup>217</sup> – cujo significado mais antigo, genérico, é “inquiridor” ou “investigador” –, assume o sentido que lhe é reservado mais habitualmente na história da filosofia, isto é, aquele sentido em referência ao pirronismo e à academia de Arcesilau e Carnéades. Sobretudo, o vocábulo “cético”, ao que parece, é consideravelmente posterior a Enesidemo e à sua retomada do pirronismo<sup>218</sup>. A ocorrência mais antiga em que “cético” porta esse sentido está nas *Noites Áticas* de Aulo Gélío, advogado e orador romano, escritas por volta da metade do século II. Essa primeira aparição de “cético” se dá, inclusive, num capítulo em que há também uma menção indireta a Pirro, isto é, um testemunho, portanto interessante para nós. O capítulo é intitulado “Notas breves sobre os filósofos pirrônicos e os acadêmicos e a diferença entre eles”<sup>219</sup>. Nesse capítulo, Aulo Gélío faz menção aos *Modos Pirrônicos*, obra do orador e filósofo hermafrodita Favorino de Arles, que foi seu professor e pelo qual cultivava grande admiração. Ao que parece, ainda que se declarasse um seguidor da academia, Favorino foi um grande simpatizante do pirronismo<sup>220</sup>; as *Noites Áticas*, com toda probabilidade, devem o conteúdo desse capítulo aos *Modos Pirrônicos* de Favorino. Escreve Aulo Gélío:

Aqueles que nós chamamos filósofos pirrônicos são, em grego, chamados de “céticos”, que significa, mais ou menos, “investigadores” e “indagadores”. De fato, eles nada estabelecem; nada definem, mas estão sempre ocupados em investigar e indagar sobre, de todas as coisas, qual delas é a que pode ser definida e estabelecida. Eles até mesmo pensam que propriamente não veem nem ouvem qualquer coisa, mas que sofrem afecções como se vissem e ouvissem. Mais ainda, hesitam e se detêm sobre quais ou do que são feitas as próprias coisas que produzem tais afecções neles; afirmam que por causa do mesclar-se e do amalgamar-se dos sinais do verdadeiro e do falso, a credibilidade e a verdade de todas as coisas parecem de tal modo

<sup>217</sup> [σκεπτικός].

<sup>218</sup> Cf. STRIKER, 1980. p. 54. Segundo Striker, é de se notar que o vocábulo não ocorre em parte alguma no epítome dos *Argumentos dos Pirrônicos* de Enesidemo. No *Sobre a ebriedade* [*De ebrietate*] de Filon de Alexandria – o celebrado filósofo judeu e escritor prolífico, vivo entre o século I a. C. e o início do século I –, o primeiro escrito em que se vê reproduzido o conteúdo que provém de Enesidemo, vocábulo “cético” é utilizado com o sentido ainda genérico de “inquiridor” ou simplesmente como sinônimo de “filósofo” (*De ebrietate*, 202w apud STRIKER, 1980, p. 54). Cf. também SEDLEY, 1983, p. 20.

<sup>219</sup> Aulo Gélío, *Noites Áticas*, XI, 5 [De Pyrronis philosophis quaedam deque Academicis strictim notata: deque inter eos differentia].

<sup>220</sup> BARIGAZZI, 1966. p. 22.

inapreensíveis que qualquer um que não seja precipitado e de juízo fácil deve servir-se da terminologia de que se serviu, diz-se, o fundador dessa filosofia: “algo não mais é deste modo do que daquele modo ou nem um nem outro”. Dizem que, de fato, nós não podemos conhecer as provas ou as reais propriedades de qualquer coisa, e se esforçam para ensinar e mostrar isso de muitos modos. Sobre essa questão, também Favorino compôs dez livros, assaz engenhosos e penetrantes, intitulados *Modos pirrônicos*<sup>221</sup>

E em seguida:

É uma questão antiga discutida por muitos escritores gregos: se os filósofos pirrônicos e os acadêmicos diferem; e de que modo. Ambos são chamados “céticos”, “suspensivos” e “aporéticos”, porque ambos nada afirmam e nada creem ser compreendido<sup>222</sup>

Se se considera Aulo Gélío, que escreve a partir de Favorino, é possível ver que, nesse último período na nossa cronologia, há mesmo uma questão quanto a qual diferença existiria entre pirrônicos e acadêmicos. Como dissemos acima ao tratarmos do novo pirronismo proposto por Enesidemo, esse novo pirronismo, embora propusesse superar a posição acadêmica reivindicando uma continuação da filosofia de Pirro, era ele mesmo tributário, em grande medida, da perspectiva filosófica da academia. E o que parece ser o caso aqui, no testemunho de Aulo Gélío, é que, para os escritores do período, estes três elementos confluem: Pirro, a filosofia da academia e o novo pirronismo de Enesidemo. É nesse sentido que pirrônicos e acadêmicos são ambos chamados de “céticos”, “suspensivos” e “aporéticos”, nomenclatura que, nos escritos tardios, existe para referir-se somente aos pirrônicos<sup>223</sup>, mas que aqui aparecem estendidas a pirrônicos e acadêmicos igualmente.

De um modo muito semelhante, o vocábulo ocorre também num fragmento de Numênio de Apamea, filósofo situado no platonismo médio e contemporâneo de Aulo Gélío. O fragmento provém de sua *Sobre as rupturas na academia de Platão* e é citado por Eusébio de Cesareia na

<sup>221</sup> Aulo Gélío, *Noites Áticas*, XI, 5 apud CAIZZI, 1981, p. 56 [Quos Pyrrhonios philosophos vocamus, hi Graeco cognomento skeptikoi appellantur; id ferme significat quasi "quaesitores" et "consideratores". Nihil enim decernunt, nihil constituunt, sed in quaerendo semper considerandoque sunt, quidnam sit omnium rerum, de quo decerni constituique possit. Ac ne videre quoque plane quicquam neque audire sese putant, sed ita pati adficique, quasi videant vel audiant, eaque ipsa, quae adfectiones istas in sese efficiant, qualia et cuiusmodi sint, cunctantur atque insistunt, omniumque rerum fidem veritatemque mixtis confusisque signis veri atque falsi ita inrensibilem videri aiunt, ut, quisquis homo est non praeceps neque iudicii sui prodigus, his uti verbis debeat, quibus auctorem philosophiae istius Pyrrhonem esse usum tradunt: οὐ μᾶλλον οὕτως ἔχει τόδε ἢ ἐκείως ἢ οὐθετέρως. Indicia enim rei cuiusque et sinceras proprietates negant posse nosci et percipi, idque ipsum docere atque ostendere multis modis conantur. Super qua re Favorinus quoque subtilissime argutissimeque decem libros composuit, quos Pyrrhoneion tropon inscribit]. Cf. Outras versões da expressão “não mais” [οὐ μᾶλλον] em Aristoc., apud Euséb. *Praep., euang.*, XIV, XVIII, 3; D. L., IX, 61; Sext., *P.*, I, 188-191.

<sup>222</sup> Aulo Gélío, *Noites Áticas*, XI, 5 [Vetus autem quaestio et a multis scriptoribus Graecis tractata, an quid et quantum Pyrrhonios et Academicos philosophos intersit. Vtrique enim σκεπτικοί, ἐφεκτικοί, ἀπορητικοί dicuntur, quoniam utriusque nihil adfirmant nihilque comprehendunt].

<sup>223</sup> Cf. Sext., *P.*, I, 7; D. L. IX, 70.

*Preparação para o evangelho*; Eusébio cita Numênio porque, como dissemos acima, A *Preparação* tem como um dos propósitos apontar os desacordos entre os filósofos pagãos. O fragmento é de teor muitíssimo polêmico: nele, Numênio vitupera o acadêmico Arcesilau, que lhe pareceria seria secretamente um pirrônico e traidor da doutrina platônica. No fragmento há também uma menção a Pirro, isto é, um testemunho:

Ainda criança Arcesilau se encontrou com Teofrasto, um homem fraco, que não negava os prazeres do amor; depois, jovem, dado que era belo, tornou-se amante do acadêmico Crantor e encostou-se nele. Provido de uma natureza que não era privada de dotes, aproveitando-se da vantagem que essa lhe dava, ardendo de ambições, obteve de Diodoro [Crono] aquelas elaboradas sutilezas persuasivas, frequentou Pirro (que tomou seus movimentos, de um jeito ou de outro, de Demócrito) e, assim, equipado em todos os sentidos, exceto pelo nome, perseverou pirroneamente em destruir todas as coisas. Os cétricos Mnasea, Filomelo e Tímon o chamavam de cético, como eles mesmos o eram, porque também ele tirou do caminho o verdadeiro, o falso e o provável. Dito pirrônico, portanto, por causa dos pirrônicos, resignou-se a se chamar de acadêmico por respeito ao amante. Mas era pirrônico, exceto pelo nome<sup>224</sup>

Escreve Numênio, como se vê, que o discípulo de Pirro, Tímon, era um “cético”, e que ele mesmo, por sua vez, se referia a Arcesilau também como um “cético”, porque ambos adotavam a forma de filosofia proposta por Pirro. Ora, mais uma vez, também aqui em Numênio, contemporâneo de Aulo Gélio, portanto pertencente ao mesmo período, aqueles três elementos confluem: Pirro e Tímon, principais nomes no primeiro pirronismo, junto com o acadêmico Arcesilau, são todos colocados sob as denominações “pirrônico” e “cético”, essa última muito posterior, posterior até mesmo a Enesidemo, servindo muito provavelmente para denominar a forma de pirronismo que passa a ser proposta por esse último.

Com efeito, se se considera o que se vê aqui, entre esses autores mais tardios, nenhum dos nomes e caracterizações atribuídos aos pirrônicos são prontamente relacionáveis àquele tema comum aos testemunhos situados seguramente entre os mais antigos, isto é, o tema da disposição e comportamento de Pirro. Se se põem em confronto aqueles testemunhos mais antigos contra esses tardios, emergem duas representações de Pirro, bem distantes uma da outra: uma cuja ênfase está na disposição filosófica da tranquilidade, indiferença e impassibilidade; a

<sup>224</sup> Numênio apud Euséb. *Praep., euang.*, XIV, VI, 4-6 [συμβαλὼν γὰρ ἐν παισὶ Θεοφράστῳ, ἀνδρὶ πρᾶφ καὶ οὐκ ἄφυεῖ τὰ ἐρωτικά, διὰ τὸ καλὸς εἶναι ἔτι ὢν ὠραῖος τυχὼν ἐραστοῦ Κράντορος τοῦ Ἀκαδημαϊκοῦ, προσεχώρησε μὲν τούτῳ, οἷα δὲ τὴν φύσιν οὐκ ἀφυῆς τρεχούση χρησάμενος αὐτῇ ῥαδίᾳ γε θερμοσυργῶς ὑπὸ φιλονεικίας, μετασχὼν μὲν Διοδώρου εἰς τὰ πεπανουρηγμένα πιθανά ταῦτα τὰ κομψά, ὠμιληκῶς δὲ Πύρρωνι (ὁ δὲ Πύρρων ἐκ Δημοκρίτου ὄρμητο ἀμόθεν γέ ποθεν) οὕτως μὲν δὴ ἔνθεν καταρτυθεὶς, πλὴν τῆς προσρήσεως, ἐνέμεινε Πυρρωνείως τῇ πάντων ἀναιρέσει. Μνασέας γοῦν καὶ Φιλόμηλος καὶ Τίμων οἱ σκεπτικοὶ σκεπτικὸν αὐτὸν προσονομάζουσιν, ὥσπερ καὶ αὐτοὶ ἦσαν, ἀναιροῦντα καὶ αὐτὸν τὸ ἀληθὲς καὶ τὸ ψεῦδος καὶ τὸ πιθανόν. λεχθεὶς οὖν ἂν αἰτία τῶν Πυρρωνείων Πυρρωνείως, αἰδοῖ τοῦ ἐραστοῦ ὑπέμεινε λέγεσθαι Ἀκαδημαϊκὸς ἔτι. ἦν μὲν τοίνυν Πυρρωνείως, πλὴν τοῦ ὀνόματος].

outra cuja ênfase está cada vez mais em elementos de epistemologia, típicos do pirronismo a partir de Enesidemo e do substrato acadêmico sobre o qual ele se funda. Ora, disso é razoável concluir que estamos diante daquela transformação pela qual passa a figura de Pirro a partir de Enesidemo e de sua retomada do pirronismo. Isto é, a transformação da qual as primeiras manifestações estão nos testemunhos de Árius Dídymos e do comentador anônimo ao *Teeteto* de Platão, no período anterior, dos testemunhos intermediários. Entre os autores desse período tardio, a academia dita cética e o pirronismo de Enesidemo se misturam. Sobretudo, vê-se que nessa mistura os traços de ambas as tradições são todos projetados sobre Pirro, cuja figura passa a ser a representante maior daquela noção de “cético” aplicada a acadêmicos e pirrônicos igualmente; isto é, Pirro, cético *par excellence*.

No mesmíssimo sentido, bastante ilustrativos dessa transformação em andamento no período são os testemunhos do famoso orador e satirista Luciano de Samósata – também contemporâneo de Aulo Gélio e do platônico Numênio, também no século II. Os testemunhos de Luciano estão em três dos seus diálogos satíricos: em *Leilão das filosofias*, *Dupla acusação* e *Icaromenipo*. Neles, bastante ilustrativamente Pirro aparece como essa figura representativa do “cético”, encarnando tanto elementos do pirronismo a partir de Enesidemo quanto remetentes à academia cética. Em *Leilão das filosofias*<sup>225</sup>, Zeus e Hermes arranjam um leilão no qual se vendem vidas filosóficas; nesse leilão, compram-se certas personagens, cada uma das quais representando certa forma de vida filosófica. Uma dessas personagens, o representante do “cético”, chama-se “Pírrias”<sup>226</sup> – aparentemente um diminutivo depreciativo e nome de escravo; dificilmente não seria uma paródia do nome Pirro. O retrato de Pírrias é o seguinte: ele não sabe nada, dado que contrapõe argumentos de peso igual um contra o outro – o que dificilmente não seria uma piada às custas da noção pirrônica de equipolência ou às custas também do método acadêmico de argumentar dos dois lados da questão<sup>227</sup>. Depois, Pírrias não consegue capturar um escravo, dado que é incapaz de “apreender” coisas – piada às custas da noção acadêmica da não-apreensibilidade<sup>228</sup>. Por último, Pírrias, ao ser comprado como escravo, diz suspender o juízo quanto à compra e continuar investigando – piada às custas da noção de suspensão de juízo e da atividade da qual o termo “cético” deriva, isto é, a da investigação<sup>229</sup>.

<sup>225</sup> Luciano, *Leilão das filosofias* [Βίων Πρᾶσις / Vitarum auctio], 27, apud CAIZZI, 1981, p. 71 et seq.

<sup>226</sup> [Πυρρίας].

<sup>227</sup> Cf. Cícero, *Academica*, II, 3, 8; *Sext., P.*, I, 8-10.

<sup>228</sup> Cf. Cícero, *Academica*, II, 13, 40.

<sup>229</sup> Cf. acima p. 63.

Em *Dupla acusação*, a Justiça, filha de Zeus, preside sobre certos julgamentos no Areópago em Atenas. Nesses julgamentos, os ofícios, profissões, entram com processos contra os homens que os exerciam. Num desses julgamentos, o ofício da pintura processa Pirro, acusando-o de deserção. Mas na ocasião do julgamento, Pirro não comparece “porque ele não crê que haja um “critério” [ou seja, um tribunal] verdadeiro para o julgamento”<sup>230</sup> – a piada está na palavra grega para critério, que é homônima à palavra grega para tribunal, remete à rejeição, tanto pirrônica quanto acadêmica, de um critério para conhecimento<sup>231</sup>. Por fim, em *Icaromenipo*, a personagem principal é o satirista cínico do século IV a. C., Menipo de Gadara, que conta que, tendo voado aos céus, presencia Zeus perplexo escutando os pedidos de favor de dois devotos; esses pedidos eram tanto contrários um à outro quanto prometiam sacrifícios iguais; então, porque não sabia a qual dos dois devotos conceder favor, Zeus se viu “naquela enrascada dos acadêmicos; não era possível para ele recusar nada a qualquer um dos dois, mas, assim como Pirro, suspendia o juízo e continuava a investigar”<sup>232</sup>. Ora, mais uma vez, aproximam-se Pirro e os acadêmicos, no que ambos são associados ao tipo de pirronismo sobre o qual escreve Sexto<sup>233</sup>.

Já em Sexto, que está no fim do século II e início do III, portanto uma ou duas gerações posterior a Aulo Gélío, Numênio e Luciano, o vocábulo em questão, “cético”, junto com o vocábulo para “inquirição”<sup>234</sup> – decerto caro ao ceticismo sextiano; novamente, vocábulo do qual “cético” é uma derivação –, são ambos reivindicados e usados em referência estritamente ao cético pirrônico. Nos escritos de Sexto, “cético” e seus congêneres são, inclusive, termos muito mais frequentes do que “pirrônico” e seus congêneres. Notadamente, em Sexto esse cético pirrônico é posto enfaticamente em oposição à filosofia da academia, com a consequência de que uma distância bastante acentuada é estabelecida entre as duas tradições<sup>235</sup>.

Além de Sexto, no século III está Diógenes Laércio e sua *Vida de Pirro*. Também em Diógenes Láercio o vocábulo “cético” é usado enfaticamente em referência ao cético pirrônico. O motivo para aquilo que discutimos no capítulo passado, isto é, aquilo que parece ser uma tendência para uniformizar todo o pirronismo e introjetá-lo na figura de Pirro – como se o pirronismo fosse um só e o mesmo desde a sua aceção mais primordial até a mais tardia na

<sup>230</sup> Luciano, *Dupla acusação* [Δις κατηγορούμενος / *Bis accusatus sive Tribunalia*], 13, 25 apud CAIZZU, 1981, p. 71 [“Ὅτι οὐδὲν ἡγεῖται κριτήριον ἀληθὲς εἶναι”].

<sup>231</sup> Cf. Cícero, *Academica*, II, 6, 18; II, 9, 29; II, 11, 33; II, 17, 53; Sext., *P.*, II, 14-17.

<sup>232</sup> Luciano, *Icaromenipo* [Ἰκαρομένιππος ἢ Ὑπερνέφελος / *Icaromenippus*], 25 apud CAIZZU, 1981, p. 71 [τὸ Ἀκαδημαϊκὸν ἐκεῖνο ἐπεπόνθε καὶ οὐδὲν τι ἀποφύνασθαι δυνατὸς, ἦν, ἀλλ’ ὥσπερ ὁ Πύρρων ἐπεῖχεν ἔτι καὶ διεσκέπτετο].

<sup>233</sup> Cf. Sext., *P.*, I, 1-30.

<sup>234</sup> [Σκέψις].

<sup>235</sup> Sext., *P.*, I, 4; 220-235.

época em que a *Vida* foi escrita – pode muito bem estar relacionado a esse tipo de transformação pela qual, desde o pirronismo retomado por Enesidemo, passa a figura de Pirro, que se torna o emblema desse pirronismo retomado, que passa a ser chamado de “ceticismo”. Um trecho que parece apontar para isso está no início da seção doxográfica da *Vida de Pirro*, em que Diógenes lista os discípulos diretos de Pirro e, ao fazê-lo, aplica sobre eles a nomenclatura certamente muito posterior e pertencente à tradição tardia. Ele escreve:

Foram alunos de Pirro Hecateu de Abdera, Tímon de Flíus, que compôs os *Silloi* e sobre o qual falaremos, e Nausífanos de Teos, que alguns dizem ter sido professor de Epicuro. Todos esses foram chamados pirrônicos por causa do professor, aporéticos, céticos, eféticos e zetéticos por causa da doutrina que adotaram<sup>236</sup>

Igualmente, o andamento da mesma transformação pode ser visto também mais à frente entre os testemunhos de autores cristãos na primeira metade do século III, contemporâneos a Sexto Empírico. É o caso do testemunho de um dos primeiros apologistas cristãos latinos, Minúcio Félix, em que Pirro é posto de modo muito estreito ao lado dos membros da academia. Em seu diálogo *Octavius*, acentuadamente beligerante em sua agenda anti-pagã, Minúcio Félix atribui uma fala a Octavio Januário, o campeão da causa cristã e motivo para o título do diálogo, em que esse se refere a Pirro e a outros filósofos pagãos nestes termos: “Sócrates, bufão de Atenas, que confessava que não sabia de nada; (...) Arcesilaos também, e Carnéades, e Pirro, e toda tropa de acadêmicos, deixe que eles discutam!”<sup>237</sup>. Algo semelhante se vê igualmente em Hipólito de Roma, importante teólogo para a tradição cristã. No livro I de sua *Refutação de todas as heresias*, Pirro aparece plenamente confundido com a academia e seus membros. No próêmio do livro, dispondo uma relação de seus conteúdos, Hipólito estabelece uma divisão para os filósofos e suas doutrinas; nessa divisão, lê-se que “Pirro, o acadêmico, declarava a não-apreensibilidade de todas as coisas”<sup>238</sup>. Mais à frente, no mesmo livro, nas exposições das doutrinas dos filósofos, ao tratar dos acadêmicos, Hipólito escreve que eles eram chamados assim porque:

Debatiam na Academia. Pirro foi quem iniciou esses debates; por esse motivo, eles eram chamados pirrônicos. Ele foi o primeiro a introduzir a não-

<sup>236</sup> D. L. IX, 69 [διήκουε τοῦ Πύρρωνος Ἐκαταῖός τε ὁ Ἀβδηρίτης καὶ Τίμων ὁ Φλιάσιος ὁ τοὺς Σίλλους πεποιηκώς, περὶ οὗ λέξομεν, ἔτι τε Ναυσιφάνης ὁ Τήσιος, οὗ φασὶ τινες ἀκοῦσαι Ἐπίκουρον. οὗτοι πάντες Πυρρώνειοι μὲν ἀπὸ τοῦ διδασκάλου, ἀπορητικοὶ δὲ καὶ σκεπτικοὶ καὶ ἔτι ἐφεκτικοὶ καὶ ζητητικοὶ ἀπὸ τοῦ οἶον δόγματος προσηγορεῦοντο].

<sup>237</sup> Minúcio Félix, *Octavius*, 38, 5 apud CAIZZI, 1981, p. 70 et seq [Proinde Socrates scurra Atticus uiderit, nihil se scire confessus, (...) Arcesilas quoque et Carneades et Pyrrho et omnis Academicorum multitudo deliberet].

<sup>238</sup> Hipólito, *Refutação e todas as heresias*, I, 1 apud CAIZZI, 1981, p. 74 [Πύρρων ὁ Ἀκαδήμιος· οὗτος ἀκαταληψίαν τῶν πάντων λέγει].

apreensibilidade de todas as coisas, de modo que argumentava dos dois lados da questão sem afirmar nada<sup>239</sup>

Antes de encerrarmos, tendo em vista as considerações acima, é preciso mencionar que, entre os fragmentos de Tímon, isto é, dentre os fragmentos daquele que foi chamado de “o porta-voz de Pirro”, há uma ocorrência<sup>240</sup>, em forma poética, do vocábulo que se traduz em “inquirição”, emblemático para a tradição pirrônica tardia, como dissemos acima repetidamente, e vocábulo do qual o termo “cético” é derivado. No entanto, nessa ocorrência certamente o significado do vocábulo é somente o genérico, isto é, o de “inquirição”<sup>241</sup> propriamente; portanto, não é o específico, o de “cético”, usado em referência ao cético pirrônico ou ao cético da academia de Arcesilau e Carnéades, isto é, aquele que se vê em Aulo Gélio e Numênio ou em Sexto e em Diógenes Laércio para se referir propriamente ao cético pirrônico. Se se consideram os fragmentos dos escritos de Tímon, a disposição filosófica de Pirro nunca é caracterizada como cética, nem Pirro é chamado “cético”, nem o pirronismo é chamado de ceticismo.

Agora, de volta à nossa última parte na divisão cronológica, a partir do século III em diante, por fim, a filosofia helenística já está em seus últimos respiros. E o mesmo pode ser dito do pirronismo: Sexto não é somente o cético mais representativo da tradição pirrônica tardia, ele é o último de seus representantes expressivos. Daí para frente, os testemunhos sobre Pirro aparecem em autores cristãos na parte mais tardia da antiguidade, tais como Epifânio de Salamina, João Filopono e Gregório de Nazianzo nos séculos IV e V. Ou aparecem em autores no medievo adentro, tais como Agathias e Juliano no século VI. Por último, já bem adiantado no período medieval Pirro aparece em verbetes da enciclopédia bizantina do século X, o Suidas, ou nos escritos de Georgios Kedrenos, historiador também bizantino do século XI, ou nos de Elias de Creta – Elias, o mendigo –, comentarista de origem judia do século XV. Entre esses testemunhos finais na tardo antiguidade e período medieval, Pirro ainda aparece confundido com a academia; por vezes, aparece confundido com outras tradições e filósofos: num deles Pirro é confundido com Heráclito; noutra, surpreendentemente, lê-se que “foi discípulo de

<sup>239</sup> Hipólito, *Refutação e todas as heresias*, I, 23 apud CAIZZI, 1981, p. 75 [Ἄλλη δὲ αἵρεσις φιλοσόφων ἐκλήθη Ἀκαδημαϊκὴ διὰ τὸ ἐν τῇ Ἀκαδημίᾳ τὰς διατριβὰς αὐτοῦ ποιεῖσθαι. ὢν ἄρξας ὁ Πύρρων, ἀφ’ οὗ Πυρρώνειοι ἐκλήθησαν φιλόσοφοι, τὴν ἀκαταληψίαν ἀπάντων πρῶτος εἰσήγαγεν, ὡς ἐπιχειρεῖν μὲν εἰς ἑκάτερα, μὴ μέντοι ἀποφαίνεσθαι μηδέν].

<sup>240</sup> Tímon apud Sexto, *P.*, I, 224, [σκεπτοσύνη].

<sup>241</sup> STRIKER, 1980, p. 54; CAIZZI, 1981, p. 192.

Epicuro e dogmatizou sobre a não-apreensibilidade de todas as coisas”<sup>242</sup>; em alguns deles, ele é associado a Sexto; mas, no geral, todos trazem pouquíssima informação.

### 3. 4 Conclusão

Dado que havíamos nos deparado anteriormente com as severas limitações para o tipo de estudo que busca o próprio Pirro nos textos habitualmente tomados como os mais importantes para a tradição pirrônica – Sexto e Diógenes Laércio –, o que nós propomos foi, então, construir um panorama dos demais testemunhos sobre Pirro, que são muito fragmentados e que se estendem amplamente ao longo do tempo. Esse panorama foi dividido de modo cronológico; para cada período, fizemos uma breve caracterização; nessa, inserimos os testemunhos e suas respectivas fontes.

Ao longo do panorama, apontamos para certa transformação pela qual passa a representação de Pirro entre testemunhos e ao longo dos períodos. Entre os testemunhos mais antigos, o que se vê descrito comumente é a disposição de Pirro, as manifestações filosóficas de sua atitude, que, nesses testemunhos, vêm muitas vezes vindicadas ou reprovadas: é esse tema da disposição de Pirro o que atravessa esses testemunhos do período mais antigo. Depois, à altura do período que designamos como o dos testemunhos intermediários, a figura de Pirro parece perder essa ênfase sobre a sua disposição. Um evento coincide com essa perda, sendo provavelmente seu motivo: a partir do século I a. C., o pirronismo, que há muito havia desaparecido, renasce com Enesidemo de Knossos; a figura de Pirro é tomada como emblema do tipo de tradição que ele pretendia estabelecer a partir de então. Com essa retomada do pirronismo, em vez daquele tema cuja Ênfase esta na sua disposição, as representações de Pirro passam a assumir os traços desse pirronismo de Enesidemo. O substrato desse pirronismo retomado, por sua vez, em grande parte advém da filosofia da academia na fase que tem em Arcesilau e Carnéades seus principais representantes. De fato, dentre vários dos testemunhos do período intermediário em diante, Pirro aparece misturado entre os nomes dessas outras tradições que o sucederam, a academia de Arcesilau e Carnéades e o pirronismo de Enesidemo; a Pirro são atribuídas as noções das quais essas tradições são as proponentes; e ele mesmo passa a ser tomado ele mesmo como um proponente e o emblema dessas noções.

Diante dessas considerações, então, retornamos a pergunta com a qual iniciamos o capítulo: dentre os testemunhos sobre Pirro, muito fragmentados e dispersos sobre longa

---

<sup>242</sup> Elias de Creta, *Coment. De Gregor. Naz. Or. XXXII 596* apud CAIZZI, 1981, p. 80 [ὁ Πύρρων Ἐπικούρου μὲν γέγονε μαθητῆς, ἐδγμάτιζε δὲ πάντων ἀκαταληψίαν].

extensão temporal, quais seriam os mais adequados para que seja empreendido um estudo sobre, propriamente, Pirro de Élis? Ora, a resposta para essa pergunta deve certamente levar em conta essa transformação pela qual passa a representação de Pirro a partir de Enesidemo. Mas não só: ora, dado que são muito fragmentados e se estendem amplamente no tempo, é preciso estabelecer também uma ordem de prioridade para os testemunhos em questão, com a consequência de que a interpretação dos mais prioritários deve condicionar a interpretação dos menos. E para estabelecer essa ordem de prioridade, é preciso, antes, trazer alguns critérios aos quais os testemunhos devem ser submetidos.

Assim, quanto a esses critérios, na literatura cujo objeto é Pirro, aparecem quatro deles: o primeiro critério é baseado em cronologia; o segundo é baseado numa separação temática<sup>243</sup>; o terceiro é sobre a acuidade filosófica da fonte<sup>244</sup>; o quarto é um em que se consideram os elementos filológicos do testemunho<sup>245</sup>. Sob o primeiro critério, então, privilegiam-se os testemunhos que remetam à época cronologicamente mais próximos em relação a Pirro. A ideia é a de que se procuram expressões da perspectiva pirroniana que tenham sofrido o mínimo de modificações com o passar do tempo. Sob o segundo critério, o da separação temática, privilegiam-se aqueles que tratam da perspectiva de Pirro isoladamente, isto é, sem que se o associe nem às outras figuras situadas no pirronismo nem a outros filósofos no geral. O propósito disso é prevenir a forja artificial de uma perspectiva que torna uniforme Pirro, a tradição do pirronismo e os elementos de outras perspectivas filosóficas, a partir da sobreposição desses elementos nos pontos em que eles se interseccionam. O terceiro critério é o da acuidade filosófica, que privilegia os testemunhos cujas fontes demonstrem boa apreensão de conteúdo filosófico, em detrimento das fontes mais interessadas em polêmica filosófica por meio de detrações, tal como parece ser o caso de Antígono de Caristo<sup>246</sup>. O quarto critério é o de cunho filológico, que pretende levar em conta as características lexicais e conceitos mencionados, de modo a verificar se determinado testemunho se conforma ao padrão dos textos escritos em sua época; se sofreu corrupções e distorções; ou se é espúrio. A proposta é a de que, dado que certo vocabulário é mais típico em certos períodos, diante do vocabulário usado em

---

<sup>243</sup> De acordo com Caizzi (1981b, p. 103,105), o critério cronológico aparece primeiro no procedimento historiográfico de Kurt Von Fritz no verbete sobre Pirro, que ele escreve para a *Paulys Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft: neue Bearbeitung, Band XXIV: Pyramos - Quosenus*, de 1963. Ainda segundo Caizzi, um critério cronológico em termos semelhantes é proposto também por Marcel Conche em *Pyrrhon ou l'apparence*, de 1973, juntamente com o segundo critério, o da separação temática, também na mesma obra; cf. GAZZINELLI, 2009, p. 54.

<sup>244</sup> Critério proposto por BETT, 2000, p. 8 et seq.

<sup>245</sup> Critério proposto por GAZZINELLI 2009, p. 55 et seq.

<sup>246</sup> Sobre Antígono, cf. acima p. 34-36.

certo testemunho, torna-se possível avaliar a maneira como esse testemunho se harmoniza com o período ao qual se espera que ele pertença.

Se se considera aquela transformação pela qual passa a representação de Pirro a partir do pirronismo de Enesidemo de Knossos e se se consideram os critérios descritos acima, então as fontes que emergem como as prioritárias são as seguintes. Em primeiro lugar, como já dissemos antes, estaria Tímon: naturalmente, ele é que melhor cumpre com todos os critérios; sobretudo, porque foi próximo a Pirro, foi seu principal discípulo e tradicionalmente foi tomado como seu intérprete<sup>247</sup>; foi perspicaz filosoficamente, havendo indicações de que participou nas discussões sobre o problema da divisibilidade do tempo e sobre a legitimidade de proceder por meio de hipótese<sup>248</sup>; sobretudo, no que restou de seus fragmentos, em que se destacam os dos seus *Sillói*, demonstra familiaridade com as filosofias de todos aqueles que satiriza. No entanto, e isto também já foi dito, a situação de Tímon apresenta uma limitação insuperável: o que restou dos seus escritos encontra-se em estado muitíssimo fragmentado.

Agora, há outra fonte em que esses critérios são todos realizados de um modo muito interessante para um estudo sobre Pirro propriamente. Trata-se do peripatético Arístocles de Messina, cujo testemunho sobre Pirro e primeiro pirronismo está na sua refutação contra o pirronismo, preservada na *Preparação para o Evangelho* de Eusébio de Cesareia. Cronologicamente, Arístocles está no fim do século I a. C. e início do século I, somente uma ou duas gerações posterior a Enesidemo e sua retomada do pirronismo. À altura de Arístocles, então, essa retomada ainda está no início. Essa retomada do pirronismo parece chamar a atenção de Arístocles e de outras fontes mencionadas, a saber, Ário Dídimos e o comentador anônimo ao *Teeteto* de Platão. Entre esses dois últimos, aquela transformação pela qual passa a representação de Pirro parece se manifestar, isto é, em Ário Dídimos e no comentador anônimo ao *Teeteto*, Pirro assume os traços da filosofia que Enesidemo de Knossos produzira. Agora, já em Arístocles, contrariamente ao que se vê em Ário Dídimos e no comentador anônimo, isso não acontece, isto é, Pirro não manifesta essa transformação. De fato, embora mencione Enesidemo, Arístocles, quando provê uma descrição do pirronismo que pretende refutar, refere-se propriamente a Tímon e à interpretação que esse faz da filosofia do mestre, Pirro. É somente de modo indireto que Arístocles pretende atingir o pirronismo de Enesidemo, somente através de um ataque ao pirronismo como um todo, representado pelas suas principais figuras, Pirro e Tímon. É para algum escrito de Tímon que Arístocles dirige seus propósitos refutativos, não para Enesidemo: o objeto de Arístocles é o pirronismo originário.

---

<sup>247</sup> Sext., *M.*, I, 53.

<sup>248</sup> Sext., *M.*, III, 1-2; VI, 66; X, 197.

Depois, apesar de seus propósitos polêmicos, a refutação de Aristocles, de fato, trata de aspectos filosófico. Ele escreve sobre outros filósofos antigos e, nisso, a acuidade filosófica demonstrada por ele é sempre justa. Ao comentar o caráter do pirronismo ele provê citações diretas a versos de Tímon. Mesmo na sua descrição da filosofia de Pirro de acordo com seu discípulo, Tímon, Aristocles preserva um vocabulário que facilmente remete às discussões filosóficas do século III a. C. Assim, porque ele melhor cumpre com os critérios para as fontes e porque, em seus escritos, Pirro não é afetado pela assimilação dos traços do pirronismo retomado por Enesidemo, Aristocles se mostra como a fonte mais apropriada. Nesse sentido, é a interpretação de seu testemunho aquela que condiciona a interpretação dos outros testemunhos; isto é, a interpretação do testemunho de Aristocles torna-se aquela em função da qual a interpretação dos demais testemunhos devem ser formuladas. Isso faz desse o testemunho, portanto, o prioritário para um estudo que pretende investigar a filosofia e perspectiva de Pirro de Élis propriamente.

## 4 DETALHES SOBRE ARÍSTOCLES, SEU TESTUMNHO E APRESENTAÇÃO DAS QUATRO PRINCIPAIS INTERPRETAÇÕES SOBRE PIRRO

Agora que separamos o testemunho de Arístocles como o mais oportuno para um estudo sobre Pirro, apresentaremos, no que segue, alguns detalhes sobre quem foi Arístocles, sua filiação filosófica, o estado de sua obra e sobre como o restante de sua obra, os excertos do *Sobre a filosofia*, se encaixam na obra em que eles foram preservados, a *Preparação para o evangelho* de Eusébio de Cesareia. Apresentaremos especificamente mais alguns motivos para a assumir o testemunho contido na passagem de Arístocles – isto é, a passagem que contém um sumário da filosofia de Pirro e Tímon; que dispomos no último capítulo – como o mais oportuno para um estudo que tenha por objeto a filosofia de Pirro e Tímon propriamente. Depois disso, nós apresentaremos as quatro principais interpretações para essa filosofia do primeiro pirronismo: a interpretação epistemológica, a ética, a orientalista e a metafísica. À medida que as apresentarmos, discutiremos a aplicação de outros testemunhos – além da passagem de Arístocles – na confecção dessas interpretações, junto com suas justificativas, e, por fim, avaliaremos a autoridade que esses outros testemunhos emprestam à confecção de cada uma dessas interpretações.

### 4. 1 Detalhes sobre Arístocles, seus escritos e sua situação no texto de Eusébio

Arístocles é da cidade de Messina. A enciclopédia bizantina *Suida* especifica que essa é a Messina siciliana; possivelmente, isso serviria para indicar que não se trata da outra Messina, a no Peloponeso, mais famosa<sup>249</sup>. No *Suida* lê-se também que a filiação filosófica de Arístocles é o peripatetismo. De fato, muito antes do *Suida*, no texto da *Preparação para o evangelho* de Eusébio de Cesareia, que é o texto em que estão preservadas as citações diretas dos excertos restantes da obra de Arístocles, precisamente nas introduções que precedem os excertos em que ele trata de Platão e de Aristóteles, é indicado expressamente que esse Arístocles é um peripatético<sup>250</sup>. Mas sobretudo, a filiação ao peripato se torna manifesta ao longo de todos os

<sup>249</sup> Cf. *Suida* apud CHIESARA, 2001, p. 2: “Arístocles de Messina na Itália, filósofo peripatético, arranhou um *Sobre a filosofia* em dez livros; [escreveu também um] *Se Homero ou Platão é o melhor*. Nesses, ele escreve extensivamente sobre todos os filósofos e suas opiniões. Escreveu também um *Técnicas retóricas*, um *Sobre Sarapis* e uma *Ética* em oito livros. [Αριστοκλήης Μεσσήνιος τῆς Ἰταλίας, φιλόσοφος Περιπατητικός, συνέταξε Περὶ φιλοσοφίας βιβλία δέκα. Πότερον σπουδαιότερος Ὅμηρος ἢ Πλάτων. Καταλέγει δὲ ἐν τούτοις πάντας φιλοσόφου καὶ δόξας αὐτῶν· ἔγραψε δὲ καὶ Τέχνας ρητορικός, Περὶ Σαράπιδος, Ἠθικά βιβλία θ.]”

<sup>250</sup> Eusébio, *Praep. euang.*, XI, II, 6; XV, I, 13.

outros excertos dessa sua obra restante, o *Sobre a filosofia*: particularmente, na defesa que Arístocles levanta contra certos relatos em que a pessoa de Aristóteles é difamada<sup>251</sup>; na referência direta à superioridade dos argumentos aristotélicos contra a filosofia dos pirrônicos, caracterizada como a de que, por natureza, não há conhecimento<sup>252</sup>, referência essa que é talvez uma alusão à célebre proposição que inaugura a *Metafísica*, isto é, a de que “por natureza, todos os seres humanos buscam o saber”<sup>253</sup>; no mesmo sentido, em argumentos sobre a inconsistência entre teoria e prática ou sobre o rendimento da vida e do discurso em algo impossível, facilmente tributários dos argumentos aristotélicos<sup>254</sup>. Por fim, *Sobre a filosofia* é o título de umas obras de Aristóteles, hoje perdida; possivelmente a obra homônima de Arístocles teve a de Aristóteles como modelo<sup>255</sup>.

Por muito tempo, inclusive, cria-se que Arístocles fosse o tutor do importante comentador das obras de Aristóteles, Alexandre de Afrodísias, o que o situaria no século II. Mas mais recentemente essa honra foi redirecionada, em vez, para Aristóteles de Mitilene<sup>256</sup>. A datação mais confiável para Arístocles é a de que ele viveu num período muito anterior, entre o fim do século I a. C. e início do século I. Esse dado é de considerável importância, porque é precisamente o que o situa numa época em que a retomada do pirronismo empreendida por Enesidemo deveria ser recente, fazendo-o cumprir melhor aquele critério cronológico para a prioridade dos testemunhos, proposto acima. A principal evidência para a datação de Arístocles é a seguinte: no texto da refutação do pirronismo, lê-se “ontem e no dia anterior um Enesidemo qualquer em Alexandria, no Egito, reviveu essa baboseira [o pirronismo]”<sup>257</sup>. Uma data aproximada é inferida a partir da expressão “ontem e no dia anterior”<sup>258</sup>, que parece indicar temporalidade, e a partir da data aproximada para Enesidemo – estima-se que esse tenha florescido entre o fim da década de 60 e o fim da de 50 a. C.<sup>259</sup>. Arístocles não dever ser muito posterior a Enesidemo, porque, além da expressão “ontem e no dia anterior”, ele se refere a Enesidemo como “um Enesidemo qualquer”<sup>260</sup>, isto é, expressão depreciativa parecendo sugerir que esse último não seria muito conhecido no período em que Arístocles escrevia; além do que,

---

<sup>251</sup> Ibid., XV, I.

<sup>252</sup> Ibid., XIV, XVIII, 1.

<sup>253</sup> Aristóteles, *Metafísica.*, I, 980a [πάντες ἄνθρωποι τοῦ εἰδέναι ὀρέγονται φύσει].

<sup>254</sup> Cf. Aristóteles, *Metafísica.*, IV, 1007a-1010a.

<sup>255</sup> CHIESARA, 2001, p. xiv-xxxviii.

<sup>256</sup> Em 1984, graças ao trabalho de Paul Moraux. Cf. CHIESARA, 2001, p. xiv-xvi.

<sup>257</sup> Aristocl. apud Euséb. *Praep. euang.* XIV, XVIII, 29; ver também acima nota 143 [ἐχθὲς καὶ πρόην ἐν Ἀλεξανδρείᾳ τῇ κατ’ Αἴγυπτον Αἰνησίδημός τις ἀναζωπυρεῖν ἤρξατο τὸν ὕθλον τοῦτον].

<sup>258</sup> Ibid., [ἐχθὲς καὶ πρόην].

<sup>259</sup> Cf acima p. 52.

<sup>260</sup> Aristocl. apud Euséb. *Praep. euang.* XIV, XVIII, 29 [Αἰνησίδημός τις].

Enesidemo é o único pirrônico mencionado além de Tímon, quer dizer, isso indicaria que não havia ainda outro pirrônico destacado nesse período além do próprio Enesidemo<sup>261</sup>.

Já o ambiente em que se deu a atividade filosófica de Aristocles possivelmente foi a Alexandria mencionada acima. Especula-se sobre isso a partir das relações entre ele e a cultura da cidade<sup>262</sup>. Uma dessas relações é a de que há uma breve síntese do *Sobre a filosofia* de Aristocles nos comentários de Asclépio de Tralles e de João Filopono à *Introdução à Aritmética* do matemático Nicômaco de Gerasa; os comentários foram escritos, ambos, a partir das lições de Amônio de Hérmiás que é um neoplatônico alexandrino. Outra é que Aristocles escreveu um *Sobre Serapis*: esse, Serapis, é um deus alexandrino<sup>263</sup>. Depois, Clemente de Alexandria, que é um alexandrino, utiliza a mesma versão do verso da *Ilíada*<sup>264</sup> que também Aristocles utiliza, de acordo com os comentários de Asclépio e João Filopono, o que sugere que Clemente e Aristocles se basearam na mesma tradição de textos homéricos, isto é, os mesmos usados pelos círculos alexandrinos. Depois, Aristocles tanto conhece bem textos importantes sobre o pirronismo quanto provém dele o relato de que foi em Alexandria que Enesidemo fez a sua retomada do pirronismo, isto é, muito possivelmente em círculos de intelectuais alexandrinos dos quais ele saberia a respeito<sup>265</sup>.

Dos escritos atribuídos a Aristocles, restaram somente os excertos do *Sobre a filosofia*, todos preservados por Eusébio, como já dissemos, citados diretamente no interior dos capítulos que compõem alguns dos livros<sup>266</sup> da sua *Preparação para o evangelho*. Deve-se observar que esses capítulos da *Preparação* em que restam escritos de Aristocles, portanto os capítulos que nos interessam, são compostos por dois textos: um é o próprio texto da *Preparação*, da autoria de Eusébio, que está no século IV; o outro é o texto de Aristocles, no fim século I a. C. e início

<sup>261</sup> Isso é o que propõe CHIESARA, 2001. p. xviii-xix, 135. Chiesara considera igualmente a hipótese de uma datação na primeira metade do século I. Mas a hipótese depende da identificação de certo Aristocles mencionado numa carta nos *Papiros de Oxirrinco*, XVIII, 2190 (apud CHIESARA, 2001, p. xix) com o peripatético Aristocles de Messina, sobre o qual estamos escrevendo; mas essa identificação não pode ser assegurada. Num outro sentido, é de se levar em conta outra interpretação para a mencionada passagem, proposta por POLITO, 2014, p. 33, 51-54, para o qual o que Aristocles pretenderia indicar com a expressão “ontem e no dia anterior” seria, antes, que Enesidemo é próximo a ele no tempo, mas que Tímon, mencionado na linha imediatamente precedente, é distante. Isso explicaria a aparente redundância em indicar que Alexandria é “no Egito” [τῆ κατ’ Αἴγυπτον] serviria, antes, para enfatizar da distância entre Grécia e Egito, comparável a distância temporal entre Tímon e Enesidemo: isto é, o propósito de Aristocles seria o de apontar que o pirronismo possui duas fases em dois lugares diferentes, portanto que é descontínuo tanto espacialmente quanto temporalmente, portanto que é uma tradição ou escola de filosofia irrelevante, o que se harmoniza bem com o teor vituperativo da refutação. Polito não concorda com Chiesara quanto uma proximidade cronológica entre Enesidemo e Aristocles. De todo modo, uma datação entre o fim do século I a. C. e início do século I permanece.

<sup>262</sup> CHIESARA, 2001, p. xix et seq.

<sup>263</sup> Sobre o deus Serapis em Alexandria, cf. Cássio Dio, *História Romana*, LI, XVI; Clemente de Alexandria, *Stromateis*, I, 106.

<sup>264</sup> *Ilíad.*, XXIII, 712.

<sup>265</sup> Aristocl., apud Euseb., *Praep. euang.*, XIV, XVIII, 29.

<sup>266</sup> Esses são os livros XI, XIV e XV.

do I. Naturalmente, cada um desses textos segue seus próprios projetos. O uso que Eusébio faz dos excertos de Aristocles segue o projeto traçado para a *Preparação*, que, como também já dissemos, é algo como o de representar as intermináveis disputas e irreconciliáveis desacordos que se encontram entre as doutrinas expoentes da teologia e filosofia pagãs, as quais ele põe em contraste com o caráter estável e cooperativo da teologia e filosofia cristã<sup>267</sup>. Cada um desses capítulos de Eusébio interessantes para nós contém um excerto retirado da obra de Aristocles. Para cada capítulo, Eusébio provê também uma entrada num índice situado no início dos livros em que se situam esses capítulos; nesse índice, os conteúdos que compõem o livro são listados. Além dessas entradas no índice, Eusébio compõe breves passagens conectivas entre um capítulo e outro; o propósito dessas passagens conectivas é o de arranjar cada excerto no interior de cada capítulo em acordo com a estrutura da obra como um todo; nessas passagens conectivas ele dispõe, por vezes, esquemas de sucessões, algo semelhante ao que se vê em Diógenes Laércio. Ainda, Eusébio provê, ele mesmo, um título para cada capítulo; nesses títulos, ele indica o que cada excerto contém; às vezes esses títulos são idênticos às entradas no índice, às vezes não. O que se deve observar, portanto, nesse texto híbrido, é que os índices, as passagens conectivas e os títulos são da autoria de Eusébio e servem aos propósitos da *Preparação para o evangelho*, não pertencendo ao texto de Aristocles<sup>268</sup>.

Os conteúdos dos excertos do *Sobre a filosofia* de Aristocles tratam do seguinte: um trata de Platão; um de Aristóteles; um dos estoicos; um dos pirrônicos; um trata da filosofia de Aristipo, isto é, dos cirenaicos; um trata de Metrodoro de Quios e Protágoras; um trata de Xenófanes, Parmênides, Zenão, Melisso, Estilpo e os megáricos, agrupados numa sucessão; e um trata de Epicuro. Desses excertos alguns são de teor refutativo, outros não. Os três primeiros excertos dessa lista acima não são de teor refutativo. Na passagem conectiva que precede o capítulo que contém o excerto que trata de Platão, capítulo que se situa no livro XI da *Preparação*, Eusébio indica que o excerto contido nesse capítulo provém do livro VII do *Sobre a filosofia*<sup>269</sup>. Nos índices e nos títulos para os capítulos sobre Aristóteles e sobre os estoicos, Eusébio indica que os excertos contidos nesses dois capítulos também provêm desse mesmo livro VII do *Sobre a filosofia*<sup>270</sup>. Além desses, os outros excertos são refutações. Isto é, são refutações os excertos que tratam dos pirrônicos, dos cirenaicos, de Metrodoro e Protágoras, de

<sup>267</sup> Euséb., *Praep. euang.*, XIV, I, 2-4; Euséb., *Praep. euang.*, XIV, III; sobretudo, Euséb., *Praep. euang.*, XV, I, 1-8.

<sup>268</sup> Sobre os limites entre o texto de Eusébio e os excertos de Aristocles na *Preparação para o evangelho*, cf. CHIESARA, 2001, p. xxiv-xxx.

<sup>269</sup> Euséb., *Praep. euang.*, XI, II, 6.

<sup>270</sup> *Ibid.*, XV, I, 13; XV, XIV, 1.

Xenófanes, Parmênides, Zenão, Melisso, Estilpo e os megáricos, e o que trata de Epicuro. Essas refutações estão todas contidas nos capítulos que compõem o livro XIV da *Preparação*. Precisamente, nos capítulos que vão do XVII ao XXI. Nas entradas do índice desse livro XIV da *Preparação* e no título do capítulo sobre os eleatas, Eusébio parece indicar que todos esses excertos foram retirados do livro VIII do *Sobre a filosofia* de Aristóteles; assim, todos os excertos do livro VIII são refutativos, o que sugere que o escopo desse livro era precisamente esse, isto é, refutativo. Eusébio organiza os capítulos em que estão contidos os excertos de acordo com uma ordem que ele mesmo traça, que segue os propósitos que ele mesmo reservou para a obra dele. A ordem em que Eusébio dispôs esses capítulos no livro XIV da *Preparação* é a seguinte: no capítulo XVII está Xenófanes, Parmênides, Zenão, Melisso, Estilpo e os megáricos; no capítulo XVIII, os pirrônicos; XIX, os cirenaicos; XX, Protágoras e Metrodoro; XXI, Epicuro.

No entanto, essa não parece ser a ordem que o próprio Aristóteles traçara originalmente para o livro VIII do *Sobre a filosofia*. Isso porque é possível distinguir certa metodologia para o procedimento refutativo que Aristóteles aplica em cada excerto desse livro VIII: é típico dessa metodologia que nas declarações iniciais de cada excerto ele proveja uma breve introdução, em que se indicam os autores e tema filosófico que ele pretende abordar. Sob a ordem disposta por Eusébio, ainda que não completamente desarmoniosa, os excertos se apresentam numa progressão temática aparentemente irregular. Diante dessa progressão irregular, e dado que se compreenderiam melhor quais propósitos seriam os do próprio Aristóteles ao compor esse livro VIII a partir do modo como ele teria organizado o livro, especula-se sobre uma reconstrução da ordem original desses excertos e o modo que eles se organizam nesse livro VIII.

O fundamento para essa ordem especulada está nas declarações iniciais de Aristóteles nos excertos. O excerto sobre os pirrônicos tem por considerações iniciais o seguinte: “Antes de tudo, é necessário investigar sobre o nosso próprio conhecimento: pois se, por natureza, nada conhecemos, então não é preciso investigar sobre outras coisas”<sup>271</sup>, o que sugeriria esse como o primeiro dos excertos na ordem original do livro VIII. Em contraste com os pirrônicos, estariam os cirenaicos, cujo excerto é iniciado por “Em seguida, estarão os que afirmam que somente as afecções são apreensíveis”<sup>272</sup>, o que sugeriria que esse excerto se segue imediatamente ao dos pirrônicos. Depois, seguindo-se aos cirenaicos, estaria o excerto sobre Protágoras e Metrodoro, que se inicia com “Houve alguns que mantinham que somente se deve

<sup>271</sup> Aristocl., apud Euséb., *Praep. euang.*, XIV, XVIII, 1 [Ἀναγκαίως δ'ἔχει πρὸ παντὸς διασκέψασθαι περὶ τῆς ἡμῶν αὐτῶν γνώσεως· εἰ γὰρ αὐτὸ μηδὲν πεφύκαμεν γνωρίζειν, οὐδὲν ἔτι δεῖ περὶ τῶν ἄλλων σκοπεῖν].

<sup>272</sup> Ibid., XIV, XIX, 1 [Ἐξῆς δ'ἂν εἶεν οἱ λέγοντες μόνα τὰ πάθη καταληπτὰ].

confiar em percepções e representações”<sup>273</sup>. Depois, em contraste com esses, os eleatas, em cujo excerto Arístocles inicia com “E houve outros, que propunham a doutrina contrária à desses últimos. Pois acreditavam que era preciso dispensar as percepções e representações, mas confiar somente na própria razão”<sup>274</sup>. Por último, estaria o excerto sobre Epicuro, que aparece como um tipo de peça de epistemologia moral, iniciando com “Dado que o conhecimento é de dois tipos, um do das coisas externas e outro daquilo que devemos escolher ou evitar, alguns dizem que nós temos o prazer e a dor como princípio e critério para o que escolher ou evitar”<sup>275</sup>. Apesar da plausibilidade da ordem descrita acima, o que restou da obra de Arístocles se apresenta num estado muito fragmentado e a ordem original dos excertos nesse livro VIII do *Sobre a filosofia* permanece na verdade indefinida<sup>276</sup>. De qualquer modo, o que pode ser dito sobre os excertos desse livro VIII é que eles são refutativos e que Arístocles parece organizá-los em torno de uma temática acentuadamente epistemológica; é possível que o fim desse livro fosse discutir epistemologia.

Não obstante o estado fragmentado, os excertos dos escritos de Arístocles permanecem objeto de interesse. Particularmente, são interessantes esses excertos refutativos. Porque, neles, ao discutir as doutrinas contra as quais propõe argumentar, Arístocles parece tanto indicar as fontes para essas doutrinas quanto as relatar sempre na forma de uma descrição dos princípios dessas doutrinas; embora apareçam de modo reduzido e sob uma agenda refutativa<sup>277</sup>, essas descrições sempre se apresentam razoavelmente fiéis em relação às suas versões originais. Mesmo quando ele relata uma doutrina claramente a partir de uma fonte indireta, como é o caso do excerto sobre Protágoras, em que a fonte parece ser o *Teeteto*, ele é ao menos fiel a essa fonte. Sobretudo, ilustrativa da relação entre Arístocles e suas fontes é o caso da refutação contra o pirronismo, nosso objeto principal. Nessa, as fontes mencionadas são duas das obras de Tímon, o *Python* e os *Sillói*, o escrito de Antígono de Caristo sobre Pirro e os *Esboços para as coisas pirrônicas* de Enesidemo. Também ilustrativo é o caso da refutação contra os eleatas, em que Arístocles provê, inclusive, uma citação de Melisso, atestada em outro lugar<sup>278</sup>. E, como

<sup>273</sup> Ibid, XIV, XX, 1 [Γεγόνασι δέ τινες οἱ ἀξιοῦντες τῆ αἰσθήσει καὶ ταῖς φαντασίαις μόναις δεῖν πιστεύειν].

<sup>274</sup> Ibid., XIV, XVII, 1 [Ἄλλοι δ'εγένοντο τούτοις τὴν ἐναντίαν φωνὴν ἀφιέντες, οἷονταὶ γὰρ δεῖν τὰς μὲν αἰσθήσεις καὶ φαντασίας καταβάλλειν, αὐτῶ δὲ μόνον τῶ λόγῳ πιστεύειν].

<sup>275</sup> Ibid., XIV, XXI, 1 [Ἐπειδὴ ἐστὶ γνῶσις διττή, ἡ μὲν τῶν ἔξω πραγμάτων, ἡ δὲ τῶν ἡμῖν αἰρετῶν καὶ φευκτῶν, ἐνίοι φασι τῆς αἰρέσεως καὶ φυγῆς ἀρχὴν καὶ κριτήριον ἔχειν ἡμᾶς τὴν ἡδονὴν καὶ τὸν πόνον].

<sup>276</sup> BRENNAN, 1998. p. 426-430, seguido por CHIESARA, 2001, p. xxixi-xxxv, assumem que a ordem dos excertos termina com o de Epicuro; WARREN, 2000. p. 160-162, propõe que o excerto sobre os eleatas é o último da ordem.

<sup>277</sup> Cf. BETT, 1994, p. 170-180; CHIESARA, 2001, p.xxiii et seq.

<sup>278</sup> A mesma citação se encontra também em Simplício, mas com algumas breves diferenças em vocabulário. Cf. DK 30 B 8.

foi visto acima, a descrição que Aristocles provê da filosofia dos eleatas é a de que eles “acreditavam que era preciso dispensar as percepções e representações, mas confiar somente na própria razão”<sup>279</sup>; ainda, lê também na refutação do eleatas: “o que é é um e o outro não é [isto é, não há outro além do que é], absolutamente [o um] é algo que nem se gera nem se destrói nem se move”<sup>280</sup>. Com efeito, vê-se que, embora reduzida, a caracterização de Aristocles da filosofia dos eleatas é perfeitamente aceitável<sup>281</sup>.

Ainda nesse tópico, há de se mencionar o excerto que trata da filosofia de Protágoras. Essa é caracterizada por Aristocles como uma filosofia para a qual “somente se deve confiar em percepções e representações”<sup>282</sup>. Ele escreve que isso procede da tese protagoreana de que “a medida de todas as coisas é o ser humano, das coisas que são como são e das coisas que não são como não são; pois as coisas são tal como elas aparecem para cada um”<sup>283</sup>. Como dissemos acima, essa caracterização ele tira muito possivelmente do *Teeteto*, que é mencionado duas linhas logo depois. E, novamente, a caracterização é uma síntese perfeitamente razoável: se não do próprio Protágoras, ao menos do livro de Platão<sup>284</sup>. O mesmo pode ser dito do excerto sobre os cirenaicos. Aristocles escreve que, segundo a filosofia desses, “somente as afecções são apreensíveis”<sup>285</sup>; depois, escreve que eles “afirmavam que, queimados ou lacerados, eram capazes de saber o que sofriam, mas não teriam o que dizer sobre se seria o fogo que os queima ou se seria o ferro que os lacera”<sup>286</sup>; aí, no texto da refutação contra os cirenaicos, essa passagem venha na forma de um chiste, a caracterização é suficientemente precisa se comparada com os relatos de outros autores sobre a filosofia dos cirenaicos<sup>287</sup>. E o mesmo pode ser dito também no excerto sobre Epicuro, em que lê-se “o prazer e a dor são o princípio e critério do que deve

<sup>279</sup> Cf. acima p. 80.

<sup>280</sup> Aristocles., apud Euséb., *Praep. euang.*, XIV, XVII, 1 [τὸ ὄν ἐν εἶναι καὶ τὸ ἕτερον μὴ εἶναι, μηδὲ γεννᾶσθαι τι μηδὲ φθειρεσθαι μηδὲ κινεῖσθαι τὸ παράπαν].

<sup>281</sup> Na verdade, isso que chamamos os eleatas é, no excerto de Aristocles, um grupo composto por Xenófanes, Parmênides, Zenão, Melisso, Estilpo e os megáricos, que são elencados como uma sucessão. De fato, é questionável incluir Xenófanes, Estilpo e os megáricos na mesma sucessão da qual faz parte Parmênides, Zenão e Melisso. Entretanto, tomar Xenófanes como um antecedente dos eleatas era comum entre os intérpretes antigos, dentre os quais os peripatéticos – o próprio Aristóteles (em *Metafísica.*, I, 986b) concebe Xenófanes nesses termos; igualmente, o pseudo-Aristóteles *Sobre Melisso, Xenófanes e Gorgias*. Muito mais questionável é tomar Estilpo e os megáricos como continuadores da posição eleática. Mas também esse caso não é incomum. Cícero (em *Acadêmica*, II, 129) menciona uma doutrina contínua que vai de Xenófanes e passa pelos eleatas e megáricos.

<sup>282</sup> Cf. acima p. 80.

<sup>283</sup> Aristocles., apud Euséb., *Praep. euang.*, XIV, XX, 2 [μέτρον εἶναι πάντων χρημάτων τὸν ἄνθρωπον, τῶν μὲν ὄντων ὡς ἔστι, τῶν δ' οὐκ ὄντων ὡς οὐκ ἔστιν· ὅποια γὰρ ἐκάστῳ φαίνεται τὰ πράγματα, τοιαῦτα καὶ εἶναι].

<sup>284</sup> Cf. Platão, *Teeteto*, 152a; 166d-e.

<sup>285</sup> Cf. acima p. 79.

<sup>286</sup> *Ibid.*, XIV, XIX, 1 [καίόμενοι γὰρ ἔλεγον ἢ τεμνόμενοι γνωρίζειν ὅτι πάσχοιεν τι· πότερον δὲ τὸ καῖον εἴη πῦρ ἢ τὸ τέμνον σίδηρος, οὐκ ἔχειν εἰπεῖν].

<sup>287</sup> Cícero, *Acadêmica*, II, 20, 76, 142; D. L., II, 92; Sext., *P.*, I, 215; *M.*, VII, 190-200; Plutarco, *Adversus Colotem*, 1120 b-f.

ser escolhido e do que se deve evitar”<sup>288</sup> ; no geral, a descrição dos princípios do epicurismo disposta nesse excerto é a de que se deve renunciar prazeres e resistir a dores, de modo que a soma total de prazeres seja maior ou a soma total de dores seja menor a longo prazo<sup>289</sup>, que é algo próximo do que se vê na *Carta a Meneceu*, o escrito em que Epicuro lida com essa ética do cálculo dos prazeres<sup>290</sup>.

De todos os excertos, o mais longo e mais detalhado, por uma boa margem, é a refutação do pirronismo, possivelmente o texto mais importante dentre os excertos de Arístocles. De fato, dos textos de Arístocles, esse é o mais citado e mais comentado modernamente. O motivo disso é, precisamente, o da sua relevância enquanto fonte para o primeiríssimo pirronismo. A refutação toda consiste em trinta parágrafos<sup>291</sup>, todos no capítulo XVIII do livro XIV da *Preparação para o evangelho*. Expressamente na passagem conectiva para esse capítulo, Eusébio diz citar a refutação “ao pé da letra”<sup>292</sup>, a partir do *Sobre a filosofia* de Arístocles. Como temos dito, a parte que mais interessa a um estudo que busque a filosofia de Pirro propriamente, portanto a mais interessante para nós, é a passagem que compreende os primeiros quatro parágrafos dessa refutação contra o pirronismo. Nesses quatro parágrafos, Arístocles estabelece algumas considerações iniciais sobre aquilo contra o que pretende escrever e, em seguida, dispõe um “sumário em forma de tópicos”<sup>293</sup> do que ele indica serem os princípios da filosofia de Pirro enquanto descritos pelo seu discípulo, Tímon. Arístocles não indica expressamente qual dos escritos de Tímon ele usou como fonte para a descrição dos princípios

<sup>288</sup> Aristocl., apud Euséb., *Praep. euang.*, XIV, XXI, 1 [ἔνιοι φασι τῆς αἰρέσεως καὶ φυγῆς ἀρχὴν καὶ κριτήριον ἔχειν ἡμᾶς τὴν ἡδονὴν καὶ τὸν πόνον ἐνίοι φασι τῆς αἰρέσεως καὶ φυγῆς ἀρχὴν καὶ κριτήριον ἔχειν ἡμᾶς τὴν ἡδονὴν καὶ τὸν πόνον].

<sup>289</sup> Ibid, XIV, XXI, 1-4.

<sup>290</sup> D. L. X, 128-130.

<sup>291</sup> Uma divisão dos trinta parágrafos da refutação pirronismo é:

Paragrafo 1: Apresentação;

Para. 2-4: Sumário dos princípios [κεφάλαια] da filosofia de Pirro e Tímon;

Para. 5-10: Os princípios são inconsistentes (5-7) e são inalcançáveis (8-10);

Para. 11: Os modos de Enesidemo;

Para. 12-13: Os modos estão em conflito com os princípios dispostos no sumário da filosofia de Pirro e Tímon;

Para. 14-15: O comportamento de Pirro está em conflito com os princípios dispostos no sumário de sua filosofia;

Para 16-17: A decisão de escrever tomada por Tímon e Enesidemo está em conflito com os princípios dispostos no sumário da filosofia de Pirro;

Para 18-22: Os outros princípios da tradição do pirronismo (isto é, a vida de acordo com as afecções primárias, de acordo com a natureza, costumes e leis, assim como a metáfora do pirronismo como um purgante) também estão em conflito com os princípios dispostos no sumário de Pirro e Tímon;

Para. 23-4: Não somente a vida, mas a filosofia são ambas incompatíveis com os princípios dispostos no sumário da filosofia de Pirro e Tímon;

Para. 25-6: Até mesmo a vida baseada na mera concordância com a natureza e as leis é inconsistente com os princípios da filosofia de Pirro e Tímon;

Para. 27-29: Pirro, Tímon e Enesidemo são inúteis;

Para. 30: Conclusão: o que Pirro e Tímon fazem não é filosofia.

<sup>292</sup> Euséb., *Praep. euang.*, XIV, XVII, 10 [ἀπὸ τοῦ δηλωθέντος συγγραμματος ὡδὲ πη πρὸς λέξιν ἔχοντος].

<sup>293</sup> Aristocl., apud Euséb., *Praep. euang.*, XIV, XVIII, 5 [κεφάλαια τῶν λεγομένων].

da filosofia de Pirro. No entanto, como já dissemos, ele menciona duas das obras de Tímon<sup>294</sup>: os *Sillói* e o *Python*. Da primeira, ele provê citações diretas<sup>295</sup>. Da segunda, que parece ter sido um diálogo ou um relato de um diálogo, possivelmente em prosa, ele cita indiretamente a *mise-en-scène* literária, isto é, enquadramento da cena em que o diálogo ocorre<sup>296</sup>. Esse enquadramento é o seguinte: por acidente, Tímon encontra Pirro a caminho de Delfos ao lado do templo de Anfiáraos e os dois começam a conversar. Aristocles provê a descrição dessa cena com o propósito de demonstrar que o que ela descreve é inconsistente, portanto que Tímon é inconsistente, porque o que ela descreve contradiz o conteúdo do sumário da filosofia de Pirro, que ele dispõe no início da refutação. Ora, se a cena no Python é inconsistente, e se ela é inconsistente porque contradiz a filosofia de Pirro, então, possivelmente, ela é inconsistente porque o conteúdo do Python contradiz o conteúdo filosófico que ele mesmo contém. De fato, em Diógenes Laércio, lê-se que, no *Python*, Tímon “expunha longa e detalhadamente a disposição de Pirro”<sup>297</sup>. Assim, não seria implausível se se assumisse que, para formular o sumário da filosofia de Pirro e Tímon, Aristocles tivesse como fonte precisamente essa obra de Tímon, o *Python*<sup>298</sup>.

Com efeito, são consideráveis os aspectos que apontam favoravelmente para a fidelidade com a qual Aristocles compõe o sumário da filosofia de Pirro e Tímon. Acima, viu-se a fidelidade com que Aristocles representa as doutrinas das filosofias sobre as quais ele escreve. No capítulo precedente, viu-se que a refutação de Aristocles se situa cronologicamente mais ou menos uma ou duas gerações após a retomada do pirronismo empreendida por Enesidemo, numa época em que a influência desse pirronismo retomado ainda era incipiente, e, portanto, influenciando pouco sobre a figura de Pirro, que já era antiga a essa altura. Depois, vê-se que no sumário Aristocles se dirige só à filosofia de Pirro, enquanto descrita pelo seu intérprete, Tímon. Ainda, Aristocles contrasta Pirro e Tímon: ele deixa claro que o mestre não deixou nenhum escrito, ao contrário do discípulo, que deixou. Depois, por três vezes ele emprega expressões como “diz Tímon” e “diz ele”, referindo-se a Tímon, o que sugere a possibilidade de um contato em primeira mão com os escritos de Tímon<sup>299</sup>. Ora, de fato, dois dos escritos de Tímon são mencionados e com algum detalhamento. Por último, ainda que

<sup>294</sup> Sobre as obras de Tímon, cf. acima p. 46-48.

<sup>295</sup> Aristocl., apud Euséb., *Praep. euang.*, XIV, XVIII, 17, 19, 28.

<sup>296</sup> *Ibid.*, XIV, XVIII, 14.

<sup>297</sup> D. L. IX, 67 [ὁ Τίμων δὲ διασαφεῖ τὴν διάθεσιν αὐτοῦ ἐν οἷς πρὸς Πύθωνα διέξεισιν].

<sup>298</sup> LONG, 1978, p.83; CAIZZI, 1981a, p. 220, 1981b, p. 112; FERRARI, 1981, p. 363; LONG e SEDLEY, 1987, v.2, p. 6; BETT, 2000, p. 10; CLAYMAN, 2009, p. 58. Cf. CHIESARA, 2001, p.88 et seq, que supõe existir uma fonte intermediária entre Aristocles e Tímon. Cf. também POLITO, 2014, p. 290, que também considera a possibilidade de que Enesidemo ou um discípulo imediato dele seriam fontes intermediária.

<sup>299</sup> BETT, 2000, p. 16.

Arístocles mencione Enesidemo ao final da passagem, vê-se que esse aparece só como um aditivo: o objeto da passagem é claramente o sumário dos princípios da filosofia que Arístocles atribui a Pirro e Tímon.

Por último, há o vocabulário utilizado por Arístocles na passagem. Esse também parece indicar que não só a descrição de Arístocles é fiel, mas que ela trata do pirronismo de Pirro e Tímon propriamente, isto é, livres da influência do pirronismo de Enesidemo. Quanto ao vocabulário, então, os seguintes elementos são especialmente notáveis. Não se veem na passagem de Arístocles conceitos que, de outro modo, se veem na literatura do pirronismo a partir de Enesidemo. Arístocles não menciona os termos que se traduzem em “suspensão de juízo”<sup>300</sup> e em “não-apreensibilidade”<sup>301</sup>, ambos de importância central entre os acadêmicos de Arcesilau e Carnéades e que, eventualmente, assumiriam um papel crucial nas discussões do pirronismo retomado por Enesidemo, nos escritos de Sexto e na *Vida de Pirro* de Diógenes Laércio<sup>302</sup>. Notável também é que, no sumário de Arístocles, está um vocábulo que possivelmente consiste em um neologismo de Tímon<sup>303</sup>. Trata-se do vocábulo que foi traduzido na passagem para o adjetivo “indeterminadas”<sup>304</sup>. Não se vê ocorrência dele em escritos precedentes à passagem de Arístocles<sup>305</sup>; na verdade, ele é comum muito mais tardiamente na antiguidade: é frequente em Sexto<sup>306</sup>; ocorre também em Plotino<sup>307</sup>. Isso é interessante porque o uso extensivo de neologismos é algo próprio do estilo de Tímon; ainda, é frequente que esses neologismos sejam formados por um alfa privativo adicionado a uma palavra já existente ou a uma palavra nova de tipo composto<sup>308</sup>. Além disso, o vocabulário da passagem parece também típico do período pré-helístico. Ilustrativo disso são os termos que respondem à questão de Tímon sobre como se dispor diante das coisas, traduzidos para os adjetivos “sem opiniões, sem

<sup>300</sup> [ἐποχή].

<sup>301</sup> [ἀκαταληψία].

<sup>302</sup> LONG e SEDLEY, 1987, v. 2, p. 6.

<sup>303</sup> CHIESARA, 2001, p. 95.

<sup>304</sup> Aristocl., apud Euséb., *Praep. euang.*, XIV, XVIII, 3 [ἀνεπίκριτα].

<sup>305</sup> CAIZZI, 1981, p. 224.

<sup>306</sup> Sext., *P.*, I, 98, 112, 114, 170, etc.

<sup>307</sup> Plotino, *Enéada*, III, VI, 4.

<sup>308</sup> O estilo de Tímon é notável pelos seus neologismos. São mais de quarenta formações novas em apenas cento e trinta e cinco de seus fragmentos. Muitas de suas criações são adjetivos formados a partir de palavras ordinárias, como em “obsequioso para com a multidão” [οχλοάρεσκος], usado para caracterizar Arcesilau (fr. 34 Diels), ou “proferidor de pomposidades” [σεμνηγορίας], usado para caracterizar Pitágoras (fr. 57 Diels). Outros neologismos são criados a partir de nomes próprios, como no adjetivo que se traduz tanto em “prolixidade” quanto em “fala platônica” [πλατυρημοσύνης], usado em referência a Platão (fr. 35 Diels). Já outros são criados a partir da adição de prefixos novos a palavras ordinárias, como nos adjetivos “sub-Ático” [ὑπαττικός] (fr. 25 Diels) e “de ambos-observador” [ἀμφοτερόβλεπτος] (fr. 59 Diels). Esse é precisamente o caso dos neologismos dele formados a partir do alfa privativo. Em seus engenhosos experimentos literários, Tímon chega a usar o alfa privativo junto com palavras de sentido negativo para formar sentença de sentido positivo, como em “não inevitável na fala, nem invisual, nem inversátil” [οὔτ' ἀλιγγυγλώσσῳ οὔτ' ἀσκόπῳ οὔτ' ἀκυλίστῳ], verso usado para caracterizar Protágoras (fr. 5 Diels). Cf. CLAYMAN, 2009, p. 131 et seq.

inclinações e sem oscilação”<sup>309</sup>: o primeiro e o segundo ocorrem em Platão<sup>310</sup>; o terceiro é derivado de um termo cuja ocorrência se dá num dos fragmentos de Xenófanes e que é raro na antiguidade tardia<sup>311</sup>. Ora, as escolhas de vocabulário e a possibilidade daquele neologismo fazem parecer que, ao compor o sumário, Arístocles estaria ou sintetizando o que ele mesmo leu diretamente no texto de Tímon, escrito originalmente no século III a. C. – isto é, ele estaria reproduzindo o vocabulário que o próprio Tímon teria utilizado –, ou que ele estaria sintetizando o que ele leu talvez num epítome do texto de Tímon, em que o epitomista teria sido fiel ao texto original, reproduzindo o vocabulário utilizado pelo próprio Tímon, e que Arístocles teria sido fiel ao epitomista<sup>312</sup>.

Em conclusão, preservados por Eusébio, os excertos do *Sobre a filosofia* de Arístocles, siciliano de Messina, peripatético e erudito – possivelmente – de círculos Alexandrinos, mostram-se como fonte de considerável importância para a história da filosofia, e de primeira importância para a história do pirronismo, sobretudo do primeiro pirronismo, o de Pirro e Tímon. Desses excertos, alguns são refutativos, outros não. Os não refutativos são três, todos advindos do livro VII do *Sobre a filosofia*: um é sobre Platão, outro é sobre Aristóteles e outro é sobre os estoicos. Já os refutativos são cinco, todos advindos do livro VIII da mesma obra: um é sobre os pirrônicos; outro, os cirenaicos; outro, Metrodoro de Quios e Protágoras; outro é sobre Xenófanes, Parménides, Zenão, Melisso, Estilpo e os megáricos; o último é sobre Epicuro. Ao que parece, esse livro VIII do *Sobre a Filosofia* tem um propósito refutativo e de recorte mais epistemológico, sobretudo se se considera uma aparente progressão temática em torno da qual os excertos desse livro são organizados. No geral, as descrições que Arístocles produz das doutrinas sobre as quais ele escreve concordam com o que se lê nos materiais de outros autores antigos sobre as mesmas doutrinas, o que aponta para a fidelidade com que ele representa essas doutrinas. Isso é especialmente interessante no caso dos excertos refutativos. Nesses excertos, ele sempre descreve de modo sintético a doutrina contra a qual pretende refutar. E isso é mais interessante ainda no caso do excerto em que ele pretende refutar o pirronismo, notadamente o mais longo e detalhado dentre todos os excertos. Nessa refutação do pirronismo, a síntese de Arístocles da filosofia do pirronismo se dá sob a forma de um sumário em que ele anuncia dispor os princípios da filosofia de Pirro segundo seu discípulo,

<sup>309</sup> [ἀδοξάστος, ἀκλινής, ἀκραδάντος].

<sup>310</sup> Platão. *Fédon*, 94a e 104a, respectivamente.

<sup>311</sup> [ἀκραδάντος], “sem oscilações”, deriva do verbo [κραδαίνω], “oscilar, balançar”; ocorre no fragmento de Xenófanes “mas, de longe, tudo balança com a vontade do esforço do pensamento” [ἀπάνευθε πόνοιο νόου φρενὶ πάντα κραδαίνει] (DK 21 B 25). Cf. CAIZZI, 1981, p. 227 et seq; CHIESARA, 2001, p. 102 et seq.

<sup>312</sup> Sobre a hipótese de a fonte de Arístocles ser um epítome de uma obra de Tímon, cf. CHIESARA, 2001, p. 108; POLITO, 2014, p. 290.

Tímon. Possivelmente, o sumário é baseado numa das obras de Tímon, o *Python*; além disso, alguns aspectos terminológicos no sumário parecem apontar para uma reprodução pontual do estilo do próprio Tímon. Por fim, no que concerne o nosso objeto de estudo, o primeiríssimo pirronismo, isto é, o pirronismo de Pirro e Tímon, os elementos dispostos acima apontam muito favoravelmente para a validade da passagem de Arístocles.

#### 4. 2 As quatro principais interpretações

Até então, procuramos estabelecer firmemente a passagem de Arístocles como texto principal, isto é, como principal testemunho para a compreensão do pensamento e perspectiva filosófica de Pirro, sobretudo em detrimento de outros testemunhos e peças textuais que costumam ser tomados como igualmente determinantes para tal compreensão, como é o caso dos escritos de Sexto Empírico e da *Vida de Pirro* de Diógenes Laercio. E, de fato, em virtude de sua relevância no quadro geral dos testemunhos, a passagem de Arístocles, de todo modo, costuma ocupar um lugar destacado no que concerne à elaboração das propostas interpretativas para o material sobre Pirro. Mesmo quando não assume o posto de texto prioritário, decerto a passagem tende a ser incluída entre os textos principais, em torno dos quais as outras evidências textuais – muito diversas em seus caracteres – são organizadas para a confecção das propostas interpretativas para Pirro e primeiro pirronismo. Mais recentemente, sobretudo, a passagem tem se situado – e, com efeito, é esta a tendência que seguimos ao estabelecê-la firmemente como principal testemunho –, no centro das discussões sobre as interpretações para Pirro: geralmente, a proposta interpretativa aplicada à passagem é a mesma aplicada ao restante do material sobre Pirro, o que faz de tal proposta o elemento condicionante para a interpretação do quadro geral da filosofia de Pirro.

No que diz respeito, então, às propostas interpretativas a que Pirro foi submetido, o que se nota é que elas são em número considerável, são distintas entre si de modo decisivo e são dificilmente compatíveis umas com as outras, o que significa que elas concorrem entre si. Desde o final do século XIX até mais recentemente, é possível dividir essas propostas em oito tipos distintos<sup>313</sup>. Nas últimas décadas, no entanto, dessas oito interpretações a discussão passou a se fixar em torno de quatro delas somente. As propostas interpretativas são estas: a epistemológica; a ética; a orientalista; por fim, a metafísica. No que concerne às confecções dessas, além da

---

<sup>313</sup> O trabalho em que essas interpretações são divididas e sumarizadas é REALE, 1981. p. 243-336. Reale categoriza as oito propostas interpretativas em: a interpretação epistemológica-fenomenística; a prático-ética; a orientalista; a metafísica; a dialético-hegeliana; a científica; a literária; a anti-metafísica niilista.

passagem de Arístocles, outros testemunhos servem para corroborar o que propõe cada forma interpretativa. O conjunto de testemunhos a que cada proposta interpretativa recorre funciona como um quebra-cabeça em que o fim é formar um quadro interpretativo para Pirro e primeiro pirronismo. A peça considerada a mais importante nesse quebra-cabeças, sobretudo mais recentemente, como dissemos, vem sendo a passagem de Arístocles, que é auxiliada por outras peças menores, isto é, os outros testemunhos, nesse empreendimento de formar um quadro interpretativo para Pirro. No que segue, apresentamos essas quatro propostas no que concerne às suas ideias gerais, junto com os testemunhos auxiliares. Ao fim de cada apresentação, faremos um breve exame crítico das interpretações e do papel desses testemunhos auxiliares em suas confecções. No próximo capítulo, finalmente, veremos como as quatro interpretações operam na passagem de Arístocles especificamente.

#### **4. 2. 1 A interpretação epistemológica**

A começar pela interpretação epistemológica, essa é a forma mais tradicional das interpretações, a mais difundida e a que compreende o modo sob o qual Pirro é mais comumente concebido. Ela o toma como o iniciador da tradição do ceticismo pirrônico, isto é, do pirronismo tardio de que tratam os textos de Sexto e Diógenes Laércio. Para os proponentes da interpretação epistemológica<sup>314</sup>, a perspectiva de filosofia que Pirro e Tímon teriam mantido no primeiro pirronismo seria praticamente a mesma que se vê nas obras que descrevem a forma mais tardia de pirronismo, mas numa versão ainda incipiente, não desenvolvida, momento primordial, ainda distante daquilo que consiste na reunião sistemática de contra-argumentos cujo propósito é neutralizar quaisquer doutrinas de filosofia, típico do pirronismo tardio. Os proponentes da interpretação epistemológica assumem que, ao longo dos seus muitos séculos, ainda que passasse por fases diversas, o pirronismo seria como um grande bloco, mais ou menos contínuo, unido sob o interesse nos mesmos temas epistemológico-filosóficos, embora abordados de maneira progressivamente mais consistente. Os temas em questão seriam: a crítica das capacidades epistêmicas; adoção de uma noção de fenômeno como critério, em que se pressupõe uma divisão radical entre aparência e natureza real. Segundo a interpretação epistemológica, esses temas teriam sido sintetizados pela primeira vez por Pirro, iniciador da tradição do ceticismo pirrônico, a partir de certos precedentes na tradição filosófica grega.

---

<sup>314</sup> São proponentes da interpretação epistemológica: ZELLER, 1892, 521-527; DAL PRA, 1975, p. 62-64, 80-82; STOPPER, 1983, p. 265-275; ANNAS e BARNES, 1985, p. 11; ANNAS, 1993, p. 203-205; BRENNAN, 1998; THORSRUD, 2009, p. 17-35; SVAVARSON, 2004, 2010; CASTAGNOLI, 2002, 2014 p. 497-505. GREEN, 2017.

Em termos gerais, a tradição do ceticismo pirrônico antigo – isto é, o pirronismo tardio, do qual os escritos Sexto são os mais representativos – assume mais ou menos os seguintes contornos. O cético pirrônico reúne amplamente argumentos opostos, obtidos tanto da experiência fenomênica quanto de concepções mentais, sobre o maior número de temas possível. Então, ao contrapor esses argumentos um contra o outro em quaisquer dos temas, ele descobre que eles apresentam o caráter da equipolência, isto é, a igualdade de força, produzindo no cético o efeito de que ele não se vê nem mais nem menos inclinado a aceitar nenhum dos argumentos postos em oposição em quaisquer dos lados. O resultado da equipolência para o cético é que ele se vê suspendendo o juízo quanto a quaisquer objetos que ele põe sob discussão, isto é, suspende o juízo quanto ao que tais objetos são em suas reais naturezas. Ao aplicar essa abordagem de modo suficientemente amplo, o resultado para o cético pirrônico é, então, a suspensão geral do juízo quanto a real natureza das coisas. Essa suspensão não o previne, no entanto, de ser afetado pelas coisas – ele perceberá o mel como doce, por exemplo. Mas ainda que registre a maneira como é afetado, ele não assumirá que essa maneira corresponde à maneira como tal coisa é em sua natureza – o doce como pertencendo à natureza do mel, por exemplo. Em vez, ao cético resta só a aparência imediata das coisas: o fenômeno. Sobretudo, a suspensão geral do juízo quanto à natureza das coisas possui um efeito prático da maior importância: dela resulta a tranquilidade, isto é, propriamente o fim filosófico que os céticos pirrônicos suspeitam advir da conduta cética. Outros tipos filosóficos, os estoicos e epicuristas, também buscam o mesmo fim da tranquilidade. Mas, enquanto esses acreditam que a tranquilidade é alcançada ao se descobrir a verdadeira natureza das coisas, parece os céticos pirrônicos que é precisamente essa ambição de descoberta da verdadeira natureza das coisas aquilo que produz perturbação e ansiedade – isto é, o perfeito oposto da tranquilidade. Para o cético, o fim filosófico da tranquilidade envolve, sobretudo, a renúncia a tais pretensões<sup>315</sup>. E, assim, os proponentes da interpretação epistemológica assumem que é essa – a perspectiva de filosofia do pirronismo tardio – a chave de leitura mais adequada para fazer sentido das lacunas entre os muito fragmentados testemunhos sobre Pirro. Eles assumem que o quadro geral de testemunhos sobre Pirro e demais textos do pirronismo apontam para isso: que os textos que tratam do pirronismo, tomados em sua totalidade, apresentam uma perspectiva filosófica comum representada pela forma mais tardia de pirronismo.

Dentre as evidências textuais para a escolha dessa chave epistemológica, além do importante testemunho de Aristocles, estão as indicações, nos textos representativos do

---

<sup>315</sup> Sext., *P.*, I, 1-34. Cf. BETT, 2000, p. 3.

pirronismo tardio, de que Pirro foi o primeiro a assumir a postura mais própria do ceticismo<sup>316</sup>. Também, os proponentes da interpretação epistemológica assumem muito do que se vê em Diógenes Laércio, em cujo livro IX a perspectiva filosófica de Pirro e a do pirronismo tardios tendem a ser encaradas como a mesma coisa. Mais especificamente, os testemunhos atribuídos a Enesidemo, em Diógenes Laércio, segundo os quais Enesidemo afirmava que Pirro filosofou de acordo com a teoria da suspensão do juízo e que não determinava nada dogmaticamente, por causa da oposição entre argumentos, mas que seguia os fenômenos<sup>317</sup>. Os proponentes dessa interpretação assumem também que esse tipo de preocupação epistemológica já existiria em alguns dos versos de Tímon, dentre os quais um dos versos atribuído à obra *Imagens*, “mas a aparência vigora sobre tudo, onde quer que se vá”<sup>318</sup>; no mesmo sentido, eles propõem que essas preocupações comporiam o conteúdo de um dos tratados de Tímon, do qual resta somente o título, *Sobre as sensações*, e uma frase, “eu não estabeleço que o mel é doce, mas concordo que ele assim parece”<sup>319</sup>.

Outros testemunhos para essa interpretação epistemológica são os seguintes. Há o *Comentário anônimo ao Teeteto de Platão*<sup>320</sup>, em que, como vimos, o autor, ao mencionar o uso epistêmico da expressão “como de fato aparece” pelo personagem Teeteto<sup>321</sup>, esclarece que não se trata do mesmo uso de que fazem os pirrônicos, dado que, para esses, a noção de aparência serve como uma maneira de não afirmar nenhuma doutrina; igualmente, escreve o autor anônimo, que “de acordo com o homem [Pirro], a razão não é o critério, nem é a impressão verdadeira nem a persuasiva nem a apreensiva nem nenhuma outra, mas aquilo que aparece para ele no momento”<sup>322</sup>; depois, ainda de acordo com o comentador anônimo, Pirro não afirma que aquilo que aparece é ou não correspondente à aparência que produz, porque as aparências, assim como argumentos, em lados opostos possuem a mesma força, neles não restando diferença quanto a serem verdadeiros ou falsos, persuasivos ou não persuasivos, auto evidentes ou obscuros, apreensivos ou não apreensivos, sendo todos iguais<sup>323</sup>.

<sup>316</sup> Sext., *P.*, I, 7; D. L., IX, 70. Cf. acima p. 18.

<sup>317</sup> D. L., IX, 62, 106. Cf. acima p. 52.

<sup>318</sup> Tímon apud D. L., IX, 105 [ἀλλὰ τὸ φαινόμενον πάντη σθένει, οὔπερ ἄν ἔλθῃ]. Cf. Sext., *M.*, VII, 30. Cf. acima p. 47.

<sup>319</sup> D. L., IX, 105 [ἐν τοῖς Περὶ αἰσθήσεών φησι, "τὸ μέλι ὅτι ἐστὶ γλυκὸν οὐ τίθημι, τὸ δ' ὅτι φαίνεται ὁμολογῶ."].

<sup>320</sup> A datação para o *Comentário* o situa no fim do século I a. C., o que não o faz tão tardio quanto alguns dos outros textos citados, mas, de todo modo, ele é posterior a Enesidemo e ao seu pirronismo refundado. Para a datação do *Comentário*, ver MATOSO, R. 2019. p. 2-3.

<sup>321</sup> Platão, *Teeteto*, 151e [ὡς γε νυνὶ φαίνεται].

<sup>322</sup> Anônimo, *Comentário ao Teeteto de Platão*, col. 60, 48 apud CAZZI, 1981, p. 73 [κατὰ γὰρ τὸν / ἄνδρα οὔτε ὁ λόγος / κριτήριον οὔτε ἀληθῆς φαντασία οὔτε / καταληπτικὴ οὔτε ἄλλο / τι τ[οιοῦ]τον, ἀλλ' ὅτι / νῦν αὐτῷ φαίνε[τ]αι].

<sup>323</sup> Ibid. Cf. acima p. 56.

Plutarco é outro autor que atribui a Pirro preocupações epistemológicas cujo conteúdo é típico do pirronismo tardio. Em *Questões conviviais*, depois de sintetizados os argumentos no *Banquete* de Epicuro, segundo os quais o vinho não é em si nem quente nem frio, mas que possui átomos que produzem ou calor ou frio, e que, quando entram no corpo, produzem efeitos diferentes em pessoas diferentes, lê-se que esses argumentos “nos trazem diretamente a Pirro através de Protágoras”<sup>324</sup>; por fim, Plutarco termina o passo com a afirmação de que tudo vem a ser como resultado de misturas e combinações repetidas; ora, isso mesmo, a noção de que tudo vem a ser resultado de misturas e combinações, é algo muito próximo do que se vê no sexto modo para a suspensão do juízo<sup>325</sup>. Depois, o *Catálogo de Lâmprias*, um catálogo antigo das obras de Plutarco, lista uma obra, hoje perdida, intitulada *Sobre os dez modos de Pirro*<sup>326</sup>; ora, sabidamente, é a Enesidemos que se atribue a formulação de dez modos, isto é, os dez modos para a suspensão do juízo, não a Pirro. Além de Plutarco, há também os testemunhos nos escritos de Luciano de Samósata<sup>327</sup>, em que Pirro é referido como um “cético”; ou como praticante da suspensão de juízo; ou, numa piada, como alguém que nega que haja um critério/tribunal – em grego, as duas palavras correspondem a um homônimo<sup>328</sup>. Por último, há o médico e prolífico escritor, Galeno de Pérgamo, que foi certamente um conhecedor da forma tardia de pirronismo. Galeno escreveu sobre Pirro de modo passageiro, também representando-o com moldes semelhantes aos do cético pirrônico tardio. Ele escreve que “procurando a verdade e não a encontrando, Pirro, o cético, duvidava de todas as coisas não manifestas, atendo-se às evidentes para as ações cotidianas e duvidando, em vez, de todas que vão para além das evidentes, tal qual, verdadeiramente, o cético é por toda vida”<sup>329</sup>.

Por fim, no que concerne aos textos que justificam a interpretação epistemológica, excetuando-se a passagem de Arístocles, eles sofrem com algumas limitações. Dos textos remetentes ao primeiro pirronismo, há o material atribuído a Tímon, que é muitíssimo escasso, notadamente fragmentado. Além do que, nele, não há indicação de que se trata de uma descrição direta que o discípulo faz do mestre ou de sua filosofia; em vez, ele é atribuído a Tímon somente; as indicações de contexto também são pouco substanciais. Depois, senão por esse material atribuído a Tímon, é notável que todos os demais textos sejam consideravelmente

<sup>324</sup> Plutarco, *Quaestiones convivales.*, III, 5, 2, 652 a-b [ἀντικρυς εἰς τὸν Πύρρωνα διὰ τοῦ Πρωταγόρου φέρει ἡμᾶς] apud CAZZI, 1981a, p. 73.

<sup>325</sup> Isto é, sexto modo na ordenação em Sext., *P.*, I, 124-128; cf. D. L., IX, 84-85.

<sup>326</sup> Plutarco, *Catálogo de Lâmprias*, 158 apud CAZZI, 1981a, p. 77 [περὶ τῶν Πύρρωνος δέκα τῶπων].

<sup>327</sup> Cf. acima 67-68.

<sup>328</sup> [Κρυτήριον].

<sup>329</sup> Galeno, *Subfiguratio empirica*, p. 62, 18 Bonnet apud CAZZI, 1981a, p.63. [Pyrrhon scepticus qui ueritatem quaerens et non inueniens ambigebat de omnibus immanifestis, in die operationibus sequens euidencia, de omnibus autem quae sunt extra haec ambigens].

tardios: são pertencentes a uma época em que já era difundida a forma de pirronismo remetente à refundação da tradição, cujo responsável é Enesidemo. Como foi apontado no capítulo precedente, o Pirro representado nesses textos tardios se desvia daquele representado no material remetente aos testemunhos mais antigos, precedentes a Enesidemo. Depois de adotado como o símbolo do pirroísmo que Enesidemo refunda, Pirro passa a ser representado como o portador das características desse pirronismo. E a partir do século II, quando aparece na literatura filosófica a figura do “cético”, que engloba a academia de Arcesilau e Carnéades e o pirronismo a partir de Enesidemo, Pirro aparece então como o primeiro e principal representante dos “céticos”. No *Comentário anônimo ao Teeteto de Platão*, a terminologia associada a Pirro é uma que floresce depois dele: lê-se sobre “critério”, “impressão persuasiva”, “impressão apreensiva”. Algo semelhante se dá em Plutarco, cujo papel que dá à noção de mistura procede de modo muitíssimo parecido com o que se vê no sexto dos dez modos de Enesidemo para a suspensão do juízo; e no *Catálogo de Lâmprias*, referente às obras de Plutarco, está uma obra intitulada *Sobre os dez modos de Pirro*, quando quem escreveu sobre dez modos foi Enesidemo. E que se dá também em Galeno e Luciano, nos quais Pirro é descrito como o portador das características do cético e como seu representante, o mesmo que acontece em Sexto e em Diógenes.

#### 4. 2. 2 A interpretação ética

Passamos agora para a interpretação ética<sup>330</sup>. Essa procura ressaltar, sobretudo, os elementos prático-éticos no material antigo referente a Pirro. De acordo com essa interpretação, o principal traço da filosofia de Pirro estaria na sua surpreendente forma de agir no mundo, sua disposição. Os proponentes dessa interpretação assumem que, se Pirro cultivasse preocupações de ordem epistemológica, essas preocupações seriam meramente secundárias em relação ao fim muito estimado ético. A filosofia de Pirro, sob esse sentido ético, não seria uma versão inicial, ainda não desenvolvida, do que se veria mais tarde no pirronismo tardio: em vez, o propósito dela estaria decisivamente voltado para a vida tranquila, isto é, livre de ansiedades e perturbações; então, se Pirro e o primeiro pirronismo parecem versões cujas propostas teóricas são versões inconsistentes – porque ainda incipientes – do que se vê no ceticismo pirrônico posterior, como quer a interpretação epistemológica, é porque o que eles buscavam não era consistência teórica. Melhor, se eles parecem céticos ingênuos, é porque o que buscavam não

---

<sup>330</sup> São proponentes da interpretação ética: BROCHARD, 2009, p. 74-82; BRUNSCHWIG, 1994, 1999, p. 241-251; WARREN, 2002, p. 86-93; GAZZINELLI, 2009, p. 104-112; BICCA, 2014, p. 4.

era uma forma ceticismo. Mais ainda, se parecem filósofos dogmáticos, isto é, se eles propunham o tipo de disposição filosófica contra a qual o ceticismo pirrônico posterior define a si mesmo, é porque, possivelmente, eles o eram; eles não teriam procedido como no ceticismo posterior, em que o resultado ético advém de um esgotamento de capacidades epistêmicas.

Em Pirro, de acordo com a interpretação ética, as preocupações de ordem epistemológica seriam indiferentes; no máximo, seriam complementares: sobretudo, o elemento ético seria o determinante. Esse elemento ético essencial é aparente na disposição com a qual Pirro é descrito. Trata-se da disposição de completa indiferença, por vezes chamada de insensibilidade; uma que seria estabelecida precedentemente a qualquer justificação ou a qualquer elemento teórico: essa disposição de Pirro não seria motivada pela contrariedade entre argumentos, desacordo irresolúvel, nem por uma suspensão de juízo, mas seria, na verdade, anterior a quaisquer dessas considerações. Antes, Pirro já partiria da indiferença, do elemento ético. E essa, isto é, a indiferença de partida, tratar-se-ia de uma indiferença dirigida precisamente às coisas da moralidade – bem e mal, justo e injusto. Isso significaria que essa indiferença, por vezes chamada de insensibilidade ou impassibilidade, sua a disposição, traduzir-se-ia na verdade num tipo de antirrealismo moral: para Pirro, não existiria, por natureza, um bem ou mal, justo ou injusto; em vez, existiria apenas a absoluta indiferença moral; seria o acordo com essa indiferença absoluta o que possibilitaria para ele uma vida feliz e tranquila. Assim, nessa disposição de indiferença ou impassibilidade, verdadeiro objeto de sua filosofia, Pirro teria encontrado o melhor modo de vida. E o modo de vida segundo essa sua disposição teria sido o objeto de divulgação dos seus discípulos no primeiro pirronismo<sup>331</sup>.

Agora, dentre os textos importantes para a defesa dessa interpretação ética, além da passagem de Arístocles – que, como dissemos, é central para todas as interpretações –, estão os testemunhos de Cícero sobre Pirro<sup>332</sup>, em que ele é sempre representado como um severo moralista<sup>333</sup> e é posto sempre junto com o estoico heterodoxo Aríston de Quios, tendo destacada uma atitude além da indiferença, chamada insensibilidade ou impassibilidade. Os seguintes são os testemunhos em que Cícero se refere diretamente à severidade da disposição de Pirro. Em

---

<sup>331</sup> Brunschwig (1994, p. 206 et seq) e Warren (2002, p. 97 et seq) propõem que, de início, Pirro fora um moralista dogmático, mas que depois, em Atenas, sob um prolífico ambiente de discussões filosóficas em torno de questões epistemológicas cujos pivôs foram Arcesilau e os estoicos, Tímon teria injetado na figura literária que ele teria construído para Pirro o tema do esgotamento de capacidades epistêmicas, de modo que ele pudesse afirmar a filosofia do mestre no circuito de discussões contra as suas concorrentes, sobretudo contra Arcesilau.

<sup>332</sup> A proposta dessa interpretação ética para Pirro remete originalmente ao importante trabalho de Brochard (2009, p. 74-82);

<sup>333</sup> As menções a Pirro nos escritos de Cícero quase sempre se dão num contexto em que se discute ética; elas estão em: *Academica*, II, 42, 130; *De finibus*, II, 11, 35; II, 13, 43; III, 3, 11, IV, 16, 43; IV, 18, 49; IV, 22, 60; V, 8, 23; *De officiis*, I, 6; *De oratore*, III, 17, 62; *Tusculanae disputationes.*, II, 6, 15; V, 30, 85. Cf. acima p. 58.

*Academica*, lê-se que, enquanto para Aríston somente o bem é a virtude, restando para as outras coisas uma atitude de “indiferença”, para Pirro, nem mesmo isso resta, assumindo o sábio uma atitude de “impassibilidade” em vez<sup>334</sup>. Em *Sobre os fins*, lê-se que, para Pirro e Aríston, o único bem é a virtude e que esses filósofos, então, “colocam tudo no mesmo plano”, isto é, tudo exceto virtude e vício<sup>335</sup>; noutra, lê-se que, novamente para Pirro e Aríston, não há nada para escolher entre saúde e doença, somente a virtude é importante<sup>336</sup>; noutra, uma vez estabelecida a virtude, para Pirro nada mais resta, mas que Aríston, não tendo coragem para o nada, introduziu outras coisas para as quais tende o sábio<sup>337</sup>.

Além de Cícero, os textos usados para sustentar a interpretação ética são alguns dos fragmentos de Tímon: dois de teor moral; e outros em que a disposição de Pirro é exaltada, representada como uma de inconquistável bem-aventurança, ele é comparado ao sol ou ao deus solar, Apolo; vários adjetivos são usados, sempre de conteúdo moral positivo. Num fragmento, lê-se que, para Tímon, “de todas as coisas a pior é o desejo”<sup>338</sup>. Noutro, para ilustrar a colocação de que, por natureza, não há nem bem nem mal moral, Sexto cita um verso de Tímon, segundo o qual “da parte das pessoas, no entanto, essas coisas [bem e mal moral] são julgadas pela mente”<sup>339</sup>. Noutro fragmento, estes são os versos com os quais Tímon representa o mestre, Pirro:

Mas eu vi somente ele, sem vaidade, inquebrável  
ao que doma todos quantos são os mortais, famosos ou não,  
pesando, aqui e ali, na leviana turba humana,  
fora da afetação, das opiniões e das leis vazias<sup>340</sup>.

Isto é, nesse fragmento a representação de Pirro assume contornos enfaticamente morais. Além disso, são significativos os versos atribuídos à obra *Imagens*, que são aqueles em que Pirro tem a sua disposição muito adjetivada e é comparado ao sol ou ao deus solar<sup>341</sup>. São significativos

<sup>334</sup> Cícero, *Academica.*, II, 43, 130 [Cícero usa os termos gregos: ἀδιαφορία e ἀπάθεια]

<sup>335</sup> Cícero, *De finibus.*, III, 3, 11 [omnia exaequant].

<sup>336</sup> *Ibid.*, II, 13, 43.

<sup>337</sup> *Ibid.*, IV, 16, 43.

<sup>338</sup> Tímon apud Atheneus, VIII, 337a [πάντων μὲν πρότιστα κακῶν ἐπιθυμίη ἐστὶ].

<sup>339</sup> Tímon apud Sext., *M.*, XI, 140 [ἀλλὰ πρὸς ἀνθρώπων ταῦτα νόφ κέκριται].

<sup>340</sup> Tímon apud Aristoc. Apud Eusébio., *Praep., euang.*, XIV, XVIII, 18-19

[ἀλλ' οἷον τὸν ἄτυφον ἐγὼ ἴδον ἢ δ' ἀδάμαστον  
πᾶσιν ὅσοις δάμνανται βροτῶν ἄφατοί τε φατοί τε,  
λαῶν ἔθνεα κοῦφα, βαρυνόμεν' ἔνθα καὶ ἔνθα  
ἐκ παθέων δόξης τε καὶ εἰκαίης νομοθήκης].

<sup>341</sup> Os versos que formam o fragmento estão partidos entre estes três escritos: D. L., IX, 65; Sext., *M.*, I, 305; XI, 1; cf. acima p. 47.

também os versos dos *Sillói*, que consistem numa pergunta, dirigida a Pirro, sobre como ele adquiriu sua magnífica disposição filosófica<sup>342</sup>.

Além desses fragmentos de Tímon, são importantes para a interpretação ética aqueles textos que havíamos classificado como os testemunhos mais antigos sobre Pirro, compostos, junto com Tímon, de muito daquilo que caracterizamos, antes, como as anedotas laudatórias na seção biográfica da *Vida de Pirro* de Diógenes Laércio<sup>343</sup>. Essas são as anedotas de Eratóstenes, em que Pirro limpava as coisas em casa com uma atitude de indiferença, levava pessoalmente pássaros e leitões ao mercado para vendê-los e, por conta dessa indiferença, também lavou um porco<sup>344</sup>. Também, a anedota, sem indicação de fonte, segundo a qual Pirro suportou as dores da cirurgia sem franzir o cenho<sup>345</sup>. Ainda, as de Nausífanos, segundo o qual era preciso assumir a disposição de Pirro, mas seguir os próprios argumentos; que Epicuro, de quem era mestre, era admirado com o modo de vida de Pirro<sup>346</sup>. Também, a de Posidônio, segundo a qual Pirro, numa embarcação e sob uma tempestade, recomenda a alguns tripulantes que assumam a imperturbabilidade de uns porquinhos que eram transportados no barco, tranquilos<sup>347</sup> – anedota que se aparece também em Plutarco<sup>348</sup>. Além dessas anedotas, há a passagem no passo que inicia a *Vida de Pirro*, que não situamos entre as anedotas laudatórias, nem pode ser situada seguramente entre os testemunhos mais antigos, e sobre a qual já mencionamos acima: nela, lê-se que, segundo Pirro, nada é nem belo, nem vergonhoso, nem justo, nem injusto; sobre todas as coisas, afirmava nada ser em realidade, e que todos agem por costume e por norma, porque cada coisa não é mais isso do que aquilo<sup>349</sup>. E, em Atheneu, há o testemunho de Hegesandro, segundo o qual Pirro rejeita um jantar o luxuoso para o qual fora convidado<sup>350</sup>.

Por fim, no que concerne a esses textos importantes para a interpretação ética, deve-se notar que alguns deles também não são sem limitações. A começar pela passagem no passo inicial em Diógenes, sobre nada ser nem belo, nem vergonhoso, nem justo, nem injusto etc. Ela aparece no texto como a premissa para o que se vê nas duas linhas imediatamente precedentes, nas quais Diógenes relata que, segundo certo Ascânio de Abdera – que é totalmente desconhecido senão por essa passagem –, Pirro introduziu as noções de não-apreensibilidade e

<sup>342</sup> Tímon apud D. L., 65; cf acima p. 40.

<sup>343</sup> Cf. acima p. 37-40.

<sup>344</sup> D. L., IX, 66.

<sup>345</sup> D. L., IX, 67.

<sup>346</sup> D. L., IX, 64.

<sup>347</sup> D. L., IX, 68.

<sup>348</sup> Plutarco, *De profectibus in virtute*, 82ef.

<sup>349</sup> D. L., IX, 61; cf. acima p. 33-34.

<sup>350</sup> Atheneus, X, 419d; cf. acima p. 51.

suspensão do juízo<sup>351</sup>. Mas dificilmente Pirro teria introduzido essas noções; mais provavelmente, essas noções florescem na geração que o sucede. Mais ainda, como vimos antes, o que a passagem em questão descreve não corresponde à suspensão de juízo, nem nos termos da academia de Arcesilau e Carnéades, nem nos do ceticismo pirrônico de Sexto<sup>352</sup>. Problemáticos, também, são os testemunhos de Cícero. Isso porque, como vimos, muito possivelmente os testemunhos de Cícero todos derivam de uma mesma fonte; essa seria a mesma de que provém a *carneadea divisio*<sup>353</sup>: a categorização dos filósofos de acordo com suas concepções sobre o que seria o sumo bem; essa fonte, ao mesmo tempo em que categoriza Pirro junto a Aríston de Quios e Hérilos de Cartago, não é ela mesma informativa quanto às diferenças entre ele e os dois estoicos<sup>354</sup>.

Por outro lado, no que diz respeito aos fragmentos de Tímon, nota-se que eles se harmonizam bem com a interpretação ética. Ainda que situação em que eles se encontram seja uma de grande fragmentação, neles vê-se enfatizada a disposição filosófica de Pirro, o que seria um bom indicativo de que preocupações éticas tinham um papel deveras importante em sua visão de filosofia. Isso se estende igualmente às anedotas da seção biográfica na *Vida de Pirro* e demais testemunhos que classificamos como os mais antigos: notadamente esses são enfáticos da disposição de Pirro; conformam-se muito bem com a interpretação ética, cuja chave interpretativa prioriza o elemento ético encapsulado nessa disposição.

#### 4. 2. 3 A interpretação orientalista

Agora, quanto à interpretação orientalista: essa deriva a conduta de Pirro, toda sua perspectiva sobre temas em filosofia, de algo que dificilmente passa despercebido no relato de Diógenes Laércio, mas que, não obstante, é referido com uma boa dose de cautela entre os comentadores. Trata-se da influência da sabedoria oriental – mais especialmente dos indianos – sobre Pirro, indicada também nos passos iniciais da *Vida de Pirro*<sup>355</sup>. De acordo com a interpretação orientalista, a postura filosófica de Pirro como um todo, junto com a impassibilidade diante a dor e tranquilidade resoluta, seriam consequências do contato que ele teria travado com os sábios e religiosos acéticos indianos quando fez parte do séquito de

---

<sup>351</sup> Ibid.

<sup>352</sup> Cf. acima p. 33-34

<sup>353</sup> Cícero., *De finibus*, V, VI, 16.

<sup>354</sup> Cf. acima p. 59-61.

<sup>355</sup> D. L. IX, 61,63.

intelectuais que compunha a corte de Alexandre no evento das campanhas desse, que adentrou o subcontinente indiano entre 327 e 325 a.C.<sup>356</sup>.

As referências que descrevem o contato direto com os indianos se dão em dois momentos. Num primeiro momento, Diógenes escreve que Pirro, tendo acompanhado Anaxarco de Abdera – filósofo de quem ele era discípulo e que gozava de certa proximidade com Alexandre, o Grande<sup>357</sup> – “misturou-se com os sábios nus na Índia e com os magos”<sup>358</sup>. Num segundo momento, agora sob a autoridade de Antígono de Caristo, Diógenes escreve, sobre Pirro, que:

Ele se afastava a companhia de outros raramente aparecendo para os da própria casa e isolando-se, porque uma vez escutou um indiano reprovar Anaxarco, dizendo que não se poderia ensinar alguém a ser bom ao mesmo tempo em que se frequenta a corte real<sup>359</sup>.

Além dos testemunhos em Diógenes, um contato entre Pirro e os indianos poderia ser inferido a partir dos relatos, em outros autores, sobre o contato entre os indianos e outros membros do círculo de intelectuais que compunha a expedição de Alexandre e do qual Pirro fazia parte. Muito expressivos, nesse sentido, são os relatos sobre a Índia no *Geographica*<sup>360</sup> do erudito Estrabo – que escreve no fim do século I a. C. e o início do século I. Nela, Estrabo escreve sobre o relato de Aristóbulo – um dos cronistas da expedição, e engenheiro militar de Alexandre –, que conta “ter visto sofistas, ambos Brâmanes” que se sentaram à mesa de jantar do rei em Taxila, grande cidade da antiga região de Gandhara, no atual Punjab paquistanês<sup>361</sup>. Estrabo escreve também sobre o relato do cínico Onesícrito – um discípulo de Diógenes, o cão; também cronista; e timoneiro chefe de Alexandre – que havia sido mandado para conversar com “sofistas” que, “nus”, cultivavam a resistência física e recebiam grandes honras<sup>362</sup> entre a população local. Dentre esses, estavam Mandanis – o mais velho e mais sábio, que rejeita uma

<sup>356</sup> Pirro é posto junto à expedição de Alexandre em D. L. IX, 61; Sext., *M.*, I, 282; Plutarco, *De Alexandri magni fortuna aut virtute*, 331e.

<sup>357</sup> Arriano, *Anabasis de Alexandre.*, IV, 9, 11; Plutarco, *De Alexandri magni fortuna aut virtute*, I, 9, 331e.

<sup>358</sup> D. L., IX, 61 [τοῖς γυμνοσοφισταῖς ἐν Ἰνδία συμμῖξαι καὶ τοῖς μάγοις].

<sup>359</sup> D. L., IX, 63 [ἐκπατεῖν τ' αὐτὸν καὶ ἐρημάζειν, σπανίως ποτ' ἐπιφαινόμενον τοῖς οἴκοι. τοῦτο δὲ ποιεῖν ἀκούσαντα Ἰνδοῦ τινος ὄνειδίζοντος Ἀναξάρχῳ ὡς οὐκ ἂν ἕτερόν τινα διδάξει οὗτος ἀγαθόν, αὐτὸς αὐλάς βασιλικὰς θεραπεύων].

<sup>360</sup> Estrabo, XV, I. Além dos relatos de membros da expedição de Alexandre, Estrabo tem como fonte o *Índica* [Ἰνδικά]: o importante relato do dignitário Megástenes, enviado pelo diádoco Seleuco I por volta de 303 a. C. à corte de Candragupta Maurya, soberano que reinou como unificador do território indiano depois das reviravoltas políticas provocadas pela passagem do exército macedônio. O relato de Megástenes é, portanto, somente vinte anos posterior à passagem de Pirro pela Índia; nele, está a descrição de intelectuais-reigiosos indianos com os quais ele teve contato. Cf. Estrabo, XV, I, 58-60

<sup>361</sup> Estrabo, XV, I, 61 [Ἀριστόβουλος δὲ τῶν ἐν' Ταχίλοις σοφιστῶν ἰδεῖν βραχμᾶνας ἀμφοτέρους].

<sup>362</sup> Estrabo, XVI, I, 63 [Ὀνησίκριτος δὲ πεμφθῆναι φησιν αὐτὸς διαλεξόμενος τοῖς σοφισταῖς τούτοις· ἀκούειν γὰρ τὸν Ἀλέξανδρον, ὡς γυμνοὶ διατελοῖεν καὶ καρτερίας ἐπιμελοῖτο οἱ ἄνθρωποι ἐν τιμῇ τε ἀγοίτο πλείστη].

convocação e presentes de Alexandre – e Calano, que viria ele mesmo a fazer parte do círculo de intelectuais da expedição e que cometeria um tipo de suicídio ritual, na Pérsia, em Passárgada, queimando, imóvel, numa pira incandescente<sup>363</sup>. Em Flávio Arriano, um dos biógrafos de Alexandre do período romano imperial, na passagem em que descreve o episódio desse suicídio, lê-se que Calano era frequentado por diversas pessoas, dentre as quais Lisímaco – figura importante no exército macedônico, um dos companheiros e guarda costas de Alexandre –, isto é, era consultado sobre coisas concernentes à sabedoria<sup>364</sup>, o que sugere certa influência do indiano entre os membros da expedição.

Diante dessas referências, então, não seria de todo implausível supor uma influência das ideias típicas das religiões e filosofias indianas sobre os gregos da expedição de Alexandre, naturalmente incluindo Pirro. De fato, esse é o parecer mais comum dentre os comentadores. Eles geralmente admitem a influência dos indianos em alguma medida<sup>365</sup>, mesmo que prefiram as interpretações mais econômicas<sup>366</sup>. A interpretação orientalista, no entanto, pretende ir mais além. Ela propõe que o contato entre Pirro e os indianos foi não só bem definido, mas na verdade decisivo: Pirro não só teria derivado dos indianos sua perspectiva sobre temas em filosofia, como essa seria, antes, a melhor maneira de explicá-la. Isto é, essa perspectiva de filosofia, o comportamento descrito nas anedotas biográficas, sobretudo sua formidável tranquilidade, segundo a interpretação orientalista, seriam ambas mais bem explicadas se se tomam como uma síntese do que ele teria aprendido depois da viagem para o oriente e contato com os indianos; ela desafia a noção de que essas coisas seriam mais bem explicadas se tomadas como a síntese dos desenvolvimentos antecedentes em filosofia grega propriamente, que ele teria acumulado ou aprendido sob Anaxarco, posição habitual que reduz o efeito do contato com o oriente.

Para desenvolver a posição orientalista, seus proponentes<sup>367</sup> procedem a partir da comparação entre Pirro e os movimentos intelectual-religiosos da Índia antiga à época da expedição de Alexandre, sustentando que as semelhanças entre os dois é evidência daquela influência decisiva. Os elementos comparáveis, então, seriam os seguintes. De acordo com a posição orientalista, seria algo típico tanto do pirronismo quanto do pensamento indiano a formulação de argumentos antinômicos com o fim de produzir uma transformação no modo em que se dá a experiência do mundo, que passa a ser percebido como algo de certa maneira irreal,

<sup>363</sup> Estrabo, XI, I, 64; Plutarco, *Alexandre*, LXV.

<sup>364</sup> Arriano, *Anabasis de Alexandre*, VII, 3.

<sup>365</sup> Cf. CAIZZI, 1981a, p. 136-143; LONG, A.; SEDLEY, 1987, v 1. p. 17; BETT, 2000, p. 170; REALE, 1981, p. 283.

<sup>366</sup> Cf. HADOT, 2014, p. 145-147; LONG, 1991, p. 109.

<sup>367</sup> São proponentes da interpretação orientalista: FLINTOFF, 1980; KUZMINSKI, 2008; BECKWITH, 2015.

o que os indianos chamam de *maya*<sup>368</sup>. Depois, a passagem de Aristocles, as escrituras do jainismo, as do budismo e as do hinduísmo – particularmente os *Yogas Sutras* –, todos confluíam quanto ao uso de uma terminologia negativa para descrever o mundo, as posturas recomendadas para encará-lo e o fim ético dos seus sistemas; significativa, nesse caso das terminologias negativas, seria a correlação entre a tranquilidade<sup>369</sup> de que se fala no pirronismo – que se traduz também por “não-perturbabilidade” – e o *nirvana* de que se fala na cultura budista – que se traduz por algo como “extinção do incêndio das paixões –, ambos termos negativos e descritivos de um fim ético<sup>370</sup>.

Ainda, o comportamento atribuído a Pirro nas anedotas biográficas, comumente tomado como excêntrico, tornar-se-ia típico quando transposto para o quadro de práticas dos ascetas indianos. Dentre esses comportamentos típicos, destacar-se-iam: a tolerância à dor física relatada, em Diógenes Laércio, na anedota sobre a apatia de Pirro quando submetido a uma cirurgia<sup>371</sup>, tolerância que seria correlata dos exercícios do yoga; a reclusão e o nomadismo de Pirro, que seria algo que se vê na anedota de Antígono<sup>372</sup>, e que é um traço recorrente da vida intelectual-religiosa indiana. Quanto ao nomadismo, nas fontes indianas antigas frequentemente vê-se mencionada uma classe de religiosos errantes ascetas, chamados *parivrājakas*, que parecem ter formado um tipo de cultura alternativa itinerante, altamente agonística, cuja prática pretendia demonstrar o desapego em relação às coisas do mundo, e que seriam comparáveis a Pirro<sup>373</sup>. De modo semelhante, um dos escritos budistas, o *Brahmajāla Sutta*, o primeiro dos *Digha Nikaya* (ou *Coleção de Longos discursos*), menciona quatro tipos de religiosos itinerantes que seriam particularmente correlacionáveis a Pirro. Eles são chamados de “chacoalhadores de enguias” (*amarāvikkhepikā* em Pali, a língua índica antiga de escritos budistas dentre os mais antigos). Desempenham complexos expedientes linguísticos cujo propósito era o de recusarem resposta a certos grupos de perguntas. Esses expedientes linguísticos eram postos em forma de *tetralemma*, isto é, enunciados em forma quadripartida, uma forma linguística recomendada na passagem de Aristocles<sup>374</sup> e que aparece quatorze vezes entre os escritos de Sexto<sup>375</sup>. Até mesmo o Buda, nos sutras budistas mais antigos, é dito ter declarado que são irresolúveis quatro conjuntos de questões de teor metafísico que são essas

---

<sup>368</sup> FLINTOFF, 1980, p. 94.

<sup>369</sup> [ἀταραξία].

<sup>370</sup> Ibid., p. 96.

<sup>371</sup> D. L. IX, 67. Cf. acima p. 39.

<sup>372</sup> D. L., IX, 63.

<sup>373</sup> FLINTOFF, op. cit., p. 98-100.

<sup>374</sup> Aristocl., apud Euséb., *Praep. euang.*, XIV, XVIII, 3.

<sup>375</sup> FLINTOFF, op. cit., 92 et seq.

mesmas enunciadas em forma de *tetralemma*<sup>376</sup>. De fato, segundo os proponentes dessa interpretação orientalista, mais do que todos os tipos indianos de intelectuais-religiosos de hábitos ascetas, o budismo é o grupo para o qual confluiriam todos os traços correlacionáveis a Pirro. Das formas de budismo, possivelmente as acepções mais iniciais da escola Madhyamika do budismo Mahayana<sup>377</sup>; ou, como pretende a forma mais recente dessa interpretação orientalista, uma acepção antiquíssima de budismo, mais próxima à época em que o Buda vivido e anterior às versões mais antigas do budismo que nos é contemporâneo<sup>378</sup>.

Por fim, a título de exame da interpretação orientalista, deve-se observar o seguinte. Seria pouco plausível supor que o contato com o oriente junto ao exército de Alexandre não influenciou a filosofia de Pirro. Mas a interpretação orientalista pretende ir além disso. Ela pretende estabelecer que essa influência foi de um tipo decisivo: isto é, que a filosofia de Pirro consiste numa reprodução da filosofia oriental; mais especificamente, reprodução de uma forma muito antiga de budismo. Ela pretende fazer de Pirro um tipo de budista grego. Entretanto, para os proponentes dessa interpretação orientalista, o que resta para sustentar essa posição é deveras escasso. Senão pela passagem de Arístocles – cujo sumário do pirronismo, de acordo com os proponentes dessa interpretação, seria como um tipo de síntese do budismo – os testemunhos que descrevem um contato direto entre Pirro e os indianos são somente dois, ambos em Diógenes Laércio. Em um, aparentemente sem indicação de fonte, Diógenes fala sobre sábios nus e magos<sup>379</sup>, com os quais Pirro teria se misturado; no outro, esse a partir de Antígono de Caristo, ele fala só sobre um indiano, isto é, sem qualificação<sup>380</sup>. Quanto ao primeiro testemunho, ao falar sobre sábios nus e magos, Diógenes poderia estar somente invocando os estereótipos de sábios persas e indianos<sup>381</sup>. Se não, se Diógenes está se referindo à seita de sábios nus de que fala também Estrabo, dentre os quais estão Calano e Mandanis, o que se deve observar é que eles não são budistas<sup>382</sup>, ora, como se viu, de acordo com os proponentes dessa interpretação orientalista, a seita indiana cujos traços seriam os mais parecidos com os que se veem em Pirro – portanto a seita com a qual a comparação entre traços justificaria a tese de que se trata de uma assimilação – é o budismo. Depois, o único filósofo de que se tem registro que é dito ter sido enviado para se informar sobre as práticas da seita dos sábios nus é o cínico Onesícrito. Sobretudo, nesse relato sobre o contato entre Onesícrito e os sábios nus indianos,

---

<sup>376</sup> Ibid.

<sup>377</sup> FLINTOFF, op. cit, p. 97; KUMINSKI, 2008, p. 64; BECKWITH, 2015, p. 20.

<sup>378</sup> BECKWITH, 2015, p. 53-55.

<sup>379</sup> D. L., IX, 61.

<sup>380</sup> D. L., IX, 63.

<sup>381</sup> BECKWITH, 2015, p. 15.

<sup>382</sup> Ibid., p. 64 et seq.

lê-se precisamente sobre difíceis obstáculos linguísticos para a transmissão de doutrinas: Mandanis, o mais velho e líder dos sábios nus, enfatiza que transmitir filosofia por meio de três intérpretes, que, senão pela língua, são ignorantes como as massas, seria tão difícil quanto tentar fazer água pura passar através de lama!<sup>383</sup> Por último, quanto ao material que remete a Antígono, como se viu, esse é quase sempre de teor vitriólico. O caso dessa anedota atribuída a ele, em que são mencionados certo indiano, Pirro e Anaxarco, não seria diferente: nessa anedota, Pirro aparece como um recluso excêntrico e Anaxarco como um bajulador oportunista que é repreendido por um bárbaro indiano<sup>384</sup>. No geral, dificilmente Antígono seria uma boa fonte; igualmente difícil seria, então, tomar os testemunhos dele como bons testemunhos<sup>385</sup>.

#### 4. 2. 4 A interpretação metafísica

Por último, dentre as principais interpretações, há a metafísica<sup>386</sup>. Sob essa interpretação, a perspectiva filosófica de Pirro assume contornos muitíssimo diferentes do modo como ela foi comumente concebida e representada ao longo da história, inclusive desde a antiguidade: de fato, radicalmente incompatível. De acordo com a interpretação metafísica, a perspectiva filosófica de Pirro possuiria contornos decididamente assertivos e ele seria, nos termos do ceticismo pirrônico posterior, aquilo contra o que esse mesmo ceticismo se define: um dogmático; sua filosofia, um dogmatismo. Para a interpretação metafísica, a orientação filosófica de Pirro nem seria de caráter epistemológico, alinhada com o que é discutido pelo ceticismo pirrônico tardio, como quer a interpretação epistemológica; nem seria uma de caráter primariamente ético, como quer a interpretação ética; também não seria o resultado de uma síntese do budismo com o qual ele teria travado contato, na Índia. Essa filosofia positiva seria orientada, em vez, para a natureza das coisas: Pirro teria postulado uma tese realista forte, que teria por objeto a essência das coisas, isto é, sua realidade mais intrínseca.

Segundo a interpretação metafísica, a filosofia de Pirro se sustentaria sobre um só e grande postulado isento do próprio escopo: o de que as coisas, em suas naturezas, essencialmente, são indiferenciadas, instáveis e indeterminadas; isto é, em suas realidades, elas

---

<sup>383</sup> Estrabo, XV, 1, 64.

<sup>384</sup> Beckwith (2015, p. 48 et seq) supõe que essa anedota de Antígono sobre o contato com um indiano seja a expressão da virada de Pirro para a adoção do budismo primitivo do qual o primeiro pirronismo seria a síntese. Mas, curiosamente, ele mesmo é da opinião de que as anedotas de Antígono poderiam muito bem ser tomadas como espúrias (BECKWITH, 2015, p. 57).

<sup>385</sup> Cf. acima p. 34-37.

<sup>386</sup> São proponentes da interpretação metafísica: REALE, 1981, p. 304-336; FERRARI, 1981, p. 364; CAIZZI, 1981a, p. 144 et seq, 165, 168, 171, 218-234; SEDLEY, 1983, p. 14; LONG e SEDLEY, 1987, v. 1, p. 16 et seq; BETT, 1994; 2000; CHIESARA, 2001, p. 94, 108 et seq.

são sem diferença e sem determinação intrínsecas<sup>387</sup>. Essas coisas, sobre as quais Pirro postularia serem indeterminadas por natureza, precisamente porque elas são indeterminadas, seriam também incognoscíveis. Mas o que deve ser observado é que essa incognoscibilidade das coisas não se daria por quaisquer limitações epistêmicas, como quer, por exemplo, a interpretação epistemológica, que faz de Pirro um cético nos moldes do ceticismo pirrônico posterior. Em vez, essa incognoscibilidade adviria, segundo a interpretação metafísica, da própria natureza das coisas, indiferenciada e indeterminada nela mesma, portanto incognoscível já em princípio. Por fim, esse tipo de incognoscibilidade precisamente seria a razão daquela disposição de Pirro, muitas vezes reverenciada como uma de formidável indiferença moral e tranquilidade, motivo da captura de sua figura como a de emblema do pirronismo; isto é, a causa da tranquilidade de Pirro seria, antes, essa indeterminação e incognoscibilidade intrínsecas. Diversamente da interpretação ética, por exemplo, que se estrutura em torno da formidável tranquilidade de Pirro, a interpretação metafísica toma essa tranquilidade como um produto do reconhecimento da indeterminação inerente às coisas, própria de sua essência.

Quanto aos textos que servem para fundamentar a interpretação metafísica, mais do que as outras propostas interpretativas, a proposta metafísica deriva a perspectiva filosófica de Pirro da importante passagem de Aristócles. Como temos enfatizado ao longo da dissertação, existem bons motivos para a escolha da passagem como um testemunho que provê as condições para a interpretação dos demais testemunhos, o que torna bem fundada, portanto, essa aposta dos proponentes da interpretação metafísica na centralidade da passagem. Além da passagem, os outros textos que justificam a interpretação metafísica o fazem indiretamente. Esses são os

---

<sup>387</sup> Os proponentes da interpretação metafísica todos caracterizam o empreendimento filosófico de Pirro como orientado para a essência das coisas, mas a descrição desse empreendimento varia entre cada um. Para Reale (1981, p. 304-336), a perspectiva de Pirro seria um tipo de ontologia em chave puramente negativa, derivada da perspectiva megárica, essa mesma uma derivação do eleatismo; além do que, consistiria também numa rejeição dirigida milimetricamente para o que propõe Aristóteles em *Metafísica*, IV, 3-4, quando procura refutar aqueles que rejeitam o princípio de não contradição. Cf. BERTI, 1981, p. 73-75, para o qual, assim como em Reale, a perspectiva de Pirro é um desenvolvimento a partir da filosofia megárica, que, nesse caso, é identificada como a própria perspectiva daqueles que negam o princípio de não contradição e aquela contra a qual Aristóteles argumentou, embora Berti não atribua a essa perspectiva de Pirro uma orientação realista, mas uma epistemológica, na qual o objeto é as contradições entre representações. Já para Ferrari (1981, p. 364), trata-se propriamente de uma tese realista direta, segundo a qual a realidade nela mesma é não-determinável ou não cognoscível. Caizzi (1981a, p. 144 et seq, 165, 168, 171, 218-234) interpreta Pirro como negando as determinações que “ser” e “não ser” comportam e postulando uma indiferença objetiva nas próprias coisas, como consequência negando o mundo manifestado pelos sentidos, porque esses conferem à realidade as determinações que ela não possui. De modo semelhante, Bett (2000, p. 120) identifica uma tênue linha interpretativa entre caracterizar a tese de Pirro como uma descrição positiva de conteúdo negativo, como é o caso de caracterizar a natureza das coisas como indiferentes e indeterminadas, e caracterizá-la como uma negação da existência mesma de uma natureza das coisas. Mas, segundo Bett, dado que, para ser da natureza de uma coisa, é preciso que uma determinação pertença a essa coisa de um modo não qualificado, isto é, sob qualquer que seja o aspecto, a leitura mais apropriada para a tese de Pirro é aquela que a entende como negação da existência de determinações inerentes às coisas de modo não qualificado; em última instância, portanto, negando que haja uma natureza das coisas.

testemunhos que representam a disposição de grande indiferença sustentada por Pirro, os mesmos que fundamentam a interpretação ética, que comentamos acima: isto é, os testemunhos de Tímon e demais testemunhos que remetem ao período mais antigo na cronologia que divisamos no capítulo anterior, junto com os testemunhos nos escritos de Cícero, em certa medida. Para os proponentes da interpretação metafísica, a disposição de formidável indiferença sustentada por Pirro adviria, sobretudo, como o resultado da perspectiva filosófica metafisicamente orientada que ele teria igualmente sustentado. Nessa nota, um dos fragmentos das *Imagens*, a obra de Tímon, se destaca entre os testemunhos que justificam a proposta metafísica. Trata-se daquele, muito dificilmente compatível com quaisquer formas de ceticismo, em que o conteúdo consiste numa declaração que caracteriza a si mesma como uma palavra de verdade, proferida a partir da posse de uma medida correta, sobre a natureza do bem e do divino, dita ser eterna, e a partir do que a vida do homem se torna a mais igual<sup>388</sup>.

Por último, quanto ao suporte que os textos interessantes para a interpretação metafísica proporcionam, os proponentes dessa interpretação, como dissemos acima, se apoiam sobre a passagem de Arístocles de um modo mais dependente do que as outras interpretações. Temos enfatizado a primazia da passagem em relação aos outros testemunhos, isto é, sua situação condicionante até mesmo para a interpretação dos demais testemunhos. Entretanto, apesar de sua riqueza filosófica e dos seus muitos méritos, a passagem, de todo modo, consiste em um sumário, portanto pouco extenso, cuja transmissão de conteúdo se dá mediado não por uma, mas por duas partes: uma é Tímon, intérprete e difusor das idéias de Pirro; outra é Arístocles, que sumariza Tímon. E esse seria, então, um dos pontos aptos a desautorizar a abordagem tomada mais habitualmente pelos autores nas últimas décadas, que é a que assume a primazia da passagem<sup>389</sup>.

---

<sup>388</sup> Tímon apud Sext., *M.*, XI, 20 Cf. acima p. 22.

<sup>389</sup> Para um autor que se põe contra a primazia da passagem em favor de uma abordagem dos testemunhos em sentido mais globalizante, cf. GREEN, 2017, p. 337 et seq.

## 5 OPERAÇÕES INTERPRETATIVAS NO TESTEMUNHO DE ARÍSTOCLES

Agora que enfatizamos a passagem de Arístocles como o de testemunho cuja interpretação é de tal modo importante, que ela organiza a interpretação dos demais testemunhos sobre Pirro, portanto sua interpretação geral. Depois, uma vez que descrevemos as quatro principais propostas interpretativas para o conjunto de testemunhos sobre Pirro, dado que essas quatro tomam a passagem de Arístocles como o texto central para a interpretação dos demais textos, resta-nos finalmente tratar da maneira como cada proposta interpretativa opera na própria passagem de Arístocles, especificamente. Procederemos, então, do seguinte modo. Retomaremos a passagem, mas dessa vez a quebraremos em suas diversas partes. A passagem é composta de acordo com uma ordem em que uma parte da passagem engendra a outra, então comentaremos sobre essas partes. Nesse nosso comentário, apontaremos para as operações que os proponentes de cada forma interpretativa destinam às diversas partes da passagem. Por fim, apresentaremos uma conclusão em que resumiremos o nosso comentário recuperando os seus pontos cruciais e, por último, apresentaremos os nossos achados quanto às interpretações para a filosofia de Pirro.

### 5. 1 Comentário à passagem de Arístocles

Aqui e anteriormente, a tradução da passagem de Arístocles é nossa. Esta nossa tradução é resultado ela mesma de escolhas interpretativas nossas. Essas questões serão discutidas abaixo, mas, já de partida, é importante antecipar que a tradução que segue não representa uma versão neutra do que se vê no texto original – ver-se-á que uma versão neutra dificilmente seria possível. As marcações – com números e letras em colchetes ou parênteses – na citação da passagem abaixo são nossas e serão utilizadas ao longo do texto que segue até o fim do capítulo:

1. Necessariamente, tem de se investigar, antes de tudo, acerca do nosso próprio conhecimento: pois se, por natureza, nada conhecemos, então já não nos é preciso investigar acerca de outras coisas.
2. Entre os antigos, havia alguns que propunham esse discurso também; contra os quais Aristóteles argumentou. Pirro de Élis foi um forte defensor desse discurso, mas ele próprio não nos deixou nada em escrito. Por outro lado, seu discípulo, Tímon de Flíus, diz que aquele que pretende ser feliz deve observar três questões:

[1] primeiro, como são as coisas por natureza;

[2] segundo, de que modo devemos nos dispor diante delas;

[3] finalmente, qual é o resultado àqueles que assim se dispõem.

3. [1]

(1a) Ele [Tímon] diz que Pirro revela que as coisas são igualmente indiferenciadas, instáveis e indeterminadas;

(1b) por esse motivo, nem as nossas sensações nem as nossas opiniões dizem o verdadeiro ou o falso.

(1c) Portanto, não se deve confiar nelas,

[2]

(2a) mas ser sem opiniões, sem inclinações e sem oscilações,

(2b) dizendo acerca de cada coisa que não mais é do que não é ou tanto é e não é ou nem é e nem não é.

4. [3] O resultado àqueles que assim se dispõem Tímon diz ser, primeiro, a mudez, depois a tranquilidade; Enesidemo diz ser o prazer. Esses, então, são as cabeças de seus argumentos<sup>390</sup>

### 5. 1. 1 Primeiro parágrafo e escopo da passagem

Começamos, então, pelo primeiro parágrafo da passagem. Nele, Aristocles apresenta a empreitada toda do excerto refutativo contra os pirrônicos a partir de uma justificação orientada para o campo da epistemologia: ora, se por natureza nada conhecemos, então qualquer investigação é inútil, diz Aristocles. Essa orientação epistemológica parece atravessar não só a refutação contra os pirrônicos, da qual a passagem faz parte, mas todo o livro VIII do *Sobre a filosofia*, isto é, livro e obra de que faz parte essa refutação. Pertencem a esse livro um excerto contra os cirenaicos, um contra Protágoras e Metrodoro, um contra os eleatas e megáricos e um contra Epicuro. Supõe-se que o livro VIII do *Sobre a filosofia* fosse todo composto de refutações e que essas seguissem certa progressão cujo tema seria o da epistemologia; se se

<sup>390</sup>Aristocle., apud Eusébio., *Praep. euang.*, XIV, XVIII, 1-4:

1. Ἀναγκάως δ' ἔχει πρὸ παντὸς διασκέπασθαι περὶ τῆς ἡμῶν αὐτῶν γνώσεως· εἰ γὰρ αὖ μηδὲν πεφύκαμεν γνωρίζειν, οὐδὲν ἔτι δεῖ περὶ τῶν ἄλλων σκοπεῖν.

2. ἐγένοντο μὲν οὖν καὶ τῶν πάλαι τινὲς οἱ ἀφέντες τήνδε τὴν φωνήν, οἷς ἀντεῖρηκεν Ἀριστοτέλης. ἴσχυσε μὲν τοιαῦτα λέγων καὶ Πύρρων ὁ Ἡλείος· ἀλλ' αὐτὸς μὲν οὐδὲν ἐν γραφῇ καταλέλοιπεν, ὁ δὲ γε μαθητὴς αὐτοῦ Τίμων φησὶ δεῖν τὸν μέλλοντα εὐδαιμονήσειν εἰς τρία ταῦτα βλέπειν·

[1] πρῶτον μὲν, ὅποια πέφυκε τὰ πράγματα·

[2] δεῦτερον δὲ, τίνα χρὴ τρόπον ἡμᾶς πρὸς αὐτὰ διακεῖσθαι·

[3] τελευταῖον δὲ, τί περιέσται τοῖς οὕτως ἔχουσι.

3. [1]

(1a) τὰ μὲν οὖν πράγματά φησιν αὐτὸν ἀποφαίνειν ἐπ' ἴσης ἀδιάφορα καὶ ἀστάθμητα καὶ ἀνεπίκριτα,

(1b) διὰ τοῦτο μήτε τὰς αἰσθήσεις ἡμῶν μήτε τὰς δόξας ἀληθεύειν ἢ ψεύδεσθαι.

(1c) διὰ τοῦτο οὐ μὴδὲ πιστεύειν αὐταῖς δεῖν,

[2]

(2a) ἀλλ' ἀδοξάστους καὶ ἀκλινεῖς καὶ ἀκραδάντους εἶναι,

(2b) περὶ ἐνὸς ἐκάστου λέγοντας ὅτι οὐ μᾶλλον ἔστιν ἢ οὐκ ἔστι ἢ καὶ ἔστι καὶ οὐκ ἔστι ἢ οὔτε ἔστιν οὔτε οὐκ ἔστιν.

4. [3] τοῖς μέντοι γε διακειμένοις οὕτω περιέσθαι Τίμων φησὶ πρῶτον μὲν ἀφασίαν, ἔπειτα δ' ἀταραξίαν, Αἰνησίδημος δ' ἡδονήν. τὰ μὲν οὖν κεφάλαια τῶν λεγομένων ἐστὶ ταῦτα· (senão pela numeração dos parágrafos, são nossas todas as demais marcações em letras do alfabeto latino e em números arábicos).

comparam a declaração inicial do excerto contra os pirrônicos às declarações iniciais dos demais excertos do livro VIII, pareceria que Aristocles fez da refutação contra os pirrônicos o primeiro momento dessa progressão<sup>391</sup>. O excerto que contém a refutação contra os pirrônicos parece se encadear muito bem com o excerto que contém a refutação contra os cirenaicos: o primeiro abre com a passagem que estamos comentando, citada acima, e termina com “Eu mesmo penso que não se deve chamar filosofia [a de Pirro], dado que ela mesma destrói os princípios da filosofia. Isso então é o que se faz dos seguidores da filosofia de Pirro”<sup>392</sup>; o segundo, o excerto sobre os cirenaicos, começa com “Seguidamente, estão aqueles que dizem que somente as afecções são apreensíveis; disseram isso alguns dos que são de Cirene”<sup>393</sup>. Com efeito, no que concerne às interpretações para Pirro, talvez uma orientação epistemológica servisse para corroborar a proposta interpretativa epistemológica-subjetivista, porque, se Aristocles estrutura a progressão de suas refutações em torno de temas em epistemologia, então isso indicaria que o objeto das filosofias contra as quais ele escreve, nesse caso a filosofia de Pirro, também estaria no campo da epistemologia<sup>394</sup>. Mas decerto uma coisa não implica a outra. Ora, ainda que o recorte de Aristocles seja em epistemologia, isso não significa que a filosofia contra a qual ele escreve compartilhe da mesma abordagem epistemológica. Mais seguro é assumir somente que, ao menos quanto aos propósitos de Aristocles, esses são voltados para o elemento epistemológico, isto é, para o conhecimento e suas possibilidades para a filosofia, como ele mesmo anuncia na passagem.

### **5. 1. 2 A posição filosófica atribuída a Pirro e a estrutura em que se dispõe o sumário que provém de Tímon**

No segundo parágrafo da passagem, aquela posição concernente ao campo do conhecimento aparece, então, propriamente atribuída a Pirro. Isto é, a posição cuja descrição, precisamente, é a de que “por natureza, nada conhecemos”. Deve-se reparar que a descrição

<sup>391</sup> Cf. acima p. 79-80.

<sup>392</sup> Aristocl., apud Euséb., *Praep. euang.*, XIV, XVIII, 30-31 [ἐγὼ μὲν γὰρ οὐδὲ φιλοσοφίαν οἶμαι δεῖν ὀνομάζειν αὐτήν, ἀναιροῦσάν γε δὴ τὰς τοῦ φιλοσοφεῖν ἀρχάς. Ταῦτα μὲν οὖν πρὸς τοὺς κατὰ Πύρρωνα φιλοσοφεῖν νομιζομένους].

<sup>393</sup> Aristocl., apud Euséb., *Praep. euang.*, XIV, XIX, 1 [Ἐξῆς δ’ ἂν εἶεν οἱ λέγοντες μόνα τὰ πάθη καταληπτά. τοῦτο δ’ εἶπον ἔνιοι τῶν ἐκ τῆς Κυρήνης].

<sup>394</sup> Cf. BRENNAN, 1998, p. 428 et seq, que supõe que Aristocles organiza o livro VIII do *Sobre a filosofia* em torno da distinção, familiar às discussões em epistemologia, entre sensações e razão, e supõe uma progressão temática a partir dessa distinção. Se se considera essa progressão, Aristocles trata dos protegoreanos, que rejeitam a razão e aceitam as sensações; depois, os eleatas, que aceitam a razão e rejeitam as sensações; depois, o próprio Aristocles, que é um Aristotélico, portanto aceita razão e as sensações. Sobretudo, no começo da progressão estaria Pirro, que rejeita sensação e razão, seguido pelos cirenaicos, que aceitam somente as “afecções” [πάθη]. Cf. WARREN, 2000, p. 160-162, que supõe uma reconstrução cuja progressão segue outra ordem.

dada aqui se distingue daquela que será a da posição dos cirenaicos, mencionada acima, a saber, a de que “somente as afecções são apreensíveis”. Tal distinção não é sem significação. A descrição da posição dos cirenaicos envolve a noção de apreensibilidade: uma que faz referência às condições para o conhecimento que é cara às discussões em epistemologia no contexto da academia cética de Arcesilau<sup>395</sup>. Já a posição atribuída a Pirro, num outro sentido, não envolve a noção de apreensibilidade; de fato, essa noção não é vista em parte alguma da refutação contra os pirrônicos<sup>396</sup>. Em vez, a descrição da posição de Pirro se caracteriza pelo uso da expressão que se traduz em “por natureza”, isto é, lê-se que nada sabemos “por natureza”<sup>397</sup>, o que sugere uma abordagem cujo sentido é mais próximo da filosofia clássica, em que paradigmática pode ser a célebre abertura do primeiro livro da *Metafísica*, “por natureza, todos os homens estão inclinados ao saber”<sup>398</sup>.

Arístocles caracteriza essa posição de Pirro como uma que pertence a um gênero de filósofos mais antigos, contra os quais Aristóteles argumentou. Aristóteles não poderia ter argumentado contra a filosofia de Pirro: a cronologia mais generosa não colocaria o segundo nem maduro nem conhecido o suficiente para chamar a atenção do primeiro. Possivelmente, então, essa seria uma referência às refutações de Aristóteles contra o gênero de filósofos anônimos que são ditos negarem o princípio de não-contradição no livro IV da *Metafísica*<sup>399</sup>. Já se argumentou que esses filósofos mais antigos, dos quais fala Arístocles na passagem, nesse início da polêmica contra Pirro, seriam na verdade os megáricos. Isso porque já foi sugerido que os megáricos seriam aqueles que negam o princípio de não-contradição, dos quais fala Aristóteles na *Metafísica*. Assim, segundo esse argumento, os megáricos compreenderiam o antecedente filosófico do qual Pirro derivaria a própria filosofia: Diógenes Laércio menciona, inclusive, que o primeiro dos mestres de Pirro foi certo Bríson, nome associável ao megaricismo<sup>400</sup>. Ainda segundo esse argumento, a filosofia de Pirro, que derivaria do

<sup>395</sup> Cf. acima p. 33.

<sup>396</sup> A noção aparece no título para o capítulo que compreende o excerto contra os pirrônicos: “*Contra os céticos pirrônicos, também chamados eféticos, que afirmam que nada é apreensível* [ΠΡΟΣ ΤΟΥΣ ΚΑΤΑ ΠΥΡΡΩΝΑ ΣΚΕΠΤΙΚΟΥΣ ΗΤΟΙ ΕΦΕΚΤΙΚΟΥΣ ΕΠΙΚΛΗΘΕΝΤΑΣ ΜΗΔΕΝ ΚΑΤΑΛΗΠΤΟΝ ΕΙΝΑΙ ΑΠΟΦΗΝΑΜΕΝΟΥΣ]”. Mas esse e os demais títulos dos capítulos na *Preparação para o evangelho* são dados por Eusébio não são de Arístocles; sobre os limites entre o texto de Eusébio e os excertos de Arístocles na *Preparação para o evangelho*, cf. CHIESARA, 2001, p. xxiv-xxx. Com efeito, os termos “céticos” e “eféticos” não aparecem em nenhum momento em nenhum dos excertos de Arístocles. Como vimos no capítulo anterior, essa terminologia aparece na literatura grega numa época posterior a Arístocles.

<sup>397</sup> Aristocl., apud Euséb., *Praep. euang.*, XIV, XVIII, 1 [πεφύκαμεν]; a expressão aparece no parágrafo seguinte, com se verá, também em XIV, XIX, 5; XIV, XX, 9, 12; XIV, XVII, 2; XIV, XXI, 7, sempre portando o mesmo sentido.

<sup>398</sup> Aristóteles, *Metafísica*, I, 980a [πάντες ἄνθρωποι τοῦ εἰδέναι ὀρέγονται φύσει]. Cf. CAIZZI, 1981a, p. 219.

<sup>399</sup> Aristóteles, *Metafísica*, IV, 3-4.

<sup>400</sup> Sobre as dificuldades em se identificar o Bríson mencionado por Diógenes, cf. acima p. 31-32.

megaricismo, consistiria numa resposta direta às críticas de Aristóteles contra os megáricos – que seriam, no caso, os que negam o princípio de não-contradição<sup>401</sup>. No entanto, essa é uma hipótese de difícil sustentação, dado que é duplamente condicionada: primeiro, seria preciso assegurar que os filósofos de que fala Aristocles na polêmica contra Pirro, os que postulam que é da nossa natureza nada conhecer, fossem os mesmos que os do gênero anônimo referente aos que negam o princípio de não-contradição, contra os quais Aristóteles escreve na *Metafísica*; depois, ainda seria preciso que esse gênero anônimo de que fala Aristóteles fosse identificado como sendo os megáricos.

Seguidamente, ainda nesse segundo parágrafo da passagem, Aristocles nos diz que Pirro não deixou nada em escrito<sup>402</sup>, apontando para Tímon, que ele caracteriza aparentemente de modo enfático<sup>403</sup> como o discípulo de Pirro, o que parece indicar a importância de Tímon enquanto fonte para a filosofia do mestre, algo semelhante ao que se vê em Sexto, que descreve Tímon como o “intérprete” de Pirro<sup>404</sup>. Como dissemos acima, o que o sumário de Aristocles está prestes a dispor, no que segue da passagem, parece ter sido composto a partir de uma obra de Tímon, o *Python*<sup>405</sup>. Segundo Aristocles, então, Tímon propõe que aquele que deseja “ser feliz”<sup>406</sup> deve observar três questões. Aqui, vê-se que o fim, na filosofia do primeiro pirronismo, é de caráter ético: o conteúdo todo da passagem aparece como uma resposta a essa exigência inicial sobre a felicidade. É interessante observar que, em Demócrito, a noção que opera como algo semelhante ao fim, noção que se traduz por algo como “boa-disposição”<sup>407</sup>, por vezes é descrita sob um fraseado parecido com o que se vê na passagem de Aristocles: ao tratarem disso que é semelhante a um fim em Demócrito, tanto Plutarco quanto Estobeu escrevem “aquele que deseja ser bem-disposto deve [...]”<sup>408</sup>. Aparentemente, são muitas as semelhanças entre essa boa disposição de Demócrito e a “tranquilidade”<sup>409</sup>, que mais à frente, encerrando a passagem,

<sup>401</sup> BERTI, 1981, p. 69-75. Berti atribui a Heinrich Maier o mérito de ter argumentado fortemente no sentido de identificar os megáricos como os negadores do princípio de não-contradição de que fala Aristóteles. Berti é seguido por REALE, 1981, p. 315-323. Cf. STOPPER, 1983, p. 266-268, que faz uma avaliação das dificuldades desse argumento.

<sup>402</sup> Cf. D. L., I, 16, IX, 102.

<sup>403</sup> A ênfase a que nos referimos pareceria expressa pela partícula [γε] em [ὁ δέ γε μαθητὴς αὐτοῦ Τίμων], sendo frequente em Aristocles esse uso da partícula para expressar ênfase; cf. CHIESARA, 2001, p. 91. Cf. também BRUNSCHWIG, 1994, p. 193, para o qual a partícula indicaria não uma ênfase sobre Tímon como fonte importante, mas indicaria que Aristocles preferiria polemizar contra a filosofia de Pirro diretamente, não indiretamente mediado por Tímon.

<sup>404</sup> Sext., *M.*, I, 53, [ὁ προφήτης τῶν Πύρρωνος λόγων]. Para o significado de προφήτης, ver também *M.*, I, 279, em que a gramática é definida como a “intérprete” [ἡ προφήτις] dos poetas.

<sup>405</sup> Cf. acima p. 83.

<sup>406</sup> [εὐδαιμονήσειν]

<sup>407</sup> Cf. D. L., IX, 45 [εὐθυμία].

<sup>408</sup> DK 68 B3 (Plutarco, *De tranquillitate animi*, 465c [δεῖ τὸν εὐθυμεῖσθαι μέλλοντα]; Estobeu, IV, 39, 25 [τὸν εὐθυμεῖσθαι μέλλοντα χρῆ]). Cf. também Platão, *Republica.*, 358a; *Leis*, 716a.

<sup>409</sup> [ἀταραξία].

aparecerá como um dos estados resultantes da disposição recomendada por Pirro e Tímon<sup>410</sup>. Ademais, em Diógenes Laércio, lê-se que, segundo seu discípulo, Fílon, Pirro “costumava mencionar muito Demócrito”<sup>411</sup>. Então, a maneira como os propósitos de Pirro e Tímon são descritos por Aristocles talvez esteja apontando para uma proximidade entre o primeiro pirronismo e o panorama filosófico dos séculos V e IV a. C.<sup>412</sup>: isso é especialmente sugestivo em relação a aspectos da ética de Demócrito<sup>413</sup>; possivelmente o uso daquela expressão “por natureza” também aponte para essa proximidade.

Diante da exigência sobre a felicidade, então, a proposta de Tímon, pretendendo transmitir a filosofia de Pirro, é descrita por Aristocles como estruturada por três questões. Já se atentou para como a estrutura toda da passagem pareceria ser composta por tercetos: seriam três questões, que receberiam três respostas, em que cada resposta seria composta de três elementos<sup>414</sup> – falaremos mais sobre isso abaixo. Certamente, as três questões formam uma cadeia: [1] qual é a natureza das coisas; [2] de que modo devemos nos dispor diante delas; [3] qual será o resultado àqueles que assim se dispõem. Assim, a cadeia consiste em: a resposta para [3] depende explicitamente da resposta para [2]; a resposta para essa, por sua vez, depende da resposta para [1]; isto é, certo resultado se obtém da maneira como devemos nos dispor diante das coisas, disposição essa que, para ser adotada, depende de como as coisas são em suas naturezas.

### 5. 1. 3 A primeira das questões de Tímon

Quanto à primeira dessas questões que devem ser observadas caso se deseje a felicidade – [1] –, vê-se que ela é emoldurada pela mesma expressão essencialista que se viu acima: a questão se refere a como as coisas são “por natureza”<sup>415</sup>. Isso, como dissemos, sugere que o sentido investido aqui é aquele mais próximo do que se vê na filosofia clássica. Até aqui, dentre as propostas interpretativas, a menos favorecida, então, parece ser a proposta epistemológica.

---

<sup>410</sup> Sobre as semelhanças entre a tranquilidade, a [ἀταραξία], e a boa disposição, a [εὐθυμία], ver STRIKER, 1990, 97 et seq, para a qual o conceito ético de tranquilidade, isto é, que descreve uma vida livre de perturbações e ansiedade, é uma derivação do que Demócrito chamou de boa disposição; ainda para a autora, o termo latino [tranquillitas], que é a tradução de Cícero (*De Finibus*, V, 23) e Sêneca (*De tranquillitate animi*, II, 3) para a boa disposição de Demócrito, é o que melhor traduz o termo para tranquilidade, [ἀταραξία], termo esse que parece ter sido usado de modo intercambiável com o termo para a boa disposição, [εὐθυμία], mas que se tornaria o termo preferido no início da época helenística.

<sup>411</sup> D. L., IX, 67 [ἐμέμνητο μάλιστα μὲν Δημοκρίτου].

<sup>412</sup> CAIZZI, 1981a, p. 222.

<sup>413</sup> Cf. BETT, 2000, p. 160.

<sup>414</sup> FERRARI, 1981, p. 362.

<sup>415</sup> [πέφυκε].

Se se consideram os termos da discussão, Arístocles não parece se referir à maneira como Pirro e Tímon procurariam descreditar, de um modo incipiente, os meios para o conhecimento, assim configurando o momento inicial do que se tornaria mais tarde o ceticismo pirrônico tardio. Em vez, ainda que o interesse do excerto esteja no âmbito da epistemologia, Arístocles parece descrever a posição de Pirro e Tímon como uma que concerne à natureza das coisas, isto é, a perspectiva essencialista típica da filosofia clássica. Mas, sobretudo, o instante decisivo em que se dá o concurso entre as propostas interpretativas parece ser precisamente o que na passagem é a resposta – que consiste na marcação (1a) no texto da citação – e a proposição que segue essa resposta – (1b) –, dirigidas a essa primeira questão sobre como são as coisas em suas naturezas. É nesse instante, especificamente nas relações que a resposta estabelece com a proposição que a segue, que se concentram os expedientes interpretativos mais decisivos em cada proposta.

Assim, a começar pela primeira dessas duas partes, que é a resposta para a questão sobre a natureza das coisas – (1a) –, se se considera o texto da passagem de modo literal, pareceria que essa é a única proposição diretamente atribuída a Pirro. Isso habilitaria, então, a sugestão de que, dentre as proposições expressas na passagem, essa seria a única que propriamente adviria de Pirro; todo o restante da passagem sendo atribuível a Tímon, portanto<sup>416</sup>. Entretanto, é interessante observar que Arístocles posiciona em Pirro aquela posição inicial de que “por natureza, nada conhecemos”; depois, escreve que “ele mesmo não deixou nada em escrito; por outro lado, seu discípulo, Tímon de Flius, diz que [...]” e dispõe o sumário. Ora, isso poderia muito bem se traduzir no seguinte: não restam as próprias palavras de Pirro, mas restam as de Tímon, cujo serviço é o de expandir o sentido daquela posição de Pirro de que “por natureza, nada conhecemos”. Isto é, dificilmente o interesse de Arístocles não estaria em Pirro. É nesse sentido que ele introduz Tímon: como o caminho para a filosofia de Pirro; porque foi um quem escreveu as palavras do outro. Depois, o que se vê no texto da passagem é que “Tímon diz que Pirro revela [...]”, em vez de simplesmente “Tímon diz”; isto é, Arístocles indica, expressamente, que a perspectiva filosófica que está sendo tratada não é a de Tímon, mas a de Pirro<sup>417</sup>; Tímon, nesse sentido, é o meio.

### 5. 1. 3. 1 A tese de Pirro

Quanto à resposta para a questão sobre a natureza das coisas – (1a) –, lê-se que, segundo Tímon, Pirro revela que as coisas são igualmente indiferenciadas, instáveis e indeterminadas.

<sup>416</sup> BRUNSCHWIG, 1994, p. 194 et seq.

<sup>417</sup> BETT, 2000, p. 17 et seq.

De súbito, portanto, vê-se que essa primeira resposta consiste numa tese forte: trata-se de uma asserção, muito bem definida, cuja pretensão é a de caracterizar as coisas em suas naturezas. Nesse sentido, ela é algo em nada parecido com o que se vê no pirronismo tardio – aliás, certamente incompatível. Essa asserção faz de Pirro aquilo contra o que o ceticismo pirrônico tardio define a si mesmo, isto é, um dogmático. Sabidamente, no pirronismo tardio, não se postula nada: as investigações dos pirrônicos tardios terminam em suspensão do juízo. Então, de fato, essa é uma asserção claramente sensível. E não somente porque ela esvazia bastante a compatibilidade que há entre Pirro e a tradição posterior, que assumiria a figura dele como a de emblema, mas, sobretudo, porque ela parece refutar a si mesma: trata-se de uma asserção que pretende determinar o caráter das coisas, mas que, segundo ela mesma, esse caráter das coisas é indeterminado. Então, uma inconsistência como essa, junto com a forma assertiva, talvez indicasse certa ingenuidade filosófica flagrante na posição de Pirro, ainda mais se se comparam essa descrição do primeiro pirronismo e o pirronismo tardio<sup>418</sup>.

No entanto, há uma saída para essa situação autorefutativa. Se se considera que na passagem Aristocles sumarizou a filosofia de Pirro com fidelidade razoável em relação à forma original, isto é, se se assume que não foi o próprio Aristocles que a reproduziu de modo inconsistente; e se se considera que a tese forte de Pirro pode muito plausivelmente estar isenta do próprio escopo, recaindo essa tese sobre todas as coisas exceto ela mesma; então ela estaria livre de refutar a si mesma e, portanto, seria perfeitamente consistente. E, com efeito, não é difícil ver como esse pode muito bem ser o caso. Ora, quanto ao tratamento que Aristocles dá às outras filosofias contra as quais ele escreve, vê-se que, de fato, essas outras filosofias são representadas com fidelidade suficiente<sup>419</sup>, então provavelmente ele não reproduziu a de Pirro de maneira inconsistente. E, sobretudo, quanto às “as coisas”<sup>420</sup>, cuja natureza é dita ser indiferenciada e indeterminada, elas podem muito bem ser tomadas como objetos particulares e estados de coisas no mundo. Se se tomam “as coisas” sob esse sentido, mundano, não haveria motivo para interpretar a tese de Pirro como incidindo sobre ela mesma. E se se assume o que nos diz a proposição que se segue à tese de Pirro – isto é, (1b), segundo a qual, dado que as coisas são indeterminadas, nem sensações nem opiniões são verdadeiras ou falsas –, então nem a tese de Pirro nem as demais asserções na passagem partem de sensações ou opiniões. De fato, isso não é algo sem precedente em filosofia grega. Há um uso bem estabelecido da noção de

---

<sup>418</sup> ANNAS, 1993, p. 203.

<sup>419</sup> Cf. acima p. 80-82. Cf. também BETT, 1994, p. 175-180.

<sup>420</sup> [τὰ πράγματα].

“opinião”<sup>421</sup>, especialmente associado a Parmênides e Platão, em que opinião significa objetos mundanos e estados de coisas comumente descritos como “as coisas”. Em Platão a referência é tipicamente a opiniões não teóricas, cotidianas<sup>422</sup>. Esse parece ser o sentido que a noção de opinião assume também em Parmênides, ao menos parcialmente. No poema de Parmênides, a parte cujo conteúdo é cosmológico – mundano portanto – está na seção dedicada “às opiniões dos mortais”<sup>423</sup>, expressamente composta por “palavras ilusórias”<sup>424</sup>. Isto é, “opiniões” se formam, de acordo com esses autores, quando experiências ordinárias do mundo são tomadas como inteiramente verdadeiras ou reais, o que seria um engano. A realidade, de acordo com esse tipo de uso da noção de opinião e, enfim, de acordo com a perspectiva filosófica parmenídica-platônica, isto é, a realidade verdadeira, é algo que está para além da experiência ordinária do mundo, de fato, além da experiência comum dos mortais. Assim, se é esse o uso que Pirro faz da noção de opinião, e esse pode muito em ser o caso, então é perfeitamente plausível que a tese sobre a natureza das coisas não seja uma opinião. Em vez, ela pode muito bem ser uma asserção cuja pretensão é a de revelar uma verdade ou realidade última – isto é, sobre a natureza das coisas – que se situa além da experiência ordinária do mundo. Nesse caso, então, a tese de Pirro é a contraparte real que se opõe à opinião ordinária de que há determinações nas coisas<sup>425</sup>. Sob esse sentido, ela é isenta do próprio escopo, portanto não refuta a si mesma.

Quanto ao conteúdo da tese de Pirro, vê-se na passagem que ele é dito “revelar”<sup>426</sup> que as coisas são igualmente indiferenciadas, instáveis e indeterminadas. De fato, já se sugeriu que o verbo grego que nós traduzimos por “revelar” poderia, em vez, ser traduzido por “parecer”<sup>427</sup>, convertendo o sentido da frase para o de que as coisas pareceriam a Pirro igualmente indiferenciadas, instáveis e indeterminadas. Desse modo, atribuir-se-ia à tese um teor epistemológico reminescente do pirronismo tardio. Talvez, essa tradução pudesse ser o caso. Mas, na verdade, só muito dificilmente. Os sentidos do verbo em questão estão entre “declarar” ou “relevar” ou algo nesse campo<sup>428</sup>; certamente, o verbo significa “exposição dotada de força”:

<sup>421</sup> [δόξα].

<sup>422</sup> Cf. Plat., *República*, V, 476d-480a; *Tim.*, 28a, 28c, 51d-e.

<sup>423</sup> DK, 28, B8, 51-52 [δόξας δ' ἀπὸ τοῦδε βροτείας].

<sup>424</sup> Idem [ἐπέων ἀπατηλὸν].

<sup>425</sup> O argumento que dispomos nesse parágrafo provém de BETT, 2000, 24 et seq.

<sup>426</sup> [ἀποφαίνειν].

<sup>427</sup> É o que sugere GAZZINELLI, 2009, p. 105. Nesse, que é um excelente trabalho, a autora indica que está assumindo um dos sentidos, especificamente o de “parecer” [to appear], que consta no verbete para [ἀποφαίω] em três edições do confiável léxico Inglês-Grego composto por Liddell, Scott, Jones e outros. Nós consultamos uma das edições referidas pela autora, a LIDDELL; SCOTT; JONES; et al, 1996, mas não encontramos o sentido de que ela fala.

<sup>428</sup> Cf. LIDDELL; SCOTT; JONES; et al, 1996, p. 225.

uma asserção<sup>429</sup>. Por vezes, o próprio Sexto faz uso do verbo em questão sob esse sentido, inclusive contrapondo-o ao verbo que se traduz por “suspender o juízo”<sup>430</sup>, decerto caro ao pirronismo tardio<sup>431</sup>.

Em seguida, a revelação é a de que as coisas são “igualmente”<sup>432</sup> indiferenciadas, instáveis etc. A expressão “igualmente” foi tomada como um equivalente de outra das noções importantes para o pirronismo tardio, a de equipolência<sup>433</sup>, isto é, a igualdade de força entre posições conflitantes, produtora da suspensão de juízo. Já se sugeriu que a construção que se traduz por “igualmente indiferenciadas”<sup>434</sup> não portaria o sentido de que as coisas são todas do mesmo modo indiferenciadas entre si, mas o de que elas são na verdade privadas de diferença entre suas partes, portanto equilibradas<sup>435</sup>. De modo semelhante, se sugeriu<sup>436</sup> também que essa expressão “igualmente” na passagem apresentasse relação direta com a “vida mais igual”<sup>437</sup>, sobre a qual Tímon escreve no fragmento de suas *Imagens*<sup>438</sup>, já mencionado acima<sup>439</sup>, que trata da natureza do bem e do divino; a sugestão é a de que, ao longo do tempo, à altura do pirronismo tardio, ela teria se transformado, então, na igualdade de que fala Sexto, sempre ligada à ideia de equipolência<sup>440</sup>. Em ambos os casos, o sentido essencialista da asserção – isto é, um em que se refere à natureza das coisas – é enfraquecido e ela é aproximada do pirronismo tardio. Isso porque, de acordo com esse entendimento, a “igualdade” de que se fala na passagem não se referiria a como, para Pirro, a natureza das coisas é igualmente tal e tal. Pelo contrário, ela se referiria a como as coisas são, para ele, muitíssimo contestadas, precisamente por conta dessa igualdade de forças interna. Isso produziria nele, então, um impasse insuperável, o que o motivaria a afirmar que as coisas por natureza possuem tais e tais atributos – uma leitura que remeteria à origem da noção de equipolência, crucial no pirronismo tardio.

Entretanto, deve-se observar que a expressão no texto grego<sup>441</sup> da passagem, assim como a sua contraparte no português moderno, é uma de uso comum e cotidiano. Então, só seria justificado assumir um parentesco filosófico entre a expressão na tese de Pirro e a equipolência

---

<sup>429</sup> CAIZZI, 1981a, p. 222.

<sup>430</sup> [ἐπέχω].

<sup>431</sup> Sext., *P.*, I, 135, 210, 215. Cf. CAIZZI, loc cit.

<sup>432</sup> [ἐπιίσης].

<sup>433</sup> [ἰσοσθένεια].

<sup>434</sup> [ἐπιίσης ἀδιάφορα].

<sup>435</sup> FERRARI, 1981, p. 363 et seq.

<sup>436</sup> FERRARI, loc. cit; CAIZZI, 1981a, p. 223.

<sup>437</sup> [ἰσότατος βίος].

<sup>438</sup> Tímon apud Sext., *M.*, XI, 20.

<sup>439</sup> Cf. acima p. 22.

<sup>440</sup> CAIZZI, loc. cit.

<sup>441</sup> [ἐπιίσης].

no ceticismo pirrônico tardio, se o uso da primeira fosse especificamente reminescente do uso da segunda. Mas, bem dificilmente esse seria o caso. A equipolência de que fala o pirronismo tardio é produzida pelo conflito entre aparências sensíveis ou entre concepções mentais ou, alternadamente, entre um e outro<sup>442</sup>. Por outro lado, a igualdade de que fala a passagem se refere às coisas mesmas, não a concepções ou a aparências das coisas; isto é, são as coisas que são ditas serem igualmente tal e tal, não as concepções e aparências. Além disso, na equipolência de que fala o pirronismo tardio, o conflito entre concepções e aparências acontece porque essas possuem o mesmo peso em termos de confiabilidade ou persuasão. Ora, seria difícil assumir que “igualmente indeterminado” quereria dizer o mesmo que “igualmente confiável ou persuasivo”. Mais fácil é assumir que a expressão serve simplesmente para dar o efeito de enfatizar o que se diz sobre o caráter das coisas em suas naturezas<sup>443</sup>.

### 5. 1. 3. 2 Três adjetivos para caracterizar as coisas em suas naturezas

Quanto ao caráter das coisas em suas naturezas, na tese de Pirro, ele é descrito por uma tríade de adjetivos negativos, todos compostos por um alfa privativo. O primeiro é o que traduzimos por “indiferenciadas”<sup>444</sup>. Distinta da expressão “igualmente”, “indiferenciadas” não parece ser um termo de uso cotidiano. Em vez, parece pertencer a um vocabulário tipicamente filosófico, possivelmente o vocabulário peripatético. Em Aristóteles, esse primeiro adjetivo, “indiferenciado”, é aproximado a outro adjetivo grego, um que é usado para significar o “mesmo”<sup>445</sup>, parecendo portar, no texto da passagem, o sentido de “sem diferença entre as coisas”<sup>446</sup>. O segundo adjetivo é o que traduzimos por “instáveis”<sup>447</sup>. Nos séculos V e IV a. C., ele possui o sentido de instabilidade ou oscilação<sup>448</sup>; deriva do termo para “balança”<sup>449</sup>. Por último, está o que traduzimos por “indeterminado”<sup>450</sup>, que deriva do termo para “determinação”, “arbitragem” ou “julgamento”<sup>451</sup>. Diferentemente dos precedentes, não há ocorrências mais antigas do termo que sejam anteriores a Aristóteles<sup>452</sup>; na verdade ele torna-se

<sup>442</sup> Cf. Sext., *P.*, I, 8-10.

<sup>443</sup> BETT, 2000, p. 28; CHIESARA, 2001, p. 94. Cf. BETT, 1994, p. 144-154.

<sup>444</sup> [ἀδιάφορα].

<sup>445</sup> [ὅμοιος].

<sup>446</sup> Aristóteles, *Analíticos posteriores*, 97b, 7; *De caelo*, 310b, 5; *Retórica*, 1373a, 33. Cf. CAIZZI, 1981a, p. 223.

<sup>447</sup> [ἀστάθμητα].

<sup>448</sup> Cf. Xenofonte, *Memorabilia*, IV, VII, 5; Aristófanes, *Aves*, 169-170; Tucídides, III, 59, IV, 62; Platão, *Lísis*, 214c; CAIZZI, 1981a, p. 224.

<sup>449</sup> [σταθμός].

<sup>450</sup> [ἀνεπίκριτα].

<sup>451</sup> [ἐπίκρισις].

<sup>452</sup> Cf. CAIZZI, loc. cit.

comum somente mais tarde na antiguidade<sup>453</sup>. Num outro sentido, há o rendimento que a proposta orientalista faz dos três adjetivos. De acordo com essa proposta, esses três adjetivos seriam os correlatos gregos do que se vê no *Trilaksana*, em sânscrito, no cânone budista, isto é, a declaração feita pelo Buda, concernente às “Três Características” de todos os *dharmas* – que, nesse caso, significaria “distinções éticas” e seria o correlato do grego “as coisas”<sup>454</sup>. A declaração do Buda, assim como a de Pirro, consiste numa descrição, feita em uma terminologia negativa<sup>455</sup>: “Todos os *dharmas* são ‘sem permanência’<sup>456</sup> [...] todos os *dharmas* são ‘insatisfatórios, imperfeitos, instáveis’<sup>457</sup> [...] todos os *dharmas* são ‘sem uma identidade própria inata’<sup>458,459</sup>”.

### 5. 1. 3. 3 As duas leituras e a crucial questão sobre uma emenda no texto original

No texto grego da passagem de Aristocles, esse trio de adjetivos admite duas leituras. Numa leitura, eles têm um sentido objetivo, referem-se às propriedades que as coisas possuem nelas mesmas: as coisas são intrinsecamente indiferenciadas, instáveis e indeterminadas. Na outra, os adjetivos têm, em vez, um sentido subjetivo: eles se referem ao modo como as coisas escapam às tentativas de quem procura determiná-las, isto é, os adjetivos não se referem às coisas mesmas, mas a limitações epistêmicas. Então, sob esse segundo entendimento, subjetivo, a tradução mais precisa para os adjetivos não é a de que as coisas são indiferenciadas, mas que elas são diferenciáveis; elas não são indeterminadas, mas indetermináveis. Em outras palavras, de acordo com essa leitura subjetiva, as relações epistêmicas estabelecidas com as coisas são de tal modo, que elas negam a possibilidade de determinação ou diferenciação dessas coisas, isto é, essa leitura diz respeito propriamente a essas relações epistêmicas; nesse sentido subjetivo, o caráter intrínseco das coisas não quer dizer nada. Inversamente, de acordo com aquela primeira leitura, a objetiva, não se trata das nossas relações cognitivas, mas das coisas intrinsecamente: as coisas mesmas, intrinsecamente, são indeterminadas; elas são indeterminadas independentemente das capacidades epistêmicas de quem busque determiná-las; isto é, elas são indeterminadas “sob ponto de vista de deus”.

<sup>453</sup> Cf. acima p. 84-85.

<sup>454</sup> [τὰ πράγματα].

<sup>455</sup> FLINTOFF, 1980, p. 97.

<sup>456</sup> *Anitya*.

<sup>457</sup> *Duhkha*.

<sup>458</sup> *Anātman*.

<sup>459</sup> BECKWITH, 2015, p. 29-33.

Na nossa tradução, optamos pela primeira dessas leituras, a objetiva. A nossa escolha – e, de fato, qualquer escolha – é condicionada pela interpretação que se faz da relação entre a tese forte de Pirro, em resposta à pergunta sobre a natureza das coisas – (1a) –, e a proposição que se situa logo depois dela, segundo a qual nem as nossas sensações nem as nossas opiniões dizem o verdadeiro ou o falso – (1b). Verdadeiramente, esse parece ser o ponto que divide as propostas interpretativas. O resultado disso é que a interpretação geral da passagem é condicionada pela interpretação para essa relação. A questão é a seguinte. No texto de Arístocles, no estado em que nos chegou, a relação entre (1a) e (1b) consiste numa inferência: lê-se que as coisas são indeterminadas e, “por esse motivo”<sup>460</sup>, sensações e opiniões não dizem verdade ou falsidade. No entanto, propôs-se que o texto fosse emendado<sup>461</sup>. A emenda proposta toma o que se traduz em “por esse motivo”, em (1b), e transforma-o em um “porque”<sup>462</sup>. O resultado é que, se a emenda é adotada, a ordem da inferência é invertida: (1a) deixa de ser a premissa para a conclusão em (1b); em vez, (1b) passa a servir de premissa para a conclusão em (1a). Sob esse sentido, a inferência assume um caráter notadamente subjetivo, tornando válida a leitura dos três adjetivos também em chave subjetiva: assim, seria antes porque as sensações e opiniões não dizem verdade ou falsidade o motivo pelo qual as coisas são indetermináveis – a referência está, portanto, em relações epistêmicas.

A orientação subjetiva que a emenda concede à inferência vem sendo adotada e defendida<sup>463</sup> pelos proponentes da interpretação epistemológica. Já os motivos para a adoção da emenda, esses consideram aspectos linguísticos e, sobretudo, aspectos filosófico-argumentativos. Quanto aos aspectos linguísticos, então, supõe-se que o texto direto, não emendado, produziria um estranho assíndeto – isto é, uma supressão da partícula conectiva – no texto da proposição (1b); depois, a expressão que se traduz em “por esse motivo” aparece repetida imediatamente na próxima linha – em (2a) –, o que apontaria para uma possível

---

<sup>460</sup> [διὰ τοῦτο].

<sup>461</sup> ZELLER, 1892, p. 521-522. Zeller propõe a emenda, mas não produz nenhuma justificativa para ela. Pelo que se vê no texto dele, ele parece realizar o muitíssimo arriscado trabalho de propor uma modificação no texto de Arístocles, com o fim de adequá-lo à interpretação que ele mesmo assume para o pironismo de Pirro, em que essa interpretação é uma do tipo epistemológico, semelhante à do pironismo tardio. Ele escreve que “A resposta de Pirro pode ser somente a de que as coisas são de todo modo inacessíveis ao conhecimento e que qualquer propriedade que seja atribuída a uma coisa com igual justiça o oposto pode ser predicado. Em suporte a essa posição, Pirro parece ter argumentado que nem os sentidos nem a razão fornecem conhecimento certo” [Pyrrho can only reply by saying that things are altogether inaccessible to knowledge, and that whatever property may be attributed to a thing, with equal justice the opposite may be predicated. In support of this statement Pyrrho appears to have argued that neither nor reason furnish certain knowledge]. No entanto, o que deve ser observado é que Pirro só parecerá ter argumentado que nem os sentidos nem razão fornecem conhecimento certo caso a emenda que ele propõe seja adotada. Cf. SAKESLEZ, 1993, p. 81.

<sup>462</sup> [διὰ τὸ].

<sup>463</sup> Para defesas da emenda, cf. STOPPER, 1983, p. 293; ANNAS, 1993, p. 203; BRENNAN, 1998, p. 432 et seq.

corruptela no manuscrito<sup>464</sup>. Quanto aos aspectos argumentativos, é dito que, sob leitura direta do texto, Pirro produziria uma “inferência atrapalhada”<sup>465</sup>, improvável e quase sem sentido<sup>466</sup>; especialmente, porque, sem a emenda, a tese em (1a) é apresentada sem justificção nenhuma, o que não acontece caso a emenda seja adotada<sup>467</sup>. Ao adotar a emenda, portanto, os proponentes da interpretação epistemológica supõem que não só a sintaxe estaria restaurada, mas principalmente o sentido da inferência. O resultado disso, por sua vez, ainda de acordo com os proponentes da interpretação epistemológica, seria que a emenda faz da posição de Pirro filosoficamente mais coerente: tanto nela mesma quanto na relação que ela estabelece com os desenvolvimentos posteriores na história do pirronismo, notadamente orientados para temas em epistemologia. Ainda que a tese de Pirro em (1a), depois da emenda em (1b), constitua uma asserção, isto é, dogmática nos termos do pirronismo tardio, ela não mais se apresenta como uma descrição da natureza das coisas. Em vez, ela representa um Pirro cujas preocupações estão voltadas para a falta de confiabilidade constitutiva das relações epistêmicas, isto é, uma falta nas sensações e opiniões em apontar verdades ou falsidades sobre o mundo: algo em torno do que o pirronismo posterior irá organizar muito do seu projeto filosófico e que torna justificada a reivindicação da figura de Pirro como a de fundador e emblema.

No entanto, a emenda não é amplamente aceita; na verdade, ela está longe disso. Ela tem sido adotada somente pelos proponentes da interpretação epistemológica. Entre os proponentes das outras formas interpretativas, ela tem encontrado severa contestação. A começar pelas razões linguísticas. De acordo com os contestadores da emenda, ainda que, sob a leitura direta da inferência, não emendada, a construção assindética – a dispensa da partícula conectiva em (1b) – no texto grego se apresente como peculiar ou destituída de estilo, de modo algum ela constitui um caso isolado na literatura filosófica grega. São ao menos seis casos entre Plutarco, Plotino, Simplicio e João Filopono<sup>468</sup> em que o mesmo acontece. Dificilmente, então, razões sintáticas ou estilísticas decidiriam a questão. As contestações mais contundentes contra a adoção da emenda são, de fato, as de caráter argumentativo-filosófico. De acordo com essas contestações, a emenda não só não resolve o que os seus defensores assumem ser uma falta de sentido na inferência, como, na verdade, ela faz o contrário, ela torna a inferência

---

<sup>464</sup> STOPPER, loc. cit.

<sup>465</sup> Idem [zany inference].

<sup>466</sup> SVAVARSSON, 2004, p. 270.

<sup>467</sup> BRENNAN, 1998, p. 424; CASTAGNOLI, 2014, p. 500.

<sup>468</sup> Plutarco, *De animae procreatione in Timaeo* 1018b; Plotino, V, I, 7. 20; VI, VII, 16. 20; Simplicio, *In De caelo*, 567. 7; João Filopono, *De eternitate mundi* 278. 28; 439.14. Essas referências são providas por Decleva Caizzi em BRUNSCHWIG, 1994, p. 201. Cf. também BETT, 2000, p. 26.

definitivamente inconsistente e obstrui o sentido já perfeitamente consistente da leitura direta da inferência, isto é, sem a emenda.

Sob o aspecto argumentativo filosófico, então, a emenda é contestada das seguintes maneiras. Primeiro, se se assume a emenda e, portanto, a premissa subjetivista, segundo a qual o sujeito é tal modo limitado epistemicamente que a realidade é indeterminável para ele, então o argumento pareceria se traduzir em algo como: dado que nunca é possível saber se uma ou outra sensação ou opinião é verdadeira ou falsa, logo nenhuma sensação ou opinião é verdadeira ou falsa. Ora, se esse é o caso, então isso é inválido: essa conclusão não segue daquela premissa<sup>469</sup>; se para mim é impossível saber se algo é verdadeiro ou falso, isso certamente não me autoriza a assumir que nada é verdadeiro ou falso.

Similarmente, se se adota a emenda e se se assume que as coisas são incognoscíveis por natureza, então também será incognoscível se os meios cognitivos indicam a verdade ou a falsidade: ora, para que os meios cognitivos indiquem verdade ou falsidade, é preciso que o sujeito já esteja numa posição que o autorize a indicar verdade ou falsidade. Isto é, não faz sentido declarar que as coisas são incognoscíveis e, ao mesmo tempo, comprometer-se com o valor de verdade ou falsidade das sensações e opiniões, porque esse compromisso pressupõe, precisamente, que já se saiba algo sobre o caráter real dos objetos com os quais as sensações e opiniões se ocupam. Portanto, a emenda não só obstrui o sentido da inferência, mas ela o invalida<sup>470</sup>.

Depois, com o texto emendado e a inferência invertida, torna-se difícil não perceber que a tese de Pirro em (1a), em grande medida, tem o seu propósito esvaziado, isto é, ela perde seu caráter inicial de resposta àquela questão sobre como são as coisas em suas naturezas – em [1]. Se se assume a emenda, apesar de a tese em (1a) se referir à natureza das coisas, ela passa a fazê-lo de modo somente qualificado, isto é, somente na medida em que essa natureza é tal que as capacidades epistêmicas do sujeito são incapazes de acessá-la, isso significa que a tese deixa de se referir à natureza das coisas propriamente, que é o cerne da questão em [1], e passa a se referir às limitações epistêmicas do sujeito em relação à natureza das coisas<sup>471</sup>.

Depois, mais à frente no texto de sua refutação contra o pirronismo, Arístocles retoma o que ele havia disposto na passagem. Ele faz isso em diversos momentos. O propósito dele é o de refazer brevemente a posição de Pirro para, então, argumentar contra essa posição com fim

---

<sup>469</sup> SAKESLEZ, 1993, p. 80.

<sup>470</sup> BETT, 1994, p. 153, 168; 2000, p. 22, 27. Mas cf. BRENNAN, 417-426; CASTAGNOLI, 2002, p. 443-448, em que a proposta de Bett é severamente contestada.

<sup>471</sup> BRUNSCHWIG, 1994, p. 196. Cf. BETT, 2000, p. 21.

de refutá-la. E nessas retomadas lê-se: primeiro, “Então, já que eles [Pirro e Tímon] dizem que todas as coisas são igualmente indiferenciadas e que, por esse motivo, recomendam não inclinar-se para nada, e nada opinar [...]”<sup>472</sup>; depois, “e se concedermos a eles que todas as coisas são igualmente indiferenciadas, [...]”<sup>473</sup>; depois, “se é tudo igualmente indiferenciado e, por esse motivo, é preciso não opinar sobre nada, [...]”<sup>474</sup>; depois, “Como, então, as coisas poderiam ser igualmente indiferenciadas e indeterminadas?”<sup>475</sup>. Os ataques de Arístocles parecem, então, dirigidos contra a asserção sobre a falta de diferença nas coisas. Essa é uma boa indicação de que ele toma a proposição sobre a falta de diferença nas coisas – a tese em (1a) – como a premissa maior no argumento de Pirro: isto é, a premissa a partir da qual a incapacidade das sensações e opiniões em dizer o verdadeiro ou o falso é inferida, o que parece indicar – e isso é o que nos interessa – a ordem da inferência; a saber, da falta de diferença nas coisas para a falta nas sensações e opiniões<sup>476</sup>.

Assim, de acordo com os contestadores da emenda, se a leitura direta da inferência é adotada, isto é, sem a emenda, então o texto da inferência se vê livre de problemas. Contrariando os proponentes da emenda – como dissemos acima, a emenda é adotada somente pelos proponentes da interpretação epistemológica –, a leitura direta, ao mesmo tempo em que torna a inferência perfeitamente coerente, apresenta uma perspectiva filosófica para Pirro que é igualmente coerente. Mais ainda, consideradas as contestações à emenda, seus formuladores, os proponentes das outras formas interpretativas, declaram que a leitura da inferência não faria sentido de outro modo senão sob uma leitura direta, isto é, aquela em que (1b) é sem emenda e na qual os adjetivos usados para caracterizar a natureza das coisas possuem sentido objetivo. No entanto, embora assumam a forma direta da inferência, os proponentes das outras interpretações diferem decisivamente quanto ao escopo da passagem.

De acordo com os proponentes da interpretação metafísica, o escopo da passagem é representar a perspectiva filosófica de Pirro tal como ela foi escrita por Timon, seu principal discípulo. Nesse sentido, aquilo sobre o que fala a tese de Pirro é a própria realidade, aquilo referido como “as coisas”. Portanto, afirmar que as coisas são indeterminadas por natureza significaria afirmar que a realidade é indeterminada intrinsecamente. A tríade de adjetivos que caracteriza a natureza das coisas não apontaria para uma relação entre sujeito e objeto, mas, em

<sup>472</sup> Aristoccl., apud Euséb., *Praep. euang.*, XIV, XVIII, 5 [ἐπει τοίνυν ἐπ’ ἴσης ἀδιάφορα πάντα φασὶν εἶναι, καὶ διὰ τοῦτο κελεύουσιν μηδενὶ προστίθεσθαι μηδὲ δοξάζειν].

<sup>473</sup> Ibid., XIV, XVIII, 6 [εἰ καὶ δῶμεν αὐτοῖς ἐπ’ ἴσης ἀδιάφορα πάντα εἶναι].

<sup>474</sup> Ibid., XIV, XVIII, 7 [εἰ ἐπ’ ἴσης ἐστὶν ἀδιάφορα πάντα φασὶν καὶ διὰ τοῦτο χρῆ μηδὲν δοξάζειν].

<sup>475</sup> Ibid., XIV, XVIII, 17 [πῶς οὖν ἐπ’ ἴσης ἀδιάφορα καὶ ἀνεπίκριτα δύναται ἄν εἶναι;].

<sup>476</sup> WARREN, 2000, p. 146; 2002, p. 90.

primeiro lugar, ela apontaria para o caráter intrínseco das próprias coisas. A inferência em (1a) e (1b), portanto, equivaleria ao seguinte: a fim de que as sensações e opiniões sejam ou verdadeiras ou falsas, é preciso que haja um estado de coisas determinado acerca do qual as sensações e opiniões formariam representações corretas ou incorretas; mas, dado que a realidade é indeterminada intrinsecamente, não há um estado de coisas determinado, nada é determinadamente o caso ou não; portanto, as sensações e opiniões – cujos conteúdos se apresentam como determinados – não são nem verdadeiras nem falsas. Trata-se, de uma leitura que procede aparentemente da maneira mais direta quanto ao que se vê escrito no texto original: a partir da natureza das coisas, caracterizada de certa maneira, Pirro conclui a impossibilidade de atribuir verdade ou falsidade às sensações e opiniões<sup>477</sup>.

Num outro sentido, de acordo com os proponentes da interpretação ética, o escopo da passagem não é o de representar unicamente a perspectiva filosófica de Pirro. Eles supõem, em vez, que a passagem transmite também as investidas filosóficas originais do próprio Tímon, a partir do rendimento que ele faz da filosofia do mestre<sup>478</sup>. Eles distinguem, então, entre uma parte da passagem remetente à filosofia do mestre e uma remetente à do discípulo. A do mestre teria como objeto propriamente as coisas da moralidade; portanto é o bem e o mal, o justo e o injusto, e demais congêneres que seriam todos intrinsecamente indiferenciados e indeterminados, e ele mesmo seria um severo moralista. Nesse sentido, somente a tese forte, a proposição (1a), é o que adviria da filosofia de Pirro. Já a parte de Tímon, essa compreenderia um tipo de reinterpretação original da filosofia do mestre, em que seriam introduzidos outros elementos. Sobretudo, é a partir de Tímon que a discussão assumiria um tom epistemológico<sup>479</sup>. Nesse sentido, a outra proposição na inferência, isto é, (1b), adviria dele, não de Pirro; o texto da passagem se traduziria no seguinte: “Diz Tímon que (1a) Pirro revela que as coisas são igualmente indiferenciadas, instáveis e indeterminadas e que [ainda segundo Tímon], (1b) por esse motivo, nem as nossas sensações nem as nossas opiniões dizem o verdadeiro ou o falso”; ou seja, é de acordo com Tímon que nem as sensações nem opiniões dizem o verdadeiro ou o falso. Por fim, quanto à inferência, essa interpretação assume que “as coisas” de que fala Pirro, em (1a), são as “sensações e opiniões” de que fala Tímon, em (1b); disso resulta um simples silogismo: as coisas são indeterminadas; as sensações e opiniões são as coisas; portanto, as sensações e opiniões são indeterminadas<sup>480</sup>.

<sup>477</sup> CAIZZI, 1981a, p. 226; SAKESLEZ, 1993, p. 80; BETT, 1994, p. 153 et seq; 2000, p. 23.

<sup>478</sup> Cf. BRUNSCHWIG, 1994, p. 194, 200-203; 1999, p. 247-249; WARREN, 2002, p. 92-99.

<sup>479</sup> BRUNSCHWIG, loc. cit.; WARREN, 2002, p. 128.

<sup>480</sup> BRUNSCHWIG, 1994, p. 199 et seq.

Por outro lado, ainda, há o rendimento que a interpretação orientalista faz da inferência. A versão mais recente e mais detalhada da alternativa orientalista para a passagem assume que o conteúdo da passagem consiste, sobretudo, em uma transposição da doutrina budista para o quadro conceitual da cultura grega. Pirro estaria sintetizando em filosofia grega os ensinamentos da doutrina budista indiana<sup>481</sup>. Assim, “as coisas” de que fala a passagem seriam o correlato grego do que, na doutrina budista, equivale a “todos os *dharmas*”; ambos, as coisas e esses *dharmas*, tanto para o Buda quanto para Pirro, significariam exclusivamente questões éticas ou morais<sup>482</sup>. As coisas – *dharmas* ou questões éticas –, de acordo com os ensinamentos do Buda, são “*anātman*”, isto é, “sem uma identidade intrínseca”, o que vertido por Pirro, transformar-se-ia na noção de que as coisas são igualmente indiferenciadas. Assim, quanto à inferência em (1a) e (1b), para essa proposta orientalista, Pirro teria adotado a noção budista de que não há verdade e falsidade nas coisas, uma vez que, nelas, intrinsecamente, nem mesmo há uma identidade; para Pirro, na esteira da doutrina budista, verdade e falsidade seriam categorias puramente humanas e na verdade projetadas sobre as coisas; seriam categorias que simplesmente não existem por conta própria; essas categorias estariam, antes, dentre os obstáculos para o alcance da tranquilidade e do nirvana; tanto Pirro quanto o Buda negaria, assim, ideia de uma existência última, absoluta, das coisas, isto é, para além do que é percebido e pensado, em oposição à aparência fenomênica<sup>483</sup>.

#### 5. 1. 4 A segunda das questões de Tímon

Agora, dando continuidade à passagem, a partir de (1b), segue-se uma segunda inferência, (1c). Na passagem, então: (1b) uma vez que sensações e opiniões não dizem nem verdade nem falsidade, (1c) nós não devemos confiar nelas. Essa segunda inferência parece agir de modo a preparar o terreno para a resposta à segunda das questões que, segundo Tímon, devem ser consideradas se se pretende ser feliz – [2] –, isto é, aquela sobre como devemos nos dispor diante das coisas. É interessante o termo com o qual a questão de Tímon é colocada por Arístocles: em [2], fala-se sobre um “dispor-se”<sup>484</sup>. Há dois testemunhos, remetentes à categoria dos mais antigos, em que se fala sobre uma “disposição”<sup>485</sup> de Pirro. Ambos estão em Diógenes Laércio: em um, Nausífanos recomenda a disposição de Pirro<sup>486</sup>; no outro, é dito que Tímon

<sup>481</sup> BECKWITH, 2015, p. 22-60.

<sup>482</sup> BECKWITH, op. cit., p. 29, 31.

<sup>483</sup> Ibid, p. 34-36, 40.

<sup>484</sup> [διακεῖσθαι].

<sup>485</sup> [διάθεσις].

<sup>486</sup> D. L., IX, 64.

discorre longamente sobre a disposição de Pirro em uma de suas obras, o *Píton*<sup>487</sup> – obra da qual, possivelmente, Aristocles derivou o presente sumário da filosofia de Pirro que estamos comentando<sup>488</sup>. Já quanto à resposta para essa segunda questão de Tímon – em [2] –, ela aparece sob a forma de duas recomendações, ambas facilmente entendidas como o corolário das proposições anteriores. Primeiro, recomenda-se uma atitude que, novamente, é descrita por uma tríade de adjetivos negativos compostos por alfa privativo – em (2a). Em seguida, recomenda-se uma forma linguística, uma forma de expressão, aparentemente uma continuação dessa atitude que a precede; essa forma linguística descreve uma maneira para referir-se às coisas – (2b). Pelo visto, as duas recomendações são intimamente coligadas; conjuntamente, ambas parecem formar aquele “dispor-se” de que fala a segunda questão de Tímon – [2].

#### 5. 1. 4. 1 Mais três adjetivos: primeira recomendação de atitude para assumir diante da natureza das coisas

Assim, a começar com a primeira dessas recomendações – (2a) –, quanto aos três adjetivos negativos utilizados para descrever a atitude recomendada, eles todos parecem remeter à época pré-helenística<sup>489</sup>. O primeiro deles nós traduzimos por “sem opiniões”<sup>490</sup>. No *Fédon* platônico, ele aparece para indicar aquilo que escapa e supera o estado da opinião; é avizinjado pela verdade e pelo divino<sup>491</sup>. Em Sexto, ele é importante, mas aparece somente em forma de advérbio – “não-opinativamente”<sup>492</sup> –, associado à noção de uma condução ordinária da vida, igualmente importante para o ceticismo pirrônico tardio<sup>493</sup>. O segundo desses adjetivos nós traduzimos por “sem inclinações”<sup>494</sup>. Ele também aparece no *Fédon*, é usado para caracterizar a Terra, que, no centro do universo, não pende nem para um lado nem para o outro<sup>495</sup>; ele significa, portanto, “firme”, “que não se inclina” ou “que não se dobra” em relação a qualquer coisa. O terceiro, que traduzimos por “sem oscilações”<sup>496</sup>, é aparentemente raro em

<sup>487</sup> D. L., IX, 67.

<sup>488</sup> Cf. acima p. 83.

<sup>489</sup> Para o que escrevemos a seguir sobre os três adjetivos, cf. CAIZZU, 1981, p. 227 et seq; CHIESARA, 2001, p. 102 et seq.

<sup>490</sup> [ἀδόξατος]

<sup>491</sup> Platão, *Fédon*, 94a [τὸ ἀληθὲς καὶ τὸ θεῖον καὶ τὸ ἀδόξατον].

<sup>492</sup> [ἀδοξάτως].

<sup>493</sup> Cf. especialmente Sext., *P.*, III, 235 [ἔπειτα δὲ ἀδοξάτως τῆ βιωτικῆ τηρήσει].

<sup>494</sup> [ἀκλινής].

<sup>495</sup> Platão, *Fédon*, 109a.

<sup>496</sup> [ἀκράδαντος].

contextos filosóficos tardios. Ele deriva de “vibrar”, “balançar”<sup>497</sup>; aparece em Xenófanes<sup>498</sup>. Num outro sentido, há o rendimento que a proposta orientalista faz dessa segunda tríade de adjetivos. De acordo com essa proposta, o primeiro elemento, ser “sem opiniões”, seria o correlato da atitude de abster-se de teorias ou perspectivas, atestada em alguns dos textos mais antigos no cânon Pali budista, tais como o *Aṭṭhakavagga*<sup>499</sup>. O segundo, ser sem inclinações, seria o correlato da recomendação budista de não apegar-se a nada<sup>500</sup> ou não desejar nada<sup>501</sup> material nem relações humanas nem perspectivas de sabedoria, de modo a evitar uma vida conturbada; noções essas que parecem remeter ao próprio Buda<sup>502</sup>. E o terceiro, ser sem inclinações, diria respeito a como tanto o Buda quanto Pirro enfatizam que essa forma de vida recomendada não é fácil; que é preciso lutar contra a tendência natural de oscilar entre uma paixão para outra<sup>503</sup>.

#### 5. 1. 4. 2 Segunda recomendação: o “não mais”

Quanto à segunda recomendação – (2b) –, de caráter linguístico, ela consiste numa expressão importante entre os pirrônicos: a expressão “não mais”<sup>504</sup>, que aparece recorrentemente nos escritos do pirronismo, percorrendo todas as suas fases. Ela está tanto nessa primeiríssima fase, com Pirro e Tímon, quanto em Sexto<sup>505</sup> e em Enesidemo<sup>506</sup>; e aparece também no importante testemunho de Diógenes Laércio<sup>507</sup>. No entanto, a expressão não parece possuir o mesmo uso em todos os autores.

Em Sexto, que lhe dedica uma das seções do livro I de suas *Hipotiposes Pirrônicas*<sup>508</sup>, esse uso serve, expressamente, para significar a “equipolência”<sup>509</sup> pirrônica: isto é, o sentimento de igual força entre as duas partes de um dilema, que leva o cético a não se decidir sobre quaisquer dessas partes, portanto a se abster de asserir sobre a verdade ou a falsidade dessas partes, conduzindo-o à suspensão do juízo. Portanto, esse é o uso cético pirrônico sextiano da

<sup>497</sup> [κραδάω, κραδαίνω].

<sup>498</sup> DK B 25 (Simplicio, *Comentário à Física de Aristóteles*, 23, 19 [ἀλλ’ ἀπάνευθε πόνοιο νόου φρενί πάντα κραδαίνει]); cf. também Homero, *Il.*, 504 [αἰχμὴ δ’ Αἰνεῖοιο κραδαιομένη κατὰ γαίης].

<sup>499</sup> BECKWITH, 2015, p. 37.

<sup>500</sup> [upādāna]

<sup>501</sup> [tr̥ṣṇā, taṇhā]

<sup>502</sup> BECKWITH, op., cit., p. 37-39.

<sup>503</sup> *Ibid.*, p. 40.

<sup>504</sup> [οὐ μᾶλλον; οὐδὲν μᾶλλον].

<sup>505</sup> Sext., *P.*, I, 188-191, 213-214.

<sup>506</sup> Fócio, *Bibliotheca*, 212, 170a 1-11.

<sup>507</sup> D. L., IX, 61, 74-76.

<sup>508</sup> Sext., *P.*, I, 188-191.

<sup>509</sup> Sext., *P.*, I, 190 [ἰσοσθένεια]

expressão “não mais”. Agora, o próprio Sexto faz uma ressalva. Ele mesmo escreve que esse é um uso específico dessa expressão “não mais”: ela significa equipolência, “ainda que apresente um caráter de assentimento ou negação”<sup>510</sup>, escreve Sexto. Essa pareceria mais uma demonstração de zelo pela consistência do ceticismo em desfavor de outros usos possíveis.

Quanto a Enesidemo, a expressão “não mais” aparece no epítome dos seus *Argumentos dos Pirrônicos*, legado por Fócio. Nesse caso, lê-se:

Nenhum deles [os Pirrônicos] afirma nem que as coisas são inapreensíveis nem que são apreensíveis, mas que são não mais de um tipo do que de outro, ou que às vezes são de um tipo, às vezes não, ou que para uma pessoa são de um tipo, mas para outra não são desse tipo, e para outra nem sequer existem. Nem eles afirmam que as coisas no geral ou que só algumas coisas são acessíveis para nós ou que não são acessíveis para nós, mas que elas são não mais acessíveis para nós do que não [acessíveis], ou que às vezes elas são acessíveis para nós, às vezes não, ou que elas são acessíveis para uma pessoa, mas não são para outra. Nem, de fato, eles dizem que há o verdadeiro ou o falso, convincente ou não convincente, existente ou não existente. Mas que a mesma coisa, pode-se dizer, é não mais verdade do que falsidade, convincente do que não convincente, existente do que não existente<sup>511</sup>

Aqui a expressão não parece operar daquele mesmo modo, específico, indicado por Sexto Empírico como o uso que o cético pirrônico faz da expressão. Em vez, ela aparece como uma asserção negativa: ela não diz nada sobre a verdade de nenhuma das partes desses dilemas com os quais ela lida, mas somente atribui o mesmo estatuto de verdade a ambas as partes; ora, se as duas partes são opostas e incompatíveis, então aparentemente atribuir igual verdade às duas significa negar verdade a ambas<sup>512</sup>.

Na *Vida de Pirro* de Diógenes Laércio, o uso da expressão “não mais” tem a aparência também de um tipo de asserção negativa. Há uma ocorrência em que a “suspensão de juízo” é associada a um uso do “não mais”. Trata-se de algo que ele atribui a certo Ascânio de Abdera, personagem que não aparece em lugar algum senão nessa passagem; escreve Diógenes:

[Pirro] pareceu filosofar da maneira mais nobre, introduzindo, como diz Ascânio de Abdera, a não-apreensibilidade das coisas e a suspensão de juízo: pois dizia que nada é nem belo, nem vergonhoso, nem justo, nem injusto; igualmente, sobre todas as coisas, afirmava que nada é em verdade, e que

<sup>510</sup> Ibid., 191 [κἄν ἐμφαίνῃ χαρακτῆρα συγκαταθέσεως ἢ ἀρνήσεως].

<sup>511</sup> Fócio, *Bibliotheca*, 212, 170a 1-11 apud POLITO, 2014, p. 74 [οὐδεὶς αὐτῶν τὸ παράπαν οὔτε ἀκατάληπτα πάντα εἶρηκεν οὔτε καταληπτά, ἀλλ’ οὐδὲν μᾶλλον τοιάδε ἢ τοιάδε, ἢ τότε μὲν τοῖα τότε δὲ οὐ τοῖα, ἢ ᾧ μὲν τοιαῦτα ᾧ δὲ οὐ τοιαῦτα ᾧ δ’ οὐδ’ ὅλως ὄντα· οὐδὲ μὴν ἐφικτὰ πάντα κοινῶς ἢ τινα τούτων ἢ οὐκ ἐφικτὰ, ἀλλ’ οὐδὲν μᾶλλον ἐφικτὰ ἢ οὐκ ἐφικτὰ, ἢ τότε μὲν ἐφικτὰ τότε δ’ οὐκέτι, ἢ τῷ μὲν ἐφικτὰ τῷ δ’ οὐ. καὶ μὴν οὐδ’ ἀληθινὸν οὐδὲ ψεῦδος, οὐδὲ πιθανὸν οὐδ’ ἀπίθανον, οὐδ’ ὄν οὐδὲ μὴ ὄν, ἀλλὰ τό αὐτὸ ὡς εἶπειν οὐ μᾶλλον ἀληθές ἢ ψεῦδος, ἢ πιθανὸν ἢ ἀπίθανον, ἢ ὄν ἢ οὐκ ὄν, ἢ τότε μὲν τοῖον τότε δὲ τοῖον, ἢ ᾧ μὲν τοιονδὶ ᾧ δὲ καὶ οὐ τοιονδὶ.].

<sup>512</sup> Isso é o que propõe POLITO, 2014, p. 98.

todos agem por costume e por norma, porque cada coisa não mais é isto do que aquilo<sup>513</sup>

Curiosamente, nessa ocorrência, o que é descrito não é equipolência e suspensão de juízo – não como as entendem Sexto e a acadêmica dita cética –, mas uma asserção negativa: segundo a qual nada é em verdade e cada coisa não é mais isto do que aquilo<sup>514</sup>, algo aparentemente semelhante ao que se vê acima em Enesidemo.

Mais à frente, Diógenes Laércio indica que a expressão “não mais” pode ser entendida de dois modos, um modo positivo e um modo negativo, mas que o uso cético assume somente o modo negativo. Escreve Diógenes: “sob os céticos, [o “não mais”] é dito não de modo positivo, mas negativo, como quando, ao refutar um argumento, diz-se ‘Cila não mais existe do que a Quimera’”<sup>515</sup>. Aqui, novamente, a expressão não serve para significar equipolência e suspensão de juízo; não há suspensão de juízo sobre se Cila ou Quimera existem. Em vez, trata-se efetivamente de uma asserção negativa, isto é, segundo a qual uma não mais existe do que a outra: uma não mais existe do que a outra porque nem uma nem outra existem.

Em seguida, Diógenes Laércio relata sobre o modo como o próprio Tímon compreendeu a expressão, aparentemente pretendendo marcar a maneira sob a qual se deve entender a expressão “não mais” com um selo da autoridade. Diógenes escreve: “a expressão significa, de acordo com o que Tímon escreve no *Python*, ‘não determinar nada nem se inclinar para nada’”<sup>516</sup>. Esse esclarecimento do significado do “não mais” em que Diógenes invoca Tímon, certamente, é de interesse para nós aqui. Primeiro, porque Diógenes menciona o *Python* de Tímon, que é, possivelmente, a obra da qual Aristocles derivou o sumário que estamos comentando. Depois, ao que parece, trata-se de uma citação direta<sup>517</sup>, porque o que Diógenes atribui a Tímon é um verso, no qual um dos termos, aquele que traduzimos por “nem inclinar-se para nada”, consiste num verbo<sup>518</sup> que não ocorre em nenhum outro lugar na língua grega, o

<sup>513</sup> D. L. IX, 61 [γενναιότατα δοκεῖ φιλοσοφῆσαι, τὸ τῆς ἀκαταληψίας καὶ ἐποχῆς εἶδος εἰσαγαγόν, ὡς Ἀσκάνιος ὁ Ἀβδηρίτης φησίν: οὐδὲν γὰρ ἔφασκεν οὔτε καλὸν οὔτ' αἰσχρὸν οὔτε δίκαιον οὔτ' ἄδικον: καὶ ὁμοίως ἐπὶ πάντων μηδὲν εἶναι τῇ ἀληθείᾳ, νόμῳ δὲ καὶ ἔθει πάντα τοὺς ἀνθρώπους πράττειν: οὐ γὰρ μᾶλλον τότε ἢ τότε εἶναι ἕκαστον].

<sup>514</sup> Cf. acima p. 33-34.

<sup>515</sup> D. L., IX, 75 [ὑπὸ δὲ τῶν σκεπτικῶν οὐ θετικῶς ἀλλ' ἀναιρετικῶς λέγεται, ὡς ὑπὸ τοῦ ἀνασκευάζοντος καὶ λέγοντος, Οὐ μᾶλλον ἢ Σκύλλα γέγονεν ἢ ἡ Χίμαιρα.].

<sup>516</sup> Ibid., 76 [σημαίνει οὖν ἢ φωνή, καθά φησι καὶ Τίμων ἐν τῷ Πύθωνι, "τὸ μηδὲν ὀρίζειν, ἀλλ' ἀπροσθετεῖν."].

<sup>517</sup> CAIZZI, 1981a, p. 235.

<sup>518</sup> [ἀπροσθετεῖν]. Cf. CAIZZI, loc cit., que sugere esse sentido ao supõe que o neologismo de Tímon é mais bem entendido à luz do verbo [προστίθημι], e que dentre outros sentidos, supõe que significa “ser favorável”, “inclinarse para”, “tomar o lado de”. Cf. também FERRARI, 1981, p. 367, que associa o neologismo de Tímon ao substantivo [πρόθεσις], também derivado de [προστίθημι], e que em Aristóteles indica a atribuição de um predicado a um sujeito.

que indicaria se tratar de um provável neologismo de Tímon<sup>519</sup>. Deve-se levar em conta que dificilmente esse termo, o neologismo de Tímon, quereria dizer o mesmo que a “suspensão de juízo”<sup>520</sup> de que fala Sexto. Ora, expressamente, não é a “suspensão de juízo” que Diógenes Laércio atribui a Tímon, mas um “não inclinar-se para nada”. De fato, não há ocorrências dos termos “equipolência” e “suspensão de juízo” em Arístocles no geral<sup>521</sup>; muito menos, então, há ocorrências desses termos no sumário que estamos comentando e que, como foi dito, possivelmente foi derivado do próprio *Python* de Tímon; então, muito dificilmente o *Python* conteria a expressão “suspensão de juízo”<sup>522</sup>, típica do vocabulário cético posteriormente.

De acordo com Diógenes Laércio, o neologismo de Tímon, esse “não inclinar-se para nada”, provém do *Pyhton* e explica o significado original da expressão “não mais”. Ora, se se considera que o sumário de Arístocles igualmente provém do *Python* – o que é bem possível<sup>523</sup> –, então é bastante plausível que o neologismo de Tímon é o que indica também o sentido do “não mais” de que fala Arístocles na passagem. Se esse é o caso, então o “não mais”, na passagem de Arístocles, sumário do *Python*, significaria o “não inclinar-se para nada”, expressão do próprio Tímon no *Python*, segundo relata Diógenes Laércio. Assim, se se leva em conta o que engendra, na passagem, a recomendação do uso do “não mais”, isto é, as proposições centrais do sumário de Arístocles – a saber, as proposições em (1a), segundo a qual as coisas são indiferenciadas e indeterminadas e em (1b), segundo a qual sensações e opiniões não dizem verdade ou falsidade –, e se é justo assumir que o que essas proposições centrais engendram é algo como um não consentimento a uma opinião ou sensação que pressuponham uma determinação nas coisas, então o “não mais” na passagem e o neologismo de Tímon, “não inclinar-se para nada”, que significariam o mesmo, poderiam muito bem significar juntos aquilo que é engendrado na passagens pelas suas proposições centrais, isto é, algo como um não consentimento a uma opinião ou sensação que pressuponham uma determinação nas coisas, portanto expressando a indeterminação de que trata a tese de Pirro, central na passagem.

Depois, há outro aspecto ainda sobre (2b) que deve ser observado. Há duas interpretações possíveis<sup>524</sup> para a relação entre a expressão “não mais” e as proposições que ela coordena na passagem. Uma interpretação assume que as proposições “tanto é e não é” e “nem

<sup>519</sup> Cf. acima p. 84-85.

<sup>520</sup> [ἐποχή].

<sup>521</sup> Cf. LONG e SEDLEY, 1987, v. 2, p. 6. Cf. acima p. 84.

<sup>522</sup> [ἐποχή].

<sup>523</sup> Cf. acima p. 85 et seq.

<sup>524</sup> Cf. SVAVARSSON, 2004. p. 277 et seq, que supõe uma terceira forma interpretativa, em que a primeira e a terceira das partículas [ἢ] teriam sentido comparativo e a segunda teria sentido disjuntivo; o que equivaleria a: algo não mais é do que não é ou [não mais] é ambos do que nenhum.

é e nem não é” são duas adições ao que deve ser dito acerca de cada coisa, cada uma das quais uma alternativa autossuficiente em relação a “não mais é do que não é”. Nesse sentido, (2b) ficaria: acerca de cada coisa, deve-se dizer que (i) não mais é do que não é ou que (ii) tanto é e não é ou que (iii) nem é e nem não é. A outra interpretação assume que as proposições “tanto é e não é” e “nem é e nem não é” estão cada uma em paridade com “é” e “não é” separadamente, de modo que a expressão “não mais”, em vez, organizaria quatro proposições. Nesse sentido, a recomendação em (2b) ficaria: acerca de cada coisa, deve-se dizer que (i) não mais é do que (ii) [não mais] não é ou (iii) [não mais] tanto é e não é ou (iv) [não mais] nem é e nem não é. Sintaticamente as duas leituras são possíveis<sup>525</sup>. Há usos correlatos das duas interpretações em outros autores. É o caso de Aristóteles que, ao descrever aquele que nega o princípio de não contradição, usa uma forma linguística semelhante à primeira dessas interpretações: quem nega o princípio de não contradição “diz nem tal nem não tal, mas tal e não tal, depois novamente ele nega a ambos, [e diz] que nem tal e nem não tal”, escreve Aristóteles<sup>526</sup>. Uma forma linguística semelhante à segunda dessas leituras aparece no testemunho de Aulo Géllo, que atribui ao próprio Pirro o uso da construção “algo não mais é deste modo do que daquele modo ou nem um nem outro”<sup>527</sup>. E aparentemente formas linguísticas compostas por quatro partes, portanto semelhantes à segunda dessas leituras, são comuns entre os escritos budistas, dentre os quais se destacam alguns sutras budistas dos mais antigos, em que o Buda declarava serem irresolúveis certos conjuntos de questões de teor metafísico, chamadas *Avyakrta* ou “inexprimíveis”<sup>528</sup>; além do que, essa forma quadripartida é recorrente também nos trabalhos do filósofo Nagarjuna da escola *Madhyamika*<sup>529</sup>.

De fato, é difícil estabelecer precisamente a forma interpretativa mais apropriada para como a expressão “não mais” coordena as proposições com as quais ela se relaciona na passagem. Como foi dito, as interpretações descritas acima são ambas sinteticamente possíveis. No entanto, se, mais uma vez, se considera a tese de Pirro de que as coisas são igualmente indiferenciadas e indeterminadas – em (1a); depois, se se considera que o “não mais” significa somente que nenhuma das proposições obtém verdade em qualquer medida maior do que as

<sup>525</sup> Cf. BETT, 2000, p. 33; CHIESARA, 2001, p. 103.

<sup>526</sup> Aristótel., *Metafísica*, IV, 1008a 30-34 [οὐτε γὰρ οὕτως οὐτ' οὐχ οὕτως λέγει, ἀλλ' οὕτως τε καὶ οὐχ οὕτως: καὶ πάλιν γε ταῦτα ἀπόφησιν ἄμφω, ὅτι οὐθ' οὕτως οὐτε οὐχ οὕτως]. Cf. REALE, 1981, p. 318 e BERTI, 1981, p. 64, para os quais, na passagem de Aristóteles, Pirro estaria usando o “não mais” para responder diretamente à crítica de Aristóteles àqueles que rejeita o princípio de não contradição. Cf. também CAIZZI, 1981a, p. 230, para a qual, com o “não mais”, Pirro não estaria negando o princípio de não contradição, mas estaria espelhando outra passagem da *Metafísica*, IV, mais acima, em 1008a 4-6 [εἰ γὰρ ἀληθὲς ὅτι ἄνθρωπος καὶ οὐκ ἄνθρωπος, δῆλον ὅτι καὶ οὐτ' ἄνθρωπος οὐτ' οὐκ ἄνθρωπος ἔσται].

<sup>527</sup> Aulo Géllo, *Noites Áticas*, XI, 5 [οὐ μᾶλλον οὕτως ἔχει τόδε ἢ ἐκείνως ἢ οὐθετέρως].

<sup>528</sup> FLINTOFF, 1980, p. 93.

<sup>529</sup> KUZMINSKI, 2008, p. 60; BECKWITH, 2015, p. 40.

outras, como estabelecemos antes; e se se considera a recomendação de que devemos ser sem opiniões – em (2a) –, então a segunda dessas interpretações, a quadripartida, parece a mais apropriada. Porque, sob a primeira interpretação, as proposições “tanto é quanto não é” e “nem é e nem não é” equivalem a duas adições independentes, assertivas de duas opiniões bem definidas: uma, a asserção de que é verdade que cada coisa tanto é quanto não é; outra, a asserção de que cada coisa nem é e nem não é, que implica numa falsidade total. Portanto, elas não parecem refletir o que se vê na tese de Pirro sobre a indeterminação das coisas; nem parece refletir a recomendação de que devemos ser sem opiniões. Agora, o mesmo não ocorre se se assume a segunda interpretação, a quadripartida. Porque, nesse caso, o “não mais” atribui um valor de verdade idêntico a cada uma das quatro proposições, isto é: as proposições “é”, “não é”, “tanto é quanto não é”, “nem é e nem não é” não mais obtêm verdade ou falsidade do que qualquer uma das outras<sup>530</sup>.

### 5. 1. 5 A terceira das questões de Tímon

Por último na passagem, respondendo à terceira das questões que Tímon dirige àquele que pretende ser feliz – em [3] –, está o resultado expresso de se assumir a disposição recomendada por Pirro e Tímon: na passagem, lê-se que esse resultado, primeiro, é o que traduzimos por “mudez”<sup>531</sup>, depois o que traduzimos por “tranquilidade”<sup>532</sup>; segundo Enesidemo, é o “prazer”<sup>533</sup>, também na nossa tradução. Esse resultado, então, parece ser o que Pirro e Tímon tomam pelo equivalente da felicidade. Os dois primeiros termos são familiares ao pirronismo de Sexto. A “tranquilidade” é a finalidade para quem assume a conduta céptica<sup>534</sup>. Aliás, não só entre pirrônicos a tranquilidade é um termo familiar, mas entre os estoicos e epicuristas também. Seu sentido parece ser mais ou menos o mesmo em todos os casos: o de uma vida livre de perturbação e ansiedade<sup>535</sup>. Quanto àquilo que traduzimos por “mudez” na passagem, Sexto também dedica a esse conceito uma das seções do livro I das suas *Hipotiposes Pirrônicas*<sup>536</sup>. Nela, o conceito é usado para descrever o sentimento ou atitude de não asserção, isto é, sentimento ou atitude através do que nem se afirma nem se nega coisa nenhuma, algo

<sup>530</sup> O entendimento do “não mais” em (2b) que descrevemos nos últimos parágrafos acima reflete o que está proposto em BETT, 2000, p. 30-35.

<sup>531</sup> [ἀφασία].

<sup>532</sup> [ἀταραξία].

<sup>533</sup> [ἡδονή].

<sup>534</sup> Sext., *P.*, I, 10, 25-30.

<sup>535</sup> Sobre a tranquilidade, cf. acima p. 39, 109.

<sup>536</sup> Sext., *P.*, I, 192-193.

que se relaciona intimamente com a suspensão de juízo. Por esse motivo, é possível que a mudez de que fala a passagem signifique essa atitude de não asserção de que escreve Sexto. Agora, por outro lado, na língua grega propriamente, o termo parece significar algo diverso: um estado emocional que tolhe a fala, por vezes produzido por medo ou perplexidade; em Platão, essa mudez aparece para significar um estado de perturbação<sup>537</sup>. Se se consideram esses últimos significados, o termo parece comportar o sentido de “mudez”; uma mudez produzida pela perplexidade, talvez.

A questão que se apresenta, portanto, é: desses dois sentidos, qual é o que se trata na passagem: o de Sexto, que significa a “não asserção”; ou o outro, a “mudez”, talvez causada por grande perplexidade. Uma objeção a esse último sentido é a de que a recomendação imediatamente anterior – em (2b) – trata daquilo que deve ser dito sobre cada coisa, o que desabilitaria uma mudez e apontaria para a não asserção de que fala Sexto no pirronismo tardio<sup>538</sup>. Mas é importante observar que, nesse último momento da passagem, o que está em jogo é precisamente o resultado da disposição recomendada, portanto uma descrição do que acontece depois da adoção dessa disposição. Então, dado que se trata de um resultado da disposição recomendada, portanto o que acontece depois da adoção dessa disposição, é mais fácil assumir que o sentido em questão é o de “mudez”. Ora, de fato, não é difícil imaginar que a constatação da completa falta de diferenciação nas coisas e indeterminação – isto é, a tese central em (1a) –, seguida de uma disposição que consiste numa atitude completamente não opinativa e forma linguística descritiva dessa indeterminação das coisas – isto é, a disposição recomendada em (2a) e (2b) –, seriam capazes de produzir um misto de grande perplexidade e mudez: a mudez, aqui, significaria que não há mais nada a ser dito sobre as coisas. Ainda, a mudez é indicada somente como o primeiro dos efeitos que compõem o resultado para aqueles que se dispõem como recomendam Pirro e Tímon. Num primeiro momento, dá-se a mudez e, num segundo, a tranquilidade. Na língua grega, a expressão pode muito bem ser interpretada como sugerindo que a mudez é somente um efeito inicial de se assumir a disposição recomendada por Pirro e Tímon, portanto um efeito que não é contínuo. Não seria difícil assumir, então, que a mudez aparece num primeiro momento, sendo substituída derradeiramente pela tranquilidade<sup>539</sup>.

<sup>537</sup> Cf. Homero, *Iliada*, XVII, 695, *Odisséia*, IV, 704; Eurípedes, *Helena*, 549, *Ifigênia em Áulis*, 837; Aristófanes, *As Tesmoforiantes*, 904; Plat., *Leis*, II, 636e; *Filebo*, 21d. Cf. CAIZZU, 1981a, p. 231.

<sup>538</sup> STOPPER, 1983, p. 274.

<sup>539</sup> BETT, 2000, p. 38.

### 5. 1. 6 Enesidemo e o prazer

Terminando a passagem, está a menção do “prazer”, também como resultado da disposição recomendada por Pirro e Tímon. Ela claramente aparece como uma adição de Arístocles, que se dá em referência ao que Enesidemo concebe como sendo o resultado da disposição de que fala a passagem. Portanto, ela não parece representar precisamente o que pensam os próprios Pirro e Tímon. Foi sugerido que a menção ao prazer substituiria um terceiro elemento que comporia o resultado da disposição recomendada, além da mudez e da tranquilidade; esse terceiro elemento teria sido originalmente especificado por Tímon, mas substituído por Arístocles<sup>540</sup>. A sugestão assume que a passagem toda se estrutura em tercetos: Tímon teria formulado três questões em que cada questão teria por resposta três termos negativos, cada um dos quais composto por alfa privativo. Assim, a adição de Arístocles, em referência a Enesidemo e ao prazer, substituiria um terceiro termo, também negativo e composto por alfa privativo. Nesse caso, a sugestão é a de que o termo original de Tímon seria a “impassibilidade”<sup>541</sup>, característica enfatizada em um dos testemunhos de Cícero sobre Pirro<sup>542</sup>. De todo modo, é difícil pensar as razões para a alusão de Arístocles a Enesidemo. É mais fácil assumir que ela aparece como uma adição em referência ao que Enesidemo, propriamente, pensa da filosofia de Pirro e Tímon. Decerto, não é impossível que, para Enesidemo, a tranquilidade de que fala Pirro e Tímon seja equivalente ao prazer.

## 5.2 Conclusão

A passagem, importante testemunho sobre a filosofia de Pirro, cuja interpretação condiciona a interpretação dos demais testemunhos, é iniciada por o que parece ser uma justificação de orientação epistemológica: a de que se por natureza nada conhecemos, então qualquer investigação é inútil. A orientação epistemológica tomada pelas refutações de Arístocles talvez servisse para corroborar uma interpretação epistemológica para a filosofia de Pirro. Mas decerto uma coisa não implica a outra necessariamente: ainda que o recorte de Arístocles seja em epistemologia, isso não significa que a filosofia contra a qual ele escreve seja igualmente centrada em torno de temas em epistemologia.

---

<sup>540</sup> REALE, 1981, p. 324; FERRARI, 1981, p. 362 et seq; CAIZZI, 1981a, p. 221, 233.

<sup>541</sup> [ἀπάθεια].

<sup>542</sup> Cf. acima p. 59.

No segundo parágrafo da passagem, Arístocles atribui a Pirro expressamente a posição de que por natureza nada conhecemos. Significativamente, o modo como Arístocles descreve a posição de Pirro se distingue do modo como ele descreve a posição dos cirenaicos. A distinção entre as duas descrições é significativa porque, enquanto a posição dos cirenaicos é descrita pela noção de apreensibilidade, que é típica da epistemologia helenística e cara ao contexto da academia cética de Arcesilau, a posição atribuída a Pirro nem envolve a noção de apreensibilidade nem essa noção é vista em lugar nenhum na refutação contra o pirronismo. A posição de Pirro, em vez, é descrita caracteristicamente pelo uso da expressão “por natureza”, expressão essa cujo sentido parece mais próximo da filosofia clássica.

Arístocles escreve que essa posição de Pirro – de que, por natureza, nada conhecemos – é pertencente a um gênero de filósofos mais antigos contra os quais Aristóteles argumentou. A partir disso, já se conjecturou que esse gênero de filósofos equivalesse aos anônimos negadores do princípio de não contradição, contra os quais Aristóteles argumenta na *Metafísica*; e, dado que existem indícios de que os megáricos seriam esses negadores do princípio de não contradição, se conjecturou também que o antecedente filosófico de Pirro fosse os megáricos; a isso se soma o dado, em Diógenes Laércio, de que um dos mestres de Pirro fora certo Bríson. No entanto, essa é uma hipótese de difícil sustentação: ela é duplamente condicionada. Seria preciso assegurar que os filósofos mais antigos contra os quais Aristóteles argumentou, segundo Arístocles, fossem os negadores do princípio de não contradição; depois, seria preciso assegurar também que esses últimos fossem os megáricos. Ainda no segundo parágrafo, é dito que Pirro não deixou nada em escrito, mas que o seu discípulo, Tímon, deixou. Segundo Arístocles, então, Tímon propõe que, para quem deseja ser feliz, três questões devem ser observadas. Isso, precisamente, parece revelar que finalidade é a do pirronismo: uma de caráter ético, isto é, ser feliz. O conteúdo da passagem, então, aparece como uma resposta a essa exigência inicial sobre a felicidade.

Pretendendo transmitir a filosofia de Pirro, então, a proposta de Tímon é estruturada de modo a formar uma cadeia. As três questões são: como são coisas por natureza, de que modo devemos nos dispor diante das coisas e qual será o resultado àqueles que assim se dispõem; portanto, a resposta para a terceira pergunta depende da resposta para a segunda, que depende da resposta para a primeira. É importante observar que a primeira dessas questões é emoldurada, justamente, pela mesma expressão essencialista usada para caracterizar a posição filosófica de Pirro, isto é, a questão se refere a como as coisas são “por natureza”. O que parece é que, embora o interesse de Arístocles esteja no âmbito da epistemologia, a discussão que ele dispõe no

sumário da filosofia de Pirro é condicionada por uma abordagem essencialista típica da filosofia clássica.

O instante decisivo no concurso entre propostas interpretativas se dá na resposta a essa primeira questão sobre a natureza das coisas e na proposição que segue essa resposta. O conteúdo da resposta é expressamente atribuído a Pirro. Na passagem, lê-se que, segundo Tímon, Pirro revela que as coisas são igualmente indiferenciadas, instáveis e indeterminadas, e que, por esse motivo, nem as nossas sensações nem as nossas opiniões dizem o verdadeiro ou o falso. A posição de Pirro sobre a natureza das coisas consiste numa tese forte. Nesse sentido, ela não coincide com nada que se vê no pirronismo tardio; de fato, ela é incompatível. Uma tese forte faz de Pirro aquilo contra o que o ceticismo pirrônico tardio define a si mesmo: isto é, um dogmático. Essa tese forte decerto é sensível. Não só porque faz de Pirro um dogmático, mas porque ela parece refutar a si mesma: ela pretende determinar a natureza das coisas, mas, segunda ela mesma, essa natureza é indeterminada. Entretanto, há uma saída para essa situação auto refutativa. Aparente, é muito bem possível que a tese de Pirro esteja isenta do próprio escopo. E, se esse é o caso, então ela não refuta a si mesma.

A tese de Pirro, que caracteriza a natureza das coisas, é composta por uma tríade de adjetivos: as coisas são indiferenciadas, instáveis e indeterminadas. O texto grego da passagem admite duas leituras para essa tríade: uma objetiva e uma subjetiva. Se se assume uma leitura objetiva, então os adjetivos se referem às próprias coisas, isto é, eles se referem a como as coisas são nelas mesmas – intrinsecamente. Se se assume uma leitura subjetiva, então os adjetivos não se referem às coisas mesmas, mas ao modo como as coisas escapam às tentativas de conhecê-las. Na nossa tradução da passagem, optamos pela leitura objetiva. A escolha de uma ou outra dessas leituras é condicionada pela relação entre a resposta à questão sobre a natureza das coisas e a proposição que segue essa resposta.

Esse parece ser o ponto que divide as propostas interpretativas. E, de fato, a interpretação geral da passagem depende da interpretação para essa relação. Literalmente na passagem lê-se a seguinte inferência: as coisas são indiferenciadas, instáveis e indeterminadas, por esse motivo, as nossas sensações e opiniões não dizem o verdadeiro ou o falso. No entanto, propôs-se uma emenda para o texto grego; de acordo com essa emenda, o conectivo “por esse motivo” se transformaria em “porque”, desse modo invertendo a ordem da inferência: os três adjetivos que caracterizam a natureza das coisas passam a servir de conclusão para a premissa de que as nossas opiniões e sensações não dizem o verdadeiro ou o falso. Sob essa emenda, a inferência assume um caráter notadamente subjetivo, tornando válida a leitura dos adjetivos em chave subjetiva. A chave subjetivista que a emenda concede à inferência é adotada e defendida

pelos proponentes da interpretação epistemológica. No entanto, a emenda não é amplamente aceita. De fato, ela é adotada somente pelos proponentes da interpretação epistemológica e é severamente contestada pelos proponentes das outras interpretações. De acordo com esses últimos, a leitura direta – não emendada – torna a inferência perfeitamente coerente. Mais ainda: de acordo com esses mesmos, não haveria outra maneira de interpretar a inferência senão pela leitura direta, não emendada.

A segunda das questões a serem respondidas, segundo Tímon, se se pretende ser feliz – questão essa que, igualmente, estrutura a passagem – é sobre como se dispor diante das coisas. Ela é respondida por duas recomendações. A primeira recomendação consiste em outra tríade de adjetivos: é preciso ser sem opiniões, sem inclinações e sem oscilações. Já segunda dessas recomendações é de caráter linguístico; consiste numa expressão importante nos escritos remetentes ao pirronismo: trata-se da expressão “não mais”, que, na passagem, coordena uma série de outras proposições. Essa expressão aparece não só compondo a filosofia de Pirro e Tímon, mas aparece em Enesidemo de Knossos, em Sexto Empírico e na *Vida de Pirro* de Diógenes Laércio. Entretanto, nesses escritos, ela aparece portando sentidos diferentes. Em Pirro e Tímon, isto é, na passagem, a expressão parece portar o sentido de algo como um não consentimento a uma opinião ou sensação que pressuponham uma determinação nas coisas, portanto expressando a indeterminação de que trata a tese de Pirro, central na passagem. Depois, as proposições que a expressão “não mais” coordena admitem duas leituras. Sob uma dessas leituras, trata-se de três proposições; sob a outra dessas leituras, trata-se de quatro. No texto grego, ambas as leituras são sintaticamente possíveis. Mas a segunda dessas leituras parece a mais plausível. Porque, essa segunda leitura parece ser a que melhor se harmoniza com o sentido da expressão “não mais”, isto é, o de que é verdade que nenhuma das proposições coordenadas têm valor de verdade diferente das outras.

Por último na passagem está a resposta à terceira das questões propostas por Tímon àquele que deseja ser feliz – a questão sobre qual é o resultado para quem assume a disposição recomendada. Segundo Pirro e Tímon, àquele que se dispõe da maneira recomendada, advém primeiro a mudez, depois a tranquilidade; segundo Enesidemo o resultado da disposição recomendada por Pirro e Tímon é o prazer. A tranquilidade é a finalidade para quem assume a conduta descrita no pirronismo tardio, igualmente. E é o fim filosófico no estoicismo e no epicurismo também. Ela parece significar o mesmo em todos os casos: tranquilidade é uma vida livre de perturbação e ansiedade. Quanto à mudez, ela tem uma parte no ceticismo pirrônico descrito por Sexto, em que é usada para descrever uma atitude de não asserção, algo que se relaciona intimamente com a suspensão de juízo. No entanto, na língua grega e na tradição

filosófica, a mudez aparece como o resultado de grande perplexidade. Se se considera o conteúdo da passagem, não é difícil de imaginar que a constatação da completa falta de diferenciação e indeterminação nas coisas, seguida de uma atitude não opinativa, seriam capazes de produzir um misto de grande perplexidade e mudez. Ainda, a mudez parece ser descrita como o primeiro dos efeitos da disposição recomendada, portanto um efeito que não é contínuo, sendo substituída derradeiramente pela tranquilidade. Terminando a passagem está a referência a Enesidemo e ao prazer. Ela aparece como uma adição de Aristocles; está além da filosofia de Pirro e Tímon. E, decerto, não é impossível que, para Enesidemo, a tranquilidade de que falam Pirro e Tímon seja equivalente ao prazer.

A valer, o momento decisivo, na passagem, está na relação entre a tese de Pirro e a proposição que segue a essa tese. Precisamente, está na resolução entre emendar ou não a segunda proposição. A tese e a proposição que se segue a ela formam uma inferência. A emenda inverte a ordem da inferência, autorizando a leitura subjetivista da passagem que, por sua vez, autoriza uma interpretação epistemológica da filosofia de Pirro e Tímon. E, por esse motivo, a emenda é promovida pelos proponentes da interpretação epistemológica. Mas, a emenda é severamente contestada; de fato, no estado atual de coisas, a emenda simplesmente não parece capaz de resistir às contestações que sofre. Não há motivos, então, para uma emenda. O texto original parece se manter perfeitamente coerente. Assim, uma vez que a emenda não resiste, também não resiste uma leitura da inferência em chave subjetiva: e, por esse motivo, finalmente, não resiste, também, uma interpretação epistemológica para a passagem. Ora, uma vez que a passagem de Aristocles têm prioridade dentre os testemunhos sobre Pirro, sendo a interpretação dela a que determina a interpretação dos demais testemunhos, e uma vez que a interpretação epistemológica da passagem não resiste às contestações que sofre a emenda da qual ela depende, então também não resiste, isto é, não é apropriada, essa interpretação epistemológica para a filosofia de Pirro de Élis.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta nossa dissertação, nós procuramos abordar a questão sobre que interpretação melhor descreve a forma de filosofia que teria sustentado Pirro de Élis – o filósofo habitualmente creditado como o primeiro a assumir a disposição descrita pelos escritos antigos concernentes à tradição do ceticismo pirrônico antigo. De fato, as interpretações para a filosofia de Pirro têm como matéria os escritos antigos em que se veem descrições ou, muitas vezes, anedotas referentes à disposição e filosofia que ele teria sustentado. Então, a nossa tarefa não poderia ter-se dado de maneira imediata, isto é, não poderíamos ter abordado diretamente as interpretações sobre Pirro. Uma vez que essas interpretações têm por matéria os escritos antigos, foi preciso primeiro abordar esses escritos antigos referentes a Pirro: os testemunhos sobre Pirro. Neste nosso estudo, fizemos uso dessa categoria, a de testemunho. Os testemunhos que usamos foram os divididos por Fernanda Decleva Caizzi, autora cuja obra, *Pirrone Testimonianze*, é decerto de importância capital para qualquer estudo sobre Pirro e à qual fizemos extensiva referência.

Quanto a esses testemunhos, então, nós procuramos mostrar que um deles se destaca sobre os demais decisivamente. Trata-se do testemunho do peripatético do século I a. C., Arístocles de Messina. O testemunho consiste numa a passagem em que está um breve sumário da filosofia de Pirro e Tímon; a passagem faz parte de uma refutação contra o pirronismo, escrita pelo peripatético Arístocles e citada integralmente na *Preparação para o evangelho* de Eusébio, bispo de Cesareia do século IV. Nós procuramos mostrar a prioridade do testemunho de Arístocles sobre os demais testemunhos sobre Pirro, sobretudo os contidos nos escritos mais tardios remetentes à tradição do pirronismo. Nessa nossa empreitada, apontamos para certa transformação nas descrições e anedotas sobre Pirro a partir do advento de Enesidemo de Knossos e de um pirronismo renovado empreendido por esse último. Parece muito claro que as representações de Pirro na literatura antiga, a partir de Enesidemo, passam a assumir as características desse pirronismo renovado. Notadamente, as formas mais derradeiras da tradição do ceticismo pirrônico antigo, isto é, o pirronismo tardio, cujos escritos mais representativos são as copiosas obras do médico cético Sexto Empírico e as *Vidas de Pirro e Tímon* no nono livro das *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* do biógrafo antigo Diógenes Laércio, remetem a esse pirronismo renovado empreendido por Enesidemo de Knossos.

De fato, um estudo que pretendesse realizar um estudo sobre Pirro de Élis inevitavelmente teria de passar pelos escritos de Sexto, pelas *Vidas de Pirro e Tímon* de Diógenes Laércio e pela refutação contra o pirronismo de Arístocles de Messina. Mas desses três autores, somente o sumário da filosofia de Pirro e Tímon, no escrito do último autor mencionado, Arístocles, não sofre a influência do pirronismo retomado por Enesidemo. Além disso, vê-se no texto de Arístocles que ele detem grande acuidade filosófica, que se ele se atém à filosofia de Pirro e Tímon e que ele parece preservar até mesmo uma parte do vocabulário empregado por Tímon. Por esse motivo, o escrito de Arístocles se mostra como o mais oportuno para um estudo que busque a filosofia de Pirro de Élis, propriamente, isto é, independentemente da tradição posterior.

Quanto às interpretações para a filosofia de Pirro, as mais expressivas, na literatura moderna, são quatro. Cada uma delas oferece uma representação de Pirro que é incompatível com as demais. Essas interpretações são as seguintes. Há a interpretação epistemológica, que é a mais tradicional, de acordo com a qual a filosofia de Pirro seria uma forma incipiente do ceticismo que se vê nos escritos da tradição muito posterior. Há a interpretação ética, que faz de Pirro uma figura cujo exercício filosófico, antes de qualquer consideração teórica, está numa vivência livre de ansiedade e perturbação. Há a interpretação orientalista, segundo a qual a filosofia de Pirro consiste em uma transposição, para uma forma grega, do que ele teria aprendido com os intelectuais e religiosos ascetas do oriente, sobretudo os indianos e, dentre esses, mais possivelmente os budistas. E há a interpretação metafísica, de acordo com a qual Pirro manteve uma só crença – estruturante da sua filosofia – de que a realidade é intrinsecamente indiferenciada e indeterminada, resultando disso uma vida tranquila porque destituída de quaisquer outras crenças.

Assim, uma vez apresentadas as principais interpretações e dado que a interpretação do testemunho de Arístocles condiciona a interpretação dos demais testemunhos sobre Pirro, nesse sentido determinando a interpretação geral sobre sua filosofia, nos restou avaliar as investidas interpretativas propostas pelas quatro interpretações especificamente aplicadas ao testemunho de Arístocles. Ao final, a concorrência entre interpretações teve como ponto determinante uma disputa quanto a uma emenda ao texto original de Arístocles. A emenda confere ao texto um caráter subjetivista, favorecendo definitivamente uma leitura epistemológica, cuja realização é dependente, na verdade, da emenda; por esse motivo, ela é proposta e defendida pelos proponentes da interpretação epistemológica. No entanto, a emenda é severamente contestada pelos proponentes das demais formas interpretativas. De acordo com essas últimas, a leitura direta, não emendada, não só torna a inferência perfeitamente coerente, como não haveria outra

maneira de interpretar a inferência senão pela leitura direta. A nossa avaliação é de que a proposta da emenda não resiste. Não resistindo a emenda, não resiste a interpretação epistemológica da passagem. Então, uma vez que o testemunho de Aristocles decide sobre a filosofia de Pirro e uma vez que esse testemunho não comporta a interpretação epistemológica, a nossa conclusão é a de que essa interpretação, a epistemológica, a mais tradicional, que procura fazer de Pirro um cético nos moldes da tradição tardia, simplesmente não é a mais apropriada para descrever a filosofia de Pirro de Élis; na verdade, ela é a menos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Referências primárias:

ANNAS, J; BARNES, J. *Outlines of Scepticism*. New York. Cambridge university press. 2000.

ARRIAN. *Anabasis of Alexander*. Trad. de P. A. Brunt. Cambridge: Harvard University Press, 1976.

ARISTOTLE. *Metaphysics*. Trad. de H. Tredennick. Cambridge: Harvard University Press. 1933.

ATHENAEUS. *The Deipnosophists Or Banquet Of The Learned Of Athenaeus*. London: Henry G. Bohn. 1854.

BARIGAZZI, A. *Favorino di Arelete: opere, introduzione, testo critico e commento*. Florença: Felice le Monnier. 1966.

CAIZZI, F. *Pirrone Testimonianze*. Nápoles: Bibliopolis. 1981.

CICERO. *De Natura Deorum. Academica*. Trad. de H. Racham. Cambridge: Harvard University Press. 1979.

CICERO. *On Ends*. Trad. de H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press. 1914.

CICERO. *On Duties*. Trad. de W. Miller. Cambridge: Harvard University Press. 1913.

CICERO. *On the Orator*. Trad. de E. W. Sutton, H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press. 1942.

CICERO. *On academic scepticism*. Introd., trad., e notas de Charles Brittain. Cambridge. Hackett Publishing. 2006.

CHIESARA, M. *Aristocles of Messene*. Oxford: Oxford University Press. 2001.

CLEMENT OF ALEXANDRIA. *Stromateis. Books one to three*. Trad. de John Ferguson. Washinton: Catholic University of America Press. 1991.

DIELS, H. *Poetarum Philosophorum Fragmenta*. Berlim: Weidmannos. 1901.

DIELS, H; KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlim: Weidmann. 1960.

DIOGENES LAERTIUS. *Lives of Eminent Philosophers*. Trad. de R. D. Hicks. Cambridge. Harvard University Press. 1972. 2 v.

GELLIUS. *Attic Nights, Volume II: Books 6-13*. Trad. de J. C. Rolfe. Cambridge: Harvard University Press. 1927.

HOMER. *The Iliad*. Trad. de A.T. Murray. London: William Heinemann, Ltd. 1924.

KIDD, I. *Posidonius: the translation of the fragments*. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

LONG, A; SEDLEY, D. *The Hellenistic Philosophers*. Cambridge: Cambridge University Press. 1987. 2v.

PAUSANIAS. *Description of Greece*. Trad. de W. H. S. Jones and H. A. Ormerod. Cambridge: Harvard University Press. 1918.

PLATO. *Plato in Twelve Volumes*. Trad. de H. N. Fowler. Londres: Heinemann. 1921.

PLATO. *The Republic*. Trad. de P. Shorey. Cambridge: Harvard University Press. 1969.

PLOTINUS. *Ennead*. Trad. de A. H. Armstrong. Loeb Classical Library 442. Cambridge: Harvard University Press. 1967.

PLUTARCH. *Lives. Demosthenes and Cicero. Alexander and Cesar*. Trad. de B. Perrin. Cambridge: Harvard University Press. 1967.

PLUTARCH. *Moralia, Volume I: The Education of Children. How the Young Man Should Study Poetry. On Listening to Lectures. How to Tell a Flatterer from a Friend. How a Man May Become Aware of His Progress in Virtue*. Trad. de F. C. Babbitt. Cambridge: Harvard University Press. 1927.

PLUTARCH. *Moralia, Volume IV: Roman Questions. Greek Questions. Greek and Roman Parallel Stories. On the Fortune of the Romans. On the Fortune or the Virtue of Alexander. Were the Athenians More Famous in War or in Wisdom?*. Trad. de F. C. Babbitt. Cambridge: Harvard University Press, 1936.

PLUTARCH. *Moralia, Volume VII: On Love of Wealth. On Compliancy. On Envy and Hate. On Praising Oneself Inoffensively. On the Delays of the Divine Vengeance. On Fate. On the Sign of Socrates. On Exile. Consolation to His Wife*. Trad. de P. H. De Lacy, B. Einarson. Cambridge: Harvard University Press. 1959

PLUTARCH. *Moralia, Volume XIV: That Epicurus Actually Makes a Pleasant Life Impossible. Reply to Colotes in Defence of the Other Philosophers. Is "Live Unknown" a Wise Precept? On Music*. Trad. de B. Einarson, P. H. De Lacy. Cambridge: Harvard University Press. 1967.

POLITO, R. *Aenesidemus of Cnossos: Testimonia*. Cambridge: Cambridge University Press. 2014.

SEXTUS EMPIRICUS. *Complete Works of*. Trad. de R. G. Bury. Harvard Harvard University Press, 1933.

SEXTUS EMPIRICUS. *Against the logicians*. Trad. de Richard Bett. Nova Iorque: Cambridge University Press. 2006.

SEXTUS EMPIRICUS. *Against the ethicists*. Trad. e comentário de Richard Bett. Oxford: Clarendon Press. 1997.

STRABO. *The Geography of*. Trad. de H. L. Jones. Londres: William Heinemann Ltd. 1930.

### Referências secundárias:

ANNAS, J. *The morality of happiness*. Oxford. Oxford University Press. 1993.

ANNAS, J; BARNES J. *The Modes of Scepticism Ancient: Texts and Modern Interpretations*. Cambridge Cambridge University Press, 1985.

BARNES, J. Diogenes Laertius IX 61-116: The philosophy of Pyrrhonism. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, II. v. 36. n. 6. 1992. 4241-4301.

BECKWITH. C. *Greek Buddha. Pyrrho encounter with early buddism in Central Asia*. United Kingdom. Princeton University Press. 2015

BERTI, E. La critica allo scetticismo nel IV libro dela metafisica. In: GIANNANTONI, G. *Lo scetticismo antico*. Nápoles: Bibliopolis. 1981. p. 61-80.

BETT, R. *Pyrrho, his antecedents and his legacy*. New York: Oxford University Press, 2000.

BETT, R. Pyrrho, his antecedents and his legacy. Resenha de CASTAGNOLI, L. *Ancient Philosophy*. v. 2. n. 22. p. 443-457. 2002.

BETT, R. Pyrrhonism in Diogenes Laertius. In: VOGT, K. *Pyrrhonian skepticism in Diogenes Laertius*. Tübingen: Mohr Siebeck. 2015.

BETT, R. What did Pyrrho think about the nature of the divine and good. *Phronesis*, vol. 39, n. 3, 1994. p. 303-337.

BICCA, L. A atitude de Pirro. *Prometheus*. v. 7. n. 16. 2014.

BRENNAN, T. Pyrrho on the criterion. *Ancient philosophy*. v. 18. 1998. p. 417-434.

BROCHARD, V. *Os cétricos gregos*. Trad. de Jaimir Conte. São Paulo: Odysseus Editora. 2009.

BRUNSCHWIG, J. Pyrrho. In: ALGRA, K et al. *The Cambridge History of Hellenistic Philosophy*. Cambridge University Press.1999. p. 241-250.

BRUNSCHWIG, J. Once again on Eusebius on Aristocles on Timon on Pyrrho. In: BRUNSCHWIG, J. *Papers in Hellenistic philosophy*. Trad. de Janet Lloyd. Cambridge: Cambridge University Press. 1994a. p. 190-211.

BRUNSCHWIG, J. The title of Timon's Indalmoi. In: BRUNSCHWIG, J. *Papers in Hellenistic philosophy*. Trad. de Janet Lloyd. Cambridge: Cambridge University Press. 1994b. p. 212-223.

BURNYEAT, M. Tranquility without stop: Timon frag. 68. *The Classical Quarterly*, vol. 30, n. 1, 1980. p. 86-93.

CAIZZI, F. Aenesidemus and the Academy. *The Classical Quarterly*. vol. 42. n. 1. p. 176-189.

CAIZZI, F. Prolegomeni ad una raccolta delle fonti relative a Pirrone di Elide. In: GIANNANTONI, G. *Lo scetticismo antico*. Nápoles: Bibliopolis. 1981. p. 95-128.

CASTAGNOLI, L. Early Pyrrhonism: Pyrrho to Aenesidemus. In: WARREN, J; SHEFFIELD, F. *The Routledge Companion to Ancient Philosophy*. 2014. p. 246-510.

CLAYMAN, D. *Timon of Plius: Pyrrhonism into poetry*. Nova Iorque: Walter de Gruyter. 2009.

DAL PRA, M. *Lo scetticismo greco*. Bari: Editori Laterza. 1975.

FERRARI, G. L'immagine dell'equilibrio. In: GIANNANTONI, G. *Lo scetticismo antico*. Nápoles: Bibliopolis. 1981. p. 339-370.

FLINTOFF, E. Pyrrho and India. *Phronesis*. v. 25, n. 1, p. 88-108, 1980.

FREDE, M. Epilogue. In: ALGRA, K et al. *The Cambridge History of Hellenistic Philosophy*. Cambridge University Press. 1999. p. 771-797.

GATTI, M. The platonic tradition and the foundations of neoplatonism. In: GERSON, L. *The Cambridge Companion to Plotinus*. Cambridge: Cambridge University Press. 1996. p. 10-37.

GIANNANTONI, G. Pirrone, la scuola scettica e il sistema delle "sucessione". In: GIANNANTONI, G. *Lo scetticismo antico*. Napoli: Bibliopolis. 1981. p. 13-34

GAZZINELLI, G. *A vida cética de Pirro*. São Paulo: Edições Loyola. 2009.

GILL, C. *The structured self in hellenistic and roman thought*. Nova Iorque: Oxford University Press. 2006.

GREEN, J. Was Pyrrho a pyrrhonian? *Apeiron*. v. 50. n. 3, p. 335-365. 2016.

HAAS, F. Late ancient philosophy. In: SEDLEY, D. *The Cambridge companion to greek and roman philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005. p. 242-270.

HADOT, P. *O que é a filosofia antiga?* Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola. 2014.

HANKINSON, R. Aenesidemus and the rebirth of pyrrhonism. In: BETT, R. *The Cambridge companion to ancient scepticism*. Cambridge: Cambridge University Press. 2010. p. 105-119.

- HOUSE, D. The life of Sextus Empiricus. *The Classical Quarterly*. n. 30. v. 1. 1980. p. 227-238.
- KUZMINSKI, A. *Pyrrhonism: How the Ancient Greeks Reinvented Buddhism*. Nova Iorque. Lexinton Books. 2008.
- LIDDEL, H; SCOTT, R; JONES, H. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press. 1996.
- LONG, A. Timon of Phlius. Pyrrhonist and satirist. *The cambridge classical journal*, vol. 24. 1978. p. 68-91.
- MATOSO, R. The Anonymous' Commentary on Plato's Theatetus and a Middle-Platonic Theory of Knowledge. *Archai*. n. 27. 2019.
- MANSFELD, J. Sources. In: ALGRA, K et al. *The Cambridge History of Hellenistic Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press. 1999. p. 1-30.
- MOMIGLIANO. A. *The Development of Greek Biography*. Cambridge: Harvard University Press. 1993.
- POTER, J. The Philosophy of Aristo of Chios. In: GOULET-CAZÈ, M; BRANHAM, R. *The Cynics: The cynic movement in antiquity and its legacy*. Berkley: University of California Press. 1996. p. 156-189.
- REALE, G. Ipotesi per una rilettura della filosofia di Pirrone di Elide. In: GIANNANTONI, G. *Lo scetticismo antico*. Napoli: Bibliopolis. 1981. p. 243-336.
- SAKEZLES, P. Pyrrhonian Indeterminacy: A Pragmatic Interpretation. *Apeiron*, v. 26, n. 2, p. 77-95. 1993.
- SCHOFIELD, M. Stoic ethics. In: INWOOD, B. *The Cambridge companion to the stoics*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003. p. 233-256.
- SEDLEY, D. Diodorus Cronus and Hellenistic Philosophy. *The Cambridge Classical Journal*. v. 23. Jan. de 1977. p. 74-120.
- SEDLEY, D. Motivation of Greek Skepticism. In: BURNYEAT, M. *The skeptical tradition*. Los Angeles: University of California Press, 1983. p. 9-29.
- SEDLEY, D. Philodemus and the decentralisation of philosophy. *Croniche Ercolanesi*. v. 33. 2003a.
- SEDLEY, D. The School, from Zeno to Arius Didymus. In: *The Cambridge companion to the Stoics*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003b. p. 7-32.
- STOPPER, M. R. Schizzi pirroniani. *Phronesis*. v. 28. n. 3. 1983. p. 265-297.
- STRIKER, G. Ataraxia: Happiness as tranquility. *The Monist*. v. 73. 1990.

STRIKER, G. Sceptical strategies. In: SCHOFIELD, M.; BURNYEAT, M.; BARNES, J. *Doubt and dogmatism studies in hellenistic epistemology*. New York Oxford University Press, 1980. p. 54-83.

SVAVARSSON, S. Pyrrho's Dogmatic Nature. *The Classical Quarterly*, New Series, vol. 52, n. 1. 2002. p. 248-256.

SVAVARSON, S. Pyrrho and early pyrrhonism. In: BETT, R. *The Cambridge companion to ancient scepticism*. Cambridge: Cambridge University Press. 2010. p. 36-57.

THORSRUD, H. *Ancient scepticism*. Stocksfield: Acumen Publishing Limited. 2009.

TUOMINEN, M. *The ancient commentators on Plato and Aristotle*. Nova Iorque: Routledge. 2014.

WITHMARSH, T. *The second sophistic*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.

WARREN, J. Aristocles' refutations of Pyrrhonism (Eus. PE 14.18.1–10). *Proceedings of the Cambridge Philological Society*. n. 46. 2000. p. 140-164

WARREN, J. *Epicurus and democritean ethics: an archeology of ataraxia*. Cambridge: Cambridge University Press. 2002.

WOODRUFF, P. Aporetic pyrrhonism. In: ANNAS, J; GRIMM, R. *Oxford studies in ancient philosophy*. v. 6. 1988. p. 139-168.

ZELLER, E. *Stoics, epicureans and septics*. Trad. de O. Reichel. London: Longmans, Greens and CO. 1892.